

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E TEOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM
CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

ANTÔNIO LOPES RIBEIRO

**A MANUTENÇÃO DO IDEÁRIO DE FAMÍLIA NO CENÁCULO
DE NOSSA SENHORA**

GOIÂNIA
2014

ANTÔNIO LOPES RIBEIRO

**A MANUTENÇÃO DO IDEÁRIO DE FAMÍLIA NO CENÁCULO
DE NOSSA SENHORA**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ciências da Religião como requisito final para obtenção do grau de Doutor.

Orientadora: Profa. Dra. Carolina Teles Lemos.

GOIÂNIA

2014

Dados Internacionais de Catalogação da Publicação (CIP)
(Sistema de Bibliotecas PUC Goiás)

Ribeiro, Antônio Lopes.


R484m A manutenção do ideário de família no Cenáculo de Nossa
Senhora [manuscrito] / Antônio Lopes Ribeiro. – 2014.
214 f. ; 30 cm.

Tese (doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de
Goiás, Departamento de Filosofia e Teologia, 2014.
“Orientadora: Profa. Dra. Carolina Teles Lemos”.


1. Catolicismo. 2. Família – Aspectos religiosos. I. Título.


CDU 2-45(043)

TESE DO DOUTORADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO DEFENDIDA EM 03
DE FEVEREIRO DE 2014 E APROVADA COM A NOTA 9.8 PELA BANCA
EXAMINADORA

1. Dra. Carolina Teles Lemos /PUC Goiás (Presidente) 

2. Dra. Irene Dias de Oliveira /PUC Goiás (Membro) 

3. Dr. Eduardo Gusmão de Quadros /PUC Goiás (Membro) 

4. Dra. Fernanda Lemos /UFPB (Membro) 

5. Dra. Sandra Duarte de Souza /UMESP (Membro) 

Dedico esta tese à minha esposa, Marta, e aos meus filhos, Daniel e Lucas, pela paciência e compreensão nos momentos difíceis e pelo amor e carinho com que sempre me motivaram em minha busca por novos conhecimentos. Embora indiretamente, eles sempre estiveram ao meu lado nesta difícil e árdua jornada, ajudando-me a superar os obstáculos e a vencer todos os desafios que surgiram em meu caminho. A eles, todo o meu amor, toda amizade e carinho.

AGRADECIMENTOS

Agradeço especialmente à minha orientadora, Doutora Carolina Teles Lemos (Professora Carol), pela motivação que me deu ao longo desses anos, desde o Mestrado, orientando-me com grande profissionalismo, com compreensão, carinho e solidariedade nos momentos mais difíceis.

Agradeço, sobretudo, a Deus por tudo aquilo que tem proporcionado em minha vida, principalmente pela família maravilhosa que me deu, além de muitas conquistas nos estudos e na vida profissional.

Agradeço também:

À minha querida avó, Ana, já falecida, por alertar-me que “cabeça desocupada é oficina do diabo”. Isto de certo modo levou-me, no decorrer de minha vida, a me ocupar com coisas que edificam, sobretudo, os estudos.

À minha querida mãe, que tão cedo foi para junto de Deus, por todo o seu amor, carinho e dedicação, fazendo de tudo para que não me faltasse nada, trabalhando dia e noite, debruçada numa máquina de costura, para garantir nossa sobrevivência.

Ao meu tio Toninho, que na minha infância foi um grande pai para mim, ensinando-me, desde cedo, a dividir meu tempo entre o trabalho na roça e meus estudos.

À minha santa e amada esposa, Marta, e aos meus amados filhos, Daniel e Lucas, pelo amor, carinho e compreensão a mim dispensados, durante esta árdua caminhada.

À professora Dra. Belma Gomes Fernandes pela colaboração na revisão ortográfica e gramatical desta tese.

A todos os meus professores do Mestrado e do Doutorado, bem como aos meus colegas, pela convivência fraterna e por terem me proporcionado momentos inesquecíveis em minha vida acadêmica. Não poderia deixar de citar aqui os nomes de Sandra Célia, Edson Matias e José Alves, que se tornaram meus irmãos de caminhada.

RESUMO

RIBEIRO, Antônio Lopes. A manutenção do ideário de família no Cenáculo de Nossa Senhora. Goiânia: PUCG, 2013.

Esta tese tem como tema as concepções de família veiculadas no Cenáculo de Nossa Senhora do Setor de Mansões de Taguatinga Sul-DF. Esse Cenáculo é uma das menores células do Movimento Sacerdotal Mariano, fundado pelo padre Italiano Stefano Gobbi. Temos por objetivo principal, nesta tese, analisar quais as concepções de família se fazem presentes nas práticas devocionais daquele Cenáculo e como essas concepções se aproximam ou se distanciam das mudanças em relação às novas concepções e configurações de família que estão presentes em nossa sociedade, nos dias de hoje. Ao longo do texto que compõe os três capítulos desta tese, procuramos identificar as mudanças socioculturais relacionadas à família, na contemporaneidade; as proposições ligadas à família, presentes nas práticas devocionais do Cenáculo por nós analisado; as representações sociais sobre a família, nele expressadas e se isso pode contribuir para assimilação e/ou resistências às principais mudanças que se observam na era atual. Para concretizar esses objetivos, adotamos por metodologia a pesquisa bibliográfica e qualitativa de campo. Na coleta de dados, utilizamos como técnica o grupo focal e a aplicação de questionários. A partir das falas dos entrevistados, concluímos que o Cenáculo de Nossa Senhora do Setor de Mansões de Taguatinga Sul, pelas características que apresenta, se situa como um *intermedium* entre o Catolicismo Popular e o Catolicismo Oficial, com suas concepções, ritos e práticas, no que concerne à família, seguindo seus moldes tradicionais, sobretudo, a partir dos arquétipos idealizados pela Igreja Católica para a família, que são: a Família de Nazaré e Nossa Senhora, como modelo de mulher, esposa, mãe e dona de casa. Ainda que se situe em um contexto de mudanças na contemporaneidade, com relação à família, com suas novas características e várias possibilidades de arranjos e rearranjos, bem como à religião, que passa por mudanças importantes na atualidade, com destaques para o ser individualista e a fluidez das crenças, aquele Cenáculo permanece refratário a tais mudanças. Isso faz com que, por reiterar valores tradicionais, considerados intangíveis pela Igreja Católica, como: castidade, matrimônio, indissolubilidade matrimonial, fidelidade conjugal, maternidade, o Cenáculo poderá contribuir para a manutenção do ideário de família nuclear tradicional, colaborando desse modo com o sistema patriarcal, responsável pela perpetuação da dominação masculina e submissão feminina.

Palavras-chave: Religião, Devoções Marianas, Catolicismo Popular, Família, Sexualidade.

ABSTRACT

RIBEIRO, Antônio Lopes. The maintenance of the ideology of family at the Our Lady's Cenacle. Goiânia: PUCG, 2013.

This paper's theme is constituted by the conceptions of family disclosed at the Our Lady's Cenacle of South Taguatinga's Mansions Sector (DF). This Cenacle is one of the smallest cells of the Marian Movement of Priests, established by the Italian priest Stefano Gobbi. Our main objective, in this paper, is to analyze which conceptions of family are present during the devotional practices of the mentioned Cenacle and how these conceptions get close to or far from the changes related to the new constructions and configurations of family that are currently present in our society. Throughout the text that composes the three chapters of this paper, we try to identify: the sociocultural changes nowadays related to family; the propositions linked to family, which are present during the devotional practices of the Cenacle analyzed by us; the social representations of family, expressed in it; and the answer to the question of whether this can contribute to the assimilation of and/or the resistance to the primary changes observed in our era. In order for us to accomplish these objectives, we adopted the methodologies of the bibliographical research and of the field research, the latter with a qualitative approach. During the collection of data, we administered questionnaires and used the technique of the focal group. Based on the respondents' speeches, we concluded that the Our Lady's Cenacle of South Taguatinga's Mansions Sector, due to its characteristics, is an *intermedium* between the Popular Catholicism and the Official Catholicism, with its conceptions, rites and practices, with regard to family, following its traditional patterns, mainly through the usage of archetypes idealized by the Catholic Church for the family, which are: the Holy Family and Our Lady as an example of woman, wife and housekeeper. Even though it is placed within a context of changes in the contemporaneity, regarding family – with its new characteristics and various possibilities of configuration – as well as religion, which is going through important changes nowadays, especially in relation to the individualized belief and the fluidity of faith, the Cenacle under study remains immune to such changes. This leads it to, due to its reiteration of the traditional values, which are considered to be intangible by the Catholic Church, such as chastity, matrimony, indissolubility of the matrimony, conjugal faithfulness and maternity, contribute to the maintenance of the ideology of the traditional nuclear family, reassuring, thus, with the patriarchal system, responsible for the perpetration of the masculine domination and the feminine submission.

Keywords: Religion, Marian Devotions, Popular Catholicism, Family, Sexuality.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CEBs – Comunidades Eclesiais de Base

CIC – Catecismo da Igreja Católica

CIMI – Conselho Indigenista Missionário

CNS – Cenáculo de Nossa Senhora

CNS do SMT – Cenáculo de Nossa Senhora do Setor de Mansões de Taguatinga

CPT – Comissão Pastoral da Terra

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

MSM – Movimento Sacerdotal Mariano

PO – Pastoral Operária

RCC – Renovação Carismática Católica

TERRACAP – Companhia Imobiliária de Brasília

LISTA DE ANEXOS

ANEXO A	Folheto explicativo de como realizar o Cenáculo	207
ANEXO B	Questionário com dez perguntas para ambos os sexos	209
ANEXO C	Questionário para as mulheres	211
ANEXO D	Questionário para os homens	212
ANEXO E	Mapeamento dos entrevistados	213
ANEXO F	Parecer Consubstanciado do CEP-PUC/Goiás	214

SUMÁRIO

RESUMO	6
ABSTRACT.....	7
LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS	8
LISTA DE ANEXOS	9
INTRODUÇÃO	13
1 CENÁCULO DE NOSSA SENHORA: UM ESPAÇO DE DEVOÇÕES EM FAMÍLIA	24
1.1 O MOVIMENTO SACERDOTAL MARIANO	24
1.1.1 A consagração a Nossa Senhora: sinal de pertença ao MSM	26
1.1.2 O livro-guia: instrumento de divulgação do Movimento Sacerdotal Mariano	28
1.1.3 As ‘revelações’ de Nossa Senhora na forma de locuções interiores...	31
1.1.4 O Cenáculo de Nossa Senhora no Movimento Sacerdotal Mariano	37
1.2 UNIVERSO DA PESQUISA: O CENÁCULO DE NOSSA SENHORA DO SETOR DE MANSÕES – TAGUATINGA SUL	39
1.2.1 As reuniões do Cenáculo de Nossa Senhora do Setor de Mansões de Taguatinga	41
1.2.2 Influências externas sobre a funcionalidade do Cenáculo	45
1.2.3 Imagens no Cenáculo	48
1.2.4 Centralidade simbólica da devoção no Cenáculo: Maria ou Jesus Cristo?	50
1.2.5 Os testemunhos como um poder legitimador	54
1.2.6 Situando o Cenáculo no universo católico	57
1.3 DEVOÇÃO A MARIA NA VISÃO DO CENÁCULO DE NOSSA SENHORA DO SETOR DE MANSÕES DE TAGUATINGA.....	60
1.3.1 Nossa Senhora como intercessora de ‘seus filhos’	64
1.3.2 Maria, ‘nossa Mãe, Mãe da Igreja e Mãe da humanidade	67
1.3.3 Maria: uma mulher despojada que não retém nada para si	69

1.3.4	Maria como modelo de mulher, esposa e mãe	72
1.3.5	Maria, a antítese de Eva: a mulher como ocasião de pecado	75
2	FAMÍLIA: CONTINUIDADES E MUTAÇÕES NA CONTEMPORANEIDADE.....	80
2.1	O IDEÁRIO DE FAMÍLIA NO CNS DO SMT	80
2.1.1	O próprio Cenáculo é uma família	82
2.1.2	O arquétipo de família presente no imaginário do CNS do SMT	84
2.1.3	A família sob o poder controlador da Igreja Católica via CNS do SMT..	88
2.1.4	Perfil da família no CNS do SMT conforme o ideário de família nele existente	93
2.2	A FAMÍLIA É A BASE DA SOCIEDADE	98
2.2.1	O sistema patriarcal: a base da organização familiar	100
2.2.2	A ideia de família em nossa cultura	103
2.2.3	Família conjugal moderna	117
2.2.4	Divisão de papéis no âmbito familiar	104
2.2.5	Função social da família	106
2.2.5.1	Criando filhos para a sociedade	108
2.2.5.2	O exercício da autoridade e o controle sobre os filhos	110
2.2.5.3	Transmissão de valores de uma geração para outra	115
2.3	FAMÍLIA CONTEMPORÂNEA: UM ESPAÇO PARA A MULTIPLICIDADE.....	119
2.4	A FAMÍLIA: UMA SITUAÇÃO DE CRISE OU DE MUDANÇAS NA ATUALIDADE?	125
3	CENÁCULO DE NOSSA SENHORA: UM ESPAÇO DE PRESERVAÇÃO DO IDEÁRIO DE FAMÍLIA	130
3.1	A IMPORTÂNCIA DO CENÁCULO DO SMT PARA A FAMÍLIA E PARA A SOCIEDADE.....	131
3.1.1	Situando o CNS do SMT no cenário religioso da contemporaneidade..	131
3.1.2	A importância do Cenáculo para a família	133
3.1.3	A importância do Cenáculo para a sociedade	137

3.1.4	O que leva as pessoas a procurarem o CNS do SMT e que efeitos este exerce sobre elas	139
3.2	A VISÃO QUE O CENÁCULO TEM DAS FAMÍLIAS NO MUNDO DE HOJE	146
3.2.1	Inversão e/ou perda de valores familiares.....	145
3.2.2	Desestruturação espiritual: influências da secularização	149
3.2.3	Harmonia conjugal e familiar	153
3.3	O PAPEL DA MULHER NA FAMÍLIA NA CONCEPÇÃO DO CNS DO SMT	159
3.3.1	Concepção que a mulher do CNS do SMT tem de si mesma comparada a Nossa Senhora como mulher ideal	160
3.3.2	Mulher do tipo família tradicional	163
3.3.3	Inversão de papéis: mulher provedora financeira da família	166
3.3.4	Mulher como provedora espiritual da família	169
3.3.5	O papel da mulher é ser mãe	171
3.4	A SACRALIDADE DO MATRIMÔNIO NO CNS DO SMT	175
3.4.1	A indissolubilidade do matrimônio: um instrumento de anulação da mulher	176
3.4.2	A infidelidade: quebra da aliança entre cônjuges e com Deus	180
	CONCLUSÃO	186
	REFERÊNCIAS	191

INTRODUÇÃO

Tradicionalmente presente na piedade católica, Maria, a Mãe de Jesus, popularmente conhecida como Nossa Senhora, ganhou uma nova modalidade de veneração, a partir de princípios da década 1970, que é a realização de Cenáculos em sua devoção. Na esteira de tantos movimentos religiosos surgidos na Igreja Católica, no contexto pós-conciliar, está o Cenáculo de Nossa Senhora, que, na modalidade em que é focado na presente tese, difere dos demais por ter sido criado por um sacerdote, o padre italiano Stéfano Gobbi, também fundador do Movimento Sacerdotal Mariano (MSM), em 1972, após uma peregrinação a Fátima, Portugal, e por ter um livro específico contendo as mensagens consideradas como ditadas a ele por Nossa Senhora, destinadas aos sacerdotes e a todos os seus devotos. Como célula básica do MSM, o Cenáculo de Nossa Senhora lhe dá visibilidade, tornando-se um espaço de encontro entre famílias.

Os Cenáculos dedicados a Nossa Senhora, fundados pelo padre Gobbi, se realizam nas seguintes modalidades: Cenáculos regionais, diocesanos e familiares. Nosso objeto de estudo se enquadra nesta última modalidade, pois acontece nas casas de famílias que residem no Setor de Mansões de Taguatinga – DF, a que doravante será por nós denominado de CNS do SMT. Tal CNS encontra-se vinculado à Paróquia São Pedro, em Taguatinga Sul. Embora receba esse nome, dele também participam pessoas residentes no Setor de Chácaras, que fica ao lado do SMT. Assim, as reuniões que acontecem sempre nas segundas-feiras, das 20:00 hs às 22:00 hs, na casa de uma família escolhida por antecedência, obedecem a um critério de revezamento, de forma a contemplar as famílias dos dois setores.

Tivemos oportunidade de participar de algumas reuniões desse Cenáculo e a forma com que elas acontecem nos chamou a atenção. Um altar é improvisado com uma toalha branca, sobre a qual são colocados o crucifixo e a imagem de Nossa Senhora da Imaculada Conceição, uma Bíblia e algumas velas que são acesas. A reunião começa com a leitura de um texto da Bíblia seguida de uma partilha em que algumas pessoas comentam o significado da mensagem do Evangelho daquele dia. Depois, reza-se o terço e em seguida o dono da casa escolhe aleatoriamente, de olhos fechados, uma leitura de um texto do livro *Aos sacerdotes, filhos prediletos de Nossa Senhora*, contendo as mensagens de Nossa Senhora, o qual será por nós referido nesta tese como livro-guia. Ao término da leitura, segue-se o segundo

momento de partilha, em que cada um escolhe uma parte da mensagem que é atribuída como dita por Nossa Senhora diretamente a si.

A forma com que o CNS do SMT se realiza, mostra, de um lado, uma relativa proximidade com o Catolicismo Popular, pela presença de Nossa Senhora, corporificada na Imagem, que permanece a semana inteira na casa da família que a recebe; pela reza do terço; pela crença em aparições e 'revelações de Nossa Senhora'; pelo odor de rosas que os cenaculistas (assim serão por nós denominados aqueles que participam do Cenáculo) dizem sentir, etc. Por outro lado, mantém-se igualmente próximo ao catolicismo oficial, pelo discurso religioso que ali se apresenta, propiciando a manutenção de valores tradicionais impostos a seus fiéis pela Igreja Católica, referentes principalmente à família, além de apresentar Maria como arquétipo na forma em que foi idealizada pela Igreja, ao longo dos séculos, o qual é fortemente contestado pela teologia feminista, nos dias de hoje.

Por tudo o que presenciamos, sentimo-nos motivados a pesquisar o CNS do SMT, em nossa tese de doutorado, para saber o que representam para a vida das pessoas os ensinamentos do cenáculo, fundamentados no livro-guia, como esses ensinamentos são por elas vivenciados, considerando as principais mudanças que vêm ocorrendo na contemporaneidade, no tocante à família, à sexualidade e à religião. Por fim, aguçou-nos o interesse em saber quais os reflexos disso para a sociedade, no que diz respeito principalmente ao ideário de família, presente no CNS do SMT. Em uma perspectiva das Ciências da Religião, entendemos que uma abordagem de um fenômeno religioso na atualidade não pode prescindir dos aspectos sociológicos a ele inerentes. Nesse sentido, torna-se muito claro para nós que, mesmo que as práticas do CNS do SMT estejam vinculadas a 'crenças', essas práticas são essencialmente sociais, pois, além de proporcionar uma rede de relações entre indivíduos, ali são tratados problemas do cotidiano das pessoas, que, a nosso ver, são mais de ordem empírica do que de ordem transcendente.

Uma vez decididos a efetuar a pesquisa, passamos à elaboração do projeto (aprovado pelo Comitê de Ética da PUC-Goiás, disponível na Plataforma Brasil, cujo parecer de aprovação consta no ANEXO F), amplamente discutido com nossa orientadora, Dra. Carolina Teles Lemos, cujo tema de estudo recebeu o seguinte título: A Manutenção do Ideário de Família no Cenáculo de Nossa Senhora, a partir de nosso objeto de estudo, que é o CNS do SMT. Após a escolha do tema e do objeto, estabelecemos como objetivo primário analisar quais são as concepções de

família presentes nas práticas devocionais do CNS do SMT e como tais concepções se aproximam ou se distanciam das mudanças em relação às novas concepções e configurações de família, presentes em nossa sociedade atual. Estabelecemos como objetivos secundários: 1) identificar as mudanças socioculturais relacionadas à família na atualidade; 2) identificar as proposições em relação à família presentes nas práticas devocionais do Cenáculo de Nossa Senhora; 3) analisar, a partir das representações sociais sobre a família expressas no Cenáculo de Nossa Senhora, se tal espaço religioso pode contribuir para a assimilação e/ou resistências às mudanças referentes à família na atualidade. Após isso, passamos à problematização do nosso tema.

Temos como destaque principal em nossa tese duas categorias que passam por profundas transformações na contemporaneidade: família e religião. Vivemos em uma cultura em que as sociedades se organizam a partir do sistema patriarcal. Como célula basilar da sociedade, conseqüentemente influenciada por esse sistema, a família tradicionalmente se caracteriza por um núcleo formado por um pai dominador e uma mãe e filhos dominados. Isso se reflete principalmente na divisão de papéis em âmbito familiar, cabendo ao homem o papel de provedor financeiro da família, representando-a no mundo externo, e à mulher, o papel de esposa, mãe e boa dona de casa. Há uma tendência, no mundo de hoje, de a família fragmentar-se. São várias possibilidades de arranjos e rearranjos com destaque para as famílias reconstituídas, monoparentais, homoparentais, famílias chefiadas por mulheres, etc., que são evidências de que o sistema tradicional patriarcal está em decadência. A exemplo da família, a religião também já não é a mesma. Pluralizou-se, diversificou-se, privatizou-se. Mais do que nunca, encontra-se voltada às necessidades prementes de indivíduos modernos, autônomos em suas escolhas e voltados à prática de uma religião sentimental, cujas crenças estão radicadas no âmbito da subjetividade.

A partir dessas considerações, perguntamo-nos: como esses dois focos de mudanças (família e religião) são verificados ou incidem no CNS do SMT? Como as práticas devocionais ali postas em prática interagem com as mudanças socioculturais relacionadas à família na atualidade? Que papel desempenham na proposição, assimilação e/ou resistências às mudanças referentes à família? Que possíveis conseqüências tais mudanças podem trazer às relações sociais, principalmente no que se refere à família? Que desafios a assimilação ou a

resistência às mudanças, no que tange à família, pode trazer à forma de crer e de expressar as crenças naquele Cenáculo?

Desde esta visão que se tem nos dias de hoje, sobre a religião, a família e a mulher, somos levados a defender a seguinte hipótese: O CNS do SMT, enquanto mantém uma proximidade relativa tanto com o Catolicismo Popular quanto com o Catolicismo Oficial, com suas concepções, ritos e práticas, no que tange à família segue os moldes tradicionais. Embora se situe em um contexto de mudanças na atualidade, com relação à família, com suas novas características (famílias incompletas, núcleo desagregado, mulheres como chefes de família), bem como com relação à religião, com as principais mudanças (crenças subjetivistas, de forma fluída e dispersa e práticas, linguagens, gestos, automatismos espontâneos), que se observa na era atual, o Cenáculo de Nossa Senhora permanece refratário a tais mudanças. Sendo assim, ao reiterar valores tradicionais como maternidade, indissolubilidade do matrimônio, castidade, fidelidade conjugal, o Cenáculo de Nossa Senhora poderá contribuir para a manutenção do ideário de família tradicional, composta por pai, mãe e filhos, perpetuando, assim, a dominação masculina.

A fim de comprovarmos nossa hipótese, adotamos como método de estudo a pesquisa bibliográfica, para o levantamento de dados teóricos de diversos autores que escreveram principalmente sobre os temas tratados em nossa tese, que são: religião, família e sexualidade; a pesquisa documental, para o levantamento de dados a partir do livro-guia e também de folhetos e outros documentos pertencentes ao Movimento Sacerdotal Mariano, do qual o CNS do SMT faz parte; por fim, como o objeto da presente tese, por sua própria natureza, requer uma pesquisa exploratória, optamos por um método de pesquisa qualitativa de campo para levantamento de dados empíricos.

Adotamos como técnica para essa finalidade, a aplicação de um questionário (ANEXO B) e a formação de um grupo focal, composto por dez pessoas. Os temas discutidos no questionário e no grupo focal (em três reuniões) versaram sobre o Cenáculo, Nossa Senhora e Família. O critério de escolha das pessoas que contribuíram com a aplicação do questionário (no total de 22 pessoas - 7 homens e 15 mulheres) e a formação do grupo focal (no total de dez pessoas - quatro homens e seis mulheres), obedeceu ao seguinte: pessoas de ambos os sexos, entre 18 e 75 anos de idade, que estavam participando do Cenáculo, há pelo menos um ano. Esclarecemos que, por insuficiência de dados em nossa pesquisa, detectados por

ocasião da qualificação de nossa tese, voltamos a campo e aplicamos um questionário contendo três perguntas para as mulheres e duas perguntas para os homens (Vide ANEXO C e D). Esse questionário foi aplicado a 17 pessoas (2 homens e 15 mulheres), dentre as quais 10 já haviam respondido ao primeiro (1 homem e 9 mulheres). Os entrevistados que participaram desta pesquisa, num total de 29 pessoas (somando as pessoas que participaram do grupo focal e das duas versões do questionário), serão por nós denominados de cenaculistas e, por questão de privacidade, estarão identificados com a letra “E” de entrevistado, seguida do número que corresponde à sua pessoa, conforme consta do mapeamento dos entrevistados (ANEXO E), a partir do qual elaboramos o perfil dos entrevistados, obedecendo às seguintes variáveis: gênero, idade, estado civil, quantidade de filhos, escolaridade e situação profissional.

No que se refere ao gênero (gráfico 1), dentre os 29 entrevistados, 21 (72%) são mulheres e apenas 8 (28%) são homens, confirmando, assim, uma tendência de que no Cenáculo as mulheres sejam mais assíduas que os homens, o que se comprova na lista de presença que circula no CNS do SMT, em todas as reuniões.

Gráfico 1



Com relação à idade (gráfico 2), a maioria dos entrevistados, num total de 9 pessoas (31%), tem entre quarenta e seis e cinquenta e cinco anos, com uma menor participação de apenas 2 pessoas mais jovens (7%), na faixa de vinte e cinco a trinta e cinco anos e de 4 pessoas mais idosas (14%), entre sessenta e seis e setenta e cinco anos. Há um mesmo percentual (24%) de pessoas que se posicionam em duas variáveis (7 na faixa de 36-45 e 7 na faixa de 56-65 anos).

Gráfico 2



Considerando a quantidade de filhos por entrevistado (Gráfico 3), há uma correspondência com os dados do IBGE (2010), de uma média de 1,9 filho por casal, registrado no último censo, pois 13 entrevistados (45%) tem cada um dois filhos, seguido de 8 entrevistados (28%), cada um com três filhos. Levando-se em conta que 2 pessoas (7%) que se declararam sem filhos são solteiros, todos os entrevistados casados têm filhos (com exceção de apenas uma pessoa que tem três filhos e é solteira), o que pode ser um indicativo de que as pessoas que participam do CNS do SMT são abertas à procriação, conforme exigência da Igreja Católica para seus fiéis.

Gráfico 3



Um dado muito importante a se considerar, tendo em vista a relativa proximidade que o CNS do SMT mantém com o Catolicismo Popular, é o nível de escolaridade, pois a maioria dos entrevistados, num total de 14 pessoas (48%), tem

nível superior completo, e apenas 3 pessoas entrevistadas (10%) têm nível fundamental. Dos entrevistados com nível superior, grande parte são professoras, conforme se vê no gráfico 5. Somados os entrevistados com nível superior (14 pessoas) com aqueles que estão com o curso superior em andamento (2 pessoas), teremos mais da metade dos entrevistados (55%) acima do nível médio, no que se refere ao grau de instrução.

Gráfico 4



Por fim, no que se refere à profissionalização (quadro 5), há um predomínio de professoras dentre os entrevistados, num total de 7 pessoas (24%), seguido de 5 pessoas, num percentual bastante significativo (17%), que se declaram donas de casa. Com igual percentual estão os que se declaram comerciantes e os profissionais liberais (autônomo, empresário, consultor de vendas).

Gráfico 5



As normas técnicas utilizadas nesta tese, no que se refere ao formato, margens, espaçamento, títulos e subtítulos, citações e notas de rodapé, enfim, toda a estrutura geral, desde a capa aos anexos, está em conformidade com o modelo adotado pela PUC-Goiás, para a apresentação de diversos tipos de trabalhos acadêmicos, inclusive teses de doutorado, naquela instituição. O modelo proposto constitui a obra *Trabalhos Acadêmicos: Modelos, Normas e Conteúdos*, de autoria de Ivoni Richter Reimer, edição 2012, com publicação da Oikos Editora.

Em nossa pesquisa de campo, realizada entre os meses de julho e setembro de 2012, participamos, como observador, das reuniões do CNS do SMT, tendo como objetivo conhecer melhor o seu funcionamento e também para mantermos contato com as pessoas que se dispuseram a contribuir com nossa pesquisa. Na aplicação do questionário, bem como na formação do grupo focal, consideramos como critério de escolha, além dos acima expostos, o princípio da igualdade de gênero, da experiência de vida pessoal e comunitária. Agendamos com os participantes do grupo focal três reuniões quinzenais, que se realizaram na residência de um dos participantes, para discutir sobre os temas: Cenáculo, Nossa Senhora e Família. Tudo se realizou sem a interferência do pesquisador, que se limitou apenas a gravar as reuniões.

Terminada a coleta de dados de nossa pesquisa de campo, através da observação das reuniões do cenáculo, da aplicação de questionário e também do grupo focal, procedemos à catalogação das respostas do questionário, bem como à transcrição das gravações contendo as falas dos participantes, após o que, passamos à análise dos resultados obtidos, obedecendo às seguintes etapas: 1) pré-análise, com a escolha dos dados que seriam analisados, a partir das respostas ao questionário e das transcrições das gravações do grupo focal, identificando as ocorrências de palavras que pudessem constituir-se nas palavras-chave; 2) exploração do material, de forma sistematizada, codificando e enumerando as principais ocorrências (identificadas a partir das palavras-chave), obtendo, dessa forma, as categorias e/ou subcategorias de análise; 3) interpretação dos dados obtidos na pesquisa empírica, confrontando-os com a pesquisa bibliográfica. Após essas etapas, passamos à elaboração da tese, que está assim estruturada: introdução, três capítulos e conclusão.

No primeiro capítulo, intitulado Cenáculos de Nossa Senhora: um espaço de devoções marianas em família, apresentamos nosso universo de pesquisa, que é o

CNS do SMT, uma célula básica do MSM, que surge nos anos 1970, situando-o como um *intermedium* entre o Catolicismo Popular e o Catolicismo Oficial. Tratamos ainda nesse capítulo sobre as principais concepções marianas presentes no ideário do Cenáculo, de acordo com as falas dos cenaculistas, bem como aquelas socioculturalmente elaboradas pela Igreja Oficial e pela piedade popular, ao longo dos séculos. Tais concepções estão ligadas, principalmente, ao culto a Nossa Senhora e à oposição Maria x Eva. Por terem sido idealizadas com base no sistema patriarcal tornaram-se um peso para as mulheres.

No segundo capítulo, que tem por título Família: Continuidades e Mutações na contemporaneidade, abordamos a centralidade do tema 'família', no CNS do SMT, a partir das falas dos sujeitos de nossa pesquisa, bem como no imaginário católico, em que a Igreja estabelece para ela um arquétipo, cujos parâmetros são a Família de Nazaré. Fazemos uma breve explanação sobre o sistema patriarcal como base da organização da sociedade e conseqüentemente da família, com a tradicional divisão de papéis, concepção, princípios e valores a ela ligados, sua função social, bem como as principais mudanças sobre ela incidentes no mundo de hoje, caracterizado pela quebra de paradigmas, em que se verifica tratar-se não mais de família no singular, mas sim de famílias no plural, face às múltiplas possibilidades de a família configurar-se com arranjos e rearranjos que evidenciam a decadência do sistema patriarcal.

Por fim, no terceiro capítulo, intitulado Cenáculo de Nossa Senhora: um espaço de preservação do ideário de família, apresentamos o CNS do SMT como expressão de uma religião estruturada e estruturante. Mostramos por que as pessoas procuram a religião e sua importância para suas vidas, na solução de seus problemas espirituais e empíricos. A partir das falas dos cenaculistas, fazemos o cruzamento dos dados empíricos com os dados bibliográficos, analisando os diversos aspectos por eles evidenciados, no que se refere à visão que têm sobre as famílias no mundo de hoje, à sua função social, seus valores, à vida conjugal, sobre o cuidado dos pais com os filhos. No que se torna decisivo para a manutenção do ideário de família no Cenáculo, de acordo com a visão dos cenaculistas, abordamos sobre a questão da sacralidade do matrimônio, no que se refere à sua unidade e indissolubilidade, sobre a questão da fidelidade conjugal como fidelidade não só aos cônjuges, mas também a Deus, e, por fim, sobre o papel de mulher e mãe, no âmbito familiar.

Somos cōncios de que qualquer análise de um fenômeno religioso, na atualidade, na perspectiva das Ciências da Religião, carece ser situada não só em termos metodológicos, mas também no contexto sociocultural e religioso no qual está inserido. Assim, no que nos foi possível, procuramos nos amparar em diversos autores que escreveram sobre religião, sexualidade e família, na atualidade, para enquadrarmos nosso tema. No que diz respeito especificamente sobre o nosso objeto de estudo, procuramos elaborar a presente tese na perspectiva da fenomenologia religiosa, situando nosso objeto de estudo num contexto sociocultural e religioso, ocupando-nos em nossa análise não da crença em si, mas sobre o impacto que ela exerce nas relações sociais, no interior da família e no âmbito de todas as instituições de alguma forma a ela ligadas.

Em nossa cultura Ocidental, a sociedade está organizada sob o sistema patriarcalista. Porém, o que se observa é que a conceituação da família na contemporaneidade vem se modificando, pois há uma tendência de estabelecer-se uma maior autonomia e igualdade entre seus membros, o que mostra uma tendência de enfraquecimento desse sistema. O cenário de mudanças atuais, no qual a família passa por significativas transformações, com várias possibilidades de arranjos e rearranjos, tem dividido opiniões. De um lado estão aqueles que defendem o sistema tradicional de família (sobretudo a Igreja Católica) considerando-a como um dado natural, portanto, com valores intangíveis; de outro, posicionam-se aqueles que são simpáticos a uma organização familiar mais igualitária e livre do peso da religião, que sobre ela exerce forte influência, como tem acontecido no decorrer dos séculos, em nossa cultura.

Assim considerado, entendemos que a investigação teórica e empírica que empreendemos nesta pesquisa, pode constituir-se em subsídios novos para aqueles que se ocupam em investigar sobre família e sexualidade. Além disso, acreditamos ser importante, para o meio acadêmico, pesquisar sobre o que representam para a vida das pessoas as mensagens contidas no livro-guia e como tais mensagens são experienciadas considerando as principais mudanças ocorridas na atualidade, no tocante à família e também à religião. Portanto, o estudo aqui desenvolvido poderá dar sua contribuição ao trazer fatos novos à investigação acadêmica, pela complexidade do tema aqui desenvolvido, pois de um lado temos todo um código axiológico referente à família, como proposto pela Igreja Católica, e de outro, numa sociedade em mudança, outros valores que para ela, a família, vão se

estabelecendo, inclusive com aprovação legal, como é o caso do casamento entre pessoas do mesmo sexo, o que muda, necessariamente, o conceito tradicional de família patriarcal.

Por fim, embora reconheçamos que este estudo possa apresentar-se frágil e incompleto, nossa intenção é provocar reflexões sobre a questão da família na contemporaneidade, família que, embora esteja situada num contexto social que passa por profundas transformações, no que se refere à questão dos valores para ela estabelecidos pela tradição, bem como à divisão de papéis, com destaque para a dominação masculina, a família ainda é profundamente patriarcal.

1 CENÁCULO DE NOSSA SENHORA: UM ESPAÇO DE DEVOÇÕES MARIANAS EM FAMÍLIA

Carinhosamente chamada pelos latinos de Nossa Senhora, Maria entrou para a história do Cristianismo como a Mãe de Jesus, o Filho de Deus. No Catolicismo, Maria ocupa um lugar de importância acima de todos os santos, sendo somente superada pela Trindade (havendo casos na devoção popular em que Maria se equipara e até mesmo supera seu filho, Jesus, na prestação de culto). Neste capítulo, apresentamos o CNS do SMT inserido no Movimento Sacerdotal Mariano (MSM), situando-o como um espaço de devoção mariana, intermediário entre o Catolicismo Oficial e o Catolicismo Popular, pelas características ali presentes. Enfocamos ainda as principais características das concepções Marianas socioculturalmente construídas que compõem o ideário desse Cenáculo, com tendência a reafirmar aquelas elaboradas pela Igreja Oficial e pela piedade popular, ao longo da história do Cristianismo. A seguir, veremos sobre o surgimento do MSM, no qual se encontra inserido o Cenáculo de Nossa Senhora.

1.1 O MOVIMENTO SACERDOTAL MARIANO

Até o Concílio Vaticano II, por longo tempo, a Igreja Católica resistiu contra a modernidade. João Batista Libânio (2000, p. 13) observa que essa resistência fez, por um lado, com que a Igreja encontrasse dificuldade em perceber os valores modernos e contemporâneos. Por outro lado, revelou igualmente uma percepção intuitiva de que a modernidade ocultava germes maléficos. Assim, como baluarte soberano na conservação de sua longa tradição, a Igreja Católica reagiu às investidas da modernidade, com quem travou muitas batalhas, ora na defesa, ora no ataque, até a realização do Concílio Vaticano II, quando então promoveu um *aggiornamento*¹ interno, a fim de contextualizar-se à era moderna. Finalmente, a Igreja abriu-se ao mundo laico com tamanha flexibilidade que, na opinião de Brandão (2005, p. 53), chega a ser profana, deixando-se invadir por “agrupações e movimentos religiosos capazes de recobrir todos os tons e subtons das escolhas dos fiéis”, tornando-se, desta forma, ao que parece, uma religião com grande

¹Na literatura produzida sobre o Concílio Vaticano II, é comum encontrarmos o termo ‘aggiornamento’, popularizado por João XXIII, para indicar uma reflexão feita pela Igreja sobre si mesma, a fim de adaptar-se aos novos tempos. João XXIII fez uma leitura da realidade do mundo moderno, promovendo uma “dinâmica de renovação e de ‘aggiornamento’”, em toda a Igreja.

capacidade de ajustar-se aos novos tempos. É possível perceber, olhando de perto, diz o autor, que esse Catolicismo “se abre e diversifica-se de modo a oferecer, em seu interior, todos os estilos de crença e prática da fé, existentes também fora dele”.

Com efeito, o Concílio Vaticano II mudou a face da Igreja Católica. Além das grandes mudanças promovidas, no que se refere à liturgia, à abertura ecumênica e inter-religiosa, dentre outras, de acordo com Lenz (1992, p. 125), fomentou o surgimento de superpastorais, como a Comissão Pastoral² da Terra (CPT), a Pastoral Operária (PO), as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), o Conselho Indigenista Missionário (CIMI), que se alimentaram do néctar da Teologia da Libertação³. Nesse contexto pós-conciliar, surgem diversos movimentos religiosos, dentre os quais se encontra o Movimento Sacerdotal Mariano.

Fundado na Itália, em 1972, pelo padre italiano Stéfano Gobbi (2012, p. 23), após uma peregrinação a Fátima, o MSM ficaria mundialmente conhecido através dos Cenáculos de Nossa Senhora, realizados em nível eclesial, principalmente nas residências, a partir de 1974. Sem se preocupar com qualquer divulgação do movimento, além de não ter estatuto próprio que possibilite aprovação oficial eclesiástica, esse movimento teve seu primeiro encontro com a participação de 25 sacerdotes, em setembro de 1973. Em 1974, iniciam-se os Cenáculos. Estes, ao lado do livro *Aos sacerdotes, filhos prediletos de Nossa Senhora*, a que nominamos de livro-guia, são os principais responsáveis pelo crescimento profícuo desse movimento, tornando-se ‘pequenas células’ a penetrar nos lares cristãos.

A pouca organização é uma característica desse movimento, que, na perspectiva de Weber (2009), não se encontra de forma burocratizada. Uma de suas características, portanto, é a informalidade de seu funcionamento, esboçando apenas uma tímida organização. No Brasil, o MSM conta com um Diretor Nacional (sem dedicação exclusiva), que é o jesuíta Dom João Evangelista Martins Terra, bispo auxiliar emérito de Brasília. A pessoa encarregada pela distribuição do livro-guia, para todo o Brasil, é um empresário de São Paulo, proprietário da *Expand*

² De acordo com Castro (2000, p. 104), pastoral se refere à “ação do povo de Deus na comunidade eclesial e, principalmente, na realidade social”. A Igreja Católica faz uso de diferenciados tipos de pastorais setorializadas, tais como: “pastoral operária; pastoral da família; pastoral carcerária; pastoral hospitalar; pastoral com moradores de rua; pastoral com portadores do vírus HIV etc”.

³ A Teologia da Libertação é um movimento de reflexão teológica de linha sociopolítica e marxista, surgido na América Latina, na década de 1960, envolvendo teólogos latino-americanos católicos, protestantes e outros simpatizantes do movimento. Segundo Almeida (1999, p. 35), o termo foi utilizado, pela primeira vez, por Gustavo Gutierrez, numa palestra proferida no Encontro Nacional do Movimento Sacerdotal ONIS, em Chimbote, Peru, em 1968, às vésperas de Medellín.

Group, uma empresa importadora de vinhos. A distribuição do material sobre o cenáculo (livro e folhetos explicativos de como realizá-lo) funciona paralela à empresa. O movimento conta ainda com coordenadores regionais (além de colaboradores leigos), na maioria sacerdotes, responsáveis pela divulgação do movimento e distribuição local dos livros. Tivemos um encontro com o coordenador do movimento, em Brasília, em julho de 2011, o qual tinha como ‘escritório’, em Taguatinga-DF, apenas uma diminuta sala, numa creche dos missionários Oblatas, sem computador, sem telefone e a única coisa que tinha sobre o movimento era o livro-guia e os folhetos, mais nada.

Toda a espiritualidade do MSM, que tem como eixo central a consagração a Nossa Senhora, está embasada no livro-guia (única publicação do movimento, em língua portuguesa). O MSM propõe aos que dele fazem parte três compromissos de vida: “a) a consagração dos Sacerdotes ao Coração Imaculado de Maria; b) a unidade ao Papa e aos Bispos a Ele unidos; c) a proposta aos fiéis de viverem a experiência espiritual da consagração a Nossa Senhora” (GOBBI, 2012, p. 17). São compromissos também desse movimento a adesão incondicional ao Magistério da Igreja, sendo fiéis e obedientes aos seus superiores, na figura do Papa e dos Bispos a Ele unidos (GOBBI, 2012, p. 17). A seguir, veremos uma das exigências principais para se pertencer ao MSM, que é a consagração a Nossa Senhora.

1.1.1 A consagração a Nossa Senhora: sinal de pertença ao MSM

A consagração a Nossa Senhora, indicada no folheto que ensina como realizar o Cenáculo (ANEXO A), constitui o eixo central do MSM. Como vimos acima, é um dos três compromissos propostos àqueles que participam dos Cenáculos, tornando-se um sinal de pertencimento. Ao final das reuniões, os cenaculistas se consagram pela primeira vez ou renovam a consagração à Virgem. No livro-guia, há um apelo constante para que as famílias cristãs se consagrem a Nossa Senhora, a fim de que sejam por ela ajudadas “a viver na unidade e na fidelidade, na oração e no amor, disponíveis ao dom da vida, que deve ser sempre acolhida, protegida e guardada ciosamente” (GOBBI, 2007, p. 1058). De acordo com Gobbi (2007, p. 44-45), para se viver a consagração a Nossa Senhora é preciso oferecer-se a Ela “numa ‘escravidão de amor’, que se realiza concretamente, vivendo como crianças

confiadas ao seu Coração Imaculado” de modo a deixar-se nutrir, vestir e conduzir por Ela, com docilidade extrema, em cada momento da vida.

Uma vez consagrados, os cenaculistas são influenciados pelas mensagens do livro-guia “à oração, à penitência, à mortificação, à prática das virtudes, à confiança, à esperança, ao exercício de uma caridade cada vez mais perfeita” (GOBBI, 2007, p. 472). Conforme afirma Gobbi (2007), a consagração deve ser renovada sempre por meio da vivência dos sacramentos; da participação nas missas; da participação no Cenáculo, para orar e confraternizar-se com os irmãos e na vida cotidiana, no esforço em fugir do pecado, na conservação da Graça santificante e na prática das virtudes cristãs. Mensagens como: “as famílias a Mim consagradas resistem à grave doença da divisão e do divórcio e são preservadas do contágio do terrível câncer do aborto e do recurso a todos os meios para impedir a vida” (GOBBI, 2007, p. 762), reforçam os interditos da Igreja Católica impostos a seus fiéis, para que tenham uma vida de santidade, posicionando-se contrariamente ao divórcio, ao aborto e aos meios contraceptivos.

A condição para se viver plenamente a consagração e de sentir-se seguro de estar no seu caminho consiste, portanto, na vivência de tudo o que for indicado no livro-guia e percorrer o caminho ali traçado, “da humildade, da confiança, do abandono filial, do silêncio, da íntima e profunda união com Deus” (GOBBI, 2007, p. 300). Isso implica renúncia ao mundo e às suas seduções, percorrendo, assim, “o caminho da Graça divina, do amor e da santidade” (GOBBI, 2007, p. 545). E19, professora, 53 anos, casada, mãe de dois filhos, confirma isso ao afirmar que, por força da consagração, “buscamos na nossa vida diária renunciar às situações mundanas, como Nossa Senhora nos pede no Ato de Consagração, de buscarmos nossa conversão interior através da vivência de tudo que ela nos pede”.

Conforme o livro-guia, por mais difícil que seja o caminho para se viver a consagração a Nossa Senhora, as mensagens ensinam como vivê-la: “traço um caminho simples e belo, mas difícil [...] que é preciso percorrer, se quereis viver a consagração. Ensino-vos a vivê-la; formo-vos concretamente, ensinando-vos a viver comigo” (GOBBI, 2007, p. 472). Na introdução do livro, o padre Gobbi (2007, p. 33) mostra que o caminho consiste em “habituar-se ao modo de ver, de sentir, de amar, de rezar e de atuar de Nossa Senhora” (GOBBI, 2012, p. 33). Ou seja, de conformar-se em tudo a Ela, que é o modelo a ser seguido. No que concerne à família do Cenáculo, a tendência é que os cenaculistas procurem convencer seus

membros a trilharem o mesmo caminho por eles seguido. Portanto, um indicativo de que a família do Cenáculo seja diferente de várias outras famílias é o fato de terem sido consagradas ao Imaculado Coração de Maria. Isso lhe dá um caráter especial, uma identidade. Nesse sentido, os cenaculistas esforçar-se-ão para que sua própria família se conforme aos desejos de Nossa Senhora, expressos no livro-guia, considerando que a meditação de seu conteúdo “consegue operar, muitas vezes, uma verdadeira transformação nas almas” (GOBBI, 2012, p. 41). Na vivência da consagração, o livro-guia se torna um itinerário de vida, como veremos, a seguir.

1.1.2 O livro-guia: instrumento de divulgação do Movimento Sacerdotal Mariano

O MSM teve um rápido crescimento graças ao livro-guia. Conforme Gobbi (2012, p. 49), falecido em 2011, o livro não tem pretensão de ser um tratado de teologia, nem de mariologia e muito menos de ser um compêndio de devoção mariana. Com uma linguagem bem simples, o livro expõe “aquilo que a Mãe Celeste deseja dos Sacerdotes, seus filhos prediletos”. Com temática bastante repetitiva, o livro não está organizado por capítulos bem definidos e articulados entre si. Seu conteúdo foi compilado a partir das páginas escolhidas de um diário, contendo as 605 mensagens, de conteúdo apocalíptico⁴ e apologético,⁵ que, segundo os cenaculistas, foram reveladas por Nossa Senhora ao Pe. Gobbi, sob a forma de locuções interiores,⁶ entre julho de 1973 e dezembro de 1997. Além das mensagens, o livro contém informações sobre o MSM, orientações para a realização dos cenáculos e reflexões sobre a interpretação teológica das mensagens nele contidas.

Esse livro é por nós referido como ‘livro-guia’ por uma razão pura e simples: as pessoas que participam do Cenáculo afirmam ver nele um auxílio para o cotidiano de suas vidas. Para E10, professora, 68 anos, viúva e mãe de três filhos, uma das cofundadoras do CNS do SMT, o livro-guia é uma forma escolhida por Maria “para

⁴ O termo apocalíptico se refere a um tempo de sofrimento, de perseguição, de calamidade em que aparentemente o poder do mal triunfa. As mensagens de caráter apocalíptico são de esperança e salvação para sobreviver e resistir ao mal, suportando a dureza do presente (ALFARO, 2002, p. 10).

⁵ O termo apologético se refere à defesa da fé cristã ou do cristianismo contra as heresias, no segundo século de nossa Era. Posteriormente, esse termo caiu em descrédito devido aos métodos utilizados “nas tentativas malogradas de defender o cristianismo contra os ataques do humanismo, do naturalismo e do historicismo modernos” (TILLICH, 2005, p. 24).

⁶ Locuções interiores são entendidas por René Laurentin (1986, p. 24), como “comunicações interiores, de caráter mais discreto”. Esse fenômeno, conforme Schüler (2002, p. 282) “consiste no fato de alguém ter uma percepção interna de mensagens atribuídas a seres sobrenaturais”.

entrar em contato com pessoas [...] para levar mensagens de paz, orientação, iluminação para este mundo tão necessitado da sua graça”. Para essa cenaculista, a leitura do livro proporciona um crescimento contínuo da espiritualidade e suas mensagens contêm “ensinamentos, orientações diversas e têm como objetivo principal nos afastar do mal e nos levar a Deus”. Na verdade, o livro-guia tem por objetivo explícito operar uma verdadeira transformação interior na vida das pessoas que o leem, ajudando-as a viverem o espírito de consagração, podendo deixar nelas a impressão de ser uma resposta às suas necessidades, encorajando-as a ultrapassarem circunstâncias difíceis e conduzindo-as gradualmente “a fazer todas as coisas com Maria, por meio de Maria e em Maria” (GOBBI, 2012, p. 41).

A sensação que se tem ao ler o livro é que ele estabelece um diálogo entre Nossa Senhora e seus filhos. Uma das mensagens é bastante enfática ao recomendar sua leitura: “Lede-o, meus filhos prediletos, meditai-o, vivei-o. Não tenhais dúvidas: Eu vos falo. Estou presente e manifesto-Me através destas palavras” (GOBBI, 2012, p. 477). Essa declaração, atribuída como sendo de Nossa Senhora, dá uma legitimidade importante ao livro. E15, estudante, 27 anos, casada, mãe de uma filha, confirma isto: “Sempre leio com fé e certeza de que é Nossa Senhora quem me fala aquelas palavras. Palavras acolhedoras de mãe que nos pede para ter fé em seu filho. São leituras lindas que me renovam na fé em Maria e Jesus Cristo”. De fato, acredita-se, no Cenáculo, que é a própria mãe a falar aos cenaculistas, através das mensagens. “Sinto a presença de nossa Senhora quando lemos e partilhamos suas mensagens”, diz E10. Cada membro do MSM tem por obrigação ler e meditar o livro, conforme recomenda Gobbi (2012), que assume toda a responsabilidade teológica, espiritual e pastoral do que se afirma no livro.

O livro-guia faz um reiterado apelo para difusão dos Cenáculos como remédio contra os males que acometem as famílias, legitimados em nome de uma falsa liberdade, que são: divisão, divórcio, aborto e meios contraceptivos, veiculados pelos meios de comunicação social, sobretudo, pela televisão. Somam-se a esse eixo temático, outros temas ligados à família como: homossexualidade, impureza, pornografia, obscenidade, drogas, igualmente considerados como males contra os quais as famílias cristãs são chamadas a combater. No que concerne à Igreja Católica, as mensagens fazem alusão à infidelidade, à apostasia, à soberba e aridez como as grandes chagas a contaminar os fiéis, levando-os a desacreditar das

verdades de fé, ensinadas pela Igreja, bem como das próprias intervenções maternas de Nossa Senhora, contidas no livro-guia (GOBBI, 2012).

Em forma de denúncia, o livro-guia considera como distorção da liberdade o relaxamento dos bons costumes, que se traduz num permissivismo moral que se dá pela prática de males tornados, para muitos, sobretudo os mais jovens, o único ideal de vida. Considerados como blasfêmia, como cultos idólatras a opor-se às virtudes morais, atribuídos à maçonaria e ao marxismo, estes males são: violência, drogas, vícios, egoísmo, orgulho, injustiça, corrupção, aborto, divórcio, infidelidade conjugal, etc., que contradizem os tradicionais valores defendidos pelo Cristianismo. Mostram, como sinais dos tempos, a existência de uma profunda crise de fé, de uma profunda apostasia; a situação de desunião no interior da Igreja; o ateísmo teórico e prático, responsável por edificar uma nova civilização materialista, fazendo com que o pecado seja exaltado como um valor e um bem. Segundo Gobbi (2012, p. 749), esses males são tornados públicos, sobretudo pela televisão, “um instrumento perverso de um bombardeamento cotidiano de imagens obscenas, destinadas a corromper a pureza da mente e do coração de todos”.

Assim, com uma referência clara e contínua ao gênero apocalíptico, assumindo uma postura apologética, o livro-guia constitui uma verdadeira saga em que se trava uma dramática batalha entre Nossa Senhora e Satanás, corporificado na maçonaria e no marxismo. A maçonaria é responsabilizada por contaminar o mundo inteiro, pela difusão do materialismo, da exasperada busca por prazer, dinheiro, divertimento desregrado e obsceno, da pornografia e prostituição. Ela é igualmente responsável por infiltrar-se na Igreja, levando o clero à apostasia da fé e os leigos a se afastarem de Jesus e do seu Evangelho. Referida como ‘maçonaria eclesiástica’, numa das mensagens, afirma-se que ela age de modo astucioso e diabólico com o objetivo de “obscurecer a sua Palavra divina por meio de interpretações naturais e racionais e, na tentativa de torná-la mais compreensiva e acolhida, esvazia-a de todo o seu conteúdo sobrenatural” (GOBBI, 2007, p. 732).

Afirma-se no livro-guia que, ao lado da maçonaria, considerada como a Besta Negra, está o ateísmo marxista, o qual se diz ser o Dragão Vermelho. Este, em sua modalidade teórica e prática, é responsabilizado por construir uma nova ‘civilização’ sem Deus, contaminando tudo, apagando das almas toda a luz da fé e do amor. Como uma neblina venenosa, que penetra em todos os ambientes, conforme se afirma no livro-guia, o ateísmo marxista transformou o mundo em “um deserto árido

e frio, imerso no gelo do ódio e nas trevas do pecado e da impureza” (GOBBI, 2007, p. 445). Subverte as verdades do Evangelho, nega a natureza divina de Jesus Cristo, bem como a origem divina da Igreja, além de ameaçar, sobretudo, sua estrutura hierárquica, tentando abater a pedra sobre a qual se encontra construída. O ateísmo prático e teórico é responsável por seduzir a humanidade, levando-a a construir ídolos para si, no lugar de Deus, aos quais presta adoração: prazer, dinheiro, divertimento, poder, orgulho e impureza. De acordo com o livro-guia, Satanás conseguiu, por meio do ateísmo prático e teórico, seduzir todas as nações a beberem da taça da luxúria: “Substituiu o amor pelo ódio; a união pela divisão; a justiça por muitas injustiças; a paz pela guerra contínua” (GOBBI, 2007, p. 1138).

Do início ao fim, o livro faz referência a essa batalha que envolve o céu e a terra, entre as forças do bem e do mal, em que se combate um poderoso exército do mal, tendo à frente Lúcifer, nominado no livro-guia como o Dragão Vermelho, o anticristo, o sedutor, o espírito da mentira, o diabo ou satanás, a serpente antiga a ser esmagada por Nossa Senhora, na qualidade da Mulher Vestida de Sol, Rainha e Celeste Comandante de um exército formado por seus filhos prediletos. A estes cabe o dever de tornarem-se dóceis aos ensinamentos de Nossa Senhora, devendo, sobretudo, estar prontos e obedientes às suas ordens, que serão dadas pela voz do Papa (GOBBI, 2012). Docilidade e obediência - estas são exigências recorrentes em todo o livro-guia, que se atribui sejam de Nossa Senhora, conforme se afirma numa das mensagens: “Revestir-vos-ei com a minha própria docilidade interior e sereis sempre obedientes: tornar-vos-ei, assim, instrumentos aptos para esta minha batalha e vereis, no final, a minha régia vitória” (GOBB, 2012, p. 204). A seguir, veremos sobre as revelações de Nossa Senhora, em todas as modalidades.

1.1.3 As ‘revelações’ de Nossa Senhora na forma de locuções interiores

Entendemos ser imprescindível analisar o CNS do SMT, no contexto das aparições, que se intensificaram nos últimos tempos; e, embora a Igreja Oficial, extremamente cautelosa, não se pronuncie em relação a elas, tais aparições flamejam a entorpecida devoção mariana, pós-Vaticano II. Sua importância é ressaltada no âmbito de nosso universo de pesquisa. Os membros do CNS do SMT afirmam acreditarem nas revelações de Nossa Senhora ao padre Gobbi, compiladas no livro-guia do Cenáculo, a partir das quais norteiam suas vidas.

Ao longo da história devocional mariana, conforme se acredita no meio católico, de acordo com Lílian Sales (2009), a Virgem Maria sempre se manifestou sob as seguintes modalidades: aparições, locuções e milagres. As aparições são consideradas fenômenos em que ela aparece para uma ou mais pessoas, a que chamam de videntes, por serem capazes de vê-la e ouvi-la. Quanto às locuções, estas requerem um confidente que ouve ou sente a voz, que acredita seja de Maria, em seu interior, porém, sem ver sua figura. Quanto aos milagres,⁷ não requerem um sujeito ou um mensageiro. O milagre é uma manifestação incomum e sobrenatural da Virgem que, para seus devotos, comprova a sua presença. Exemplos disso são os casos de imagens da Virgem que chora (SALES, 2009).

É importante ressaltar que existe uma relação intrínseca entre o livro-guia, contendo as ditas revelações de Nossa Senhora, e o MSM. No que reafirmam uma religiosidade mágico-supersticiosa, diluindo as fronteiras entre o mundo concreto e o abstrato, conforme se observa na fala de um dos cenaculistas, as aparições (ou locuções interiores) são vistas como uma missão de Nossa Senhora e uma necessidade, no conturbado mundo de hoje, conforme diz E10, para quem

Deus deu esse papel pra ela, essa missão, dessas aparições, que o mundo precisava muito e que precisa até hoje, desses ensinamentos dela, que a humanidade é tão difícil que às vezes precisa, até Jesus veio ao mundo e o mundo continua com problema. Nossa Senhora continua a vir, apareceu para continuar as coisas, para amenizar, pra ensinar, pra ajudar (E10).

No Catolicismo Popular, contexto no qual acontecem as aparições, há uma profunda conexão entre religião e vida. Elementos como a crença em Nossa Senhora, os meios sensíveis na prática dessa crença e a emoção de que as manifestações religiosas se revestem, estão profundamente ligados às necessidades cotidianas da vida de pessoas simples, pobres e humildes (ROLIM, 1970, p. 343). São pessoas que vivem em situações de “insegurança permanente, frente à doença, à morte, ao temporal, à fome, à violência” (MEYER, 1986, p. 23), fazendo com que tenham uma fé arraigada e provada no sofrimento próprio da vida

⁷ Na concepção de Parker (1995, p. 161), “o milagre não é tanto uma intervenção misteriosa e arbitrária de poder de Deus, mas uma resposta à solicitude do sujeito popular, solicitude que deve ser feita seguindo os ditados tradicionais do ritual impetratório: a promessa, a oferenda, a reza, a bênção do amuleto, o benzimento, a imposição das mãos, a cura, etc”. Le Goff (2010, p. 102-103) descreve os milagres como “intervenções que surgem no momento exato e a colaboração dos santos para que se realizem dá-lhes um certo caráter humano”.

cotidiana (VAZ, 2005, p. 75), sendo, portanto, mais propensas ao sagrado,⁸ colocando pouca racionalização na forma como expressa sua fé e mais confiança na ação do transcendente (BARRETO, 2003, p. 49). Em razão disso, tornam-se “destinatários privilegiados da autocomunicação divina”, podendo melhor acolhê-la (MIRANDA, 2001, p. 146). A seguir, veremos, no relato de E10, que, em suas aparições, Nossa Senhora tem certa predileção por esse tipo de pessoas.

Outra coisa sobre as aparições que a gente deve meditar é que Nossa Senhora como Jesus foi escolhendo as pessoas mais humildes, foram crianças, os pequeninos, o índio, em Guadalupe [...] escolheu a razão dos negros, na invasão do Brasil, e agora, mais uma vez pra advertir, sobre essas grandezas, sobre o orgulho, aparecer, tudo isso não é de Deus (E10).

Ao salientar que tradicionalmente o contato da Virgem sempre se deu através da comunicação com videntes que expressam tal experiência, através de um discurso proferido na primeira pessoa, Steil (2001b, p. 130) afirma que pouco se enfatiza “o caráter reflexivo ou mesmo subjetivo desta fala”. Geralmente, esses videntes são crianças ou pessoas marginalizadas às quais se atribui diminuta “capacidade de reflexão e elaboração discursiva”. Para esse autor, em contexto mais carismático, essa forma de comunicação sofre uma mudança, pois as mensagens são bem mais interiorizadas. Não se trata da “fala de um outro fora do indivíduo, mas uma experiência de um *self* que se apresenta na própria consciência e já não pode ser nomeada como vidência”. Em razão disso, passa a ser denominada de ‘locução interior’. Steil (2001b, p. 130) esclarece que acontece “um duplo mimetismo [...] entre estas duas formas rituais, pelo qual a vidência parece ‘evoluir’ para a forma das ‘locuções interiores’ nos contextos de aparição”.

Steil (2001b, p. 120) sustenta que as aparições “possuem tal densidade e força simbólica que podem ser tomadas como *loci* privilegiados de compreensão e interpretação da religião no mundo contemporâneo”, com grande destaque atualmente para a Virgem de Medjugorje. Longe de ser um fenômeno pós-moderno, conforme evidencia o relato de E10, as aparições, presentes por longos séculos, na tradição católica, remontam aos primeiros séculos da era cristã. Conquanto os relatos mais antigos posicionem a primeira aparição de Nossa Senhora no século

⁸ Por sagrado, Berger (2004, p. 38) entende ser “uma qualidade de poder misterioso e temeroso, distinto do homem e todavia relacionado com ele, que se acredita residir em certos objetos da experiência”. Essa realidade distinta do homem a ele se dirige, colocando “a sua vida numa ordem, dotada de significado”.

terceiro, “os comentadores católicos reconhecem que as aparições só se disseminaram no mundo cristão depois do Concílio de Éfeso (431), no qual Maria foi proclamada *Theotókos*” (STEIL, 2001b, p. 123).

Ainda que o culto mariano⁹ se desenvolva, chegando ao apogeu, por volta dos séculos onze e doze, contudo as aparições com o sentido que possuem hoje, “de revelação particular e privada a videntes que recebem a missão de transmiti-la aos demais” (STEIL, 2001b, p. 126), entendidas por Jean Delumeau (2000, p. 201) como expressão da “experiência dos videntes, sem decidir sobre a natureza real do fenômeno”, só terão início a partir da Idade Média. Radicada na tradição,¹⁰ a Igreja Católica se mostra cautelosa com relação a inovações em seu seio. Assim, mantém um padrão clerical/oficial com relação a essas aparições, num clima de oposição entre razão e fé, seguindo logicamente “uma das tônicas da condição da religião na modernidade” (STEIL, 2001b, p. 126). De acordo com Delumeau (2000, p. 203), na Idade Média, diversos monges e monjas passaram por alguma experiência com a Virgem, que lhes apareceu em visão, sonho ou revelação, para incentivá-los à ação, levando-os à conversão ou para ajudá-los a discernir entre o bem e o mal.

Se mito ou realidade, pouco importa. O que vale são os efeitos sociológicos que as aparições proporcionam às pessoas. Para a cristalização da fé dos povos latino-americanos, por exemplo, foi sumamente importante a aparição de ‘Nossa Senhora’ a um índio camponês, da região da cidade do México, em 1531, tornando-se a Virgem de Guadalupe (DELUMEAU, 2000, p. 201). Esta se constituiu num canal pelo qual os povos pré-colombianos que aqui viviam finalmente sentiram que o Deus dos cristãos, que lhes era imposto pelo poder da cruz e da espada (união do poder divino com o poder terreno, por força da cristandade e do padroado), estava também do seu lado (AZZI, 2004). Depois, foi a vez das aparições em Lourdes (1858), na França, e em Fátima (1917), Portugal, lugares esses onde foram erigidos dois grandes santuários, que atraem milhares de visitantes. Conforme reconhece

⁹ A oficialização do culto a Maria se deu no Concílio de Éfeso, no ano 431 d.C. Maria foi contemplada com o título de *Theotókos*, a “Mãe de Deus”. Assim, os bispos deram legitimidade à crença popular em Maria, já existente à época. Numa efervescência sem par, o povo saiu pelas ruas em procissões, conduzindo os bispos a seus alojamentos, à luz de archotes, gritando alegremente: “Louvada seja *Theotókos!*” (JOHNSON, 2006, p. 106).

¹⁰ Sobre a tradição Giddens (2010b, p. 50-51) afirma que ela somente faz sentido em vistas à modernidade, porque não se falava em tradição na Era Medieval, em que, ao lado do costume, “seu primo mais difuso”, “estavam em toda parte”. Modernidade e tradição delimitam eras, porém o aparecimento de uma não implica o desaparecimento da outra. Embora em diferentes versões, a tradição continua a florescer em toda parte, principalmente a partir da década de 1970.

Delumeau (2000, p. 201), as aparições são “uma realidade tanto histórica como sociológica, que todo observador imparcial deve considerar e se esforçar por compreender”. Contudo, a Igreja Católica não obriga seus fiéis a crer nelas.

No século XX, Medjugorje bate o recorde de todas as aparições. Conforme destaca o mariólogo René Laurentin (1986, p. 7), por ocasião de seu quinto aniversário, desde a primeira aparição, ocorrida em 1981, já somavam 1.725 aparições, conforme noticiaram os jornais. O autor considera ser mais correto citar 2000 aparições. Em sua opinião, “esta multiplicação espanta, pois as aparições reconhecidas nestes últimos séculos nos acostumaram à brevidade”. Uma única aparição em Salette, em 1848, e em Pontmain, em 1871; 18 aparições em Lourdes, em 1858, e 9 em Fátima, em 1917, incluindo a de um anjo que apareceu em 1916. Ao refutar as declarações do bispo e exorcista do Vaticano, Andrea Gemma, que rotulou as aparições como “um grande engano satânico”, em entrevista a Bruno Volpe,¹¹ Laurentin (1986, p. 7) afirma que, embora o número das aparições seja provavelmente excessivo, isso não justifica que alguém fale em engano satânico, pois se observa “em Medjugorje o mais elevado número de conversões à fé católica: o que Satanás ganharia em trazer de volta tantas almas para Deus?”. Ele afirma que “neste tipo de situação, a prudência é uma obrigação”, mas que está convencido de que Medjugorje seja fruto do Bem e não do Mal.

No que se observa no CNS do SMT, em que se acredita que Nossa Senhora tenha revelado ao padre Gobbi, por meio de locuções interiores, as mensagens contidas no livro-guia, há uma forte evidência de que realmente haja uma tendência à valorização desse tipo de comunicação “em detrimento da vidência, o que corresponde [...] a uma tendência mais geral da religião na condição pós-moderna” de suplantar a tradição (STEIL, 2001b, p. 130). O padre Gobbi ficou mundialmente conhecido não só por fundar o MSM, mas também por compilar, num livro, mensagens por ele registradas num diário, as quais afirma serem de Nossa Senhora, a ele ‘reveladas’ por meio de locuções interiores, testificando-as como verdadeiras, conforme consta no testamento em que escreveu: “Deixo como meu testamento espiritual tudo o que está escrito no livro ‘Aos Sacerdotes, filhos prediletos de Nossa Senhora’, e atesto que as mensagens lá contidas foram recebidas por mim sob forma de locuções interiores” (GOBBI, 2012, p. 11).

¹¹ Publicada no site Queridos Filhos, sobre as aparições de Nossa Senhora em Medjugorje, disponível em: http://queridosfilhos.org.br/Renelaurentin_test.html, acesso em 17/02/2013.

Enfatizamos, mais uma vez, que, por mais que as aparições e locuções interiores pareçam fantasiosas e não recebam o aval da Igreja Católica, deve-se, contudo, considerar os efeitos que suas mensagens produzem na vida das pessoas. De acordo com Coyle (1999, p. 143), as aparições “devem ser respeitadas porque inspiram as pessoas a uma fé mais profunda e à ação social consistente”. As aparições devem ser julgadas por seus frutos: amor, justiça e paz. No Cenáculo, há uma tendência de relacionar as mensagens do livro-guia com a vida das pessoas:

Em uma das vezes que recebi Nossa Senhora em minha casa, no segundo dia [...] tive um pesadelo, que o demônio foi em minha casa me destruir. Fiquei desesperada no sonho, muito aflita, angustiada, toda molhada de suor, de medo. O sonho era muito real e eu pensei: o que eu vou fazer agora? Foi quando no sonho eu lembrei que a Mãezinha do céu estava em minha casa, ela ia me salvar, me defender. Quando acordei, fui correndo pegar o livro [...] e abri numa página que estava aos pés de Nossa Senhora. Falava mais ou menos assim: Hoje, minha filha, você foi visitada por satanás. Ele queria te fazer mal, mas a minha presença de mãe aqui ao seu lado o afugentou, pois eu pisei na cabeça da serpente, não tenhas medo, aquiete o seu coração, a Mãe do filho de Deus está aqui, tá tudo bem. Foi depois de ler essa página que me tranquilizei e me acalmei (E9).

É interessante constatar como a mensagem do livro se encaixa ao sonho de E9, dando-lhe tranquilidade. Isso reforça a ideia de que as mensagens de Nossa Senhora exercem grande poder em todos os instantes da vida das pessoas que nela acreditam e que contam com sua mediação. Fica muito evidente a perfeita adaptação que o fiel consegue fazer da mensagem da Virgem, aplicando-a à sua própria vida, e esse tipo de testemunho legitima as revelações de Nossa Senhora ao padre Gobbi, aumentando ainda mais a fé dos cenaculistas. Nesse sentido, Bourdieu (2009, p. 86) afirma que a religião fornece significados àquilo que a pessoa esteja vivenciando no momento, seja lá o que for.

Mesmo que se trate, para o fiel, de uma intervenção do transcendente¹² (neste caso, na pessoa de Maria, numa intermediação ao reverso) na história humana, a fim de renovar e restaurar o mundo, as mensagens têm sua importância sociológica uma vez que provocam mudança de vida nas pessoas que nelas acreditam. Veremos, a seguir, o Cenáculo de Nossa Senhora como fruto das aparições da Virgem Maria ao padre Gobbi, após a criação do MSM.

¹² Transcendente é “aquilo que está fora deste mundo, mas pode afetar aquilo que está dentro deste mundo. A causação descendente é exercida por um Deus transcendente” (GOSWAMI, 2008, p. 28).

1.1.4 O Cenáculo de Nossa Senhora no Movimento Sacerdotal Mariano

No cenário religioso atual da Igreja Católica, o CNS se enquadra no mesmo nível de “grupos e redes que empregam, à margem ou no coração das paróquias e dos movimentos, formas flexíveis e móveis de sociabilidade, baseadas nas afinidades espirituais, sociais e culturais dos indivíduos que neles estão implicados” (HERVIEU-LÉGER, 2005, p. 175). Sua criação teve como fator decisivo a crença nas revelações da Virgem ao padre Gobbi, por meio das locuções interiores. Os Cenáculos são descritos no livro-guia como uma atividade típica do MSM, no âmbito da vida eclesial, que consiste em “reunir os Sacerdotes e os fiéis em encontros de oração e de fraternidade” (GOBBI, 2012, p. 32). Esses encontros acontecem nas seguintes modalidades: regionais, diocesanos e familiares. Gobbi (2012, p. 33) recomenda que os Cenáculos sejam, antes de tudo, “encontros de oração. Mas esta oração deve ser feita com Maria. É por este motivo que uma característica comum a todos os Cenáculos é a recitação do santo Terço”, através do qual “o mistério de Jesus é por Ela mesma revelado às almas”.

Ao pesquisarmos sobre o MSM, deparamos com a existência de vários cenáculos no Brasil, inclusive no Movimento de Renovação Carismática Católica, sem, contudo, terem as mesmas características deste que estamos a analisar. O fato de ter sido criado por um sacerdote e também por ter o livro-guia para reflexões, por exemplo, lhe dá uma singularidade especial, uma identidade própria, que não se observa em qualquer outro cenáculo. O CNS do MSM tem como inspiração primeira o período entre a ressurreição de Jesus e a descida do Espírito Santo, em Pentecostes, reforçando a ideia de família reunida em oração, como se vê na fala de E2, um jovem de 25 anos, solteiro, servidor público:

O cenáculo nos traz a ideia de família. Era Nossa Senhora reunida com os discípulos ali, reunida com as pessoas em oração. Então o cenáculo nos traz a ideia de família em oração. Então, hoje em dia, eu, por exemplo, não fazia isso, mas na minha casa a gente sempre reza, procura sempre fazer umas orações antes das refeições (E2).

Esse entrevistado ilustra bem o sentido do Cenáculo ao vincular o de hoje com o daqueles tempos. Como o próprio nome indica, o Cenáculo pretende ser uma repetição daquele acontecimento pós-morte de Cristo, quando os discípulos ficaram reunidos com Maria, por cinquenta dias, em oração, desde o desaparecimento do

corpo de Cristo do sepulcro até o dia de Pentecostes (At 2,1-4). E9 expressa bem esse sentimento de que o Cenáculo de hoje evoca o daqueles tempos, ao afirmar que “à primeira vista eu me senti como os apóstolos e Maria, após a morte de Cristo, eles ficaram juntos e oravam. Trocávamos ideias sobre o Evangelho do dia e ainda de presente tínhamos a mensagem de Maria”. Ao lado do Calvário, o Cenáculo se traduz em um grande marco simbólico do cristianismo. Se a ressurreição é promessa de vida eterna, foi no Cenáculo que Jesus se deixou como alimento para seus seguidores. Foi ali, em Jerusalém, que, ao reunir-se com seus discípulos, celebrou a santa ceia, instituindo a Eucaristia e igualmente o ministério sacerdotal, conforme ensina a teologia católica (GIRAUDO, 2003, p. 521).

Os Cenáculos ligados ao MSM tiveram início em 1974, na Itália, difundindo-se progressivamente pela Europa e pelo mundo, fazendo com que o Pe. Gobbi realizasse viagens por todos os continentes, a fim de presidir os Cenáculos regionais. Na concepção de seu autor, o Cenáculo é a menor célula do movimento, via pela qual ele se desenvolve, “no interior da vida eclesial, através duma sua atividade típica que é reunir os Sacerdotes e os fiéis em encontros de oração e de fraternidade” (GOBBI, 2012, p. 32), constituindo-se numa excelente oportunidade, para as pessoas que dele participam, “ultrapassar dúvidas e dificuldades e prosseguir com coragem no difícil caminho da consagração” (GOBBI, 2012, p. 32).

Embora o MSM não se encontre de forma burocratizada (WEBER, 2009), os Cenáculos são realizados em nível regional e diocesano, em comunhão com o Bispo do lugar, que dele participa ou que dá seu consentimento e sua bênção. Também se realizam cenáculos em nível familiar. Estes, sim, são a força motriz que promove a disseminação do MSM, constituindo-se, portanto, em sua célula basilar. Na visão de Gobbi (2012, p. 33), os cenáculos nas famílias “são hoje em dia particularmente providenciais, face à grave desagregação da vida familiar”, ressaltando-se, contudo, que as mensagens de Nossa Senhora assumem uma linha conservadora no que se refere a questões ligadas à sexualidade, como: indissolubilidade do matrimônio, maternidade, divórcio, aborto, homossexualidade, etc., que são refratárias às tendências libertárias atuais.

Com uma estrutura bem simples e acessível, a exemplo de Maria reunida com os discípulos de seu Filho, no Cenáculo em Jerusalém, famílias se reúnem no Cenáculo para rezar com Maria, principalmente na recitação do santo terço, para viver a consagração, em que se propõe como caminho a seguir: “habituar-se ao

modo de ver, de sentir, de amar, de rezar e de atuar de Nossa Senhora” (GOBBI, 2012, p. 33). O Cenáculo é apontado por Gobbi (2012, p. 34) como um remédio contra a solidão não só dos sacerdotes, como de todos os leigos: “Nele reunimo-nos com Ela, para nos podermos conhecer, amar e ajudar como irmãos”. Como de fato se comprova no CNS do SMT, que passaremos a analisar a seguir, numa linguagem simbólica, o Cenáculo acaba se tornando uma grande família de tal forma unida, que todos afirmam sentir-se como irmãos, numa comunhão fraterna em que se ajudam mutuamente, dando sentido à vida cotidiana.

1.2 UNIVERSO DA PESQUISA: O CENÁCULO DE NOSSA SENHORA DO SETOR DE MANSÕES – TAGUATINGA SUL

Embora, como vimos acima, o CNS tenha sido fundado por um agente religioso especializado, ao ser colocado em mãos leigas, da forma como ele acontece em família, pelo menos no que nos foi possível observar, ao participarmos de reuniões em alguns cenáculos em Brasília, o cenáculo assume uma prática genuinamente popular, tornando-se um espaço de fruição de todas aquelas práticas presentes no imaginário religioso do povo, que, em suas formas de expressão, não carece da presença de um agente oficializado. Nosso universo de pesquisa está vinculado à Paróquia São Pedro, em Taguatinga Sul, e acontece principalmente nas residências do SMT, uma vez por semana. Sobre o CNS, no universo católico, E10 tece o seguinte comentário:

A Igreja tem muitas formas das pessoas se reunir e rezar e cada um tem uma tendência. Tem coisas que a gente não gosta, não tem vontade de fazer. Mas não pode dizer que é ruim. Graças a Deus tem um grupo que gosta de frequentar o Joia, tem outro que gosta de frequentar o grupo de jovens, tem as mulheres do Sagrado Coração que se reúnem pra rezar, tem o cenáculo [...]. Existem várias [...] coisas da Igreja que você pode escolher, que você pode se adaptar mais e o cenáculo é um desses (E10).

De acordo com a fala dessa entrevistada, uma de suas fundadoras, o CNS do SMT é uma das diversas possibilidades de expressão de fé existentes no campo religioso específico da Igreja Católica, na atualidade. O CNS do SMT está situado no âmbito da Paróquia São Pedro, Taguatinga Sul - Capela Imaculada Conceição. Antes projetado para ser um setor nobre de Taguatinga, isolado inclusive da própria cidade, no que seria um condomínio fechado, isso não vingou. Entre Taguatinga e o

SMT existiam várias chácaras de propriedade da Companhia Imobiliária de Brasília – TERRACAP, que estavam arrendadas a chacareiros. Esses terrenos foram fracionados e vendidos ilegalmente a preços baixos. Assim, temos de um lado o SMT e do outro, o Setor de Chácaras, como é chamado. Embora o Cenáculo seja referido como do SMT, dele também participam pessoas que residem no Setor de Chácaras, o qual, conforme pudemos constatar, é bem menos estruturado em termos de saneamento básico (não tem rede de esgoto nem escoamento de águas pluviais). E10 nos conta como o CNS do SMT iniciou suas atividades:

Quando eu era catequista, em um dia de confraternização com as crianças, rezamos o terço. Estávamos na casa de um catequizando. No final, uma mãe sugeriu que continuássemos a rezar o terço nas casas. Então outra mãe disse: “E por que não o Cenáculo de Maria?” Eu imediatamente respondi: “Por que não? Eu não conheço, mas, se é de Nossa Senhora, vamos conhecer”. Todos concordaram e assim começou o Cenáculo de Nossa Senhora no SMT [...]. Tudo obra de Nossa Senhora. (E10).

Essa cofundadora do CNS do SMT mostra a espontaneidade como o Cenáculo surgiu, atribuindo-o à vontade de Nossa Senhora. Assim, algumas pessoas passaram a reunir-se, toda segunda-feira, para orarem juntas, conforme ela mesma esclarece: o Cenáculo “é um lugar que você vai ter a possibilidade de ler o Evangelho, de ler as mensagens de Nossa Senhora e vai trocar as experiências de família, os testemunhos, e também a gente tem a presença de Deus e de Nossa Senhora” (E10). A entrevistada esboça assim aquilo que está nas orientações sobre a realização dos cenáculos, num folheto entregue por cenaculistas ao povo, geralmente na porta da Igreja, ao término das missas.

Um fato curioso é que, no CNS do SMT, jamais houve a presença de um sacerdote. No que contraria o princípio do fundador do MSM, de que o Cenáculo é dos sacerdotes, na prática ele se realiza a distância deles. Os próprios cenaculistas organizam as reuniões, porém, sem quaisquer conflitos com o pároco, ao qual mantêm obediência. Conforme sugere E11, engenheira, 55 anos, casada, mãe de duas filhas, “tem muito padre que fala que essa questão do padre Gobbi transcrever o que Nossa Senhora fala não é coisa católica, é como se fosse o Chico Xavier”.¹³ Em razão disto, são contra e não acompanham o Cenáculo.

¹³ Uma referência clara à psicografia, que consiste na escrita produzida através de uma ação mediúnica, de um espírito sobre um médium (SILVA JÚNIOR, 2010, p. 426).

Essa entrevistada sustenta a opinião de que o Cenáculo “tem que ser de leigo, porque, quando o padre entra, toma outra forma” e comenta que, embora o Cenáculo faça parte da São Pedro, “o padre X nunca entrou aqui”. Como no Catolicismo Popular (com o qual acreditamos que nosso objeto de estudo mantém relativa aproximação) tudo se ajeita sem a presença do agente religioso especializado (STEIL, 2001; OLIVEIRA, 1976), no CNS do SMT também não é diferente. O Cenáculo funciona tranquilamente sem a presença de um sacerdote, só que à maneira de o povo viver a fé, ou seja, de forma sincrética, bebendo de diversas fontes, mas tudo convergindo para esse encontro que se dá com Nossa Senhora, nas casas das pessoas. Para funcionar, como ensina o livro-guia (GOBBI, 2012, p. 38), o Cenáculo tem que estar ligado a uma paróquia, tendo, portanto, o aval ou consentimento do pároco do lugar. Contudo, isso não faz do CNS um movimento genuinamente leigo, pois existem exceções. Anualmente, realizam-se Cenáculos Regionais em todo o Brasil, com celebrações de missas, realização de festas, como acontece em Tianguá-CE e Jauru-MT, onde a prática do Cenáculo é muito intensa, fazendo dessas duas cidades centros de peregrinações marianas. Veremos, em seguida, como acontecem as reuniões do CNS do SMT.

1.2.1 As reuniões do Cenáculo de Nossa Senhora do Setor de Mansões de Taguatinga

No que se aproxima do Catolicismo Popular, principalmente por dispensar os serviços de um agente religioso especializado, o CNS do SMT tem total autonomia para fazer acontecer suas reuniões, inclusive na forma estabelecida pelos próprios cenaculistas. Mas, mesmo que jamais tenha tido a presença do padre X, pároco da São Pedro, contudo isso não sugere uma oposição entre o Cenáculo e aquela paróquia, pois, mesmo que indiretamente, as reuniões acontecem com o aval do pároco, que, embora não se faça presente, a elas não se opõe. Inclusive dá espaço no final da missa, no momento dos anúncios finais, para divulgação do nome e endereço da família onde será realizado o cenáculo, naquela semana.

As reuniões do CNS do SMT acontecem toda segunda-feira, às 20:00 hs, na casa de alguma família ou do SMT ou do Setor de Chácaras. Seu término é imprevisível. Previsto para as 22:00 hs, geralmente se estende até as 23:00 hs, em razão do tradicional lanche que acontece ao final das reuniões. Isso tem sido motivo

de reclamações por parte de algumas pessoas, que entendem que as reuniões deveriam terminar rigorosamente às 22:00 hs, seguindo orientação do padre X, responsável pela paróquia São Pedro e pela Capela da Imaculada Conceição, do SMT, o qual exige que toda e qualquer reunião no âmbito da paróquia deve acontecer até, no máximo, às 22 hs. Segundo declaram os cenaculistas, aquele pároco alerta para o fato de que até esse horário fala o Espírito Santo. Depois disso, fala o diabo. A justificativa para isso são as constantes reclamações que chegam até ele dos membros da família pela demora, sobretudo da mãe, no retorno para casa.

Cabe aos donos da casa onde o Cenáculo será realizado preparar o espaço para receber as pessoas e também a imagem de Nossa Senhora.¹⁴ Reveste-se uma mesa com um forro branco, onde são colocados: além de algumas velas acesas, ao fundo a Imagem de Nossa Senhora, que é trazida pelos donos da casa onde se realizou o último cenáculo, e, à frente, um crucifixo.¹⁵ Coloca-se ainda, sob o altar, uma caixinha de papelão revestida com material decorativo, com uma pequena abertura na parte central, onde as pessoas depositam pedaços de papel contendo os pedidos que cada um escreve à Santa. Não conseguimos qualquer acesso a esses pedidos. Fomos informados de que, de tempos em tempos, esses papéis são retirados da caixinha e incinerados. Assim, os pedidos se tornam conhecidos apenas pelo depositante e, segundo dizem os cenaculistas, por Nossa Senhora. Possivelmente, depositam-se ali pedidos de socorro pelas dificuldades próprias da vida, com a esperança por dias melhores. Conforme afirmam acreditar, Nossa Senhora jamais deixa um de seus filhos sem ser atendido. Antes da reunião é passado um livro de presença, onde todos registram o nome.

Conforme consta no folheto avulso que orienta as pessoas sobre como realizar o Cenáculo (ANEXO A), Nossa Senhora fez quatro promessas para aquelas famílias que fizerem o Cenáculo em suas casas:

¹⁴ No imaginário religioso do CNS, ainda se faz presente uma antiga prática do catolicismo popular em que as famílias, bem como suas casas, são sacralizadas através das imagens de Nossa Senhora e dos santos da devoção, bem como das preces cotidianas a eles dirigidas (AZZI, 2008, p. 25).

¹⁵ As práticas do catolicismo popular são muitas vezes ambíguas. Por exemplo: O ato de tocar um crucifixo, o hábito de acender uma vela frente a um santo, de pagar uma promessa rodeando o santuário de joelhos, de jejuar em determinados dias da semana, podem exprimir ou uma grande fé cristã ou uma religiosidade altamente 'supersticiosa'. O que vai determinar uma coisa ou outra são os "motivos, atitudes e valores que influenciam tais manifestações", podendo variar de pessoa a pessoa, bem como ser coerentes, ou não, com a legítima fé cristã (GALILEA, 1978, P. 55). Segundo DaMatta (2004, p. 59), "tudo indica que o santo atende melhor e reconhece mais claramente o esforço dos mortais quando o pedido se faz de modo solene e respeitoso, com algum formalismo". Dessa forma, rezas e pedidos chegam mais rápido ao céu, "quando há um sinal visível de comunicação com o alto; algo que cristalize essa ligação, como o incenso ou as luzes das velas queimando".

1. Abençoará o casal e cimentará o seu amor mútuo, defendendo-os contra as chagas do divórcio, da separação e da infidelidade;
2. Salvação das almas dos filhos, defendendo-os de todos os perigos de se perderem;
3. Cuidará de todas as suas necessidades materiais e espirituais, pois Nossa Senhora é nossa Mãe, pensa em tudo;
4. Durante o período do castigo promete proteger a família com seu manto, contra todos os males.

Essas promessas são lidas frequentemente nas reuniões do Cenáculo. Conforme acreditam os cenaculistas, Nossa Senhora cuida da família em tudo. Numa perspectiva sociológica, Ela desempenha um importante papel social tanto numa dimensão material quanto espiritual, dando sentido à vida daqueles que a Ela consagram seu coração, na expectativa de manter a família intocável. É, portanto, num clima de fé, de certeza de que estar nas mãos da Mãe significa garantia de um casamento sólido, de bem-estar material e espiritual dos filhos, de proteção contra a ira divina contra o pecado (que se traduz em castigos de toda espécie) que o Cenáculo acontece, como relata E10, a seguir:

No Cenáculo a gente reza com Nossa Senhora como ela rezou com os apóstolos. [...] Acho que já tem esse ensinamento, que primeiro ler o Evangelho e aí a gente discute [...] e faz a correlação; as pessoas sentir que toda a discussão que vem no cenáculo, Deus vem em primeiro lugar. Mas com certeza o cenáculo mostra também que depois de Deus vem Nossa Senhora e que ela é a maior intercessora e que a gente no cenáculo leva às pessoas esse amor a Nossa Senhora (E10).

Observa-se, nas palavras de E10, que o cronograma das atividades do Cenáculo tem três momentos distintos: começa com a reza do terço. Depois, segue-se a leitura do Evangelho, conforme a liturgia do dia, com comentários dos participantes. A seguir, faz-se uma leitura aleatória do livro-guia, a que Johan Konings (1997) chama de leitura 'ao acaso', em que, de olhos fechados, se abre o livro, em qualquer página, e a primeira que cair, a mensagem correspondente é considerada para aquele momento. Após isso, lê-se em voz alta. Há uma preparação ritual para se abrir o livro, necessitando que seja em clima de oração:

Normalmente, quando abrimos as leituras, estivemos em oração até aquele momento e pedimos para que a leitura seja uma resposta daquilo que queremos ouvir, então sempre, se prestarmos atenção, existe uma frase, parágrafo... que nos toca profundamente naquele momento (E11).

Ao final, quem faz essa leitura diz: Palavras de Nossa Senhora! Ao que, em uníssono, todos respondem: Amém!¹⁶ Após isso, segue-se o momento de partilha, em que as pessoas são motivadas pelo coordenador ou por alguém com maior experiência no cenáculo a dizerem o que uma determinada frase significou para sua vida. Esse momento é o ponto máximo do Cenáculo porque, pelos testemunhos das pessoas, se acredita que Nossa Senhora tinha exatamente aquilo para dizer naquele momento. Pelos testemunhos dos cenaculistas, durante o momento de partilha, no CNS do SMT acredita-se realmente que aquela seja a mensagem que Nossa Senhora quis passar para aquele dia. “Ela fala para nós tudo o que precisamos ouvir naquele momento”, diz E5, comerciante, 35 anos, solteira. As pessoas sempre se apegam a uma ou outra frase que lhe diz alguma coisa de útil. “Providencialmente, a cada reunião, uma mensagem sempre diz respeito ao cotidiano”, afirma E6, 38 anos, casada, mãe de uma filha, profissional liberal. Para os cenaculistas entrevistados, com efeito, há sempre uma correlação entre as mensagens e o cotidiano das pessoas e não cabe a ninguém discordar da leitura destinada àquele dia, conforme se vê, no relato a seguir:

Nossa Senhora é quem dirige o Cenáculo. [...] Fomos realizar o cenáculo em uma casa onde a maioria de nós não conhecia os moradores. Estavam presentes até uns cinco maçons. Nenhum de nós sabíamos, mas a dona da casa sim, pois eram parentes e amigos. Quando ela abriu o livro, saiu uma mensagem onde Nossa Senhora dizia o que pensava da maçonaria. Vendo isto, ela fechou o livro e tentou tirar outra mensagem. Mas, para sua surpresa, abriu no mesmo lugar. Então ela compreendeu que era a vontade de Nossa Senhora. A mensagem foi lida e acredito que deu frutos, pois foi trabalhada especialmente por Nossa Senhora. Significa que Nossa Senhora é a grande guia espiritual, sanando dúvidas doutrinárias e outras (E10).

Embora o sentido do que está escrito varie muito de uma pessoa para outra, de fato, conforme afirmam acreditar, no cenáculo há um entrelaçamento do que se lê com a vida pessoal e até mesmo profissional da pessoa (MORAES, 2006, p. 328). O relato acima faz com que o livro-guia seja, para os cenaculistas, como uma Bíblia Sagrada, tamanha a credibilidade das palavras que ali estão contidas. Esse relato reforça, entre os participantes, a crença de que realmente as mensagens que compõem o livro-guia sejam mesmo de Nossa Senhora e que a escolha aleatória é

¹⁶ Na celebração da Missa, após a primeira e a segunda leitura, diz-se palavra do Senhor e após a proclamação do Evangelho, o sacerdote diz: Palavra da Salvação e todos respondem com o amém. Essa fórmula foi transposta para o CNS do SMT, o que dá uma legitimidade às palavras de Nossa Senhora para os cenaculistas, de forma idêntica à dos escritos bíblicos.

providencialmente para aquele momento, conforme sua própria vontade: “Cada vez que leio ou ouço as mensagens [...] tem sempre algo que está direcionado para mim” afirma E17, empresária, 42 anos, divorciada, mãe de dois filhos, que tem “a certeza que são palavras de Nossa Senhora [...]. Sempre leio com fé e certeza que é Nossa Senhora quem me fala aquelas palavras”.

As reuniões do Cenáculo sempre terminam com a consagração a Nossa Senhora, feita a partir do folheto contendo orientações de como realizar o Cenáculo (ANEXO A). E10 destaca a importância desse momento: “consagramos a nossa família e toda a humanidade. É o momento em que pedimos a bênção, proteção de Nossa Senhora e em contrapartida prometemos ser bons cristãos levando também outros ao mesmo caminho, fazendo a vontade de Deus”. Podemos concluir com isso que, juntamente com a consagração, a crença nas mensagens de Nossa Senhora é que dá corpo às reuniões do CNS do SMT e às práticas devocionais dos cenaculistas. Isso faz do Cenáculo, ancorado nas mensagens do livro-guia e na consagração, um instrumento muito importante para a Igreja, ao dar sentido à vida das pessoas. Aqui reside toda a importância do Cenáculo, numa perspectiva sociológica, por fazer com que a vida das pessoas seja significativa, embora, como veremos mais adiante, o Cenáculo acabe se tornando um instrumento fomentador do patriarcalismo, ao reiterar um ideário de família refratário às tendências libertárias dos dias de hoje. Como veremos, a seguir, no exercício de sua função social, o CNS do SMT não escapa às influências externas recebidas.

1.2.2 Influências externas sobre a funcionalidade do Cenáculo

Assim como não existem fronteiras fixas entre as instituições religiosas, na atualidade, o mesmo ocorre na Igreja Católica, em que se verifica haver um intercambiamento de elementos religiosos, em seus diversos grupos e movimentos. O CNS do SMT não foge à regra, tanto é que sofre influências em sua prática devocional mariana, principalmente da RCC. Um exemplo disso está na demonização da religião do outro, que se tornou, nos dias de hoje, a exemplo das Igrejas neopentecostais do protestantismo, um artifício muito poderoso utilizado com fins de proselitismo. Segundo Ricardo Mariano (2007, p. 133), no meio pentecostal “a demonização dos grupos religiosos adversários, em especial dos afro-brasileiros, é frequente, rotineira”. Essa é também uma prática no meio carismático católico e

que se repete no CNS do SMT, em que o espiritismo e as religiões afro-brasileiras são fortemente demonizados, como se vê a seguir.

Quando a gente ia no cenáculo no princípio [...] era um tal de elefantinho com a bunda pra porta, era um tal de pirâmide, de pedra, um tal de Buda, de incenso, tinha gente que incensava o cenáculo. [...] Então, gente, Nossa Senhora vai tirando isso tudo do caminho, ela vem limpando, igual àquele filme que tem de Nossa Senhora, que ela pega o manto dela e enxota o demônio pro inferno (E10).

Esse depoimento, eivado de intolerância religiosa, justamente numa época em que a Igreja Católica se encontra aberta ao diálogo com as religiões não cristãs, tem sua razão de ser. A paróquia da qual o CNS do SMT faz parte é de linha de RCC. Naturalmente, não há do que se estranhar no que se refere às influências do pároco, um carismático por excelência (tivemos oportunidade de analisar suas práticas como um mago-sacerdote em nossa dissertação de Mestrado) (RIBEIRO, 2011)¹⁷ sobre as pessoas que participam do CNS do SMT. Naquela paróquia, evangelização é sinônimo de demonização da religião do outro. Os focos de ataque são: religiões afro-brasileiras, espiritismo e Nova Era. Conforme relatam duas cenaculistas, certa vez estavam realizando o Cenáculo na casa de uma pessoa que acendeu alguns incensos. A reação da coordenadora naquela época foi a seguinte: “A [X] pediu pra pessoa: ‘não, por favor, tire isso pra mim’, porque ela passava mal, mas mal espiritual, com os incensos”, diz E11, ao que justifica E10: “porque existe incenso na Igreja, mas esse incenso aí...”, sugerindo ser incenso de macumba, ao que confirma E11: “Às vezes eles compram até na casa de macumba”.

Está muito latente no imaginário religioso do Catolicismo que a Igreja Católica é a única portadora da verdade absoluta. Isso gerou muitos conflitos no passado e não poucos chegaram até mesmo a ser mortos por terem sido considerados hereges (D’SOUZA, 2008, p. 126). A isso se chama intolerância religiosa, em que se vê aquele que pensa diferente como inimigo da fé. Agnes Heller (2008, p. 78) nos lembra de que “o desprezo pelo ‘outro’, a antipatia pelo diferente são tão antigos quanto a própria humanidade” e a razão disso está na própria fé das pessoas. Ao associar a polaridade amor-ódio, em relação à fé, Heller (2008, p. 71) diz que “o ódio não se dirige tão somente contra aquilo em que não temos fé, mas

¹⁷ RIBEIRO, Antônio Lopes. Movimento de Renovação Carismática Católica: um espaço de convivência da tradição e da modernidade. Goiânia: PUC-GO, 2011.

também contra as pessoas que não creem no mesmo que nós”. Daí a insuportável intolerância emocional que passa a imperar, no coração das pessoas, que se exterioriza em sentimentos de antipatia, desprezo e até de ódio pelo outro, como consequência inevitável da fé. É isso o que acontece no CNS do SMT. Outra coisa que evidencia bem a influência da RCC no Cenáculo é o ‘dom de revelação’:

[...] foi no cenáculo que obtive o dom da revelação, [...]. Nossa Senhora sempre me fala de uma forma ou outra, me mostrando alguma coisa sobre algo que é para ser dito naquele encontro e a gente revela e as pessoas aceitam e acatam o que foi revelado (E11).

No meio carismático, a crença no dom de revelação é bastante explicitada. Conhecido na RCC também como dom de ciência ou de conhecimento, esse dom sugere uma comunicação mais direta com Deus (CATALAN, 2008, p. 138). De acordo com o padre Léo (2007, p. 89), famoso pregador carismático, já falecido, o dom de revelação “é uma iluminação espiritual que nos faz perceber, ao meditar um texto bíblico, que Deus está falando diretamente ao nosso coração, que é uma palavra poderosa para nós”. O dom de Revelação, afirma o sacerdote, “nos ensina a perceber cada situação, mesmo aquelas mais dolorosas, do jeito que o próprio Deus as percebe”. Esse caso de E11 não é único no Cenáculo, pois uma das cofundadoras (que hoje participa de outro cenáculo) também tem esse dom, conforme afirma E11: “ela tem um dom que ela reza e ela vê as coisas, ela ouve revelação”. A assimilação desse dom, no caso de E11 rende seus frutos, porque, pelo que nos foi possível observar nas reuniões, as pessoas afirmam acreditar que ela realmente tem esse dom, a ponto de levarem a sério aquilo que diz.

Outra influência da RCC, no CNS do SMT, está ligada à prática da imposição das mãos. E17 relata uma experiência de mudança de vida no Cenáculo que envolve essa prática:

Cada vez que eu ia, todo grupo empunhava suas mãos e eu de joelhos recebia suas orações. Eu recebia toda ‘energia’ de todas aquelas mãos empunhadas em nome de Jesus Cristo, com a intercessão de Nossa Senhora e eu me sentia livre, limpa e cada dia melhor. Muitas vezes eu sentia cheiro de rosas, jasmim, uma brisa suave e a paz chegava no meu coração, como num abraço de Mãe (E17).

Esse testemunho de E17 mostra que, pela imposição das mãos, os cenaculistas passam uma energia curativa para a pessoa, por meio da oração

(HONERVOGT, 2005, p. 26). Esse gesto tem um significado muito profundo, no imaginário das pessoas que participam do CNS do SMT, refletindo uma prática já habitual na RCC, em que se acredita, conforme afirma Abigail Rian Evans (2002, p. 127), ser a própria mão de Deus a tocar uma pessoa através de outra. Esse gesto pode tornar-se um benefício físico, psicológico e social, em que em alguns casos “as pessoas que recebem imposição de mãos experimentam sensações de poder, calor, luz e formigamento”. Dando seguimento à discussão, veremos, a seguir, sobre as imagens no CNS do SMT.

1.2.3 Imagens no Cenáculo

Em cada expressão ideológica ou religiosa, faz-se presente um símbolo representativo expressando pelo menos uma de suas características. No caso do Cristianismo, esse símbolo é o Crucifixo, que, para os cristãos, se tornou, a partir do século VI, ícone universal representativo do mistério da salvação (FONSECA, 2005, p. 48). Escândalo para os gregos (1Cor 1,18-23) e judeus (Gl 5,1), de símbolo da maldição, no Antigo Testamento, a cruz tornou-se símbolo da salvação, no Novo Testamento (Gl 3,13). Como a centralidade da devoção popular católica é fortemente santoral,¹⁸ em razão disso, existem outros símbolos, denominados de imagens, representativos dos santos. A imaginação popular processa a fé de modo mágico, tendendo a valorizar a proximidade com o sagrado (OTTEN, 1990), tornado possível pelo símbolo que é a imagem do santo ou da santa (OLIVEIRA, 1976).

A partir dos dados de nossa pesquisa, foi-nos possível observar que o CNS do SMT se aproxima bastante das práticas do Catolicismo Popular, no que se refere à devoção mariana, que se dá pela proximidade, pela incorporação da Virgem na imagem,¹⁹ dispensando a via intermediária do Catolicismo Oficial, na mediação entre os fiéis e o sagrado (STEIL, 2001; VAZ, 2005; ZILLES, 2006). Embora os cenaculistas considerem a presença de Cristo corporificada no crucifixo, que se

¹⁸ O que deu dinamicidade à religião que se implantou no Brasil, desde o início da colonização, foi justamente a devoção e culto aos santos, trazidos para cá pelos colonizadores, o que teve lugar nas confrarias, irmandades, oratórios, capelas e santuários (AZZI, 1976; SILVA, 1994; GALILEA, 1978).

¹⁹ Na tão gasta e já discutida polarização entre tradição e modernidade, essa prática que envolve a corporificação do santo (ou da santa) e o fiel, numa relação de proximidade e intimidade, tão antiga no imaginário católico popular, mostra ser impossível traçar uma linha divisória entre tradição e modernidade, sendo mais coerente afirmar que o iluminismo errou ao idealizar que o mundo moderno “deveria se desvencilhar por completo da tradição” (GIDDENS, 2010b, p. 54). Afinal de contas, a tradição encontra cada vez mais espaço para se projetar em plena modernidade.

coloca numa espécie de altar improvisado, é a imagem de Nossa Senhora que mais chama a atenção.²⁰ E1, comerciante, 53 anos, casado, pai de dois filhos, fala sobre a importância da presença da imagem na casa da família que recebe o Cenáculo: “Durante a semana que a imagem da santa fica na casa da família, eles sentem-se amparados, protegidos, confortados e confiantes de que terão seus pedidos atendidos pela santa” (E1). Os cenaculistas valorizam muito a presença da imagem de Nossa Senhora em suas casas. A ideia que se tem é da ‘imagem peregrina’, que vai de casa em casa. “Ela fica uma semana em casa, oito dias com Nossa Senhora dentro de casa”, exclama E15. Isso mostra que, para o cenaculista, Nossa Senhora se faz realmente presente, corporificada na sua imagem.

Com efeito, na devoção e culto aos santos, a relação entre o fiel e os santos se dá pela proximidade, superando, assim, a dificuldade de relacionamento com o mundo abstrato (OTTEN, 1990, p. 98). Assim, o Catolicismo Popular expressa, de modo particular e espontâneo, suas necessidades, angústias, anseios, esperanças, cujas respostas adequadas somente ali serão encontradas, no encurtamento ou total eliminação da distância estabelecida pela religião oficial, entre sagrado e profano²¹ (PARKER, 1995, p. 55-56). Isso acontece quando o santo se funde na sua própria imagem (OLIVEIRA, 1985), de posse do devoto, individualmente ou coletivamente, como é o caso do CNS do SMT, cuja imagem da Virgem que peregrina de casa em casa, pertence a todos aqueles que participam do Cenáculo.

De acordo com Oliveira (1985, p. 114), “o fato de estarem no céu não impede que os santos estejam ao alcance dos homens” na terra, incorporados em suas imagens, podendo estas ser tocadas pelos fiéis. Embora saibamos que muitas imagens são fabricadas em série, uma igualzinha à outra, ela ganha um sentido próprio distintivo sobre as demais, de forma tal que, se é feita uma promessa perante uma imagem, num determinado lugar, a promessa só pode ser paga naquele lugar, perante aquela imagem, objeto do pedido. A imagem está de tal forma relacionada ao santo que, na opinião de Steil (2001, p. 22), ela “os torna uma única e mesma coisa”, havendo, portanto, uma identificação do santo com sua imagem. Suas representações são facilmente encontráveis em estampas, em

²⁰ No catolicismo popular há uma infinidade de santos que de certa forma tira Deus do centro das atenções dos devotos. Mas isso, na concepção de Roger Bastide (2006, p. 75), não tem qualquer problema, porque “Deus pode deixar subsistir abaixo de si a coorte dos semideuses: eles já não passam do caminho que conduz o homem até ele”.

²¹ O profano é o antônimo de sagrado, “que se define como a ausência do caráter sagrado. São profanos todos os fenômenos que não ‘saltam fora’ como sagrados” (BERGER, 2004, p. 39).

imagens nos oratórios, nas capelas, igrejas, santuários, nos cemitérios, nos cruzeiros, ou até mesmo junto a si, dentro da carteira. Como não necessita de um mediador, porque o espaço entre o mundo concreto e o abstrato é nulo, afinal de contas o santo está encarnado na imagem que o representa (OLIVEIRA, 1976, p. 20), basta o fiel ir diretamente ao santo, conversar com ele, expor seus problemas, agradecer pelas graças recebidas, ou prestar-lhe um ato de culto.

Reforçando o que foi dito acima, não se trata de considerar as imagens como sendo “apenas uma representação que evoca alguém que esteve entre os vivos”, mas sim como “um sacramento”: algo que torna presente no mundo visível, de forma eficaz e real, personagens que transitam entre os vivos e os mortos” (STEIL, 2001, p. 23). Essa presença corporificada do santo na imagem é básica no Catolicismo Popular. Isso nos ajuda a entender a proximidade, no CNS do SMT, do fiel devoto com a santa, cuja corporificação possibilita o contato direto entre o cenaculista e Nossa Senhora, que está ali, de tal forma presente, ao alcance de qualquer fiel, tornando-se objeto de culto, dispensando a mediação de um especialista do sagrado. Também explica a importância que tem, para os cenaculistas, a imagem ficar por uma semana na casa onde se realizou o cenáculo. Para os cenaculistas hospedeiros da Virgem Maria, isso é tão vivo, tão concreto, que ela realmente se torna uma hóspede especialíssima, protegendo e abençoando a família. Veremos, a seguir, sobre a centralidade de culto no CNS do SMT.

1.2.4 Centralidade simbólica da devoção no Cenáculo: Maria ou Jesus Cristo?

De acordo com Brandão (1980, p. 212), no Catolicismo Popular “cada mito atesta de modo exemplar a origem e os atributos próprios de um tipo de relação de patronato entre a comunidade de devotos e o santo padroeiro”. Esse papel patronal que ‘amarra’ necessariamente a fidelização devocional do fiel, no caso específico do CNS do SMT, é atribuído a Nossa Senhora. Como o imaginário do Catolicismo Popular tem um repertório vastíssimo, com um santo para cada especialidade ou necessidade empírica do fiel, no CNS do SMT, onde ocupa o centro da devoção, inclusive com um núcleo próprio em torno de suas mensagens, que compõem o livro-guia, a figura de Nossa Senhora como que sintetiza todas essas especialidades santorais, com um poder mediador que a coloca acima de todos os santos.

Historicamente, a intensa devoção aos santos tem sua razão de ser. O Deus que foi teologizado no Cristianismo tornou-se muito rigoroso, punitivo e distante, sedento por justiça. Assim, no caso da devoção mariana, Maria é mais próxima, moderada, misericordiosa e acessível. Além disso, como vimos no item anterior, corporifica-se na imagem que a representa (STEIL, 2001; OLIVEIRA, 1976), podendo ser tocada e até beijada. A centralidade de Maria, na piedade popular, de acordo com Segundo Galilea (1978, p. 65-66), se deve a uma teologia cristocêntrica²² que não foi assimilada por grande parte dos católicos que preferem prestar veneração a Maria. No caso do CNS do SMT fica bastante evidente que a imagem da Virgem é o centro simbólico da devoção, até porque o MSM é dedicado a Ela. Porém, existem pessoas dentro do cenáculo que se alinham às orientações do Vaticano II, no que concerne à centralidade de Cristo na fé cristã, como o único mediador entre o transcendente e o ser humano:

Jesus é [...] o caminho que leva ao Pai, e eu acredito que Nossa Senhora seja um caminho pra levar a Jesus. Eu acho que o cenáculo faz isso. E a gente sente isso nas pessoas. Nos depoimentos, nos testemunhos que elas dão. E elas já têm essa correlação, elas falam de Deus e de Nossa Senhora. Isso também é importante (E10).

De fato, no CNS do SMT existe uma diferença de comportamento com a figura de Nossa Senhora, que se dá ou de forma mais racionalizada,²³ alinhada ao Catolicismo Oficial, ou menos racionalizada, mais alinhada ao Catolicismo Popular. Embora a Igreja desaconselhe equiparar Maria com Deus, no culto cristão, e que o

²² Por razões históricas, devidas ao arianismo, que concebia Cristo menor que o Pai, no intuito de corrigir esse erro, o catolicismo construiu uma cristologia que exaltava intensamente a divindade de Jesus, descuidando-se de sua dimensão humana. “Isto levou a fé ibérica e latino-americana a uma consciência muito forte de que ‘Cristo é Deus’”. Consequentemente, o povo se afastou da “humanidade e dos valores encarnativos da presença do Filho de Deus entre nós”. Criou-se, assim, na consciência do povo ibero-latino-americano, a ideia de um Cristo distante, “totalmente ‘do lado do divino’, confundido com o Deus Pai”, perdendo dessa forma, sua função mediadora, resultando disso “um vazio de mediação entre um Deus distante e o povo”. Por ser naturalmente propenso ao sagrado, o povo necessita de mediadores, para sentir de perto as benesses da divindade. Logicamente, esse vazio, que deveria ser preenchido pela humanidade de Jesus, acabou sendo preenchido, na memória popular, pela Virgem Maria e por um verdadeiro panteão de santos e santas, que passaram a manifestar, eles próprios, a proximidade e o amor de Deus (GALILEA, 1978, p. 65-66).

²³ Isso, porém, não é indicativo de que o catolicismo popular esteja a desaparecer. Aquele catolicismo a que Brandão se refere como sendo de “reza” e “viola”, sobrevive, ainda que tenha sido influenciado por uma empreitada ferrenha da Igreja Oficial, que consistiu em purificá-lo através da romanização (ou tridentização), bem como aquelas influências próprias de ideologias racionalizantes no mundo pós-moderno; graças a seu sistema religioso ser de base comunitária e não-eclésiástica, ainda hoje se mostra eficiente “como portador de serviços e símbolos acreditados entre os seus praticantes” (BRANDÃO, 1980, p. 204), como ocorre no CNS, em que se acredita em revelações de cunho apocalíptico e de forte legitimação da moral cristã de cunho conservador.

próprio Vaticano II tenha reafirmado a centralidade de Jesus, considerando Maria como apenas sua colaboradora (MURAD, 2012), a devoção popular geralmente cruza os limites estabelecidos pela teologia e coloca Maria não só no centro, mas numa posição até mesmo superior à de seu filho, Jesus (HINES, 2005). Isso se evidencia no depoimento a seguir.

Tem gente que adora aquela imagem [...] de Nossa Senhora [...] A gente tinha que evangelizar pra dizer que aquilo ali não era pra gente adorar. Aquela figura que está ali, de Nossa Senhora, é só pra nos lembrar, representa. Tinha gente que confundia muito isso [...] no cenáculo. Achavam que a gente estava trazendo Nossa Senhora e que ela era tudo. Nossa Senhora não é tudo, é muita coisa, tudo mesmo é Jesus [...] Há uns tempos atrás, as pessoas esqueciam de trazer o crucifixo, porque, o que a gente aprendeu das lições do cenáculo, a cruz tem que vir em primeiro lugar e as pessoas achavam que aquilo era só Nossa Senhora (E11).

Teolatria (adoração a Deus) ou idolatria (adoração de imagens) (GRINGS, 2007). Eis a questão polarizada com relação à adoração, motivo de grandes polêmicas que dividiu grande parte dos cristãos, no decorrer da história. De acordo com Müller (2004, p. 268), ao serem acusados de adorar imagens, os católicos se defendem, dizendo “que a imagem é apenas a representação da divindade ou de um santo, enquanto que para os idólatras, o ídolo é a própria divindade”. Na visão de Steil (2001, p. 22), para o fiel a imagem e o santo se tornam uma coisa só. Embora possam aludir que hoje as coisas sejam diferentes e que muita gente foi evangelizada, pelo que pudemos observar, nas reuniões do Cenáculo, ainda persiste esse tipo de prática, que o entrevistado E1 procura justificar, afirmando que

São pessoas que não têm conhecimento, então eles acham que se ajoelhando diante da imagem e fazendo um pedido a Nossa Senhora ela vai resolver o problema, mas ela acolhe aquela dificuldade, a tribulação e intercede e roga e leva ao seu Filho Jesus (E1).

Parece-nos que essa diferença, que se verifica na forma de veneração à Virgem Maria, corresponde a uma assimetria existente entre os moradores do SMT e os do Setor de Chácaras. Aqueles que moram no SMT têm um poder aquisitivo melhor do que os do Setor de Chácaras e isso lhes dá uma maior possibilidade de terem uma formação intelectual mais elevada, proporcionando-lhes, assim, uma maior racionalização, ao passo que aqueles moradores do outro setor, por terem um poder aquisitivo menor, não tiveram a mesma oportunidade de estudo, por isso são

mais tendentes a um comportamento menos racionalista, no que se refere à forma de veneração a Nossa Senhora. Assim, apesar de que, numa linguagem baumaniana, na contemporaneidade o sólido se liquefaz e quaisquer fronteiras são, portanto, fluídas (BAUMAN, 2001), temos, de um lado, um grupo mais racionalizado, alinhado às orientações do Catolicismo Oficial, para o qual se torna mais clara a ligação de dependência de Nossa Senhora a Jesus Cristo, em que Maria ocupa um lugar mais secundário, enquanto Jesus Cristo ocupa a centralidade, e, do outro, um grupo mais alinhado ao Catolicismo Popular, que se concentra mais em Maria, esvaziando, assim, a importância de Jesus, dentro do Cenáculo.

A seguir, E19 faz uma leitura mais crítica sobre esta questão, amenizando as coisas, ao mostrar seu lado positivo. Na sua concepção, para Deus não importa se a adoração se dê sob forma direta a ele ou se de forma indireta, por meio daqueles que foram santificados pela Igreja: os santos ou Maria. O que importa é a boa intenção.

Tem muito a questão da religiosidade popular, e o povo se apega muito ao santo. Antigamente as igrejas ficavam muito cheias de santos, o padre Cícero, Nossa Senhora Aparecida, Nossa Senhora de Nazaré, então as pessoas às vezes se apegam, são simplórias, [...]. Não sabem o significado [...] fazem às vezes [...] pela fé muito simples. Deus acolhe isso, na simplicidade das pessoas, Ele não vai julgar se ela vai aos pés de Nossa Senhora, ou se ela vai aos pés do Santíssimo. O padre X [...] ensina hoje que as pessoas vão lá na imagem de Nossa Senhora. Ele já tirou a imagem de Santa Edwiges uma vez porque as pessoas iam rezar frente à sua imagem e se esqueciam de Jesus Cristo (E19).

Essa fala nos mostra que a prática devocional vinculada à Virgem, muito característica do Catolicismo Popular, não se alinha à compreensão dada pela Igreja Católica que vincula a missão de Nossa Senhora à missão do próprio Filho, Jesus. O Vaticano II considera Jesus Cristo como único mediador entre o Céu e a Terra e Maria como sua colaboradora (MURAD, 2012, p. 18), sendo por isso considerada imagem arquetípica do discipulado cristão para o homem e para a mulher (HINES, 2005, p. 11-12). Portanto, pelo que se pode observar nas falas dos cenaculistas, como veremos ainda neste capítulo, a forma como a crença é ali processada se aproxima daquelas práticas do Catolicismo Popular, embora varie de pessoa a pessoa, de acordo com um menor ou maior grau de racionalidade da crença, o que sinaliza uma gradativa aproximação ou distanciamento do Catolicismo Oficial. Ou seja, dentro do cenáculo existem pessoas cujo nível intelectual mais elevado implica

uma maior racionalização das práticas religiosas, aproximando-se mais do Catolicismo Oficial, ao passo que existem pessoas mais simples, com menor nível intelectual, cujas práticas religiosas são mais encantadas, distanciando-se, assim, de um catolicismo racionalizado, indo mais na direção de um catolicismo mágico, genuinamente popular (BRANDÃO, 1980; AZZI, 1977).

Essa tendência que se verifica no Cenáculo comprova a tese de Parker (1995, p. 58), quando afirma que “os diferentes modelos religiosos presentes na mentalidade coletiva não têm limites empíricos totalmente definidos, mas estabelecem diferenciações significativas”. Isso faz com que uma prática que siga um ritual idêntico tenha registros distintos. Ou seja, uma professora, por exemplo, certamente recorrerá a “raciocínios e teorias, a processos de codificação e decodificação” culturalmente mais distantes da forma de raciocinar e de categorizar de pessoas mais simples, como é o caso da empregada doméstica. Por mais que soe ambíguo, contudo, essas pessoas com um maior poder de racionalização de suas crenças e ritos, em momentos críticos de suas vidas, ao entrarem em estado de tensão, com possível perda de sentido, não vacilam em recorrer a Nossa Senhora ou ao santo de sua devoção, com reza de terço, novenas, promessas, sem quaisquer constrangimentos. Afinal, a linha que separa a racionalidade da religião oficial do mundo mágico do Catolicismo Popular é muito tênue.

1.2.5 Os testemunhos como um poder legitimador

Nos programas religiosos transmitidos pela TV, no meio neopentecostal e na RCC e mesmo em cultos e missas de cura e libertação, é habitual que as pessoas que passem por uma experiência de libertação, de cura, de solução de algum problema, sejam motivadas por um agente religioso, um leigo ou mesmo por conta própria, a dar testemunho²⁴ da ‘graça recebida’. No CNS do SMT, fortemente influenciado pela RCC, a regra se repete. Assim, os testemunhos, muitos dos quais constituem uma verdadeira ontogenia (CAMARGO, 2009, p. 8), reforçam a crença em Nossa Senhora, legitimando seu poder junto a Jesus, em sua ação mediadora.

²⁴ A partir do momento em que o homem cria dentro de si uma visão religiosa ou mesmo quando um piedoso sentimento do divino penetra sua alma, ele se sente impulsionado a partilhar com os outros essa experiência, exteriorizando-se. “Pressionado por sua natureza, o homem religioso fala por necessidade, é precisamente por esta natureza que ele procura também ouvintes”. Dessa forma, ao tomar conhecimento do Infinito, por meio da intuição, o homem não consegue retê-lo somente em si, pois se sente impulsionado por sua força a externá-lo (SCHLEIERMACHER, 2000, p. 103).

Ponto alto do Cenáculo, que se dá em dois momentos distintos, chamados de ‘partilha’, primeiro após a leitura do Evangelho do dia, depois após a leitura da mensagem de Nossa Senhora, para E12, representante comercial, 55 anos, casado, pai de três filhos, o testemunho é “o momento de trocar experiência porque, se eu dou um testemunho, a gente ouve alguém dizer assim: gente, aquele testemunho [...] eu tô vivendo daquele jeito, eu vou me mudar, eu vou mudar o meu jeito”. Trata-se de um momento de bastante intimidade entre os participantes, em que as pessoas compartilham suas experiências vividas, as graças alcançadas pela intermediação de Nossa Senhora e que se tornam exemplos a serem seguidos. Para Agnes Heller (2008, p. 55), não existe vida cotidiana sem imitação. Ao assimilar o sistema consuetudinário, “jamais procedemos meramente ‘segundo preceitos’, mas imitamos os outros”.

A necessidade de dar testemunho é uma forma de legitimar as próprias convicções. De acordo com Hervieu-Léger (2005, p. 174), o testemunho tem por finalidade estabilizar as significações produzidas pelo indivíduo, já que, em sua ânsia em dar sentido à sua experiência cotidiana, raramente se contenta com a própria convicção. Em razão disso, ele procura “encontrar no exterior a certificação de que as suas crenças são pertinentes”. De acordo com essa autora, o testemunho é dado em ambiente familiar ou em grupos de amigos confiáveis, cujas mudanças na pessoa podem posteriormente ser constatadas.²⁵ Vejamos o que diz E15:

[...] minha irmã estava perdendo a visão de um olho. Essa notícia abalou meus pais, eu, meus irmãos e minha família [...] naquele momento nós só tínhamos Deus. Ainda assim, chorando muito, fui ao cenáculo tentando achar uma resposta, e antes de ir pedir a Nossa Senhora que desse uma luz, um sinal, [...] pedi com tanta fé como nunca havia pedido nada em minha vida [...]. Ao chegar na casa que iria acontecer o cenáculo, na mesa ao lado de Nossa Senhora estava o quadro de Santa Luzia e em suas mãos ela segurava dois olhos. Quando chegou a hora da leitura do Evangelho daquele dia, era a ‘cura de um cego em Jericó’ e ali senti que foi a confirmação da cura de minha irmã. Cheguei em casa e contei para todos e com fé aquela notícia foi recebida. Minha irmã hoje está curada. Hoje esse acontecimento na minha vida significa que a fé é tudo. Que Jesus Cristo é um filho obediente que atende ao pedido de sua mãe, que intercede pelos seus filhos pecadores (E15).

²⁵ Paul Ricoeur (2006, p. 142) fala sobre a articulação de duas vertentes num testemunho: “por um lado, seu enunciado consiste na asserção da realidade factual de um acontecimento relatado; por outro, ele comporta a certificação ou a autenticação da declaração da testemunha por seu comportamento ordinário”.

Um testemunho como esse funciona como um poderoso instrumento de validação e legitimação da crença no CNS do SMT. Reforça a ideia que se tem, ali, do poder intercessor de Nossa Senhora, em prol dos cenaculistas, mostrando que suas mensagens, conforme relato de E9, têm o significado de “uma mãe aconselhando seus filhos, alertando, ensinando sobre as advertências e tentações deste mundo, dividindo também suas alegrias conosco e no final nos abençoando, nos consolando que ela sempre estará conosco até o fim.” Com os testemunhos temos no Cenáculo um regime de validação e legitimação comunitária do crer, no qual, segundo Hervieu-Léger (2005, p. 176), “crentes convictos investem certezas partilhadas em formas comuns de organização da vida quotidiana e de ação no mundo”. É desse modo que o CNS do SMT se constitui como uma instância de legitimação, inscrevendo um regime próprio de validação e legitimação de crenças, no âmbito de um regime mais amplo, de validação e legitimação institucional (que é a Igreja Católica). Esse regime de validação comunitária do crer exige uma contrapartida por parte do indivíduo, em que é a própria “intensidade do compromisso assumido por cada um que valida, para os outros, as crenças partilhadas” que têm como o único critério válido a autenticidade da procura espiritual (HERVIEU-LÉGER, 2005, p. 177; 179), que se exprime no Cenáculo, para cada um dos que dele participam.

Os testemunhos proporcionam um ganho social significativo. A partilha de experiências entre os cenaculistas é de suma importância na solução dos impasses próprios da vida cotidiana, pois, consoante Berger e Luckmann (2004, p. 18), “uma vez que a maioria dos problemas, com os quais se defronta o indivíduo, também se coloca tipicamente na vida das outras pessoas, as ‘soluções dos problemas’ são relevantes não só subjetiva, mas também intersubjetivamente”. De uma forma ou de outra, quando se vive num grupo religioso como o Cenáculo, em que há um intercâmbio entre as experiências, há sempre a oportunidade na solução de um ou outro problema, pois ou estes “surgem no agir social interativo, de modo que também as soluções sejam encontradas em comum, ou são objetivados numa das diversas formas possíveis”, dentre as quais o testemunho, tornando-se acessíveis a outros, por meio de “sinais, instrumentos, construções, mas, sobretudo, em formas comunicativas de linguagem” (BERGER; LUCKMANN, 2004, p. 18).

O significado social dos testemunhos consiste em que as experiências objetivadas por alguém vão ao encontro de situações concretas vividas por outras

peças que participam do Cenáculo, havendo grande probabilidade de que, num movimento mútuo, as experiências de um encontrem eco na experiência de vida dos outros, obtendo-se, assim, respostas satisfatórias a seus problemas, dificuldades e aspirações, diminuindo, sobretudo, a carga de tensão que recai sobre si (BERGER; LUCKMANN, 2004). Na partilha solidária, ao ouvirem um testemunho dado por alguém, relatando alguma conquista ou mesmo a superação de um problema, os cenaculistas passam a considerar suas próprias dificuldades, problemas e aspirações sob um novo olhar, uma nova luz, com um renovado ânimo e esperança.

A partir do momento em que se partilha um testemunho, todos saem ganhando: tanto quem o dá quanto quem o ouve. A um testemunho dado, sempre há uma contrapartida, que se traduz em ricos comentários daqueles que o escutam e, assim, cada um pode assimilar para si a experiência do outro, associando-a, de um modo positivo, à própria vida. Ou seja, se a situação concreta objetivada por uma determinada pessoa “for idêntica nos traços essenciais com outras constelações já conhecidas, então o indivíduo pode recorrer a patrimônios de experiências e modos de agir já familiares e ensaiados” (BERGER; LUCKMANN, 2004, p. 19), cabendo lembrar ainda aqui, no esforço em legitimar as próprias convicções a partir do outro, numa espécie de espelhamento, o que disse Georg Simmel (2006, p. 111), que “todas as relações com os outros são, ao fim e ao cabo, somente estações de um caminho pelo qual o eu chega a si mesmo”.

Após conhecermos um pouco o MSM, os Cenáculos nele inseridos e, de modo específico, o do nosso universo empírico, o CNS do SMT, resta-nos agora um enquadramento do Cenáculo no universo religioso católico, como uma de suas múltiplas modalidades de expressão.

1.2.6 Situando o Cenáculo no universo católico

Conforme Segundo Galilea (1978, p. 14), a religião cristã é animada por duas formas de motivações: uma de ordem *evangélico-sacramental*, centrada, sobretudo, na assimilação da Palavra de Deus, na vivência dos sacramentos e no anúncio (ou missão), e outra, *devocional*, predominantemente sentimental e afetiva, responsável por responder “às legítimas necessidades psíquicas, sociais e culturais de qualquer religião, inclusive do cristianismo, que é fé encarnada”. Essas duas motivações, no âmbito do cristianismo, são legítimas, fazendo-se grandemente presentes no

Catolicismo, embora em distintos graus (GALILEA, 1978, p. 14). Houve época em que essas duas motivações correspondiam ou ao Catolicismo Oficial, ou ao Catolicismo Popular, para referir-se às formas de expressão da fé católica. Hoje a realidade é outra. Fala-se em catolicismos, no plural, conforme acentuam Teixeira (2009) e Sanchis (1992). De fato, a forma mais original que o povo tem de expressar sua fé, na atualidade, compõe um grande mosaico religioso com um intenso colorido, bebendo de uma mesma fonte: a da Igreja Oficial (BRANDÃO, 2005; STEIL, 2001). Mas, essa gama de representações religiosas, correspondendo à maioria expressiva da Igreja Católica, sem fronteiras definidas entre si, da qual o CNS do SMT é parte integrante, bebe também de outra fonte: a do Catolicismo Popular, com o qual mantém um intercâmbio, tornando-se sincrético, híbrido.

Entendido por Parker (1995, p. 51) como um comportamento bastante significativo da cultura popular,²⁶ correspondendo ao modo como o povo tem de expressar sua fé, segundo Brandão (2005, p. 31), o Catolicismo Popular tem como característica comum o fato de ser tradicionalmente laico e rural, chegando praticamente “a constituir um parassistema religioso setorialmente autônomo em face de uma Igreja de que ele sempre se reconhece parte”, mostrando-se, contudo, por vezes, paradoxal e com maior complexidade, no que se refere à supervalorização das crenças. São traços característicos do Catolicismo Popular ser profundamente simbólico, santoral, com uma religiosidade itinerante (que inclui visitaçãõ a lugares sagrados como capelas, templos, santuários, etc.), de uma incomparável capacidade de oração, resignação, sacrifício e solidariedade (GALILEA, 1978, p.17; 59).

Profundamente ligado à emoção, ao sentimento, na assertiva de Parker (1995, p. 165; 285), o Catolicismo Popular é “uma religião da vida, antes que de uma religião da ética ou da razão. Uma religião do rito e do mito, dos sonhos e da sensibilidade, do corpo e da busca do bem-estar intramundano”. Como bem lembra o autor, sobre um jargão popular, “não basta crer, é preciso ‘viver a fé’”. O Catolicismo Popular é isto: uma religião em que se conjuga vida ritualística com vida empírica, podendo estar ligada ou não às práticas e orientações religiosas oficiais. Muito centrado no aqui e agora, no imediatismo próprio da vida empírica, o

²⁶ Entendida por Victor Hell (1989, p. 110) como um modo todo peculiar que o povo tem de viver, de se comportar, de praticar e ritualizar suas crenças, influenciando em experiências e atividades desde o nascimento até a morte.

Catolicismo Popular funciona como “um mecanismo simbólico que contribui para suportar a incerteza e não subtrai os esforços concretos para a obtenção de soluções imediatas e globais”, pondo-se ao lado da vida (PARKER, 1995, p. 286).

As diferenças entre o Catolicismo Oficial e o Popular são evidentes. Cabe ao primeiro exercer, por meio de seus agentes religiosos, uma função social como organizador da vida coletiva, ao passo que ao segundo se reserva a função de domínio simbólico sobre a natureza, com a intervenção do Catolicismo Oficial unicamente no sentido de “assegurar o uso dos mesmos significantes católicos” (OLIVEIRA, 1985, p. 135). Enquanto o Catolicismo Oficial seja, sem dúvida, possuidor das mais prestigiadas e legítimas formas religiosas, que lhe dão o poder de “legalizar e legitimar atuando a partir de fora”, é o Catolicismo Popular que “detém o monopólio das emoções (e do sofrimento em estado bruto), atuando por dentro” (DAMATTA, 2004, p. 66). No que lhe dá certo caráter especial, no Catolicismo Popular, “sentimentos e ideias ligam-se em dramas visíveis e concretos, muito diferentes das formas eruditas de religiosidade, onde o culto salienta uma comunicação disciplinada e oficial com a divindade” (DAMATTA, 2004, p. 66).

Ainda que alguns autores possam afirmar uma oposição entre o Catolicismo Popular e o Oficial, sobretudo porque o Catolicismo Popular funciona muito bem sem a presença da hierarquia eclesial, em sua prática da fé (STEIL, 2001; OLIVEIRA, 1976), para Parker (1995, p. 55) essa oposição não estabelece uma fronteira nítida entre os termos. Eles se articulam numa relação dialética, sem, contudo, reduzir a esta “o significado e as múltiplas manifestações do fenômeno”. Steil (2001, p. 17) defende ser mais coerente pensar essas duas categorias como complementares e não excludentes. Num fluxo contínuo de trocas, de incorporação ou ressignificação de elementos, um se alimenta do outro. Por mais periférico que possa parecer, em relação ao Catolicismo Oficial, bem como à sua influência de ordem doutrinária e pastoral, prevalece no Catolicismo Popular um desejo consciente de pertencimento, de alguma forma, a ele (GALILEA, 1978, p. 69). Isso acontece com o CNS do SMT, que inclusive incentiva os cenaculistas a participarem sempre da missa e até mesmo assumir trabalhos pastorais na paróquia.

Esse entendimento sobre o universo religioso do Catolicismo permite-nos enquadrar o CNS do SMT como uma expressão alinhada tanto ao Catolicismo Popular, quanto ao oficial. Pelas características evidenciadas em nossa pesquisa empírica, como crença em milagres, intermediação de Maria, revelações, visões e

aparções de ordem transcendente, incorporação do santo à imagem, sincretismo, etc., consideradas pelo racionalismo moderno como mito, magia, superstições, podemos afirmar que o CNS do SMT se insere, por uma relativa aproximação, no universo do Catolicismo Popular, que se traduz no sentimento mais profundo que o povo tem, em uma determinada cultura, de expressar sua fé. Mas, também é verdade dele se afirmar que, por fazer parte do Movimento Sacerdotal Mariano (fundado por um agente religioso oficial), pela importância que ali se dá aos sacramentos, pela adesão a concepções marianas elaboradas pela ordem clerical, pela reiteração de valores ligados à família (como maternidade, indissolubilidade do matrimônio, fidelidade conjugal, etc.), como veremos no capítulo três, também se aproxima do Catolicismo Oficial, o que nos leva à conclusão de que o CNS do SMT bebe, ao mesmo tempo, de duas fontes: do Catolicismo Popular e do Catolicismo Oficial, ocupando, portanto, uma posição intermediária entre os dois, numa relação dialética, fruitiva. Com fulcro nessas informações a respeito do Catolicismo Popular, veremos, a seguir, como se dá a devoção de Maria, no CNS do SMT.

1.3 DEVOÇÃO A MARIA NA VISÃO DO CENÁCULO DE NOSSA SENHORA DO SETOR DE MANSÕES DE TAGUATINGA

A devoção a Maria no CNS do SMT segue a mesma lógica da devoção aos santos, só que num grau maior de importância, pois os santos são reconhecidos como pessoas comuns que dedicaram suas vidas a Deus, de forma intensa, levando uma vida digna desse título. Nossa Senhora não só é reconhecida por sua pureza e santidade, mas também por ter sido a mãe de Jesus, o filho de Deus. Por esse feito, acredita-se no meio católico que tenha sido assunta (elevada) ao céu de corpo e alma, particularidade esta que dá uma originalidade peculiar somente cabível a ela, razão pela qual tem um status mais elevado (AUGRAS, 2006, p. 25).

A Igreja Católica, por meio do Vaticano II, procurou refrear as práticas devocionais a Maria, rotulando-as de exageradas e supersticiosas e, em razão disso, ultrapassadas, considerando, por isso mesmo, inadequadas para uma Igreja com pretensões de adaptar-se à modernidade. Isso acabou provocando uma queda significativa nas devoções marianas, principalmente no início da década de 1970 (MURAD, 2012; HINES, 2005; COYLE, 1999). Apesar disso, as práticas devocionais do CNS do SMT, expressas nas falas de alguns cenaculistas, conforme a seguir,

comprovam que a devoção a essa figura exponencial do mundo cristão continua viva até hoje, no imaginário do Catolicismo Popular.

Conforme tivemos oportunidade de constatar, em algumas reuniões das quais participamos como observador, bem como nas entrevistas e discussões do grupo focal, Maria, a Nossa Senhora dos latinos, é de suma importância para o CNS do SMT. Os cenaculistas nutrem por Ela uma forte devoção, com tal intimidade que a chamam até de Mãezinha, dirigindo-se a Ela nesses termos, em suas orações. Os cenaculistas afirmam que sentem cheiro de rosas, recebem revelações, sentem sua presença. Como não poderia ser de outro modo (o Cenáculo é um movimento a Ela dedicado), Maria ocupa lugar de centralidade na devoção do CNS do SMT, em que é referida como portadora de várias qualidades, conforme a fala de E10:

Nossa Senhora é minha mãe, é minha intercessora. É o canal que leva a Jesus. Jesus nos deu Maria como mãe e a nós como seus filhos. Eu a vejo como o primeiro membro da Igreja, a que uniu todos os outros membros à cabeça, que é Jesus Cristo. Eu a vejo ocupando o mais alto lugar perto de Cristo e o mais próximo de nós. Ela é a que foi preparada pelo Pai com dons dignos de ser a mãe do Redentor. Vejo Maria como Ela é: advogada, medianeira, Mãe de Jesus e nossa mãe, Rainha do Céu e da Terra (E10).

Essa entrevistada resume muito bem aquilo que vimos discutindo até aqui e que ainda discutiremos mais adiante, principalmente no capítulo três. Ela dá um perfil completo sobre a visão que se tem de Maria, de um modo geral, na devoção popular, e de modo particular, no CNS do SMT, no qual E10 participa como membro cofundadora. A visão que se tem de Maria no Cenáculo é uma mescla do que sobre Ela se construiu ideologicamente, no Catolicismo Oficial, com o que, à revelia, foi traçado pela piedade popular ao longo dos séculos e que chega até nós hoje.

Essa multiplicidade de títulos e papéis sociais atribuídos a Maria, no CNS do SMT, que é essencialmente um reflexo da prática devocional tradicional, num contexto em que o mundo moderno se encontra demasiadamente racionalizado, mostra-se coerente com a hipótese defendida por Oliveira (1985, p. 115-116), conforme a qual “as representações e práticas do Catolicismo Popular atual guardam os mesmos traços essenciais do Catolicismo Popular de outrora”. Também mantém coerência com a ideia de continuidade da tradição, na modernidade, defendida por Anthony Giddens (1997) ao sustentar que determinados aspectos fundamentais à vida social, como família e identidade social (e aqui podem incluir-se

também todos os aspectos ligados à religião) polarizados pela tradição, mantêm-se praticamente intactos ante as investidas do iluminismo radicalizado.

Assim, permanece viva, no imaginário religioso popular do CNS do SMT, a figura de Maria, com tudo aquilo que significou para seus devotos, em toda a história do Cristianismo, cabendo recordar que, em uma cultura patriarcal em que se construiu a ideia de um Deus essencialmente masculino (GASPAR, 2002, p. 11), Maria passa a representar o lado feminino de Deus (BOFF, 1983, p. 22). Assim, ameniza todo o rigorismo próprio do autoritarismo da divindade cristã, que ao mesmo tempo em que ama, pune. A figura de Maria como mãe torna-se uma importante alternativa compensatória a “uma ideia extremamente masculinizada de Deus, encontrada principalmente em uma cristologia deficiente” (JOHNSON, 2006, p. 112), pois se faz sempre presente e muito próxima de seus fiéis, como acontece no CNS do SMT, ao apresentar-se incorporada na sua imagem, que peregrina de casa em casa, sendo venerada na intimidade da família que a recebe.

É marcante para o CNS do SMT o fato de Maria ter sido a Mãe de Jesus, pela ação do Espírito Santo, que nela se encarna. Em matéria publicada na *Revista Galileu* (ARTONI; NOGUEIRA, 2003, p. 21), Jacir de Freitas afirma que “hoje estamos resgatando a ideia de que Deus é mãe em Maria. Deus se encarnou no meio de nós e Ele veio nos braços de uma mulher também”. Na mesma matéria, ao comentar sobre o crescimento do culto mariano na atualidade, representando “uma importante transformação de paradigma na religiosidade contemporânea”, Clodovis Boff explica que “a figura do Pai Divino – que simboliza o guerreiro, o dominador, do pensamento forte – aos poucos cede espaço para a Mãe – mais doce e defensora não do confronto, mas da comunhão”. Para ele, “o feminino é mais a favor da vida [...] Ele é mais acessível à compaixão, à ternura, ao cuidado. E Maria é a concretização dessa nova dimensão subjetiva e cultural, é um ícone expressivo dessa onda mais ampla” (ARTONI; NOGUEIRA, 2003, p. 25).

Pela proximidade que se tem de Maria no Cenáculo, onde é constantemente acionada na solução de problemas cotidianos de seus devotos, na mesma linha descrita por E10, a entrevistada E9 a descreve como “mãe, intercessora, protetora, evangelizadora, caminho que nos leva à luz, seu filho, sem contar o exemplo de conduta, obediência e fé em nosso Pai”. Esses são qualitativos que evidenciam como se foi construindo, ao longo dos séculos, a ideia que se tem de Maria, nos dias de hoje. Cada época teve sua própria concepção sobre Maria. Assim, ela foi se

definindo no inconsciente coletivo da piedade popular (JUNG, 2000), até chegar aos dias de hoje, em que se apresenta como a Mãe de Deus, a Virgem Imaculada (JOHNSON, 2006), a que foi concebida sem pecado, por isso foi elevada à condição de Rainha do Céu e mãe de toda a humanidade, onde intercede por todos os seus devotos junto a seu filho Jesus (LE GOFF, 2010b, p. 114).

No Cenáculo, provavelmente mais que em outro movimento, é muito forte a presença de Maria, em que é carinhosa e solenemente chamada de ‘Nossa Senhora’. As pessoas que dele participam mostram uma intimidade²⁷ muito grande com ela, às vezes envolvendo um diálogo direto, como os que se seguem:

No meu dia a dia eu falo assim: Nossa Senhora, vamos comigo [...] senta aqui comigo. Quando meus filhos fazia alguma coisa errada, Nossa Senhora perdoe, eles não sabem o que fazem. Nossa Senhora fala com Jesus, porque ele não sabe o que tá falando, o que tá fazendo, mais tarde ele aprende (E10). “Nossa Senhora é minha mãe. Portanto é essa a importância que ela tem na minha vida. Eu acredito que ela está sempre ao meu lado, me mostrando o caminho a seguir” (E17).

Assim, Maria desempenha um importante papel social, ao dar sentido à vida das pessoas que, em sua subjetividade, sentem sua constante presença, sempre acionada nos momentos de dificuldade. No CNS do SMT, quando o fiel aciona a Virgem Maria, de certa forma ele procura compensar e substituir, simbolicamente, aquilo que a sociedade dominante lhe negou concretamente e que é essencial para sua sobrevivência. Ou seja, no lugar em que o sentido da vida é colocado “em tela de juízo, recorre-se a Deus e aos santos com os quais se estabelece uma espécie de pacto onde vigora um intercâmbio ritual: o suplicante deve realizar sua promessa em troca da realização do milagre” (PARKER, 1995, p. 158).

A partir dos depoimentos do grupo focal e das entrevistas, discutiremos alguns pontos principais que destacamos, por expressarem bem a visão que se tem de Nossa Senhora, no CNS do SMT. Para uma melhor disposição metodológica, disporemos, a seguir, as categorias qualitativas de Maria, por blocos, cujo título atribuímos por aproximação, a fim de facilitar melhor a condução de nossa análise.

²⁷ Nas palavras de Sérgio Buarque de Holanda (2010, p. 149), em *Raízes do Brasil*, é característico de nosso velho catolicismo (o catolicismo popular, de raízes na Península Ibérica) a permissão de “tratar os santos com uma intimidade quase desrespeitosa e que deve parecer estranho às almas verdadeiramente religiosas”. Um exemplo disso, conforme o autor, é a festa de Bom Jesus de Pirapora, em São Paulo. Aqueles que assistiram a ela, “conhecem a história do Cristo que desce do altar para sambar com o povo”. Isso mostra que catolicismo popular e cultura popular compõem uma mesma realidade em que o profano tem um quê de sagrado e o sagrado tem um quê de profano.

1.3.1 Nossa Senhora como intercessora de ‘seus filhos’

Existem determinados fenômenos decorrentes da experiência humana que não são explicáveis apenas por meio de causas materiais e mundanas. De acordo com o indiano Amit Goswami (2008, p. 27), “a única explicação possível é que os fenômenos são causados pela intervenção de Deus”. O autor chama essa intervenção divina de ‘*causação descendente*.’ São forças sobrenaturais que agem sobre a imanência. Dada a proximidade de Nossa Senhora junto a Deus, acredita-se no Catolicismo que tenha grande poder de intercessão em favor de seus filhos. Conforme explica Elizabeth Johnson (2006, p. 111-112), “os católicos dizem que Maria forma Cristo neles, que Ela está espiritualmente presente para guiar e inspirar, que Ela é o elo entre eles e Cristo e que quem tem aspirações espirituais vai a Jesus por intermédio de Maria”. Ou seja, os católicos “pensam e pregam que toda graça vem de Deus por meio de Cristo via Maria”. No CNS do SMT, o ponto decisivo que fundamenta a ideia de Maria como intercessora, de acordo com o depoimento de E2, é o relato de João, sobre o milagre acontecido na festa de casamento de Caná da Galiléia (Jo 2, 1-11), em que estiveram presentes Maria, Jesus e seus discípulos.

Nossa Senhora sempre nos convida a pedirmos, a confiarmos nela. Ela como mãe de Jesus, assim como aconteceu com o primeiro milagre de Jesus, ela viu aquela situação ali e não tinha mais vinho, e conversou com o filho, então que a gente possa assim, confiar mais em Nossa Senhora, acreditar mais que ela realmente é nossa intercessora [...] Hoje em dia, confio muito e sinto muito a presença de Nossa Senhora em minha vida. Eu hoje estou muito feliz e muito grato por fazer parte do cenáculo (E2).

Assim como se deu com os outros dogmas, antes de seu reconhecimento, às vezes tardio, pela Igreja Oficial, a ideia da Mãe Intercessora, mesmo sem ter qualquer perspectiva próxima de reconhecimento, por parte da Igreja, está bastante tempo viva na memória popular (AUGRAS, 2006, p. 25). A própria Misericórdia personificada, Nossa Senhora, aparece facilmente ao ver a alma e o espírito de seus devotos “de coração partido, ferido, extenuado; e também quando a estrada é longa e o ouro dos carismas e talentos da alma representa um grande peso para a vida criativa, ou quando a vida da família ou do trabalho está emaranhada”. É como mãe que ama profundamente a seus filhos que, sobretudo nessas ocasiões, se curva a fim de cuidar da alma necessitada (ESTÉS, 2012, p. 16).

Repete-se no Cenáculo, conforme o relato de E2, esse ponto forte da devoção popular que tem em Maria, a Mãe que intercede junto a seu filho Jesus, por seus filhos terrenos, em momentos de dificuldade, de grande aflição. Com efeito, é muito forte no Cenáculo o duplo papel de Maria, como mãe e intercessora: “Nossa Senhora, além de minha mãe, é também a intercessora entre Jesus e os meus anseios”, diz E14, 53 anos, professora, casada, mãe de quatro filhos, resumindo em poucas palavras esta crença que é central na devoção a Maria, no CNS do SMT.

Da mesma forma como se crê, no Cristianismo, que a salvação proporcionada por Jesus ao ser humano seja extensiva a toda a humanidade,²⁸ a especialidade de Maria como intercessora e mediadora tem igualmente um caráter universal, conforme o depoimento de E1, uma pessoa que tem uma caminhada há mais tempo dentro do Cenáculo e que, naturalmente, por experiência própria, conhece em maior profundidade o papel desempenhado por Nossa Senhora, que, conforme acreditam os cenaculistas, tem grande poder intercessor.

E o que mais me deixa encantado é que ela é intercessora de cada um de nós, a intercessora de todos os cristãos, de toda a humanidade. Ela está sempre rogando, sempre intervindo em todos os momentos difíceis por que passamos, todos os momentos que nossas famílias atravessam, de tribulações, de dificuldades, de desânimos, desespero, ela é a mãe suprema. [...]. Ela foi assunta aos céus, está à direita de Deus Pai, mas está sempre, eu imagino que ela está sempre intervindo, sempre pedindo, rogando, intercedendo pelas nossas dificuldades. Principalmente pelas famílias, porque ela foi um exemplo de chefe de família (E1).

Esse depoimento de E1, além de apresentar Maria como alguém sempre disponível, em qualquer situação da vida, sempre disposta a ajudar, com grande poder de ação junto à divindade, como que sintetiza todo o ideário que se tem de Maria no CNS do SMT. Isso é fundamental na vida das pessoas que participam do Cenáculo, pela confiança que nela depositam, a quem recorrem sempre para solucionar qualquer problema, desde o menor ao maior e, uma vez atendido, estão sempre a testemunhar no Cenáculo, a Ela atribuindo cura de doenças, de libertação de algum mal, a conquista de um emprego, o sucesso profissional, a compra de uma casa, de um carro, etc., o que legitima e intensifica ainda mais a fé e a devoção em Maria. De acordo com Simmel (2010, p. 32), por sua fé, a pessoa religiosa

²⁸ A singularidade do Cristianismo, que se constitui numa marca distintiva de outras religiões, é que “o deus cristão é o primeiro a estender seu reino até aqueles que nele creem e também aos que não creem nele” (SIMMEL, 2010, p. 81).

“experimenta as coisas de tal modo que estas só lhe podem trazer a bênção que ela procura”. Assim, no CNS do SMT, de uma forma ou de outra, os cenaculistas acreditam estarem sendo sempre abençoadas, pois, pela fé, atribuem todas as suas conquistas ao poder de intermediação de Nossa Senhora, junto ao seu filho, Jesus.

“Maria, passa na frente” é uma frase bastante conhecida no meio católico. Essa frase dá a ideia de proteção de todos os males que possam ocorrer às pessoas na vida cotidiana. É muito usada principalmente no meio carismático. Na Paróquia São Pedro, em Taguatinga Sul-DF, da qual faz parte o CNS do SMT, a banda de apoio do padre X, em suas Missas de Cura e Libertação, canta uma música de Maria em que um trecho da letra diz assim: “passa na frente, Maria, em ordem de batalha, passa na frente, abre o caminho da luz...”. Isso é lembrado por E2, para quem “Nossa Senhora é a mãezinha que sempre passa na frente de tudo, que toma de conta dos seus filhos e que sempre está intercedendo por todos nós. Ela nos guia no caminho que Jesus nos pede todos os dias”. Maria é apresentada aqui como exercendo uma função social, como aquela que está à frente de tudo, não só como intercessora, mas também como modelo que leva seus devotos ao filho Jesus. Esta é a função de Maria, enquanto ela mesma foi seguidora de Jesus. Como mãe e discípula, faz de seus fiéis, também, seguidores dele.

Historicamente, na piedade popular, Maria sempre esteve a atender aos reclames existenciais próprios de cada época. Um exemplo disso é a Virgem de Guadalupe, que veio suprir a necessidade que os autóctones (à época da invasão dessa parte do continente) tinham de ter alguém a quem recorrer contra a opressão que sofriam, por parte dos colonizadores ibéricos (PARKER, 1995, p. 34; AMALADOSS, 2001, p. 45). Maria assume funções efetivamente sociais, pois atende às necessidades concretas do povo. Conforme relata Coyle (1999, p. 80-81), devido “a desastres naturais como a peste negra, as experiências da Guerra dos cem anos e o Grande cisma ocidental, o povo rogava a Maria, Mãe de Misericórdia, por sua proteção dos perigos que os ameaçavam de todos os lados”. Esta capacidade de Maria como intercessora em favor dos aflitos fez com que fosse designada pela devoção popular como Rainha do Céu e Refúgio dos Pecadores, passando a ocupar lugar de centralidade no processo de salvação pessoal.

Coyle (1999, p. 80) atenta para o fato de que, se, por um lado, os teólogos, sobretudo protestantes, veem esse poder intercessor de Maria como uma usurpação do papel de Cristo, único mediador entre o homem e o Pai, por outro lado, os

antropólogos veem isso como algo positivo, uma valorização do feminino no mundo, pois todo o rigorismo de um Deus que ama, mas ao mesmo tempo pune, é resolvido nessa figura feminina que congrega qualidades como: cuidado e proteção. Assim vista, Maria preocupa-se com as condições materiais dos fiéis e se entristece com suas aflições, “em vez de castigá-los por suas ofensas” (COYLE, 1999, p. 80-81). E3, professora, 58 anos, casada, mãe de duas filhas, expressa muito bem a importância que Maria tem na vida cotidiana dos cenaculistas: “Eu a vejo sempre e peço sua bênção todos os dias. É minha Mãe, protetora e defensora de todas as ocasiões e acontecimentos da minha vida”.

Para os cenaculistas, portanto, pouco importa se Maria esteja ou não usurpando papéis ou títulos próprios de Jesus ou do Espírito Santo. O que importa é que veem seus problemas pessoais resolvidos no dia a dia, que de outro modo não seria possível resolver. Isso também é decisivo sob a perspectiva das Ciências da Religião, que se ocupam a analisar o fenômeno religioso, a fim de verificar suas implicações sociais na vida das pessoas. Na sequência, veremos como Maria é triplamente designada como mãe.

1.3.2 Maria, ‘nossa Mãe’, Mãe da Igreja e Mãe da humanidade

O sentimento de ter uma Mãe transcendente remonta à era mais primeva da humanidade. Estés (2012, p. 14) a compara à Grande Mãe, dizendo que, “desde tempos imemoriais, não existe em nenhum lugar uma força feminina de maior compaixão e compreensão para com as estranhezas e amorabilidade das variações fantásticas e indomáveis encontradas nos seres humanos”. Ela a descreve como a Mãe Abençoada, para cujos olhos, “todos são dignos de amor, todas as almas são aceitas, todas têm uma doçura de coração, são belas aos olhos; dignas da consciência, de ser inspiradas, ajudadas, consoladas e protegidas”, não importando que outros meros humanos acreditem de forma cega e tola no contrário. Sem jamais querer alienar a ninguém, ela ordena aos seus devotos que sejam delicados, mandando também que sejam amáveis, porém, jamais submissos. Segundo a autora, ao contrário do que fazem acreditar alguns teólogos, de que seja “um acessório a um conjunto de fatos históricos”, bem como daqueles que a acusam de que seja apenas uma superstição, Nossa Senhora não é uma “construção obediente, feita de cimento, mármore ou tijolos. Ela não há de ser usada como um

pedaço de arame sagrado para sujeitar todos nós à docilidade, eliminando os outros milhares de características dadas por Deus a todos nós” para que sejamos belos, moderadamente humanos e sensíveis. Por fim, sentencia a autora: “a Santa Mãe não é para ser uma cerca: a Santa Mãe é um portão” (ESTÉS, 2012, p. 32).

Conforme conta a Bíblia Cristã, nos momentos finais de sua vida neste mundo, agonizante na cruz, Jesus olha para sua mãe e diz: “Mulher, eis aí teu filho!”. Dirigindo o olhar ao discípulo que tanto amava, diz: “Eis aí tua mãe!” (Jo 19, 26-27). Isso se tornou decisivo para a fé católica, que interpreta essa passagem como um legado de Jesus a Maria: ser mãe da humanidade (BOFF, 1983, p. 166), que ali estava representada pelo único discípulo de Jesus, presente na sua crucificação, conforme lembra E10: “Jesus nos deu Maria como mãe e a nós como seus filhos”. Em razão disso, os cenaculistas carinhosamente a chamam de ‘nossa mãe’, ‘mãezinha’, ‘mãe da humanidade’. Desde os tempos primitivos, Maria tornou-se efetivamente, no percurso da história do cristianismo, “a presença materna na família cristã” (BONATTI, 2006, p. 21), extrapolando desse modo o conceito biológico de mãe, conforme triplamente qualificado por E19: “Ela é nossa mãe, Ela é mãe da Igreja, mãe de toda humanidade” (E19).

O título Mãe da Igreja foi dado a Maria pelo papa Paulo VI, em 1964. De acordo com José C. de Lima Vaz (2005, p. 31), esse título se deve à íntima relação de Maria com Cristo e a Igreja, tornada realidade na maternidade divina de Maria, que antecipa, assim, como “Mãe e Virgem, o mistério da maternidade virginal da Igreja, a qual gera filhos pelo Batismo e permanece Virgem como a esposa santa de Cristo por sua pureza e pela integridade de sua fé”. Numa das mensagens do livro-guia, há uma afirmação atribuída a Nossa Senhora, que assim se expressa: “Assim como sou verdadeira Mãe de Jesus, assim sou verdadeira Mãe da Igreja que é o seu Corpo Místico” (GOBBI, 2012, p. 224). Dizer que Maria é mãe da Igreja encerra toda uma simbologia, pois, conforme ensina a teologia católica, a Igreja é concebida como Corpo Místico de Cristo, sendo Ele a cabeça e os fiéis os membros. Ao tornar-se Mãe de Cristo, Cabeça, Maria torna-se igualmente mãe do resto do corpo, que são os fiéis, que, por sua vez, são a Igreja. Daí Maria ser triplamente qualificada de Mãe de Cristo, Mãe da Igreja e Mãe da Humanidade (VAZ, 2005, p. 31).

Segundo Barros (2001, p. 163), o título de Mãe da Humanidade antes pertencia a Eva. Esta, ao ser acusada de causar a queda dos homens, tornando-se protótipo da mulher pecadora, teve seu título transferido para Maria, a nova Mãe da

Humanidade, considerada uma segunda Eva, ou a Nova Eva. Contudo, isso não significou algo positivo para as mulheres, porque saíram perdendo duplamente: ou por serem comparadas à primeira Eva, causadora da queda do homem, introduzindo no mundo o pecado e, conseqüentemente, a morte do ser humano e, por isso mesmo, são rejeitadas, ou por não conseguirem ser como Maria, um ser divinizado que foi mãe sem perder a virgindade, tornando-se por isso mesmo impossível de ser imitada, embora seja apresentada às mulheres cristãs como arquétipo a ser seguido. Ao concebê-la dessa forma, a ordem clerical celibatária patriarcal²⁹ a distanciou das demais mulheres. O resultado disso é que ou as mulheres são discriminadas por representarem o lado pecaminoso de Eva, com todos os seus atributos negativos, ou o são por não serem castas como a Virgem Maria.

Em outras culturas, como a dos povos pomeranos (Alemanha), que não têm o arquétipo de Maria, as relações sociais também se sedimentaram seguindo a lógica patriarcal, em que voluntariamente as mulheres “seguiram a cartilha da submissão, das invisibilidades e dos silenciamentos vividos pelas mulheres em outras culturas” (THUM; EGGERT, 2011, p. 287) igualmente patriarcais. No caso específico de nossa cultura ocidental, fortemente marcada pelo cristianismo, em que as sociedades se organizam conforme o sistema patriarcal, o diferencial que se apresenta em relação às outras culturas é que essa ‘cartilha de submissão, pelo menos no imaginário religioso católico’, remete necessariamente à imagem arquetípica de Maria, socioculturalmente construída pela ordem clerical celibatária, conforme se reitera no CNS do SMT, sobretudo por força da consagração.

1.3.3 Maria: uma mulher despojada que não retém nada para si

O movimento em direção ao outro, entendido como alteridade ou outridade, consistindo no despojamento de si,³⁰ em função do próximo (LEVY, 2005, p. 201), no âmbito do Cristianismo, tem como inspiração a própria entrega de Jesus na Cruz, o Bom Pastor, que dá a vida por suas ovelhas. Assim é o amor abnegado, que, de

²⁹ No glossário de sua obra *Sociologia*, Giddens (2010, p. 699) define o patriarcalismo (no qual a ordem clerical celibatária se encontra alicerçada) como “domínio das mulheres pelos homens”. O autor considera que “todas as sociedades conhecidas são patriarcais, embora haja variações no grau e na natureza do poder exercido pelos homens, em comparação com as mulheres”.

³⁰ “A procura da união com Deus passa, na perspectiva mística, por um trabalho de despojamento de si, por um desbaste das paixões, interesses, pensamentos, sentimentos e representações em que se inscreve a singularidade do indivíduo” (HERVIEU-LÉGER, 2005, p. 154).

acordo com Uriarte (2000, p. 62), suporta qualquer dificuldade, sacrifício, sofrimento, quando espelhado no próprio mistério pascal, cuja “dimensão de cruz é próprio de toda realidade cristã profunda”. O despojamento implica renúncia a si mesmo, por amor ao próximo. Essas ideias, fortemente presentes no Novo Testamento, principalmente nas pregações de Jesus, se fazem igualmente presentes no ideário que o CNS do SMT tem sobre Maria, como exemplo de uma mulher que se abdicou de tudo em função de seu filho Jesus, como se vê no depoimento de E19:

Tudo é para o filho dela, assim, todas as glórias [...] não são pra ela, mas para o Filho [...]. Ela não fazia nada para querer se aparecer. Pra não se engrandecer, era tudo pra engrandecimento de seu filho [...]. Então, a gente também tem que seguir esse modelo de Nossa Senhora. Não fazer nada pra gente se aparecer, como o próprio João Batista [...] falava, que ele cresça e que eu desapareça [...]. Nossa Senhora não fazia nada pra que ela aparecesse, mas que aparecesse o próprio filho dela. Tudo era para o engrandecimento do seu filho (E19).

Vemos aqui, na fala de E19, mesmo que indiretamente, indícios de uma mentalidade que tem Maria como um símbolo de abnegação,³¹ de alguém que se anula em função do filho. No livro-guia é constante o apelo a uma vida ascética, que implica um esvaziamento de si mesmo, em que aqueles que são consagrados a Nossa Senhora são motivados a autoanular-se em prol dos outros. “Ajudar-te-ei a anular qualquer outra aspiração para te levar a um simples, contínuo e puro ato de amor” (GOBBI, 2007, p. 218), diz uma das mensagens. Os consagrados são exortados a viverem uma vida ascética, no desprezo de si mesmos e deste mundo. Diz uma das mensagens: “Deveis viver no mundo, mas sem ser do mundo” (GOBBI, 2012, p. 194), dito de outro modo: “viver no desprezo do mundo e de vós próprios, na pobreza, na humildade, no silêncio, na oração e na mortificação, na caridade e na união com Deus, ao mesmo tempo que sois desconhecidos e desprezados pelo mundo” (GOBBI, 2007, p. 319). Para isto, os fiéis consagrados devem espelhar-se sempre na Virgem, que, conforme se acredita no Cenáculo, desde a infância se ofereceu completamente a Deus, pondo-se “como escrava ao seu serviço, na virgindade perfeita, no escondimento, na oração” (GOBBI, 2012, p. 306). Esse apelo por uma vida ascética se torna irresistível ao serem creditadas a Nossa Senhora estas palavras: “Quem é fiel a Mim, faz da sua vida um espelho no qual posso refletir

³¹ De acordo com Salem (1980, p. 74), ao contrário das mulheres, “os homens jamais equiparam religião e abnegação, o que leva a concluir que a forma de cada um desses sexos se apropriar da fé religiosa é também filtrada e modelada pelo tipo de treinamento diferencial a que foram submetidos”.

a minha imagem e difunde à sua volta o perfume de todas as minhas virtudes” (GOBBI, 2012, p. 319). O fiel consagrado saberá com certeza se é esse espelho “pelo modo com que souberdes sofrer, calar e oferecer-se” (GOBBI, 2012, p. 320).

Embora as mensagens do livro-guia possam levar os cenaculistas a uma vida ascética, de negação de si mesmo em prol dos outros, contudo, é preciso entender o sentido de tal atitude, à luz da Maria da história, uma mulher simples, humilde, mas de uma consciência crítica capaz de expressar profeticamente, como o fez no Magnificat, a situação de opressão que se vivia nos tempos de Jesus, neste mundo. Maria estava envolvida com seu filho num grande projeto de libertação de seu povo, para a instauração do Reino de Deus e, em razão disso, Ela, por livre opção, trabalhava em prol de algo maior e com isso se realizava (MURAD, 1997, p. 48-49). Assim, de acordo com Borriello (2003, p. 2), em razão do cumprimento do plano de Deus, ela a tudo renuncia, não se colocando “no centro de seus próprios interesses”. Contudo, isso aplicado à vida da mulher comum pode ser muito perigoso. Autoanular-se em prol dos outros não realiza ninguém como pessoa.

Termos aplicados a Maria, como: renúncia, despojamento, desapego, abstinência, sublimação, submissão, desapropriação, mortificação, humildade, obediência, etc., tornam-se muito perigosos quando transpostos para a realidade da mulher, como ideal ascético, pois podem se transformar numa arma contra ela, a serviço da dominação masculina,³² como, de fato, acontece nos casos de E11 e E19, a serem vistos no terceiro Capítulo. Esses sentimentos relacionados a Maria devem ser entendidos não como uma anulação de si mesma, num esvaziamento sem sentido, de forma passiva e submissa, mas, na perspectiva de Borriello (2003, p. 2), como uma atitude ativa de quem se esvazia da própria vontade ou do egoísmo, que se esvazia do juízo de si mesma, da falsidade e do orgulho, enfim, de tudo aquilo que impede um crescimento pessoal e espiritual, que impede, num sentido filantrópico, que se lance à realização de algo maior e que, ao contrário de um sentimento de anulação, de alienação, de submetimento à dominação masculina, lhe dê plena realização, fazendo-a feliz.

³² Boaventura de Sousa Santos (2009, p. 27) afirma que “não há agentes históricos únicos nem uma forma única de dominação”. Em grande parte de suas múltiplas faces, a dominação e a opressão foram negligenciadas de maneira irresponsável “pela teoria crítica moderna” e aqui o autor cita como exemplo a dominação patriarcal, muito bem visibilizada, nas últimas décadas, pela sociologia feminista, que “produziu a melhor teoria crítica” sobre esse tema. Assim como são múltiplas “as faces da dominação”, igualmente, são múltiplas “as resistências e os agentes que as protagonizam”.

Portanto, parte-se da premissa de que abnegação, enquanto signifique o esquecimento de si, de seus gostos pessoais, como sacrifício em prol dos outros, na vida cotidiana, não supera sentimentos de ‘voluntariado’, de ‘solidariedade’. É positivo, porém, segundo Borriello (2003, p. 2), quando o interesse pelos outros seja assumido como “realização dos próprios ideais de filantropia humana”. Nesse sentido, sustenta o autor, “a renúncia do homem a todo egoísmo em seus desejos ou o nível de superação do esquecimento de si em favor dos outros” (BORRIELLO, 2003, p. 2) é considerado um ato de ascetismo cristão, que tem fundamento no Evangelho, que nos manda amar ao próximo como a nós mesmos. Trata-se aqui do exercício da caridade, que leva a pessoa a esquecer-se de si, por causa de Deus e dos irmãos.

1.3.4 Maria como modelo de mulher, mãe e esposa

Em todas as religiões, sempre existiu um modelo exemplar a partir do qual as pessoas deveriam se espelhar em sua busca por uma vida intensa impregnada do sagrado. A história do Cristianismo está repleta de pessoas que viveram uma vida de santidade e, por isso mesmo, tornaram-se modelos de inspiração para quem procura viver intensamente a espiritualidade cristã. Embora a história dos santos muitas vezes esteja repleta de atos os mais sublimes possíveis, tornando-se imitáveis na ascese cristã, os modelos, os arquétipos expoentes do Cristianismo são Jesus e sua Mãe, Maria. De acordo com Mário Bonatti (2006, p. 32), “ninguém marcou mais profundamente a história do Oriente e Ocidente cristãos que Maria de Nazaré por sua fé e compromisso”. Em razão disso, Ela se tornou arquétipo “dos filhos e das filhas de Deus”. No CNS do SMT, Maria é qualificada “como modelo de mulher, modelo de mãe, modelo de esposa, [...] e modelo de família. [...] Então ela foi exemplo de família, de mãe, de esposa, de mulher”, diz E10.

A ideia de Maria como arquétipo repete a tradicional combinação mulher-mãe-esposa e dona de casa, que marcou profundamente, de forma negativa, a vida da mulher, em nossa cultura (SALEM, 1980; GIDDENS, 2010; HINES, 2005). Conforme creem os cristãos, Deus é um mistério transcendente (SOBRINO, 1992, p. 89). Seus desígnios somente são passíveis de conhecimento por suas formas de manifestar-se aos homens (AQUINO, 2005, p. 247). De acordo com Boff (1983, p. 12; 19-20), Maria é apresentada pela fé cristã como ‘o grande ícone’ que revela o

lado feminino de Deus, tornando-se para os fiéis a última instância para uma experiência de vida, de graça e de aconchego. Se alguém quiser saber que significado tem a mulher no desígnio do Deus dos cristãos, deve-se considerar como possibilidade primeira Maria, com sua vida e obra, pois Ela é “a *‘ecce mulier’*, arquétipo supremo para todas as demais mulheres. Ela evoca e anima todas as qualidades positivas que estão potencialmente semeadas na profundidade de cada mulher”. Para E10 não resta dúvida de que Maria seja esse modelo a ser seguido:

Ela foi obediente, serva fiel. Maria também é exemplo de fé e nos encanta no seu silêncio. Ela é a cheia de graça que intercede, trabalha a nossa consciência, para que também sejamos cheios de graça. As virtudes de Maria são as mesmas que devemos buscar: fé, esperança e caridade [...] Vejo Maria como [...] modelo a ser seguido. Exemplo de família na vivência da família de Nazaré. (E10).

Com efeito, afirma Boff (1983, p. 20), em Maria “a mulher encontra, como que num espelho, a vocação à qual foi chamada por Deus; a um tempo que revela a mulher a si mesma, revela também Deus à humanidade sob o rosto feminino”. Ter Maria como modelo, como se vê na fala de E10, é espelhar-se em tudo na mulher que ela foi e neste sentido: obediente, serva, mulher de fé, caridosa, exemplo de vivência em família. Mesmo que as mulheres do CNS do SMT não se sintam parecidas com Nossa Senhora, contudo têm-na como modelo a ser seguido, por tudo aquilo que ela foi, no seio da família de Nazaré. No Cenáculo, há uma firme convicção de que em tudo Maria é exemplo de “servidão, de humildade, simplicidade, de dizer sim e concordar com o projeto que Deus pai tinha pra Ela, de ser a mãe do Salvador, a mãe daquele que viria pra remir toda a humanidade” (E19).

Como veremos no terceiro capítulo, as cenaculistas procuram espelhar-se em Maria, tendo-a como modelo de família, mulher, mãe e esposa. Contudo, enquanto Maria seja o modelo a ser seguido pelos participantes do Cenáculo, acreditamos que isso aconteça de acordo com os mesmos moldes em que foi secularmente apresentado pela Igreja às mulheres cristãs de todos os tempos, de forma submissa, passiva e serviçal em tudo (GANGE, 2007; AZZI, 2008; COYLE, 1999). Vista sob esse ângulo, Maria se torna um potencial instrumento em favor da dominação masculina e da perpetuação do sistema patriarcal, que faz da mulher um simples objeto a ser usado a bel-prazer do homem. Vemos indícios claros disso quando E17, no terceiro capítulo, afirma que, se estivesse participando do CNS do SMT, à época

de sua separação, provavelmente não teria se separado, tamanha a influência que a figura de Maria exerce sobre as mulheres no Cenáculo.

No meio feminista, contesta-se a forma como Maria tem sido tradicionalmente imposta pela Igreja às mulheres. De acordo com Elizabeth Johnson (2006, p. 61), a idealização de Maria como modelo para as mulheres atribui-lhe “uma história de vida em que é tornada submissa, dessexualizada e presa à maternidade”. Esta idealização, na visão de uma análise crítica feminista, é fruto de uma criação planejada por homens, a fim de que Maria se tornasse arquétipo de mulheres subordinadas a homens, com a finalidade de funcionar para definição e controle delas. Ainda que isso não se constitua em essência toda a tradição mariana, é fato que essa imagem arquetípica de Maria “fortalece as estruturas sociais patriarcais e inculca nas mulheres a legitimidade de seu lugar” (JOHNSON, 2006, p. 61).

Devido principalmente à emancipação da mulher, hoje se faz uma leitura diferente de Maria como modelo a ser proposto para a mulher. Para Uta Ranke-Heinemann (1996, p. 364), “pode ser que algumas pessoas anseiem pela imagem de uma rainha dos céus, mas muitas mais anseiam por uma pessoa humana”. Assim, torna-se mais assimilável imaginar Maria como aquela mulher simples, pobre e humilde, que em sua vida teve momentos conflituosos com seu filho Jesus, num processo de transição da condição de mãe e filho para uma relação de discípula e mestre e não como aquela mulher posteriormente divinizada pela Igreja, no decorrer dos séculos. A Maria da história é uma mulher de ‘pés no chão’, ou seja, mulher em sentido concreto, igual a outras mulheres do seu tempo que tem como algo de extraordinário apenas o fato de ter sido a mãe de Jesus. Enseja-se, portanto, uma conscientização, um despertar contra tudo o que dela se idealizou.

Hoje, conforme defende Johnson (2006, p. 34), Maria é recomendada como modelo para as mulheres, não pela sua passividade, “do tipo classicamente inculcado nas mulheres escravas”, mas por seu “comportamento resolutivo e virtuoso em aliança com a justiça libertadora de Deus para o povo dela”. Para essa autora, importa mais às mulheres que vivem sob opressão, redescobrir “não a Maria adornada com joias e coroada Rainha do Céu, mas a Maria pobre e corajosa”. Importa às mulheres reabilitá-la e redefini-la “relativamente à libertação de todos, em especial das mulheres”. É preciso resgatar o Magnificat, que por séculos esteve à margem da teologia mariana tradicional (JOHNSON, 2006, p. 34).

É nesse contexto de tomada de consciência que urge resgatar Maria como modelo exemplar de discípula, que junto ao filho desempenhou seu papel, na ação divina por um mundo melhor, onde os pobres, os insignificantes, os anônimos, os sem voz nem vez, com os quais se identificava, tivessem seu lugar, na sociedade de seu tempo. Essa identificação de Maria com os pobres ou dos pobres com Maria, segundo Coyle (1999, p. 138-139), empresta dignidade à vida dos menos favorecidos pela sociedade. É por meio dessa identificação que se “estabelece Maria firmemente entre nós, como nosso modelo de discípula cristã. Ela nos chama para expressar a dor dos que não podem exprimir nem o protesto nem a esperança do Magnificat”. Como o CNS do SMT não caminha nessa direção, por reiterar um arquétipo mariano socioculturalmente construído e fortemente influenciado pelas ideologias do sistema patriarcal, conforme a seguir, afirmamos que, assim fazendo, reforça esse sistema em nada favorável à mulher.

1.3.5 Maria, a antítese de Eva: a mulher como ocasião de pecado

Uma das ambiguidades de Maria como arquétipo a ser seguido pelas mulheres reside no fato de ser apresentada como uma segunda Eva, um reverso da primeira. Se pela primeira entrou o pecado no mundo, ao dizer não a Deus, com o sim da segunda entrou a salvação no mundo (STEIN, 1999, p. 80; BEAUVOIR, 2009, p. 145-146; LE GOFF, 2010b, p. 115). Pela iniciativa do poder clerical masculino, numa sociedade patriarcal que chega até nós hoje, Eva tornou-se uma antítese de Maria (SESBOUÉ, 2005, p. 480). Assim, metade da humanidade arcou com o peso de ser tida como réplica de Eva e, conseqüentemente, ocasião de pecado (BINGEMER, 2002), como se evidencia na fala de E1:

Acho muito difícil conviver com as facilidades, as vulgaridades que o mundo coloca [...] Na academia a garota bota o short lá curtinho, a outra puxa o zíper pra baixo, pro decote ficar mais visível e você vai fechando o olho e vai pedalando e vai fazendo os exercícios, né, e vai embora e vai se desviando daquilo ali, porque aquilo ali é tudo o que tá se apresentando pra te levar para o buraco de novo. Foi tão difícil sair daquele buraco tão complicado, né, que a angústia, o que você provocava de danos pra mãe, [...] pra esposa, pra amigos, é muito vergonhoso é muito dolorido (E1).³³

³³ Temos nesse caso relatado por E1 uma luta contra a compulsão, que, segundo Giddens (1993, p. 74), trata-se de um tipo de comportamento “que um indivíduo acha muito difícil, ou impossível, parar apenas pelo poder da vontade, e cuja realização produz a liberação de uma tensão”. O caso de E1 mostra de forma clara que o indivíduo, uma vez consciente desse tipo de anomalia, passa a buscar

Mesmo que a religião dê sentido à vida das pessoas, levando-as muitas vezes à conversão, isso não implica necessariamente um comportamento ético que as leve a desvencilhar-se (a não ser em longo prazo) de sentimentos negativos que envolvem pessoas de outro sexo, como é o caso de E1. A coisa se agrava ainda mais com a legitimação desses sentimentos, por parte da Igreja, no decorrer dos séculos, ao construir uma imagem fortemente negativa da mulher (REIS, 2002; CUNHA, 2002). Apesar de que as mulheres tenham avançado em suas conquistas, além de promover um processo de conscientização sobre sua importância como ser humano e seu papel a desempenhar na sociedade, ainda assim, vivemos numa sociedade patriarcal que deprecia profundamente a mulher (PITALUGGA, 1971; GEBARA, 1989). Esta, tornada objeto sujeito às pulsões sexuais dos homens (BOURDIEU, 2010; GEBARA, 2009),³⁴ dependendo da forma como se comporte ou se apresente vestida em público, numa perspectiva religiosa arcaica, machista e errônea, é logo vista como ocasião de pecado, ainda que através de um simples olhar, legitimando, assim, a premissa conforme a qual é vista como réplica de Eva.

Nós podemos fazer duas analogias entre duas mulheres, uma foi desobediente, que foi Eva, [...] seduziu e induziu o homem... O homem é fraco demais, né. Deixa se levar pela mulher, ela bagunça tudo, né, e ela cava a cova do infeliz e ele vai caindo. [...] a outra, ao contrário, a submissão de Maria, a obediência de Maria, em relação à outra [...] A gente precisa estar atento, vigiando, o tempo todo, porque a tentação vem pra derrubar a gente, pra que a gente testemunhe negativamente esse movimento que a gente participa (E1).

Algo que se tornaria decisivo para o destino das mulheres no mundo cristão foi o paralelo entre Eva e Maria, desenvolvido por Justino, na aurora do cristianismo (século II). Para Justino, a oposição entre Maria e Eva se dá em razão de que, pela desobediência desta, a morte entrou no mundo e Maria, pela fé e pela alegria, mostra-se obediente a Deus, ao dizer “sim” à sua vontade, tornando-se, desse

forças na religião para superá-lo. De fato, como salienta o autor, “o comportamento compulsivo está associado a uma sensação de perda de controle sobre o eu”, e nesse caso, uma das saídas para vencer isso é a interiorização dos valores coercitivos da religião com o risco de apenas encobrir o problema, e não extingui-lo definitivamente.

³⁴ A representação natural da sexualidade masculina, segundo Salem (2004, p. 19; 26), “pode ser formalizada nos termos de uma *teoria sexual pulsional*”, tratando-se de “uma energia irresistível – sentida como uma ‘vontade do corpo’”. Essa teoria tem como um de seus corolários “a representação de uma *proeminência, naturalmente fundada, do corpo sobre a cabeça no domínio da sexualidade*”. Para essa autora, “o descontrole sexual masculino tomado em si mesmo, ou em associação com o atributo feminino inverso, sintoniza-se logicamente com algumas disposições concernentes à esfera reprodutiva e sexual para as quais frequentemente servem como recursos explicativos nativos”.

modo, a nova Eva, o oposto da primeira mulher, permitindo que a salvação entrasse no mundo. Dessa forma, “assim como Jesus é o novo Adão, começa uma nova era na história da humanidade” (DUQUESNE, 2005, p. 55-56). No pensamento de Justino, antes de ser tentada pela serpente (símbolo do sexo masculino), Eva era ‘virgem e imaculada’ (sem pecado). Como estas não são qualidades diferentes, a perda da primeira implica a perda da segunda. Ora, ao contrário de Eva, Maria deve, portanto, ter sido virgem. Mas, Ela tenha sido ou não virgem, isso pouco importa. Aos olhos dos padres da Igreja, o que importa é a lógica de seu raciocínio (DUQUESNE, 2005, p. 56).

No CNS do SMT prevalece essa eterna analogia entre Maria como a mais perfeita de todas as mulheres e Eva, como a pecadora, que também leva o homem a pecar. Ao elevar Maria ao mais alto pedestal, dando-lhe um status de divindade, a piedade popular e a Igreja oficial depreciaram as demais mulheres, transformando-as em réplicas de Eva, rotulando-as como causa de danação para os homens. A fala de E1 se encaixa perfeitamente no comentário que Ivone Gebara (1989, p. 28) faz sobre a perpetuação de uma imagem distorcida de Eva, elaborada, nos primeiros anos do Cristianismo, por homens tendentes ao ascetismo celibatário. De acordo com essa autora, até certo ponto, Adão foi ‘redimido’ da culpa original. Por seu lado, Eva ainda parece “condenada a carregar pelos séculos as consequências de uma ação que o mito adâmico acentua como fraqueza e responsabilidade da mulher”. Como herdeira ‘natural’ de Eva, a mulher “foi assimilada à fraqueza da carne, à sensualidade, à volúpia, à tentação, ao pecado, enfim, considerada um ser humano pela metade” (GEBARA, 1989, p. 28).

A ideia que se tem de Eva no CNS do SMT, nas palavras de E10, é a de que “Eva foi a desobediente e Nossa Senhora obediente. [...] Eva, que participou do pecado, da desobediência, Nossa Senhora foi aquela que veio trazer o Cristo, pra nossa salvação”. Dito de outro modo, por Johnson (2006, p. 45), Eva “é responsável pela queda da humanidade, com todo o sofrimento que a acompanha” ao passo que Maria, por sua obediência, se torna a nova Eva, “responsável por dar à luz o conquistador desse pecado, o Salvador”. Em suma, temos um contraste inimaginável entre Maria e Eva, em que se tem a morte por meio de Eva e a vida por

meio de Maria.³⁵ Este contraste não se observa de forma veemente quando se diferencia Adão de Cristo. Na realidade, diz Johnson (2006, p. 47), na idealização que se faz sobre Maria, na teologia tradicional, ao separá-la “de Eva e de todas as outras mulheres, a difamação da maioria tornou-se o lado sombrio da glorificação de uma só”. As mulheres foram classificadas por um código teológico que lhes atribuía “fraqueza, tentação sexual e até depravação. E havia consequências práticas: Eva falou e o pecado entrou no mundo”. Ao ser colocada no mais alto pedestal, Maria se tornou estrategicamente um instrumento de “depreciação e controle patriarcal de todas as outras mulheres” (JOHNSON, 2006, p. 47).

Portanto, ao descrever Maria como a mais perfeita de todas as mulheres, a tradição mariana atuou de modo paradoxal na depreciação das demais mulheres. Longe de estar ao lado das mulheres, a Maria idealizada pela teologia patriarcal fez dela uma grande exceção: “Única de todo o seu sexo’, Ela é pura e abençoada por Deus. Sua gloriosa precedência impede qualquer analogia entre Ela e todas as outras mulheres, que, em comparação, ficam abaixo de sua perfeição” (JOHNSON, 2006, p. 45). É dessa forma, portanto, que Maria, idealizada como uma mulher a um tempo Virgem e Mãe, responsável por resgatar “a imagem da mulher de toda a fraqueza e mal que lhe foi imputado”, se torna a única mulher a escapar de ser o ‘bode expiatório’ da humanidade, símbolo esse bastante significativo para o universo católico romano (GEBARA, 1989, p. 33).

Numa discussão que se estende nos próximos capítulos, formando uma interconexão que tem como eixo central o ideário de família no CNS do SMT, como um reflexo do imaginário religioso mariano, construído ao longo dos séculos e que reforça a dominação entre sexos, no âmbito familiar, além de apresentar o CNS do SMT como célula basilar do MSM, fazendo uma ligação desse movimento com o Catolicismo Oficial e Popular, procuramos descrever neste capítulo, a partir das falas dos cenaculistas, toda uma trajetória da concretização da devoção mariana, no decorrer da história, de como Maria passou a fazer parte do imaginário religioso do

³⁵ Beauvoir (2009, p. 246) ressalta que, “no coração da Idade Média, ergue-se a imagem mais acabada da mulher propícia aos homens: a Figura da Virgem Maria [que] cerca-se de glória”. Ela é “a imagem invertida de Eva, a pecadora; esmaga a serpente sob o pé; é a mediadora da salvação como Eva o foi da danação”. Da condição de Eva Maria se distancia, pois “não conheceu a mácula que a sexualidade implica”. Maria passa a ser arquétipo para todas as outras mulheres: “a mulher votada ao bem deve sê-lo no esplendor de suas forças inatas; cumpre que ela conserve em sua integridade indomada o princípio de sua feminilidade” (BEAUVOIR, 2009, p. 246).

Catolicismo Popular, como ícone da fé cristã, como arquétipo, como modelo a ser seguido pelas mulheres, bem como as consequências disso para elas.

À guisa de conclusão desde capítulo, pelo que pudemos observar, há uma tendência latente de considerar as crenças e práticas religiosas que circulam no CNS do SMT, de forma mágica, em que tudo acontece em torno das necessidades do devoto e, conforme se acredita ali no Cenáculo, da vontade de Nossa Senhora em atendê-lo: “Peça à mãe que ao filho atende”, diz o dito popular. Ao que nos parece, a opção das pessoas por esse tipo de crenças e práticas religiosas, ao priorizar soluções mágicas e supersticiosas para seus problemas, escapa à teoria de Max Weber (2009), do desencantamento do mundo, remetendo, conseqüentemente, a um novo encantamento (ou reencantamento), a exemplo do que acontece em movimentos como a RCC e o neopentecostalismo. Isto corresponde ao que foi dito por Mary Douglas (1986, p. 41): que “numa comunidade como essa, a ditame da escolha racional não se aplica”, o que faz disto “uma ideia emotiva extraordinariamente poderosa”.

Assim, não há limites para a imaginação criativa das pessoas que, a exemplo do que ocorre no CNS do SMT, para tudo encontrarão uma solução, resolvendo de forma mágica seus problemas empíricos, legitimados por meio dos testemunhos. Isso se contrapõe ao que sentenciou Giddens (1993, p. 51), que “a razão não abre espaço para a emoção, que simplesmente fica fora do seu domínio”. Mas, num mundo religioso como o de hoje, em que se privilegia a religião do sentimento, da emoção, mesmo assim, conforme a lógica weberiana, abre-se espaço para a razão na ação religiosa de ordem mágica, pelo fim que se almeja: Um pedido a Nossa Senhora para se conseguir um emprego, pode ser irracional pelos meios (recorrer ao transcendente, Nossa Senhora), mas é racional pelo fim que se almeja (conseguir o emprego). Veremos isso melhor no terceiro capítulo, quando então discutiremos o porquê de as pessoas procurarem a religião.

2 FAMÍLIA: CONTINUIDADES E MUTAÇÕES NA CONTEMPORANEIDADE

Nossa pesquisa tem como eixo principal, em torno do qual está estruturada toda a tese, o CNS do SMT, ligado ao MSM, e o ideário de família nele presente. No capítulo anterior, apresentamos nosso objeto de estudo como uma expressão que, numa relação dialética e sem conflitos, sorve de duas fontes: do Catolicismo Oficial e do Catolicismo Popular. Neste capítulo, abordaremos a centralidade do tema 'família', no CNS do SMT, com base na ênfase dada a alguns aspectos destacados pelos sujeitos de nossa pesquisa, o que nos convenceu sobre a importância que tem para eles aquela instituição. Esse fator nos leva a uma breve abordagem sobre a concepção, princípios e valores em relação à família e a buscarmos maiores informações a ela referentes, na atualidade: como é vista pela Igreja, o que está ocorrendo com ela na atualidade e como se encontra arranjada. Esperamos, com isso, nos munir de dados suficientes, para aprofundarmos melhor, no terceiro capítulo, sobre a concepção que os sujeitos de nossa pesquisa têm sobre família, bem como a inter-relação estabelecida por eles entre suas devoções marianas e essas concepções.

Pelas falas dos cenaculistas, no CNS do SMT ficam claras não só a centralidade da família, mas também a existência de um ideário de família tradicional, nos moldes instituídos pela Igreja Católica, a partir do qual é possível traçar um perfil da própria família do Cenáculo, como veremos, a seguir.

2.1 O IDEÁRIO DE FAMÍLIA NO CNS DO SMT

Estamos vivendo numa época dita por Lyotard (2009) como sendo pós-moderna, caracterizada pelo fim das metanarrativas, em que se passa a presenciar, desde fins do século XX, profundas transformações de ordem econômica, política e social, que afetam todos os segmentos da sociedade, inclusive a família, que sofre mudanças antes jamais imaginadas.³⁶ Bauman (2001, p. 36) diz que a era

³⁶ De todas as mudanças ocorridas nas instituições, em razão da ruptura do mundo moderno com a tradição, as que se tornam mais evidentes são aquelas que ocorrem com a família, "instituição de socialização por excelência, que faz aparecer de modo mais directo a amplitude das suas implicações sociais, bem como psicológicas". Lamentavelmente, os sociólogos que se ocupam em analisar a família, se empenham menos em analisar os "mecanismos da reprodução dos papéis institucionais familiares e das relações entre os sexos", dedicando-se mais à análise "das relações entre indivíduos no seio da família" (HERVIEU-LÉGER, 2005, p. 67).

contemporânea não significa que a era moderna tenha sido suplantada, pois esta está contida na primeira, só que de outra forma: “a sociedade que entra no século XXI não é menos ‘moderna’ que a que entrou no século XX; o máximo que se pode dizer é que ela é moderna de um modo diferente”. Há de se observar também que a modernidade não suplanta a tradição, que continua viva na era atual (GIDDENS, 2010b), como se verifica no CNS do SMT. Uma coisa é certa: a era atual continua a ter como característica principal a marca que acompanhou a modernidade, que é a racionalidade instrumental e a centralidade do indivíduo.³⁷

Conquanto vivamos nesta época, em que o indivíduo ocupa lugar de centralidade, ao que nos parece, no tocante ao CNS do SMT, onde prevalece um ideário de família, nos moldes tradicionais, esse sentimento de individualismo é canalizado em prol da família, mostrando, assim, a prevalência desta sobre o indivíduo (SARTI, 2011), a favor de uma coletividade (DURKHEIM, 2008). Considerando que o Cenáculo é um lugar onde se promove a socialização, de modo secundário, já que primariamente esta função é exercida pela família, ali se aplica o mesmo princípio da forma lúdica que envolve forças éticas e morais de uma sociedade concreta, que se colocam como grandes problemas com que se defrontam os indivíduos que vivem numa comunidade de fé. Ou seja, no processo de socialização ali concretizado, os indivíduos são motivados a interiorizar valores, regras, normas e costumes que os conduzem a uma vida em comunidade a que não estão acostumados,³⁸ tendo como compensação para isso um ambiente acolhedor que passa a fornecer-lhes aqueles aspectos que lhe são relevantes.

Para o estabelecimento de categorias de análise, numa pesquisa empírica, a fim de compô-las como chaves de leitura para se analisar a atuação dos indivíduos, deve-se levar em conta o quanto elas são recorrentes, mesmo que seja por aproximação, podendo, portanto, ser aludidas de forma indireta pelos sujeitos da pesquisa (ROHDEN, 2005, p. 178). No que nos foi possível identificar, na análise dos dados, tanto do questionário quanto do grupo focal, além de observações em

³⁷ Willaime (2012, p. 160) aponta como sendo características da modernidade: “a reflexividade sistemática, a diferenciação funcional, a globalização, a individualização, a racionalização e o pluralismo”. Ao autor parece incontestável serem esses aspectos apontados como responsáveis pela diminuição do “poder social da religião nas sociedades ocidentais”.

³⁸ Isso certamente não se dá sem tensões e conflitos, pois o indivíduo depara com um ambiente comunitário com o qual não está acostumado e é obrigado a ele adequar-se. Pode acontecer que a própria vida do indivíduo seja desviante daquela finalidade da comunidade e que a própria vida da comunidade seja, para ele, também um desvio, conforme considera Simmel (2006, p. 77-78).

reuniões do Cenáculo, o tema família, mais que qualquer outro, é bastante recorrente, sendo, portanto, central no CNS do SMT. Conforme mostram as falas dos cenaculistas, apesar de tantas mudanças na contemporaneidade, inclusive na forma de crer, típica da efervescência religiosa que surge a partir da década de 1970, há um sentimento de família ali prevalecente, em que praticamente tudo o que se diz e o que se faz no Cenáculo converge a ela.

Constatamos em nossa análise que a família no Cenáculo é como um fio condutor, por meio do qual perpassam todos os outros temas ali discutidos, em que o comportamento dos cenaculistas, quase que de forma unânime, gira em torno de algum aspecto ligado à família. Mesmo que num primeiro momento diga respeito a si próprio, na maioria dos casos, tudo é em função da família, como veremos, a seguir.

2.1.1 O próprio Cenáculo é uma família

O espírito de família é tão forte no CNS do SMT que acaba extrapolando até mesmo seu sentido biológico ou o vínculo de consanguinidade, ao criar laços de amizade, fraternidade e solidariedade, fazendo com que aqueles que dele participem se sintam como se estivessem realmente numa família. Ou seja, num sentido simbólico, o próprio cenáculo é considerado uma família. Como diz E2: “o cenáculo pra mim é sinônimo de família. [...] o cenáculo é família. No cenáculo, hoje, na verdade, a gente tem uma família”. De igual modo pensa E5: “Por não ter a minha família reunida, considero o cenáculo como minha família”. Esse sentimento se deve ao fato de que ali o cenaculista encontra um ambiente acolhedor, de aceitação, de apoio, em que possa partilhar com outras pessoas seus conhecimentos, crenças e valores, bem como seus projetos, sonhos e incertezas. Por fim, as conquistas, as dificuldades e os dissabores da vida cotidiana.

Embora as pessoas que participam do Cenáculo tenham sua própria personalidade, histórias de vida diferentes e distintas visões de mundo, isto não divide o grupo. Ali, estabelece-se uma rede de relacionamentos socioafetivos, em torno de uma mesma visão religiosa de mundo, de interesses comuns, voltados para a promoção mútua, não havendo espaço para práticas centradas no individualismo. No Cenáculo, num espírito de dar, receber e retribuir, não existem fronteiras entre um ‘nós’ e um ‘eles’ ou um ‘eu’ e um ‘tu’. As diferenças são suplantadas e todos passam a sentir-se um com todos e todos com um, tornando-se uma única família. O

Cenáculo é um lugar em que se compatibilizam as diferenças em prol de algo maior: a crença em Maria. Ali não existe a ideia de oposição ou de competição, mas de complementaridade. As relações no Cenáculo se dão no plano da autoestima: todos são tratados como irmãos e daí, o sentimento de que seja, de fato, num sentido simbólico, uma família.

Essa ideia corresponde ao sentido de uma comunidade religiosa, que Simmel (2010, p. 58) descreve como caracterizada por relações pacíficas, que se apresenta “como uma forma superior de unidade interna grupal”, comprovando, pelo modo com que as relações sociais ali são tecidas, de forma harmônica, que “a religião é a essência da paz, é o modo de vida em grupo que chamamos de quietude e se solidifica como uma única ideia”. Daí o sentimento de alguns dos membros do Cenáculo de que se esteja efetivamente inserido numa família. Avançando um pouco mais na reflexão, a ideia de que o Cenáculo seja simbolicamente uma família, por suas características, lembra também a *communitas* de Turner (2013).

Victor Turner (2013, p. 127) define a *communitas* como uma “sociedade aberta” (em oposição à “sociedade fechada” ou estrutura) cujas características se aproximam muito da forma de ser do CNS do SMT: “homogeneidade, igualdade, anonímia [...] redução de todos ao mesmo nível de ‘condição social’ [...] altruísmo, obediência total ao profeta ou líder, instrução sagrada; levar ao máximo as atitudes e o comportamento religioso, por oposição ao secular”. Além disso, são típicos da *communitas* a “simplicidade de fala e de maneiras, loucura sagrada, aceitação da dor e do sofrimento” (TURNER, 2013, p. 110-111). Lembrando a fórmula do zen-budismo, citada pelo autor, de que “tudo é um, um é nada, nada é tudo”, na *communitas* não existe status, luta pelo poder ou por posições sociais. Tudo acontece num clima de humildade, espontaneidade e absoluta igualdade. Trata-se de “uma relação entre indivíduos concretos, históricos, idiossincráticos”, em um verdadeiro encontro do “eu” com o “tu”, que, numa perspectiva normativa, de cunho ideológico, está repleta de “concepções explicitamente formuladas sobre o modo pelo qual os homens podem viver melhor, juntos, em harmonia e camaradagem” (TURNER, 2013, p. 127-129). Acreditamos que isso corresponde profundamente ao sentido de família que, simbolicamente, tem o CNS do SMT.

Como veremos, em seguida, a centralidade da família no CNS do SMT se dá porque está presente no imaginário católico um sentido profundo de uma família sacralizada pela Igreja Católica e que se tornou parâmetro para todos os seus fiéis.

2.1.2 O arquétipo de família presente no imaginário do CNS do SMT

Por mais que a família passe por transformações na contemporaneidade, com suas múltiplas possibilidades de arranjos e rearranjos, como veremos mais adiante, neste capítulo, no entanto, permanece latente no imaginário do CNS do SMT o ideário de uma família sacralizada, que é a sagrada Família de Nazaré, com os valores intangíveis para ela estabelecidos. A família concebida pela Igreja Católica tem como fundamento ‘natural’ o fato de ter sido algo revelado por Deus, como se vê, no relato bíblico da criação (Gn 2,18), com todos os desdobramentos *a posteriori*, até atingir sua forma sacramental, como matrimônio, nas Bodas de Caná, sendo sacralizado e definido como tal, em 1150 d.C (BRÜGGER, 2007, p. 133). Esse modelo tem como configuração mais perfeita, nas palavras de João Paulo II (1994), a Sagrada Família de Nazaré, composta por Maria, mãe do belo amor, José, Guarda do Redentor, e o próprio Jesus, o Verbo de Deus encarnado. Essa família é sugerida pela Igreja como ícone e modelo de cada família humana, e, assim sacralizada pela Igreja, como um dado natural, está alicerçada sobre dois pilares que lhe dão sustentação: o casamento e a procriação.³⁹ São duas dimensões indissociáveis: uma unitiva, que se dá pela união conjugal e outra procriativa, motivada pelo amor conjugal. Dessas duas dimensões derivam outros valores como: castidade, fidelidade, harmonia conjugal e indissolubilidade do matrimônio.

No Cristianismo, há uma supervalorização da família porque, conforme creem seus fiéis, foi no seio de uma família que o filho de Deus se encarnou, tornando-se humano. Isso se perpetuou no imaginário católico, fazendo-se presente hoje, no Cenáculo, como se vê, na fala de E17, num diálogo que teve com seu filho:

[...] quando Jesus veio ao mundo, ele veio pela barriga de uma mulher. Ela ficou grávida, nasceu e aí Deus deu um pai pra Jesus. E aí ele fez uma família. [...] Se Jesus teve Nossa Senhora como mãe e José como pai, e ele não precisava ter, teve porque Deus tinha um motivo, um plano de família (E17).

³⁹ Para Hérítier (1996, p. 246), numa perspectiva de transmissão da vida como forma de garantir a descendência, “casamento e procriação são deveres em relação àqueles que nos precederam na existência”. Uma forma de ser honrado durante a vida e após a morte significa cumprir com o dever de procriação e de ter “uma descendência viável que, transmitindo a vida recebida, permite aos antepassados continuar a existir”. A procriação garante nossa perpetuação aqui na terra. Em razão disso, “a morte dos filhos, esterilidade das mulheres, por vezes impotência dos homens, morte prematura dos adultos” são entendidos por Hérítier (1996, p. 249) como infelicidade biológica.

Ao fazer uma reprimenda ao filho, reclamando por obediência, E17 evoca o arquétipo 'Família de Nazaré', construído pela Igreja Católica, ressaltando-se, assim, a importância da família e, conseqüentemente, a necessidade de alinhar-se a seus valores, impostos pelos pais, sobretudo a mãe, que geralmente se opõe a outros valores inculcados nos filhos, pelo racionalismo moderno. Nota-se, nesse relato, a razão da centralidade da família no CNS do SMT, que a vê como uma coisa querida por Deus e, por isso mesmo, sacralizada e legitimada pela Igreja (BERGER, 2004). Qualquer dissonância quanto a seus valores, na concepção de E17, é motivo de correção por parte da mãe.

Como se vê, no CNS do SMT fica evidente a existência de um modelo ideal de família a ser imitado pelos cenaculistas, a que Franco Cambi (1999, p. 133) se refere como aquele que está nos Evangelhos: a Sagrada Família, da qual E17 se recorda, com certo saudosismo:

Quando você ouve as canções do padre Zezinho, assim, meu pensamento se remete naquele lugar aconchegante, tranquilo, onde o pai fala com o filho, onde a mãe fala com o filho, o pai tem respeito pela mãe, a mãe tem amor pelo pai, aquela família bonita. [...] a família que nos faz falta hoje e que nos faz falta sempre é a família que canta o padre Zezinho, é a família de Nazaré, José, Maria (E17).

De fato, o modelo de família proposto pela Igreja Católica a seus fiéis é o da família nuclear, espelhada na Família de Nazaré, composta pelas figuras de um pai, José; uma mãe, a Virgem Maria; e um filho, Jesus. É o núcleo natural e fundamental mais perfeito da sociedade, "capaz de gerar aquela sociedade que corresponde ao mundo a que aspiramos" (TRUJILIO, 2003, p. 7-12). Tornada arquétipo para todas as famílias, a partir do qual se espera que seus fiéis a ele se conformem, a Igreja a dotou com um caráter 'natural', que passa a distingui-la de outros modelos de família (SARTI, 2011; FONSECA, 1995). Comparada a uma dimensão imensamente superior, a partir da própria Trindade, conforme ensina o Catecismo da Igreja Católica (CIC nº 2205), a família cristã é considerada "uma comunhão de pessoas, vestígio e imagem da comunhão do Pai, do Filho e do Espírito Santo". Assim sacralizada, a Igreja construiu para ela um padrão específico, estabelecendo "os parâmetros morais para as relações familiares" (LUNA, 2006, p. 120).

Dessa forma, a Igreja Católica entende o modelo de família típico da cultura ocidental moderna, hierárquica e individualizante, na forma aludida por Duarte

(1995, p. 29), como parecendo ser simultaneamente “naturalizada” e “sacralizada”. Na condição de uma instituição naturalizada, segundo o autor, considera-se o desenho da família “como o mais puro e primitivo, mesmo que deformado como todas as outras instituições humanas pelas vicissitudes da história”. Duarte (1995, p. 29) pontua que a família é ainda considerada uma instituição sacralizada, porque se expressa sob esta forma, “a essência do humano e garante sua reprodução fidedigna *ad aeternitatem*”. Para o autor, a família conjugal moderna é vista pelos arautos da modernidade, em oposição aos formatos ampliados e entranhados que a precederam, como “a *célula mater* natural e inevitável onde se podem abrigar as crisálidas dos indivíduos modernos”. Em tempos em que os deslocamentos mundanos da hierarquia, da ordem sagrada parecem ruir, Duarte (1995, p. 30) afirma que a Igreja Católica percebe que a família nuclear se torna “o último reduto de sua concepção necessária e tradicionalmente relacional da Pessoa”.

A Igreja Católica se mostra inflexível com relação ao modelo de família por ela defendido. Roger Bastide (2006, p. 112) explica isso. Para ele, a religião tem um caráter intencionalmente ‘conservador’, ‘imobilista’, uma espécie de “papel de freio ou de obstáculo erguido contra a mudança, as transformações e mutações das mentalidades, das estruturas, do social em todos os seus aspectos”. Embora ela não negue a mudança, contudo, pondera o autor, “a considera unicamente como perda, ou regressão, em relação às origens, como enfraquecimento da dinâmica das Igrejas, da vida interior dos homens, como arrefecimento do fervor das criações”. Não se sentindo mais em sintonia com o mundo que a cerca, a religião só muda remontando às origens, ou ao que acredita serem as verdadeiras origens do cristianismo (BASTIDE, 2006, p. 112). Assim, em tudo procurará ser fiel aos seus princípios doutrinários e dogmáticos, conservando rigorosamente a Bíblia, a Tradição e o Magistério, que, sob a ação do Espírito Santo, constituem o tripé sobre o qual se encontra assentada (VENDRAME, 2001, p. 15).

A família ideal, aqui entendida como a Família de Nazaré, é aquela à qual se aspira a ser igual, mas que de fato não se consegue. Esse arquétipo, que por tanto tempo vem servindo de instrumento de controle da família por parte da Igreja Católica, tem sua utilidade social enquanto sirva de parâmetro para que, a partir dele, a família compare suas forças e fraquezas, havendo toda probabilidade de descobrir quais áreas necessitam de maior atenção e, assim procedendo, possa ter melhor qualidade de vida para seus membros (SIMONTON, 1990, p. 107).

Certamente, os valores agregados à Família de Nazaré, sobretudo os ligados à ética e à moral, são essenciais não só para a integração da família, mas para toda a sociedade, como ordenadores do agir cotidiano dos indivíduos. Contudo, no que se comprova no próprio Cenáculo, esse arquétipo acaba acarretando um grande peso para as famílias que não conseguem a ele assemelhar-se.

Segundo Francisco Ortega (2002, p. 160), há uma distância muito grande entre a família ideal e a realidade das pessoas. O esforço por imitá-la geralmente leva a insatisfações e frustrações. Além disso, no caso específico do Cenáculo, por exemplo, a supervalorização do arquétipo Família de Nazaré, como ideal a ser atingido, acaba por desvalorizar o curso natural da vida familiar, com seus altos e baixos, com suas conquistas e derrotas, com suas realizações e frustrações, com suas alegrias e tristezas, enfim, com tudo aquilo que dá o tempero necessário para que a família não caia na monotonia. O ideário de família ideal, presente no CNS do SMT, contrasta atualmente com outros tipos de arranjos e rearranjos familiares. Como veremos mais adiante, a família passa por profundas transformações, multiplicando-se. Assim, torna-se cada vez mais difícil sustentar esse modelo de família proposto pela Igreja Católica que, por estar assentado sob o sistema patriarcal, já se encontra ultrapassado para os dias de hoje (CASTELLS, 2010).

Ora, se as famílias católicas não se conformam mais com a Família de Nazaré, há de se considerar, como fator decisivo para isto, a flexibilidade e dinamicidade próprias da família, que fazem com que ela esteja sempre em constante mutação, razão por que é impossível que se atinja o modelo ideal. Aliás, de acordo com Simonton (1990, p. 107), o próprio termo “ideal” deixa implícito que “a família perfeita e o ambiente familiar ideal são objetivos eternamente inatingíveis”, pois, mesmo aquelas famílias que mais se aproximam do modelo ideal, estão sujeitas a falhas. Michael Ventura (1995, p. 25) afirma que pregar a família ideal é uma forma de as pessoas se considerarem disfuncionais, pois o ideal “faz com que tudo o que esteja fora dele seja, por definição, não ideal, ou seja, disfuncional”. Conforme afirma o autor, sem esse ideal a família é apenas aquilo que é. Muitas famílias que nutrem a ideia do modelo de família ideal, como acontece no CNS do SMT, se sentem frustradas por não conseguirem seu propósito.

De nossa parte, apesar de que os cenaculistas, a exemplo de E10, possam considerar “que toda a carga pesada negativa que busca levar a família à destruição não terá sucesso, pois o modelo da família de Nazaré prevalecerá por todo o

sempre, formando lares de verdade, pois esta é a vontade de Deus”, acreditamos que tal modelo, se não uma impossibilidade, é muito difícil de ser vivido no mundo pós-moderno. Esse modelo agrega valores não mais aceitos como plausíveis, tais como: castidade, fidelidade conjugal, indissolubilidade do matrimônio, maternidade como vocação, que em si mesmos não teriam quaisquer problemas, mas, na forma como foram idealizados e impostos pela Igreja Católica, se tornaram ao longo do tempo altamente prejudiciais, sobretudo às mulheres, que hoje reivindicam seus direitos, num movimento de desconstrução do sistema patriarcal. Não só isso, acreditamos ainda que, ao reiterar tais valores, dando-lhes uma naturalidade já comprovadamente afirmada como meros constructos socioculturais, por meio de expressões de prática de fé como o CNS do SMT, a Igreja Católica reforça o sistema de dominação e de submissão que hoje se tenta desconstruir.

Como veremos, na sequência desta análise, a partir desse arquétipo de família, a Igreja Católica exercerá um forte controle sobre seus fiéis, fazendo garantir o ideário de família por ela estabelecido, conforme se reitera no CNS do SMT.

2.1.3 A família sob o poder controlador da Igreja Católica via CNS do SMT

Por longo tempo, viveu-se no Ocidente uma realidade sacralizada em que a Igreja Católica desempenhava um papel normatizador, disciplinador e regulador da ordem social, definindo “normas de comportamento individual, familiar e social” (AZZI, 2008, p. 99) que, na concepção de Duarte (2006, p. 59), somente podem ser estabelecidas “por pressão moral, e não pela aplicação mecânica, jurisdicional, de um poder de polícia”. Na defensiva contra os valores modernos, a Igreja Católica reforçou e usou a seu favor a ideia de uma religião natural, invocando argumentos naturalistas quando da imposição de limites aos valores individualistas. Isso se tornou particularmente notável, no que se refere à ideia do modelo de família, por ela apresentado a seus fiéis como um valor natural, conforme defendido nos dias de hoje (DUARTE, 2005, p. 159), no próprio CNS do SMT.

Segundo Enzo Pace (2012, p. 32), para a Igreja a natureza tende a ser considerada como um reflexo da ordem divina. Em razão disso, ela é depositária de um poder absoluto considerado inviolável por parte da razão humana. Partindo desse princípio, argumenta Pace (2012, p. 34), a Igreja Católica se reserva o direito de agir com autoridade absoluta a fim de “garantir a coerência entre a ordem divina

e a ordem natural”. Dessa forma, pondera o autor, em questões ligadas à família, como divórcio, contracepção e aborto, tidos por ela como contrários à ordem natural e imutável, ela se considera capacitada em pronunciar “uma palavra de verdade absoluta e inquestionável, válida, portanto, para todos os católicos” Como sua tarefa fundamental é a salvação, a Igreja Católica não abrirá mão dessa prerrogativa de agir “em nome de quem pode na verdade possuir uma superioridade sobre o poder temporal” (PACE, 2012, p. 34). Assim, investida de tal poder, por meio de expressões religiosas como o CNS do SMT, a Igreja fará de tudo para preservar a família, conformando-a segundo o modelo por ela concebido, que é a Família de Nazaré.

É nessa perspectiva que vemos o controle exercido pelo CNS do SMT sobre os cenaculistas, inculcando-lhes os mesmos princípios da Igreja Oficial, relacionados à família. Dessa forma, mesmo se apresentando com características semelhantes às do Catolicismo Popular, funcionando com autonomia em relação ao Catolicismo Oficial, o CNS do SMT, no entanto, deste não destoa, pois reitera para seus membros os mesmos valores de ordem clerical, celibatária e masculina, típicos do sistema patriarcal, que por milênios vêm sendo impostos aos seus fiéis. Um exemplo disso é o caso de E17, a ser analisado no terceiro capítulo, que, para continuar recebendo a Eucaristia, foi pressionada pelos cenaculistas a deixar o namorado, pois a mulher separada do marido não pode receber esse sacramento se estiver em ‘pecado’. Ou seja, o próprio namorado já é considerado impedimento, pois, para a Igreja Católica, mesmo quando separada oficialmente pelo poder civil, continua casada: “Não separe, pois, o homem o que Deus uniu” (Mt 19,5-6).

Embora os tempos sejam outros, a família tenha mudado e os próprios valores religiosos estejam em descrédito, contudo, como exigência para se viver uma vida consagrada ao Imaculado Coração de Maria, o CNS do SMT procura reiterar ali todo um código de valores tradicionalmente sustentado pela Igreja Católica, como: a indissolubilidade do matrimônio, a monogamia, a fidelidade conjugal, a castidade (com prolongamento da virgindade até o matrimônio), maternidade e paternidade responsáveis. Nas palavras de Norbert Elias (1994, p. 164; 187), até hoje, para a Igreja Católica, “a família nuclear continua a ser o único enclave legítimo, socialmente sancionado”, o único modelo, a única possibilidade não pecaminosa, para as funções íntimas do homem e da mulher. Assim, tudo o que vai contra esses valores estabelecidos para a família, é considerado pecado.

Em sua busca pela integridade da família, nos moldes idealizados pela Igreja, através de uma moral que foi construída ao longo de sua história, responsável por canalizar a sexualidade, em vista ao casamento (COUTO, 2005, p. 239), o CNS do SMT naturalmente se posiciona contrário ao sexo fora do matrimônio, à perda da virgindade antes do casamento, ao divórcio, ao aborto, à contracepção, às uniões livres, à homossexualidade, à pedofilia, bem como a uniões com pessoas do mesmo sexo. Na verdade, no cristianismo a sexualidade foi profundamente evitada e reprimida pelos celibatários, ao ser desconsiderada como “uma dimensão fundamental do ser humano”.⁴⁰ Na perspectiva cristã, o imaginário social de nossa cultura ocidental é construído de forma a negar e ocultar o corpo e o prazer. Nesse sentido, a religião se ancora em textos bíblicos para fundamentar concepções em torno da sexualidade, inscrevendo-a no âmbito do proibido e do perigoso. É em razão disso que estabelece normas e regras para exercer o controle sobre ela (NEUENFELDT, 2008, p. 11).

No exercício desse controle sobre a sexualidade, a religião cristã tem legitimado e sacralizado uma sociedade patriarcal e misógina por meio de mitos e valores que são inconscientemente interiorizados por mulheres e homens, refletindo-se de forma negativa, “na forma de lidar com o corpo, com os desejos, com o erotismo e com o prazer” (NEUENFELDT, 2008, p. 10). Isso se observa tão logo a Igreja Católica se torna religião oficial do Império Romano, assumindo um papel que a distancia da mensagem original do Evangelho, que pregava uma igualdade fundada no amor. Dessa forma, de acordo com Seixas (1998, p. 48), aos poucos a Igreja vai adotando o sistema patriarcal, “fazendo prevalecer as instituições sobre o amor e submetendo o oprimido a valores espirituais”. Com isso, as mulheres perdem a condição de igualdade com relação aos homens, fazendo com que a posição legal e social que ocupavam nos primórdios da era cristã seja praticamente a mesma da época que precedeu o cristianismo. Efetivamente, isso se deve ao fato de que a liberdade oferecida pela Igreja à mulher é apenas espiritual. As mulheres não tinham escolha: ou se vivia a sexualidade desprezando a espiritualidade, ou se vivia a espiritualidade renunciando à sexualidade (PEDREIRA, 2005, p. 34).

⁴⁰ De acordo com Roudinesco (2003, p. 91), devido a seus excessos (e por isso mesmo intolerável para a civilização), a sexualidade “deve ser, segundo Freud, canalizada sem ser reprimida, uma vez que só pode exercer sua influência de duas maneiras contraditórias: de um lado, como poder destruidor; de outro, como forma sublimada do desejo”.

Gradativamente, de acordo com Couto (2005, p. 229; 239), a Igreja Católica passa a construir, a partir do século V, com Santo Agostinho, toda uma ideologização em torno da sexualidade, canalizando-a para o casamento e sacralizando alguns de seus elementos, como paternidade, maternidade, fecundidade, procriação, castidade, bem como condenando outros, como o corpo, por exemplo, que, devido aos prazeres da carne, passa a ser rejeitado. A Igreja primitiva concebia que a prática sexual somente poderia ocorrer no casamento, com vistas à procriação. Segundo Ranke-Heinemann (1996, p. 107-108), na concepção de Agostinho, a relação sexual conjugal somente é inteiramente livre de culpa quando orientada unicamente à procriação. A relação sexual que não tenha a finalidade procriativa é considerada um pecado venial, somente perdoável em razão de manter a fidelidade no matrimônio. A Igreja daqueles tempos considerava como pecado qualquer atividade sexual fora do casamento e até mesmo aquela dentro dele, porém voltada ao prazer. De acordo com Seixas (1998, p. 49), na relação sexual não podia haver qualquer demonstração de paixão entre marido e mulher. Deveriam praticar o sexo com critério, sem exageros, com o gozo restrito. Isso perdurou até o aparecimento da família conjugal moderna, no século XVIII.

Com efeito, toda a severidade do cristianismo, altamente repressor da sexualidade, recairá, sobretudo, contra a mulher. Conforme Seixas (1998, p. 48), uma teologia totalmente desfavorável à mulher irá refletir-se na vida familiar, em que ela passa a desempenhar um papel inferior ao do homem, pois, ao ser comparada com Eva, que na ordem da criação é apenas a segunda, feita a partir da costela de Adão, é considerada a origem do pecado, de todo sofrimento e de todos os males, sendo responsável por tentar Adão. Em razão disso, na concepção cristã sobre a família e seus membros, as esposas são consideradas como “fracas, frágeis, lentas de entendimento, emocionalmente instáveis, fúteis, hipócritas e indignas de confiança no que diz respeito às questões públicas”. Além disso, representam uma ameaça sexual, pois, em função da queda, tanto a mulher quanto o prazer passam a ser considerados pelos padres da Igreja como “instrumentos do diabo, destinados a afastar o homem de Deus e da transcendência” (SEIXAS, 1998, p.48).

Na Idade Média, no que Paul-Eugene Charbonneau (1985, p. 179) denomina de “jogo conjugal”, em tudo a esposa era submissa ao marido e isso constituía uma lei: “a ele cabiam as mais diversas decisões; suas opções é que determinavam o tipo de vida que a esposa devia levar, o local onde devia viver, o que deveria fazer,

com o que deveria se alegrar e com o que deveria se entristecer”. A dependência da mulher ao marido se dava em todos os níveis da vida familiar: doméstico, financeiro, educacional, vida sexual. Nada mais sintomático do que a instituição do *debitum conjugale*, por parte da moral conjugal patriarcal cristã, cujo conceito se referia a uma dívida conjugal estabelecida, para regular as relações sexuais entre cônjuges, com deveres recíprocos, que, porém, como todas as “antigas regras do jogo conjugal submetiam a esposa ao marido, com uma submissão odiosa”. A mulher tinha que oferecer seu corpo ao marido, como um dever a ser cumprido (CHARBONNEAU, 1985, p. 179). Somente muito mais tarde a mulher viria a romper esse círculo, ao reconquistar sua autonomia.

No CNS do SMT, esse controle exercido sobre os fiéis, por meio da interiorização de valores essencialmente religiosos, pode levar a um estado de alienação, no sentido entendido por Berger (2004, p. 103), em que a religião “mistifica as instituições explicando-as como dados acima e além de sua existência empírica na história de uma sociedade”. Com efeito, de acordo com esse autor, pouco se pode duvidar que o controle exercido pela Igreja Católica sobre seus fiéis, com grande eficácia, no caso específico da família, por exemplo, se deve ao seu poder de legitimação ao elaborar, por exemplo, uma mistificação da instituição matrimonial em termos religiosos, fazendo com que o casamento seja legitimado como um mandamento divino, uma lei natural, feito sacramento, deixando de ser completamente “apreendido como uma atividade humana” (BERGER, 2004, p. 103).

Observa-se que as normas e interditos que a Igreja aplica a seus fiéis, em seu controle exercido sobre as famílias cristãs, principalmente as do CNS do SMT, são de tal envergadura, com um sobrepeso imenso nas consciências dos fiéis, que parecem fugir da realidade. Para aqueles que ousam fazer uma interpretação pessoal, relativizando aquilo que a Igreja prescreve para a família, conforme Duarte (2005, p. 156), “sempre há um ônus psicológico a enfrentar na contravenção dos dogmas ou preceitos”, principalmente no que se refere a ênfases em torno da sexualidade/reprodução, afetando, de forma indireta, a família e a identidade de gênero. Vale aqui citar um comentário de Gramsci (1999, p. 412), bastante ilustrativo a esse respeito: “Um católico integral – isto é, que aplicasse em cada ato de sua vida as normas católicas – pareceria um monstro, o que é, se pensarmos bem, a crítica mais rigorosa e mais peremptória do próprio catolicismo”.

No controle que exerce sobre os cenaculistas, esses valores e interditos são repassados no CNS do SMT de forma praticamente intacta, tal qual vem sendo milenarmente ensinados pela Igreja Católica, que, em questões de ordem moral, sobretudo ligadas à sexualidade, tem sido muito inflexível, altamente conservadora e repressora daquilo que considera pecados da carne (AZEVEDO, 2003, p. 68). A seguir, com base em todos esses dados, referentes ao ideário de família no imaginário católico, procuraremos traçar um perfil da família do Cenáculo.

2.1.4 O perfil da família do CNS do SMT conforme o ideário de família nele existente

A princípio, a família do CNS do SMT não apresenta nada de extraordinário que a defina como sendo diferente de outras famílias. Organiza-se como uma família conjugal moderna: “Somos compostos de pai, mãe e filhos”, diz E25, professora, 50 anos, casada, mãe de dois filhos. Embora ali a maioria das mulheres esteja inserida no mercado de trabalho, a família naquele universo não foge ao estilo tradicional de família nuclear moderna, com clara divisão de papéis, típica do sistema patriarcal vigente em nossa cultura, como fica subentendido na fala de E8, comerciária, 53 anos, casada, mãe de dois filhos: “Eu me vejo mãe e esposa como Nossa Senhora. Me dedico muito aos meus filhos, ao meu marido e à minha casa”. O diferencial da família do Cenáculo está aí, implícito: “como Nossa Senhora”. Com efeito, observa-se que os cenaculistas mantêm-se focados no mito da família ideal, estabelecido pela Igreja, cujo protótipo é a Família de Nazaré, com destaque para a Virgem Maria, a quem consagram a si próprios e toda a família. Portanto, o que pode ser um fator distintivo com relação a outras famílias é que a família do Cenáculo se organiza em torno de valores tradicionais, cuja vivência imprime especificamente àquela família uma identidade de família cristã, consagrada a Nossa Senhora.

De fato, como vimos no primeiro capítulo, a consagração da família a Nossa Senhora não só é uma condição para se participar do Cenáculo, mas também para se pertencer ao MSM. Assim, mesmo que, pelas contingências próprias da vida, possam não ser aquela sagrada Família de Nazaré, os cenaculistas a imaginam como sendo a ideal e assim procurarão, de todas as formas, aproximar-se dela e com ela parecer-se. Como diz E10, como família consagrada, parecer-se com a Família de Nazaré é “não só uma aspiração, mas uma obrigação da família católica”. Ao declarar que sua família está aquém da família de Nazaré, E7, contudo, afirma:

“Seguimos os moldes da família de Nazaré”. Igualmente, E4, dona de casa, 53 anos, casada, mãe de três filhas, declara seguir o modelo proposto pela Igreja, no qual se espelha no dia a dia, “porque é uma família que é exemplo de santidade, união e confiança em Deus”. No que reforça o ideário de família reiterado no CNS do SMT, E22, servidor público, 74 anos, casado, pai de três filhos, afirma com convicção: “Por vontade de Jesus, a minha família se parece com a família de Nazaré, pois eu e minha mulher somos casados, formamos uma família, seguindo os ritos do matrimônio católico”. Portanto, constituir uma família na forma proposta pela Igreja, é o ideal a ser vivido pelos cenaculistas.

Alguns dos entrevistados reconhecem que sua família seja semelhante à Família de Nazaré apenas em alguns aspectos. Evidenciam que procuram seguir os padrões de valores, como amor, comunhão com Deus e solidariedade entre seus membros, presentes naquele modelo, vendo ocasionalmente seus traços em sua própria família, como é o caso de E3, a seguir:

Vejo esta família ao sentir o amor que existe entre nós, pais e filhos. Todos frequentam a verdadeira Igreja, que é a de Jesus Cristo, e quanto sinto o respeito pela ajuda e necessidades de cada membro da minha família! Vejo essa família quando sinto as preocupações de cada um com o outro, quando sinto o amor de Maria nas minhas filhas, meu marido e sua presença marcante em minha vida, apesar de me considerar relapsa em relação à oração, e forças para viver o meu dia a dia (E3).

Reconhecendo-se como uma família que não é diferente de tantas outras dos dias atuais, E9, dona de casa, 50 anos, casada, mãe de duas filhas, afirma que sua família se parece com a família de Nazaré. Como justificativa, diz ter recebido os sacramentos da iniciação cristã e depois o sacramento do matrimônio. Tudo isso por acreditar em Deus e que sua família “está como a família de Nazaré, exposta às dificuldades, tentações, fragilidades, alegrias, frustrações, doenças”, da mesma forma como a Sagrada Família esteve, “com a diferença que Maria e José são o que de melhor Deus pode contar para realização dos desígnios de salvação para a humanidade”. No que lembra a histórica família de Nazaré, E28, professora aposentada, 60 anos, casada, mãe de três filhos, afirma que sua família se parece com a família de Nazaré “porque é uma família simples, humilde, trabalhadora e que procura sempre bons costumes e modos de vida”.

Como se vê, no CNS do SMT os cenaculistas são conscientes de que existe um arquétipo de família idealizado pela Igreja Católica, com o qual dizem se

identificar. O que os leva a afirmar que suas famílias se parecem com a Família de Nazaré e que procuram sempre espelhar-se nela, é um desejo ardente de viver uma vida consagrada a Nossa Senhora, de harmonia, pureza e santidade. Isso implica aos cenaculistas a vivência de todos os valores tradicionalmente idealizados pela Igreja Católica para a família (castidade, virgindade, matrimônio, indissolubilidade, fidelidade, harmonia conjugal, maternidade), bem como aquelas virtudes prescritas pelo Evangelho, a fé, a esperança e a caridade. Compondo todo um ideário de família reiterado naquele Cenáculo, ainda temos aquelas recomendações do livro-guia, a ela referidas. Soma-se a isso a obrigatoriedade que cabe a todo fiel católico de participar da missa, dos sacramentos e da vida pastoral da Igreja, e temos, por completo, o ideal de família no CNS do SMT.

Assim entendido, os pais cenaculistas empreenderão um esforço redobrado no sentido de manipular, controlar e/ou direcionar o restante da família, principalmente os filhos, de modo a viverem conforme o modelo estabelecido pela Igreja para a família cristã. Assim, farão de tudo para que a interação familiar se dê conforme o ideário de família ali presente, sobretudo por força da consagração. Isso em algumas famílias pode se dar pela normalidade, porém, em outras, acarreta frustrações, conflitos e a necessidade de se conformar, devido, principalmente, à autonomia do indivíduo moderno. De fato, movidas pelo racionalismo, as gerações mais jovens apresentam certa resistência em aceitar a forma pela qual os pais procuram viver a religião, dificultando, assim, que haja um encontro de ideias entre as gerações precedentes e as que as sucedem. Embora jamais escondam o desejo de que seus filhos os acompanhem na prática da fé, a maioria dos cenaculistas opta por respeitar a liberdade dos filhos. Como diz E5, “somos apenas lâmpadas e podemos iluminar, auxiliar sempre. E nunca obrigar”. E10 considera que “cada pessoa tem o seu tempo. A crença em Deus e o amor a Nossa Senhora foi implantado em minha família. Se Deus respeita a liberdade de cada um, façamos o mesmo”. Ao lamentar que as filhas hoje não queiram mais saber da religião, E11 diz que “a sementinha está plantada, uma hora, quem sabe, Deus vai lá e vai desabrochar essa planta”. No geral, a ideia que se tem é que os pais devem plantar a semente e deixá-la germinar por conta própria, sem forçarem seus filhos.

No CNS do SMT, há um esforço no sentido de que o relacionamento intrafamiliar se dê num clima de família cristã, priorizando-se o amor, o respeito e o diálogo. Ao comentar sobre o relacionamento com os filhos, E23, arquiteta, 60 anos,

divorciada, mãe de três filhos, diz que esse relacionamento se dá com “muito amor e respeito, com ênfase nos valores cristãos”. Para E28, o diálogo é o caminho eficaz para um bom relacionamento entre pais e filhos, sendo por ela entendido “como solução para nossas dúvidas e fraquezas que às vezes nos incomodam”. E7 partilha desse mesmo sentimento com relação às filhas, valorizando a via do diálogo: “Não temos oportunidade de sentarmos à mesa durante a semana, devido ao horário de trabalho [...]. Porém, tentamos firmar o diálogo sempre que possível”.

A exemplo de outras famílias não cristãs, as famílias do CNS do SMT têm também seus altos e baixos. Passam por problemas de ordem conjugal, como sugerem os casos de E11 e E19, de submissão à dominação masculina, em prol de um ideal maior, que é a manutenção do casamento, a ser tratado no terceiro capítulo, bem como no relacionamento entre pais e filhos. E1 lamenta a falta de diálogo no lar, pois “às vezes não nos entendemos, brigamos, nos agredimos com ofensas e gestos, não temos tanta paciência, tolerância e amor nos corações como eles [a família de Nazaré] tinham”. E3 se mostra frustrada no relacionamento com as duas filhas, dizendo que, “apesar de orientarmos, esclarecer os fatos e às vezes discutir, não conseguimos, até agora, uma resposta plena de nossas filhas. Estamos ficando à parte da realidade delas”. Mesmo que tenha problemas de relacionamento, contudo, não a descaracteriza como uma família consagrada a Nossa Senhora, pois, mesmo que não o consigam de momento, os cenaculistas têm sempre a esperança de que algum dia os filhos venham a integrar-se nessa família. Afinal, como diz E10,

Quando os filhos tornam-se adultos, o que faz uma mãe? Continua a dar bons exemplos, pedindo também a Deus sua proteção, suplicando também pela conversão diária de cada um. Esperando também que aquilo que foi implantado na infância e adolescência venha à tona no decorrer de suas vidas (E10).

Num mundo em que os valores substantivos estão em descrédito, a maior dificuldade enfrentada no diálogo entre pais e filhos se refere à questão do individualismo e da cultura de consumo. As falas dos cenaculistas comprovam isso. E22 afirma que a relação pais e filhos, em sua família, se dá normalmente, mas tem que lutar contra o individualismo e o consumismo atuais: “Muitas vezes sofremos as forças desagregadoras do individualismo moderno fazendo de tudo para destruir esse normal e bom relacionamento que deve existir no seio da família feliz e bem constituída sob as bênçãos de Deus”. Segundo E5, o individualismo e o consumismo

“teimam em entrar em nossas casas, pelos meios de comunicação, como TV, rádio, etc., causando grandes transtornos nas famílias, que muitas vezes se veem em total destruição”. No que se refere ao consumismo, E25 é bastante enfática ao afirmar: “Tentamos ficar o mais possível com os pés no chão, atentos à onda do consumismo para não nos deixarmos levar por ela. Pois o consumo excessivo é exatamente o contrário do que Cristo pregava”. E1 mostra bem a dificuldade que se tem em lutar contra o individualismo e a cultura do consumo.

Nós, pais, estamos sempre querendo resguardar nossos filhos, passando e transmitindo a eles os valores que julgamos correto: que ninguém consegue viver sozinho, que precisamos uns dos outros para vivermos em harmonia e sociedade. Que devemos buscar viver na justiça, honestidade e retidão. Mas no dia a dia, o mundo oferece outros caminhos: o ter, o poder são mais importantes a eles para que possam estar em evidência (E1).

Esse entrevistado atenta para o fato de que os pais precisam convencer os filhos a “constituírem uma base segura para o futuro deles que passa pela educação (cultura, conhecimento), a fim de conquistarem uma formatura, uma profissão”, sem, contudo, deixarem “de cultivar uma vida religiosa, espiritual, reconhecendo e admitindo que Deus é o Senhor de tudo e de todos” (E1). Nota-se, portanto, pela fala dos entrevistados, que há uma tentativa por parte dos pais em conduzir os filhos, por meio do diálogo, à vivência dos valores cristãos, que contrastam com os valores mundanos e a prática egocêntrica do individualismo. Porém, como diz E10, “é muito forte o apelo do mundo. Só Deus, tenho certeza, tem protegido nossa família dos horrores externos. Confesso que às vezes nosso diálogo se deteriora quando da tentativa de diminuir o consumismo”. E, no que se refere ao individualismo, típico da modernidade, essa entrevistada diz que procura “chamar a atenção para a caridade, que é o amor maior e deve prevalecer sobre tudo”.

Embora tenha um perfil de família cristã, que, juntamente com o sentido da consagração, lhe dá uma identidade distintiva, no que se refere ao esforço dos pais no sentido de inculcar nos filhos o ideário de família por eles vivido, o CNS do SMT não foge à lógica da modernidade. Ali, devido à autonomia do indivíduo moderno, também acontece a evasão deste da coletividade (família), migrando-se para a individualidade, passando a viver conforme outras ideologias, inclusive, não religiosas (MADURO, 1980). Nesse sentido, é natural que os pais encontrem resistência junto aos filhos, para que vivenciem os mesmos valores por eles vividos.

Ainda assim, conforme sustenta Goode (1970, p. 117-118), e que vai ao encontro da expectativa dos pais, no sentido da semente que se plantou, a tendência lógica é que, no ciclo vital próprio do ser humano, as experiências de socialização, por meio das quais os filhos adquiriram valores e habilidades dos pais, através do processo de interiorização, mais tarde, quando já na fase adulta, ao se tornarem pais e esposos, serão o fundamento de seu comportamento adulto.

De tudo isso, fica claro que no CNS existe um modelo de família a ser seguido, e que é condição para se viver a consagração a Nossa Senhora conformar-se em tudo a ele. Assim, mesmo que não sejam esse tipo de família, os cenaculistas a têm como ideal e procurarão de todos os meios parecer-se com ela, inclusive procurando convencer os demais membros da família a viverem esse mesmo ideal, fazendo prevalecer, assim, o sentimento de família sobre o individualismo. O parecer-se com a Família de Nazaré, de certa forma, confere às famílias do Cenáculo um caráter que constitui um diferencial em relação a outras famílias que não cultuam os mesmos valores ali reiterados. Pelas características que apresenta, pode-se inferir que a família do CNS do SMT é uma família nuclear tradicional, que tem uma identidade que a distingue das outras: a de ser uma família consagrada a Nossa Senhora, espelhada na Família de Nazaré. Isso é decisivo para se fazer preservar ali o ideário de família proposto pela Igreja Católica e que, acreditamos, por ser idealizado com base no sistema patriarcal, contribui para a perpetuação da dominação masculina e submissão feminina.

Considerado o ideário de família no imaginário do CNS do SMT, a fim de melhor subsidiar nossa análise sobre o tema, neste e também no próximo capítulo, veremos sobre o sistema que marca as relações sociais tecidas na família e na sociedade, em nossa cultura, sobre algumas concepções básicas referentes à família e como esta se encontra nos dias de hoje.

2.2 A FAMÍLIA É A BASE DA SOCIEDADE

Na Declaração Universal dos Direitos Humanos (Art. 163), consta que “a família é o núcleo natural e fundamental da sociedade”. A Carta Magna de nosso País afirma que a família é a base da sociedade (Art. 226). Reconhecer a família como base da sociedade é reconhecer a importância da função social que exerce na socialização de seus membros, em todos os ciclos da vida. Embora esteja por

demais fragmentada, a família continua a desempenhar um papel importante na sociedade, porque é ali que se produz o cidadão de amanhã (HELLER; FEHÉR, 1998, p. 144). Como diz E17, a família “é a base da vida de qualquer pessoa”. É no seio familiar que o ser humano se sociabiliza, conhecendo seus limites, aprendendo a distinguir o certo do errado, o bem do mal e a relacionar-se com o outro. Apesar de todas as mudanças que a família vem sofrendo no mundo de hoje, ela é imprescindível para a sociedade, pois “continua sendo o único valor seguro ao qual ninguém [nem mesmo a sociedade] pode renunciar” (SAYÃO, 2006, p. 28).

Em sua pretensão de impor-se como fonte de sentido para o mundo social, a Igreja Católica sempre se preocupou com o controle da família. Ao longo dos séculos, não mediu esforços para mantê-la como um santuário intocável (POSTER, 1979), pois dela depende a sobrevivência da vida social. A sociedade é um reflexo da família. Esta, por sua vez, é como se fosse um termômetro indicador de como vai a sociedade. Assim, numa relação dialética, se a família vai bem, é sinal de que a sociedade vai bem. Porém, se a sociedade vai mal, é porque a família não vai bem. Dessa forma, a Igreja considera a família como “célula primeira e vital da sociedade” (PAULO II, 2004, p. 47). Esse pensamento da Igreja está vivo na memória dos cenaculistas, que reconhecem a importância que a família tem para a sociedade:

Pra mim, a família é a base da sociedade. Eu acho que a sociedade tem dois grandes pilares, um é a família e o outro é a religião [...]. E a família, a família é outro pilar da sociedade que sustenta, porque ali, você tem a figura de um pai e a figura de uma mãe. E tem o restante da família que são os agregados, os filhos. Então assim, a família tem que estar unida” (E12).
A família é, foi e sempre será a base da sociedade. Sempre será o porto seguro para todos os seus membros. Por isso mesmo ela sempre sofreu e sofre agressões diversas, de pessoas e grupos, guiados pelo mal, aos quais não interessa esta constituição (E10).

Reconhecer que a família seja base da sociedade é reconhecer igualmente seu papel fundamental de principal contribuidora para a vida social. Conforme pontua Goode (1970, p. 17), sua contribuição atinge todas as instituições de uma estrutura social, pois o desempenho de um papel nela aprendido torna-se o modelo para o desempenho de outros papéis, exigidos por outros segmentos da sociedade. A família é como um fio condutor por meio do qual passa todo o conteúdo do processo de socialização, fazendo com que a cultura e conseqüentemente a sociedade sobrevivam (GOODE, 1970, p. 17). Dessa forma, atua como uma espécie de “agente da socialização” (LASCH, 1991), funcionando como mediadora entre o

indivíduo e a sociedade (POSTER, 1979), capaz de reproduzir, em seus membros, padrões socioculturais garantidores da ordem estabelecida.

Há uma relação intrínseca entre família e sociedade. Em *Do contrato social*, Jean-Jacques Rousseau (1990, p. 18) faz uma analogia entre família e sociedade, que nos permite afirmá-la como modelo da vida social: o chefe da sociedade política “é a imagem do pai, o povo é a imagem dos filhos; e todos, nascidos iguais e livres, alienam sua liberdade apenas pela sua utilidade”. Qualquer diferença entre uma e outra reside no fato de que, “na família, o amor do pai por seus filhos é o pagamento dos cuidados que lhes presta; e que, no Estado, o prazer de comandar substitui este amor que o chefe não tem pelos seus povos”. Por mais que a família pós-moderna não se defina mais como uma estrutura duradoura, intangível, intocável e que os valores ali interiorizados sejam mutáveis, ela ainda continua a ser o protótipo da vida social pela tessitura de relações que nela acontece.

A família pode ser considerada um laboratório da vida social, onde se produzem indivíduos sociais, em meio à pressão, tensões e carências individuais, mas que levam necessariamente à coesão de seus membros. Apesar de todas as mudanças, ela continua a ser ainda o melhor modelo de organização institucional, de estabilidade mais duradoura, onde se aprende a viver em harmonia, na paz, no amor, na fraternidade, elementos estes garantidores de nomia social (BERGER, 2004), sem os quais é impossível sua sobrevivência. Juntamente com a religião, a família forma os dois pilares que dão sustentação à sociedade, conforme disse E12. Retirem-se esses dois pilares e a sociedade desmorona, caindo em um estado de falência, devido à “desorganização de normas e valores” (VELHO, 2003, p. 14).

A fim de melhor contextualizarmos nossa tese e dar luz à compreensão do que temos afirmado e ainda iremos afirmar sobre devoção mariana, arquétipos de Maria e da Família de Nazaré, bem como sobre a família do CNS do SMT e o ideário de família ali presente, antes de partirmos para um conceito de família, seus princípios e valores, veremos, a seguir, em que base nossa sociedade, sobretudo a família e a hierarquia católica se encontram assentadas.

2.2.1 O sistema patriarcal: a base da organização familiar

A compreensão que nós, os ocidentais, temos sobre família, no que se refere ao seu conceito, à divisão de papéis sexuais, à sua função social, bem como sobre o

universo de valores e crenças que se cristalizou em nossa cultura, somente se torna completa quando tomamos conhecimento da base em que nossa sociedade está organizada. Todas as sociedades contemporâneas de nossa cultura estão assentadas sobre a estrutura do sistema patriarcal (CASTELLS, 2010, p. 169), ao qual está vinculada a organização familiar, com seu modo próprio de vida cotidiana, profundamente marcada pela desigualdade entre o homem e a mulher. Não obstante o termo patriarcalismo remeta de imediato à dominação do homem sobre a mulher e os filhos, no núcleo familiar, não se prende somente a isso. O patriarcalismo engloba todo um universo de valores e de estrutura de poder que vai além do universo domiciliar (BRÜGGER, 2007, p. 46), atingindo inclusive o universo de valores e crenças do cristianismo.

Com efeito, é com base nesse sistema patriarcal, no qual nossas sociedades se encontram alicerçadas, que se dão as relações sociais, de forma assimétrica, sobretudo, entre o homem e a mulher, cujas marcas profundas estão presentes principalmente na família e na religião. A esse sistema devemos: a concepção de família com um ‘pai patrão’ dominador e uma mãe e filhos dominados; sentimentos contraditórios referentes à sexualidade, à relação homem-mulher, uma confusa identidade sexual, típica de comportamentos machistas exacerbados; a ausência de afetos por parte dos “machos da casa-grande” (CARVALHO FILHO, 2000, p. 28). Devemos também a esse sistema a concepção de um deus masculino, presente na tradição judaico-cristã, responsável por exercer forte influência sobre a ideologização que a ordem clerical celibatária elaborou, resultando na polarização Eva/Maria, e que marca sua presença no imaginário do CNS do SMT.

Como forma tradicional de dominação masculina, o patriarcalismo é caracterizado pela autoridade, institucionalmente imposta, “do homem sobre mulher e filhos no âmbito familiar” (CASTELLS, 2010, p. 169). A ideologia desse sistema é responsável pela legitimação da dominação masculina no lar, fazendo prevalecer “a ideia de que o provedor da família deve gozar de privilégios” (CASTELLS, 2010, p. 210), tendo como exemplo sua exclusão das tarefas domésticas. Esse sistema de relações de poder, marcado pela desigualdade, pode ser entendido “como poder efetivo e socialmente sancionado da figura do pai dentro do núcleo familiar, na qualidade de ideal moral” (OLIVEIRA, 2004, p. 103). O sistema patriarcal “corresponde a uma organização social que se rege por dois princípios básicos: as mulheres estão hierarquicamente subordinadas aos homens, assim como os mais

jovens estão hierarquicamente subordinados aos homens mais velhos” (WERBA, 2004, p. 170). Nesse sistema, que ainda perdura em nossa sociedade, “tanto a mulher como os filhos e os seus bens são todos [considerados] ‘propriedade’ do homem” (FREITAS, 2008, p. 72). Trata-se, portanto, de um sistema de discriminação institucionalizada que permeia toda a sociedade, ultrapassando, assim, o doméstico.

De fato, segundo Castells (2010, p. 169), para que a autoridade do homem seja exercida, “é necessário que o patriarcalismo permeie toda a organização da sociedade, da produção e do consumo à política, à legislação e à cultura”, ultrapassando, assim, as fronteiras do lar. Nessa mesma linha de compreensão se posiciona Sylvia Walby (2010, p. 155), que descreve o patriarcalismo como um sistema social caracterizado pela desigualdade nas relações de gênero. Ainda que inclua a desigualdade desse tipo de relações, de acordo com essa autora, o patriarcalismo não se resume ao âmbito familiar, na relação entre cônjuges, havendo uma interconectividade dos diversos aspectos das relações de gênero presentes em todo o tecido social. Efetivamente, afirma Walby (2010, p. 355), verifica-se essa desigualdade nos “muitos aspectos da vida social, no sentido de que as mulheres normalmente se encontram em situação de desvantagem em relação aos homens”.

Embora existam “exceções individuais a essas asserções, uma vez que elas se referem à desigualdade de gênero e não a todo homem e toda mulher como indivíduos”, pontua Walby (2010, p. 355), contudo, como de fato acontece, esses padrões de desigualdade entre o homem e a mulher “são reproduzidos ao longo do tempo no interior das estruturas sociais”. Como exemplo disso, temos: no que se refere ao trabalho, um fosso salarial entre homem e mulher, em que esta recebe salário menor que o homem; nas lides domésticas, que envolvem o cuidado dos filhos e do lar, há uma desproporcionalidade na divisão de tarefas, com desvantagem para a mulher; as mulheres estão bem mais propensas à pobreza, sobretudo na velhice; na política, a presença masculina é maciçamente superior à da mulher, cujo maior exemplo é a composição do parlamento; há uma tendência de que os homens exerçam uma maior influência no que se refere aos padrões culturais e morais, quando, por exemplo, estão à frente dos meios de comunicações ou como líderes religiosos (WALBY, 2010, p. 355).

A dominação masculina sofrida pela mulher e filhos ainda se faz presente nos dias de hoje, fortemente legitimada pela Igreja Católica, por meio de expressões religiosas como o CNS do SMT, que reivindica um ideário de família permeado por

elementos que podem levar, mesmo que inconscientemente, a um estado insentido de submissão feminina e de dominação masculina. Esse tipo de dominação tem sua origem no sistema patriarcal, em que marcas profundas são impressas nos relacionamentos interpessoais e, em consequência, na personalidade. Embora o patriarcalismo esteja fortemente presente em toda a estrutura social, conforme pontua Castells (2010, p. 169), “não fosse a família patriarcal, o patriarcalismo ficaria exposto como dominação pura e acabaria esmagado pela revolta da ‘outra metade do paraíso’, historicamente mantida em submissão”.

Considerando que nossa cultura é patriarcal e que a sociedade como um todo está alicerçada sob esse sistema, veremos, a seguir, a influência do patriarcalismo sobre as concepções, princípios e valores ligados à família.

2.2.2 A ideia de família em nossa cultura

Primeira das mais antigas instituições sociais (ZILLES, 2002), geralmente, a família como é conhecida no CNS do SMT é concebida como “família nuclear”,⁴¹ a qual é entendida por Goode (1970, p. 79) como composta “pelo marido, sua mulher e filhos” e que, na concepção de Adriana Wagner (2002, p. 24), é “o núcleo responsável pela promoção do desenvolvimento e bem-estar dos seus membros”. Esse tipo de família nuclear é ainda descrito por Giddens (2010, p. 175) como sendo “dois adultos vivendo juntos num mesmo agregado com os seus filhos biológicos ou adotados”, que, para Marlene Neves Strey (2007, p. 18), é “o resultado de uma associação entre pessoas com a finalidade de construírem a sua vida privada, não em oposição à sua vida pública, mas em complemento a ela”. Cynthia Sarti (1995, p. 26, 40) afirma que é na família que se dão os fatos básicos da vida. Ela “é a esfera da vida mais naturalizada pelo senso-comum, onde parece que tudo se dá de acordo com a natureza, porque a família regula atividades de base biológica, como o sexo e a reprodução humana”. Nossa vida está toda inteira ligada a ela. A família marca nossa trajetória de vida desde o começo ao fim.

Partindo desse princípio conceitual de família nuclear, temos o seguinte conceito, em Tânia Salem (1980, p. 126), que já sinaliza as tensões existentes no

⁴¹ A família assim descrita recebe o adjetivo “nuclear” porque, devido ao fato de ser bigeracional, “considera impossível formar um grupo de parentesco melhor”. A expressão família nuclear é também denominada “família elementar” por se constituir dos elementos básicos a todo sistema de parentesco. Seu contraste é a “família ampliada” (HARRIS, 2010, p. 154).

grupo familiar, devido à exasperação do individualismo pós-moderno: Família é “um todo indivisível no qual as fronteiras do ‘eu’ se diluem em prol das fronteiras do grupo. Ela demanda o sacrifício e a autonegação de seus elementos enquanto pessoas independentes, expressos na solidariedade e assistência incondicionais”. Assim entendido, qualquer projeto individual deve harmonizar-se e sujeitar-se aos propósitos e metas do grupo. Como a família é regida por um código moral impregnado de um dúplice caráter, ao tempo em que protege o indivíduo, pode anulá-lo. Com efeito, na família a individualidade tem pouco espaço para atuar “visto que em nível de valores o grupo é sempre mais importante do que cada um de seus membros tomado isoladamente” (SALEM, 1980, p. 126).

Numa perspectiva da Doutrina Social da Igreja, temos a definição assinada por Fernando Bastos de Ávila (1993, p. 192), que concebe a família como o *locus naturalis*, onde o amor entre seus membros é uma prioridade e os filhos são síntese viva dos pais, uma “garantia de sua prolongação e sobrevivência no tempo”. O modelo de família concebido pela Igreja é o da família conjugal monogâmica que, por sua privacidade fecunda e indissolúvel, é por ela considerada uma obra-prima da cultura cristã (ÁVILA, 1993, p. 193). Lembramos aqui que o caráter ‘natural’ que reveste esse conceito de família cristã, reforça os elementos a ela ligados, que são: o casamento (ou matrimônio), sua indissolubilidade e a procriação, que leva conseqüentemente à maternidade⁴² como um dado natural intrínseco à mulher, um destino (STEIN, 1999; GEBARA, 2009; SARTI, 2008), valores estes fortemente reiterados no CNS do SMT e que contrastam com os valores contemporâneos.

A seguir, veremos o tipo de família (que ao lado do modelo Família de Nazaré, dão base à família do CNS do SMT) que ainda é majoritário em nossas sociedades nos dias de hoje, que, embora esteja fundada na ideologia do sistema patriarcal, é valorizada por tornar-se um lugar de intimidade, de afeto e de amor.

2.2.3 Família conjugal moderna

A família nuclear formada por um pai, uma mãe e filhos, conforme se identifica a família do CNS do SMT, é conhecida como conjugal moderna (com o diferencial de que, no caso do Cenáculo, é uma família consagrada a Nossa

⁴² Por muito tempo “a maternidade foi considerada como principal função feminina, não só pela responsabilidade em gestar, como também em criar e educar os filhos” (FALCKE, 2002, p. 80).

Senhora). Por muito tempo, na Idade Média, prevaleceu um sistema de família que tinha como principal função assegurar a transmissão da vida, de heranças e nomes. Segundo Philippe Ariès (1981), esse tipo de família medieval subsistiu silenciosamente sem despertar qualquer sentimento que fizesse com que ela fosse valorizada. Era constituída a partir de laços de sangue, em dois grupos distintos, embora concêntricos: a família ou *mesnie*, mais próxima da família conjugal moderna, e a linhagem, que acomodava todos os descendentes de um mesmo ancestral (ARIÈS, 1981, p. 143; 145). Esse tipo de sistema familiar deu lugar à família conjugal moderna, caracterizada por Ariès (1981, p. 152) como família nuclear, formada por pai, mãe e filhos, que passa a ser vivida de forma discreta.

Devido ao sentimento de família nela presente, que implica uma intimidade maior entre pais e filhos, a família conjugal moderna passa também a ser “reconhecida como um valor e exaltada por todas as forças da emoção”, tornando-se um lugar obrigatório de afetos, sentimentos e amor, a partir do século XVIII (ARIÈS, 1981, p. 143). Algo decisivo para essa evolução familiar se dá com o tratamento dispensado às crianças e o sentimento ligado às relações entre o homem e a mulher (ARIÈS, 1981, p. 154). Segundo Elizabeth Roudinesco (2003, p. 19), esse novo modelo de família torna-se o receptáculo de uma lógica afetiva, que tem como fundamento o amor romântico.⁴³ De acordo com a autora, esse tipo de família “sanciona a reciprocidade dos sentimentos e os desejos carnis por intermédio do casamento”, valorizando a divisão do trabalho entre cônjuges.

A família conjugal moderna, referida por Lasch (1991, p. 28) como um sistema familiar burguês, que se distancia da sociedade, atinge seu ponto máximo de florescimento no século XIX, ao fim do qual passou a ser considerada como “um microcosmo privado, um santuário em cujos recintos sagrados nenhum estranho

⁴³ O amor romântico, que implica uma maior liberdade do casal, surge no final do século XVIII. Com ele, o vínculo conjugal passa a ter como fundamento “um empreendimento emocional conjunto”, um compromisso mútuo de colaboração, “tendo primazia até mesmo sobre suas obrigações para com seus filhos”. Com o amor romântico, pela primeira vez a sexualidade se desvincula “do círculo crônico de gravidez e parto”, devido a uma tendência à diminuição do tamanho da família, que passa a limitar-se ao pai, à mãe e aos filhos (GIDDENS, 1993, p. 36-37). Se por um lado as ideias do amor romântico não se tornaram totalmente benéficas à mulher, por se associarem à sua subordinação ao lar, bem como ao seu confinamento, em relação ao mundo exterior, por outro lado propiciou-lhe certo poder, principalmente quando este se fundiu à maternidade, permitindo-lhe “o desenvolvimento de novos domínios de intimidade” (GIDDENS, 1993, p. 54-55). Para a Igreja Católica, o amor romântico significou um ganho ao alinhar-se com perfeição ao princípio da indissolubilidade do matrimônio, por ela imposto. Durante longo tempo, seu caráter intrinsecamente subversivo foi “mantido sob controle pela associação do amor com o casamento e com a maternidade; e pela ideia de que o amor verdadeiro, uma vez encontrado, é para sempre” (GIDDENS, 1993, p. 58).

tinha o direito de entrar” (POSTER, 1979, p. 188). Enfim, temos a família nuclear ou conjugal moderna, formada por pais e filhos, “felizes com sua solidão, estranhos ao resto da sociedade”, longe daquela considerável massa de sociabilidade da família medieval. Conforme pontua Ariès (1981, p. 189), ao contrário da família medieval, a família conjugal moderna “separa-se do mundo e opõe à sociedade o grupo solitário dos pais e filhos” (ARIÈS, 1981, p. 189). A seguir, veremos como se dá a divisão de papéis conforme o gênero, na família.

2.2.4 Divisão de papéis no âmbito familiar

Como vimos, neste capítulo, a organização familiar no Ocidente se dá de acordo com o sistema patriarcal. Esse sistema, segundo Gebara (1989, p. 17), “permitiu a introjeção de uma divisão de comportamentos ligada à divisão social do trabalho” fazendo com que, segundo a autora, existam “coisas e comportamentos próprios do homem e outros próprios da mulher”. Nessa perspectiva, são definidos papéis no interior da família conforme os sexos. Esses papéis são classificados por Lasch (1991, p. 155) como sendo expressivos e instrumentais. Longe de ser algo natural (como a Igreja assim considera), essa divisão de papéis⁴⁴ não se origina da biologia,⁴⁵ nem sequer de necessidades culturais ou de exigências peculiares da família, mas geralmente da dinâmica própria de pequenos grupos.

Para Salem (1980, p. 31), nessa divisão de papéis estão presentes duas matrizes básicas: de um lado, a geracional, responsável pela socialização, constituída pelos pais e pelos filhos e, de outro, a sexual, a partir da qual se definem os papéis masculinos e femininos. A partir dessas duas matrizes, definem-se as diferentes funções no âmbito familiar. Correspondente aos papéis de pai-marido e mãe-esposa, ao homem cabe o exercício de atividades instrumentais voltadas principalmente para o espaço externo, no qual ele se transforma numa fonte primária de renda e status familiar; à mulher cabe desempenhar atividades expressivas e

⁴⁴ Poster (1979, p. 183) defende que “mulheres e crianças nem sempre internalizaram seus papéis inferiores silenciosa e obedientemente”, podendo-se admitir que, “ao tratar-se de indivíduos humanos, quando existe dominação também há resistência”.

⁴⁵ Através de imagens e símbolos tomados da Bíblia, aos poucos, vai se formando uma mentalidade androcêntrica e patriarcal que passa a reconhecer a mulher na sociedade desde uma perspectiva masculina, que a identifica “não pela sua função social, mas pela sua função biológica como: esposa, mulher grávida, mãe, ou também pelo status geracional: jovem ou velha, ou ainda, dentro de uma visão dualista: virgem ou estéril, prometida ou casada” (BRANCHER, 2009, p. 59).

afetivas ordenadas ao espaço interno, que implica a “manutenção da unidade doméstica e o suporte emocional dos filhos e do marido” (SALEM, 1980, p. 36).⁴⁶

Nessa divisão de papéis, que se dá de forma diferenciada, a partir dessas duas matrizes, Pierre Bourdieu (1996, p. 130) aplica à família o princípio de campo de força física, econômica e principalmente de força simbólica, a fim de promover a integração que garante a existência da família como um corpo somente possível de se perpetuar “ao preço de uma criação continuada do sentimento familiar, princípio cognitivo de visão e de divisão que é, ao mesmo tempo, princípio afetivo de coesão, isto é, adesão vital à existência de um grupo familiar e de seus interesses”. Nesse campo de forças, que implica exercício de autoridade,⁴⁷ a divisão entre os sexos corresponderá a uma divisão desigual das tarefas a serem exercidas no âmbito do lar, que se expressam por relações de poder. Numa perspectiva androcêntrica, a “divisão sexual do trabalho de produção e de reprodução biológica e social” tende a conferir aos homens a melhor parte, cabendo à mulher arcar com o ônus que sobre ela recai, simplesmente por ser mulher (BOURDIEU, 2010, p. 17).

Devido a características individuais de qualquer pessoa, bem como certa variação de direitos e obrigações, de uma família para outra, de acordo com Goode (1970, p. 116), “a estrutura de interação entre os papéis também varia de um lar para outro”. Mesmo assim, existem muitas regularidades nessas diferenças e idiossincrasias. Um exemplo disso é o comportamento considerado ideal para a mulher: devido a pressões que se iniciam com o processo de socialização, continuando através da vida, não só a sociedade (e a Igreja) como também a família continuam exigindo seu enquadramento em papéis-modelo femininos pré-definidos, conforme o patriarcalismo. Esses papéis são apontados por Salem (1980, p. 108) como constituídos por três dimensões básicas, que se vinculam ao âmbito doméstico-familiar, objetivadas nas imagens da mulher como dona de casa, como esposa e como mãe.⁴⁸ Essas três dimensões foram legitimadas pela Igreja Católica,

⁴⁶ Segundo Fiorenza (1985, p. 12), “a separação patriarcal entre a esfera masculina pública e o domínio feminino privado produz um sistema separado de economia para as mulheres nas sociedades ocidentais. O sistema de economia da mulher baseia-se no pressuposto de que toda família fundamenta-se no pai ideal que ganha o sustento para a família”. As consequências desse sistema separatista entre o homem e a mulher fazem com que ocorra “uma crescente feminização da pobreza e a miséria das famílias governadas por mulheres”.

⁴⁷ Que não deve ser confundida com autoritarismo nem força física (MALDONADO, 2006, p. 21).

⁴⁸ Para o sistema patriarcal, a mulher não tem grande valor e, a exemplo do que se dá com os povos Inuit do Ártico Central, praticamente consideram a mulher procriadora, não sendo “mais que um saco,

nos modelos por ela propostos às famílias: a Sagrada Família de Nazaré e Nossa Senhora, com as qualidades a Ela atribuídas.

2.2.5 Função social da família

No CNS do SMT é ressaltada a importância que a família tem para o bom funcionamento da vida social. Na opinião de E1, “a família tem a responsabilidade e o dever de procurar ser o modelo, a base, o exemplo bom para a formação das criaturas para o convívio em sociedade”. Assim, a família dá sua contribuição para a sociedade, por meio do processo de socialização. De fato, como célula basilar da sociedade, conforme Pierre Bourdieu (1996, p. 130), a família exerce um papel “determinante na manutenção da ordem social, na reprodução, não apenas biológica, mas social. Ou seja, na reprodução da estrutura do espaço social e das relações sociais”, que se dá por meio da socialização. Ao exercer esse papel, na concepção de Mello (2005, p. 25), a família se torna uma instância essencialmente importante “na mediação entre indivíduo e sociedade”. Essa mediação, conforme Goode (1970, p. 17), acontece numa interação dialética em que, por meio da família, a sociedade retira do indivíduo a contribuição de que necessita. Por seu lado, a família “só poderá continuar existindo se for mantida pela sociedade mais ampla”, que lhe oferece as condições necessárias para a sua existência. Para o autor, a família oferece à sociedade os seguintes serviços: “reprodução, manutenção física de seus membros, atribuição de status à criança, socialização e controle social”.

Como base da sociedade, a família exerce um importante papel capaz de garantir a ordem social, que é a socialização de seus membros. Como afirma Manuel Castells (2010, p. 173), a família constitui “o mecanismo básico da socialização”, descrita por Berger (2004, p. 28) “como um processo de aprendizado” no qual “a nova geração é iniciada nos sentidos da cultura, aprende a participar das suas tarefas estabelecidas e a aceitar os papéis bem como as identidades que constituem a estrutura social”. Ao interiorizar os sentidos objetivados, o indivíduo se identifica com eles, sendo por eles modelado. Ao atraí-los a si e fazê-los sentidos, “torna-se não só alguém que possui esses sentidos, mas alguém que os representa e exprime”. Isso comprovará que o êxito da socialização será uma simetria

um recipiente que abriga temporariamente uma vida humana criada pelo homem”. O fato de tornar-se mãe, dando vida a um filho, não lhe traz qualquer benefício (HÉRITIER, 1996, p. 211).

estabelecida “entre o mundo objetivado da sociedade e o mundo subjetivo do indivíduo”. O processo de socialização garantido pela família é tão importante para a existência da sociedade que, se o indivíduo “não conseguir interiorizar pelo menos os sentidos mais importantes de uma determinada sociedade, torna-se difícil manter esta última como empreendimento viável” (BERGER, 2004, p. 28).

Como agente essencial da socialização, a família, segundo Lasch (1991, p. 25), inculca no indivíduo, por meio da interiorização, padrões culturais conferindo normas éticas ao proporcionar à criança “sua primeira instrução sobre as regras sociais predominantes”. Além disso, molda profundamente “seu caráter utilizando vias das quais nem sempre ela tem consciência”. Ao assim proceder, na opinião de Salem (1980, p. 31-32), os pais se tornam “os responsáveis básicos pela mediação e filtragem do mundo para a criança”. Por meio da interiorização, equivalente “ao processo de aprendizagem de papéis socialmente determinados”, argumenta a autora, a criança assimila a realidade objetivada presente no universo que lhe é exterior. Dessa forma, o mundo que lhe é apresentado é interiorizado como infalivelmente autêntico e verdadeiro, como realidade única e concebível.

Consoante Berger (2004, p. 42), o intento da socialização é a garantia de “um consenso perdurável no tocante aos traços mais importantes do mundo social”. Para isso, ela exerce sobre os indivíduos o controle social, procurando “conter as resistências individuais ou de grupo dentro de limites toleráveis”. Mas, além disso, a fim de manter a ordem social em equilíbrio, a sociedade conta ainda com o processo de legitimação, entendido pelo autor como “o ‘saber’ socialmente objetivado que serve para explicar e justificar a ordem social”. Dito de outro modo, “as legitimações são as respostas a quaisquer perguntas sobre o ‘porquê’ dos dispositivos institucionais”. É aqui que entra a religião, uma instituição com o poder de estruturar as consciências e de legitimar outras instituições. Ao idealizar um mundo objetivado, pleno de sentido, fundamentado em valores substantivos, ela contará com a família para, por meio da socialização, concretizá-lo à medida que o interioriza, na consciência de seus membros, que desde crianças passam a ser preparados para os diversos papéis que irão desempenhar na fase adulta.

2.2.5.1 Criando filhos para a sociedade

Observa-se no CNS do SMT a preocupação dos pais na boa educação dos filhos. Sabem da importância que tem o exercício com a função que lhes cabe, para o bom funcionamento da vida social. Berger (2004) considera que, ao exteriorizar-se, o homem produz a sociedade e por meio da interiorização é por ela produzido. Nesse processo dialético, a família é essencialmente importante, pois ela se torna a matriz produtora de indivíduos sociais. Gilda C. Franco Montoro (2003, p. 55), em discurso de inauguração da sede do Centro de Estudos e Assistência à Família – CEAF, cunhou a asserção “família é fábrica de gente”, para descrevê-la como “um sistema de vínculos afetivos em que se gera e se desenvolve a estrutura psíquica básica dos indivíduos, uma teia de laços emocionais onde se dá a construção dos alicerces da subjetividade de cada ser humano”. É típico da família nuclear, segundo Duarte (2006, p. 63), esse mandamento de fabricar indivíduos. Ao cumpri-lo, numa perspectiva ideológica, a família passa “a ser considerada uma espécie de dobradiça entre a ordem pública e a ordem privada, cujas faces externa e interna são correspondentes”. Nesse sentido, fará de tudo para que a criação dos filhos se dê em conformidade com a sociedade.

Em seu papel de produzir indivíduos sociais, é importante reconhecer a família primeiramente como “uma via primária e primordial para a educação afetiva da criança, por se basear fundamentalmente na valorização das relações familiares” (GONZÁLEZ REY, 2004, p. 30). Na família, a criança aprende a se relacionar com os outros, a expressar todo o afeto que recebe. Na vida cotidiana, nessa função de produzir filhos para a sociedade, uma das maiores preocupações dos pais se refere ao cuidado com eles. Na divisão de papéis na família, geralmente esse cuidado cabe à mãe, responsável pelo bem-estar emocional da família (FALCKE, 2002, p. 84). Daí a relação da Mãe com os filhos ser bem mais pessoal do que a do pai com a prole. No CNS do SMT, esse papel da mãe no cuidado dos filhos fica evidente na fala de E1:

Como passa mais tempo com os filhos, ela [a mãe] acompanha o crescimento dos filhos e pode introduzi-los a uma vida que seja mais próxima do bom crescimento moral, espiritual e preparação para o futuro, ensinando e falando sobre o bom relacionamento em família e com a sociedade, das escolhas que terá que fazer e não deixar de apontar e

castigar as coisas erradas para que não influenciem negativamente no caráter e personalidade dos mesmos (E1).

Vemos na fala dessa cenaculista que, no CNS do SMT, o cuidado com os filhos ultrapassa os cuidados básicos habituais ligados à alimentação e à higienização. Há a preocupação com o processo de socialização dos filhos, preparando-os para uma vida adulta saudável na sociedade, a se dar num relacionamento que envolve amor, carinho, afeto, mas também imposição de limites. Essa preocupação com o cuidado dos filhos, bastante visível no CNS do SMT, não se limita aos primeiros anos de vida, mas se estende para a vida toda.⁴⁹ “Filho pra gente sempre vai ser menino”, diz E10. Para essa entrevistada, “os filhos precisam dos pais em todas as idades. A gente vai ter que saber qual o aspecto que nós temos que ajudar. Da nossa presença, do nosso conselho”.

A família não pode se tornar um espaço sufocante para os filhos. Como vimos neste capítulo, há uma preocupação por parte dos pais em respeitar a liberdade dos filhos, pois é na família que os indivíduos se amadurecem e se emancipam. Subsiste no Cenáculo uma preocupação no sentido de educar os filhos em conformidade com a fé cristã, sem, contudo, tirar-lhes a liberdade, por terem sido criados à imagem e semelhança de Deus, como se vê na fala de E5:

Eu e o meu esposo, a exemplo de Maria e José, tentamos educar nossos filhos, nos padrões do maior exemplo de família do qual temos conhecimento. Uma vez que cremos que educar é como viajar pelo mundo do outro, sempre com a preocupação de respeitá-lo como um ser único criado por Deus e confiado a nós para que juntos possamos dar a nossa contribuição na transformação de homens de bem, ou melhor, homens tementes a Deus (E5).

É bem verdade que, numa sociedade em que o valor referencial deriva do ‘eu’, a família “é importante na medida em que possibilita a cada membro constituir-se como sujeito autônomo” (FÉRES-CARNEIRO, 2002, p. 13). Assim, em sua função de colaboradora para com a ordem social, ao produzir “indivíduos autônomos que, por sua vez reproduzem os valores preeminentes do núcleo familiar” (HEILBORN, 2005, p. 10), a família mune-os de liberdade para dela se evadir. Com efeito, ouvimos alguns pais dizerem que não criam filhos para si, mas para o mundo.

⁴⁹ Na tarefa de cuidar dos filhos, no sentido de educá-los para a vida, segundo Maldonado (2006, p. 19), a família empenha-se em “acompanhá-los no caminho que vai da dependência do bebê para a interdependência dos adultos”.

Valemo-nos aqui, num sentido simbólico, de dois termos, a título de ilustração: asas e raízes, com finalidades totalmente distintas: Raiz é símbolo de firmeza, de resistência. Asa é símbolo de liberdade, de autonomia. Isso transposto para a família, de acordo com Capelatto (2007, p. 17), mostra bem o que significa a grande função dos pais: fazer com que seus filhos não só tenham raízes fincadas na família, mas possam igualmente ter asas para dela alçar voos. Ao libertar-se dos pais, contudo, o filho não perde suas raízes, pois pode a ela retornar um dia. Aquele que nasce e cresce numa família, num determinado momento da vida, dela sai para construir uma nova vida, outra família, mas sem esquecer-se daquela primeira, na qual tem raízes encravadas. Afinal, conforme sentencia Capelatto (2007, p. 17), “sempre temos de ter para onde voltar e sempre voltamos para o lugar afetivo”.

2.2.5.2 O exercício da autoridade e o controle sobre os filhos

A sobrevivência da própria sociedade depende do estado nômico de seus indivíduos (BERGER, 2004). A família, como produtora de indivíduos, tem por função prepará-los em vista à ordem social. Para isso ela estabelecerá para seus filhos alguns princípios, regras e limites, exercendo sobre eles a força da autoridade e controle paternos. Norbert Elias (1994, p. 142) diz que a família tem por função exercer rigoroso controle dos impulsos e emoções dos filhos. Ele considera que “a dependência social da criança face aos pais torna-se particularmente importante como alavanca para a regulação e moldagem socialmente requeridas dos impulsos e das emoções”. Por meio das relações familiares entre pais e filhos, estabelece-se um forte vínculo, tornando significativas suas obrigações. Ao exercer controle sobre seus filhos, moldando-os conforme os princípios éticos e morais da sociedade, os pais exercem importante papel de cunho ideológico, garantindo, assim, a própria sobrevivência da família e da sociedade como um todo.

Na opinião de Duarte (2006, p. 62), o controle exercido sobre os filhos, no que se refere à imposição da autoridade, deve concretizar-se “à luz de uma arquitetura que permanece fundamentalmente hierárquica, já que baseada na conjunção e na preeminência diferencial dos gêneros e das classes de idade (marido/mulher; pais/filhos)”. Por mais que os pais sejam ‘amigos’ de seus filhos, essa fronteira hierárquica deve ser estabelecida, para que a família seja um sistema equilibrado. Na opinião de Féres-Carneiro (1996), é necessário que se mantenha esse equilíbrio

por meio de regras de funcionamento familiar e, se porventura alguma delas deixar de ser observada, “entram em ação meta-regras para restabelecer o equilíbrio perdido”. Ao referir-se à autoridade exercida no âmbito familiar, Salem (1980, p. 146) defende que “no interior da família a mãe desempenha o papel de líder expressivo e que, por ser emocionalmente muito indulgente, o controle dos filhos ficaria a cargo do pai”.⁵⁰ Porém, isso não é regra geral.

No CNS do SMT, detectamos casos de famílias monoparentais (a ser visto ainda neste capítulo), em que a mulher assume o papel duplo de pai e mãe ao mesmo tempo. No caso de E17, divorciada, ela própria é quem educa os filhos. Sua fala reflete o entendimento do Cenáculo no que se refere ao controle sobre os filhos, como uma obrigação da qual não podem se omitir, por tratar-se de uma função essencial:

O que nos falta hoje, que é o defeito na minha visão hoje, que Nossa Senhora nos faz enxergar. [...] nós os pais, muitas vezes nos esquecemos de ser pais, porque a gente trabalha muito, porque a gente corre muito, não é por causa da correria que a gente se esquece de ser pai. Às vezes é por causa do tempo que a gente tem que ter com os filhos, da conversa, de tá ali, então o que falta na nossa família (E17).

A omissão é algo impensável para os pais em relação aos filhos. Sua presença é essencial na formação da personalidade da prole. De acordo com Campos (2012, p. 77), muitas famílias contemporâneas se caracterizam pela ausência dos pais, na maior parte do tempo, deixando de se fazer presente na educação dos filhos. Esta passa a ser ‘realizada’ por terceiros, incluindo, além das babás, a TV, os videogames e até mesmo outras pessoas fora do convívio familiar. O autor defende ser “inegável que a influência da presença paterna e materna é de fundamental importância para a formação da personalidade e do caráter de uma criança”. Pondera, porém, que, devido a outras demandas, os pais estão “cada vez mais tempo fora de casa e, conseqüentemente, mais ausentes para com seus filhos e longe de transmitir-lhes a educação familiar”. A omissão dos pais se traduz em desestruturação da família e E12 manifesta sua preocupação ao afirmar que “os pais

⁵⁰ De fato, tradicionalmente o pai exerce maior controle sobre os filhos. Ao contrapor a família ao Estado, o princípio defendido por Rousseau (1990, p. 150) é que na família quem deve comandar é o pai. Ele defende que não deve haver ali igualdade de autoridade. Entre pai e mãe é necessário que haja um governo único e, quando houver discordância de pareceres, será necessário haver uma voz predominante para decidir. Complementando com Sarti (2008, p. 31), cabe ao pai, como intermediário entre a família e o mundo externo, o papel de comando no sentido de exercer autoridade moral, “como guardião da respeitabilidade”.

já não têm mais autoridade. O filho fala mais alto e não é por aí. Temos que baixar nossa cabeça e escutar o que os mais velhos têm a nos dizer”. É preciso que os filhos reconheçam a autoridade dos pais. É preciso obedecer.

Quando Jesus veio ao mundo, ele veio pela barriga de uma mulher [...]. Se não fosse pra ter mãe e pai pra cuidar de um filho, Deus fazia Jesus nascer de uma árvore, de um ovo, de um passarinho, ou então só bate uma varinha, igual Moisés fez com a pedra, saía água e saía uma pessoa. Então tem um motivo, Se Jesus teve Nossa Senhora como mãe e José como pai, e ele não precisava ter, [...] Deus tinha um motivo [...]. Então, nessa história, você é meu filho, você vai me escutar. ‘Ah, mãe, eu não acredito que você está me acordando pra falar essas coisas’. Tô, tô falando que essas coisas que você fez tá errado. E ele me escuta. (E17).

Faz parte do cuidado com os filhos manter a disciplina. As pessoas que participam do CNS do SMT, motivadas pela Igreja a proporcionar uma educação rígida aos filhos, a fim de não perdê-los para o mundo, são unânimes em defender a imposição de limites. Vê-se claramente a definição de papéis no contexto familiar em que pai é pai e filho é filho. De acordo com Ivan Capelatto (2007, p. 30), não existe uma ‘mágica’ de como bem criar um filho ou 20 filhos. O que importa é colocar limites. O autor entende que limites são atos de cuidado e que não existe certo e errado na educação.⁵¹ O que existe são os limites que se colocam para os filhos, conforme os quais devem agir. E17 vive uma realidade de família monoparental e, enquanto responsável pelos filhos, ousa acordá-los de madrugada, para corrigi-los, não se incomodando de ser considerada uma chata. Capelatto (2007, p. 30) diz que, “quando uma mãe se preocupa com o filho [...] isso se chama cuidado” e mesmo que seja sempre chato, “é fundamental para que haja saúde mental na vida humana”. Maldonado (2006, p. 19) acha normal que os pais se preocupem no monitoramento, orientação e proteção dos filhos. “É importante, sim, saber onde estão, quem são os amigos, como se divertem, como está o rendimento na escola”.

Na imposição de limites, os pais possuem diversos tipos de mecanismos de controle, desde a maneira pela qual os filhos planejam utilizar seu tempo e suas energias, ao modo como dividem seu tempo e dinheiro no desempenho das diversas atividades ligadas ao papel que desempenha. Em consequência disso, os pais agem

⁵¹ Há de se considerar ainda o que defende Reichert (2011, p. 95), que hoje em dia identifica-se “uma mudança nos modelos de educação familiar, permeados pelas distintas demandas trazidas através das novas configurações familiares, da flexibilização do exercício de papéis de homem e de mulher, somadas às exigências que foram surgindo nas últimas décadas em termos de segurança, conforto, estabilidade, etc”.

sobre os filhos, pressionando-os a agirem com responsabilidade (GOODE, 1970, p. 17). Contudo, ao impor limites, os pais não devem sufocar os filhos, principalmente no que se refere àqueles impostos pelo pai, cuja autoridade se torna um mecanismo que esmaga a liberdade deles (POSTER, 1979, p. 73). De acordo com Salém (1980, p. 138), os pais “devem conscientizar-se de que os filhos não são sua propriedade, mas que são confiados à sua guarda enquanto futuros membros da comunidade”.

Houve época em que as profissões assistenciais postulavam um maior controle da socialização, mas seu programa nunca granjeou uma aprovação tão generalizada como agora (SALEM, 1980, p. 138). A agressão física era uma forma que os pais utilizavam para disciplinar os filhos, uma maneira de impor autoridade, fazendo com que reconhecessem as normas sociais. Com efeito, por muito tempo “os pais tiveram uma espécie de autorização social para utilizar a agressão como método disciplinar” (FALCKE; ROSA, 2011, p. 150). No CNS do SMT ainda persiste a ideia de que, se necessário for, pode-se aplicar o castigo físico aos filhos, como defende E10. Após a morte do marido, essa entrevistada teve de cuidar de três filhos pequenos. Ela lamenta as mudanças legais no que se refere à imposição de limites aos filhos, ao afirmar que antigamente “se podia bater em um filho, ‘uma palmada na hora certa nunca fez mal pra ninguém’”,⁵² defende-se, lamentando que, “depois dos anos sessenta pra cá, todos nós sabemos, os erros que foi da psicologia né, aí chegou ao extremo”. Ao jogar a culpa para “essa lei miserável aí”, referindo-se à psicologia, E10 opina que os pais de hoje estão perdidos, sem saber que atitude tomar com relação aos filhos, pois “não tão sabendo dar os limites”.

Hoje, os métodos que envolvam agressão física são bastante questionados, pois é preciso separar o uso da força física como método educativo, da agressão infantil abusiva. De acordo com Falcke e Rosa (2011, p. 150-151), é difícil definir a linha limítrofe entre imposição de limites e violência contra a criança, sendo mais aceita na contemporaneidade a educação que envolva afeto e limites. Por meio do afeto “os pais demonstram aos filhos o amor que sentem por eles, aproximam-se carinhosamente e compreendem os sentimentos dos filhos, proporcionando confiança em um relacionamento seguro”. Quanto aos limites, afirmam os autores, isso “significa proibir, limitar ou restringir atitudes da criança que não são adequadas

⁵² De acordo com Falcke e Rosa (2011, p. 152), “uma palmada que é dada como um ato único no contexto de um padrão educativo preponderantemente autorizante e democrático não é tão danosa como aquela frequentemente utilizada em um contexto coercitivo, de um estilo educativo autoritário”.

socialmente ou podem colocá-la em risco”. Além de favorecer o desenvolvimento do senso de responsabilidade, por seus atos e consequências deles decorrentes, para si e para os outros, impor limites é também uma forma de garantir a segurança, “na medida em que os pais, ao controlar as atitudes dos filhos, sentem-se seguros de que eles não se coloquem em situações perigosas” (FALCKE; ROSA, 2011, p. 151).

Num contexto pós-moderno, espera-se que os pais deem sua contribuição para a sociedade, educando seus filhos para a autonomia (capacidade de decisão por conta própria), respeitando-lhes a individualidade (REICHERT, 2011, p. 89). Conquanto Berger e Luckmann (2004, p. 24) reconheçam que na sociedade atual seja difícil encontrar “pais e filhos cujo relacionamento tenha para ambas as partes o mesmo grau de obrigatoriedade e esteja determinado inquestionavelmente por um sistema bem firme de valores”, ao defender um sistema democrático para a família, Giddens (2010, p. 72) reconhece que, para o bem de todos, os pais devem exercer autoridade sobre os filhos. Contudo, o autor entende que essa autoridade, num sistema familiar democrático, deveria fundamentar-se num contrato implícito de forma tal que, ao contrário da família tradicional, em que as crianças deviam ser vistas e não ouvidas, as crianças não só podem como realmente devem ser capacitadas a responder. É o que o autor chama de democracia das emoções, que “não implica falta de disciplina ou ausência de respeito. Simplesmente procura situá-los em bases diferentes”, cabendo aos filhos aceitar as obrigações que lhes são prescritas pelos pais e a estes, resguardar o direito dos filhos à proteção e subsistência (GIDDENS, 2010, p. 72).

Na opinião de Claudete B. Reichert (2011, p. 89), um dos maiores desafios que se impõem aos pais, na educação dos filhos, é a necessidade que se apresenta na contemporaneidade de a família adaptar-se às novas exigências que estão invadindo a intimidade cotidiana da família. Os pais se perdem e se angustiam ao deparar com tantas demandas nos dias de hoje. Ante uma avalanche de informações de ‘como deve ser’, os pais veem suas expectativas exacerbarem-se no esforço de “conseguir, entre tantas coisas, assegurar a sobrevivência dos filhos e garantir seu sadio crescimento e sua socialização”. Além disso, diz a autora, há sempre a preocupação em “promover a comunicação e o diálogo criando um clima de afeto e apoio, além de estimular seus filhos a tomar decisões”.

Maldonado (2006, p. 28) defende ‘o caminho do meio’, entre o autoritarismo e a permissividade. Em sua consideração, “limites colocados com firmeza e

serenidade são expressões de amor e de cuidado que estimulam crianças e jovens a serem pessoas capazes de contribuir positivamente para a sociedade”. A autora considera que “o equilíbrio entre direitos e deveres, os limites colocados com consistência, firmeza e serenidade favorecem a disciplina, o primeiro passo para estimular o desenvolvimento e autodisciplina” (MALDONADO, 2006, p. 44). Veremos, a seguir, como se perpetua o ideário de família no imaginário católico.

2.2.5.3 Transmissão de valores de uma geração para outra

Uma das preocupações do CNS do SMT, em manter vivo o ideário de família espelhado no modelo da Família de Nazaré, está ligada à transmissão de valores para seus filhos. Como se refere E8, destacando a importância da transmissão de valores de geração a geração, “valores esses que a gente nunca esquece são os valores que nossos pais e avós passaram para nós e devemos passar para nossos filhos. São ter respeito com os mais velhos, mestres educadores e espirituais”. Na relação que se dá no âmbito familiar, de forma tríplice, entre pai-mãe-filho, formando um pequeno núcleo dinâmico, cabe ao pai e à mãe tornarem-se o veículo de transmissão da moral, das normas e padrões de comportamento social, assegurando que o sistema consuetudinário (HELLER, 2008), bem como o sistema de valores vigentes sejam transmitidos às futuras gerações. Por seu lado, cabe ao filho, como representante da geração juvenil, ser receptáculo de todos os ensinamentos de seus pais, acatando-os e respeitando-os e preparando-se para que, na fase adulta, quando se tornarem pais, possam transmiti-los às gerações que lhes sucederem.

Responsável por manter viva a tradição, na verdade, a família desempenha um importante papel social na transmissão dos valores, costumes, normas e tradições culturais, pelo processo de socialização, de geração a geração, cuja dinâmica “caracteriza-se como uma bagagem que acompanha o sujeito na trajetória do seu desenvolvimento individual e familiar” (FALCKE; ROSA, 2011, p. 156). Essa função é entendida por Baptista, Cardoso e Gomes (2012, p. 16), de forma tríplice, como “transmissão geracional, transgeracionalidade ou intergeracionalidade”.⁵³

⁵³ Percebe-se a transmissão geracional pela “repetição de padrões de comportamento entre uma geração e outra, incluindo as heranças não materiais, como valores, mitos, expectativas e modos de

Goode (1970, p. 17) considera que a família atua como uma espécie de adutora ou cabo transmissor, por meio do qual a cultura se mantém viva. Assim, uma geração passa para outra seus valores, costumes e tradições e, assim, a cultura se perpetua. Embora, nesse processo de transmissão, possa haver transformações próprias de mudanças de época, sempre sobrevive um núcleo primário essencialmente importante, para a sobrevivência da raça humana, responsável por manter a ordem social. São valores éticos e morais, sejam de cunho social ou religioso, considerados imutáveis e que se fazem presentes em todas as culturas.

Agnes Heller (2008, p. 117) ilustra bem a importância que tem a transmissão de valores, de uma tradição a outra, comparando a tradição à moda. Estas são duas formas particulares por meio das quais se manifestam o sistema consuetudinário e, em certo grau, o sistema de valores: “A tradição ganha maior importância na estrutura social orientada para o passado, enquanto a moda predomina naquela orientada para o futuro”. Essencialmente direcionadas ao passado, as sociedades pré-capitalistas viviam uma realidade que “implicava não apenas numa estabilidade relativa dos usos assimilados, mas também na orientação da totalidade da vida pela atitude das gerações anteriores, dos antepassados”. No sucedâneo natural da vida, “os filhos imitavam os pais, os netos imitavam os avós; e isso ocorria em todos os aspectos da vida, das experiências da produção até a moral”. Os anciãos tinham prestígio e a idade comportava múltiplos valores (HELLER, 2008, p. 117-118).

Hoje, devido principalmente à autonomia do indivíduo e ao fato de que as influências do mundo moderno estejam invadindo o núcleo familiar, conforme acontece no CNS do SMT, em que os pais se esforçam no sentido de que seus filhos assimilem os valores por eles vividos, fazendo sobreviver dessa forma o ideário de família ali existente, muitos dos antigos valores se perdem. E3 defende que “os filhos precisam voltar a pedir a bênção aos pais e familiares, pois é um ato de amor e alegria de quem pode abençoar”.⁵⁴ Como discutiremos no terceiro capítulo, muitos são os valores que os cenaculistas veem como necessário se resgatar e que estão se perdendo nos dias de hoje, sobretudo, o diálogo familiar, o respeito aos pais, o temor a Deus, o amor ao próximo, a tolerância, por fim, os

relacionamento”. Dessa forma, algumas famílias preservam suas principais tradições e rituais familiares, de geração a geração (BAPTISTA; CARDOSO; GOMES, 2012, p. 18).

⁵⁴ O que acontece, de fato, nas famílias no mundo de hoje, de acordo com Sarti (2011, p. 19), é que, de um lado, afirma-se a individualidade própria da pós-modernidade, imposta pela racionalidade instrumental e, de outro, “o respeito às obrigações e às responsabilidades próprias dos vínculos familiares”.

valores éticos e morais, que estão sendo aos poucos refutados pelas atuais gerações

De posse de todos esses dados referentes à família, na cultura ocidental, poderemos melhor subsidiar as análises dos arranjos e rearranjos familiares, conforme a seguir, e também do terceiro capítulo, em que apresentaremos o Cenáculo como um espaço de preservação do ideário de família.

2.3 FAMÍLIA CONTEMPORÂNEA: UM ESPAÇO PARA A MULTIPLICIDADE

A exemplo de todas as instituições que compõem a estrutura da sociedade, o perfil da família na atualidade passa por profundas transformações. Impõe-se um novo tipo de família, a partir da década de 1960, dita por Roudinesco (2003, p. 19-21) como sendo ‘contemporânea’, de duração relativa, com a união de “dois indivíduos em busca de relações íntimas ou realização sexual”, desvinculada da tradicional obrigatoriedade de fins procriativos, a exemplo do que se reivindica no CNS do SMT. Segundo a autora, a família tradicional vai aos poucos perdendo sua condição de paradigma de um vigor divino e, embora continue sendo, “paradoxalmente, a instituição humana mais sólida da sociedade”, torna-se dessacralizada. Ou seja, perde seu caráter sacral idealizado pela Igreja Católica, que a concebe como um dado natural. Dessa forma, “à família autoritária de outrora, triunfal ou melancólica, sucedeu a família mutilada de hoje, feita de feridas íntimas, de violências silenciosas, de lembranças recalçadas”, diz Roudinesco (2003, p. 155), para quem a família pós-moderna se apresenta com uma terminologia múltipla e, longe do poder controlador da tradição, torna-se agora um espaço “de poder descentralizado e de múltiplas aparências”.

Tornou-se consenso reconhecer que a tradicional família nuclear, composta pelos cônjuges e filhos, tem seus padrões alterados no que se refere à sua formação, dissolução e reconstituição nos dias de hoje. Tais padrões se tornam cada vez mais heterogêneos e suas fronteiras são mais ambíguas e mais fluídas. A família deixa de ser uma instituição constituída somente por meio do casamento formal. Ainda que isso não seja decisivo para se afirmar a família como uma instituição em processo de enfraquecimento ou decadência, como sugerem Castells (2010) e Lasch (1991), observa-se, contudo, que a família nuclear tradicional já não é a única maneira de se constituir família. Surgem em nossa sociedade novos

modelos, com um jogo de combinações que supera a forma tradicionalmente definida de união entre homem e mulher; essas combinações, em seu conjunto, formam a família pós-moderna, que passa a se definir mais pelo afeto do que pelos laços de sangue.

Realmente, há um entendimento mais ampliado do sentido de família. De acordo com Wagner e Staudt (2011, p. 99-100), a família nuclear tradicional passa a conviver, na contemporaneidade, com uma pluralidade de arranjos familiares referida por Diehl (2002, p. 138) como novos neologismos, como conjugalidade, que são: divórcios, separações, recasamentos, casais vivendo juntos na informalidade, casais vivendo em locais diferentes, pais e mães solteiros vivendo sem o parceiro ou parceira, casais homossexuais com famílias constituídas por adoção de crianças e/ou inseminação artificial. Esses neologismos são completamente refratários ao ideário de família reivindicado no CNS do SMT, sobretudo no que se refere à sexualidade, reprimida e negada pela Igreja, em função de uma concepção de família como um dado natural e sacralizado.

Verifica-se, de fato, no mundo de hoje, o surgimento de novas modalidades de arranjos e rearranjos conjugais e isso se confirma no censo do IBGE. Em 2010 foram recenseados, aproximadamente, 57 milhões de unidades domésticas. Destas, 6,9 milhões (12,1%) eram compostas por apenas uma pessoa – unidade unipessoal; 50 milhões, constituídas por duas ou mais pessoas com parentesco e 4,3 milhões correspondentes a outras configurações, num total de 54,3 milhões (87,2%); aproximadamente 400 mil unidades domésticas eram formadas por pessoas sem parentesco entre si (0,7%).

Tabela 4 - Unidades domésticas em domicílios particulares, por tipo, e total de famílias nas unidades domésticas com duas ou mais pessoas com parentesco, segundo a situação do domicílio - Brasil - 2010

Situação do domicílio	Unidades domésticas em domicílios particulares				Total de famílias nas unidades domésticas com duas ou mais pessoas com parentesco
	Total	Tipo			
		Unipessoal	2 ou mais pessoas sem parentesco	2 ou mais pessoas com parentesco	
Total	57 314 048	6 938 023	393 843	49 982 183	54 357 190
Urbana	49 281 255	6 107 511	360 928	42 812 816	46 632 308
Rural	8 032 794	830 512	32 914	7 169 367	7 724 883

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2010.

Como se vê, na composição do perfil das variadas formas de organização familiar, o IBGE (2010) trata de três distintos universos, com um predomínio de

unidades domésticas com parentesco, de apenas um núcleo familiar, num total de 45.982.184 (92,0%), sobre as demais (com parentesco ou não), que perfazem 4.000.000 (0,8%) famílias com núcleos principais e secundários (inclusive residentes sem parentesco), sendo que, nos dois casos, a maioria se concentra na zona urbana, conforme gráfico a seguir.

Tabela 5 - Unidades domésticas em domicílios particulares com parentesco, por existência de uma ou mais famílias conviventes, segundo a situação do domicílio - Brasil - 2010

Situação do domicílio	Unidades domésticas em domicílios particulares com parentesco		
	Total	Existência de uma ou mais famílias conviventes	
		Única	Com núcleos principais e secundários (1)
Total	49 982 184	45 982 184	4 000 000
Urbana	42 812 816	39 325 379	3 487 437
Rural	7 169 367	6 656 804	512 563

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2010.

(1) Inclusive as unidades domésticas com núcleos conviventes onde o núcleo principal de residentes não tinha parentesco.

Conforme os dados censitários (IBGE, 2010), o modelo tradicional de família nuclear sofreu alterações significativas. Houve uma pequena redução das famílias únicas, caindo de 86,1%, em 2000, para 84,6%, em 2010. O percentual de famílias do tipo nuclear, com filhos, continua representando majoritariamente a família brasileira. Em 2000, era de 63,6%, caindo para 54,9%, em 2010, sendo maior na zona rural do que na urbana. Isso se dá devido a questões de ordem cultural em que, historicamente, as taxas de fecundidade no campo são maiores do que as da cidade. Já o número de casais sem filhos, com ou sem parentes, passou de 14,9%, para 20,2%, do total de famílias.

Com todas as inovações tecnológicas no campo da reprodução humana,⁵⁵ em que se observa em nossa sociedade uma queda considerável do índice de fecundidade, conforme evidenciam os dados do IBGE (2010), a família nuclear única, conhecida como família conjugal moderna, vem diminuindo significativamente de tamanho. Com efeito, a taxa de fecundidade no Brasil vem sofrendo um rápido declínio nos últimos cinquenta anos. Como se vê na tabela abaixo, de 1940 a 1960, os dados mostram uma estabilidade, em torno de 6,21 nascimentos. Depois, no

⁵⁵ Hoje existe um verdadeiro arsenal de novas tecnologias reprodutivas, bem como técnicas de reprodução assistida, descrito por Luna (2006, p. 114) como “procedimentos médicos que substituem o ato sexual na concepção humana”, dentre os quais se destacam os mais conhecidos que são: inseminação artificial, fertilização *in vitro* (FIV) (bebê de proveta), e injeção intracitoplasmática de espermatozoide (ICSI).

período de 1960 a 2010, há um decréscimo acentuado, passando de 6,28 para 1,90 filhos para cada mulher brasileira em idade propícia à reprodução.

Tabela 6 - Taxa de fecundidade total, segundo as Grandes Regiões - 1940/2010

Grandes Regiões	Taxa de fecundidade total							
	1940	1950	1960	1970	1980	1991	2000	2010
Brasil	6,16	6,21	6,28	5,76	4,35	2,89	2,38	1,90
Norte	7,17	7,97	8,56	8,15	6,45	4,20	3,16	2,47
Nordeste	7,15	7,50	7,39	7,53	6,13	3,75	2,69	2,06
Sudeste	5,69	5,45	6,34	4,56	3,45	2,36	2,10	1,70
Sul	5,65	5,70	5,89	5,42	3,63	2,51	2,24	1,78
Centro-Oeste	6,36	6,86	6,74	6,42	4,51	2,69	2,25	1,92

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 1940/2010.

As razões para esse encolhimento da família tradicional se deve à diminuição voluntária do número de filhos ou até mesmo ao adiamento da decisão em tê-los. A maior motivação para isso, segundo Castells (2010, p. 170), é a participação da mulher no mercado de trabalho, além de uma maior conscientização de seu papel na sociedade, extravasando, assim, o âmbito no qual esteve por tanto tempo confinada. Essa retração da família se deve também à ideia, já não mais aceita, de que os filhos sejam o fundamento sólido do casal. Badinter (2011, p. 179-180) é da opinião de que essa ideia convencional falhou. Em sua argumentação diz que, apesar de que a criança realmente possa criar “um laço indissolúvel entre pai e mãe”, contudo ela pode se tornar um transtorno no relacionamento do casal, “uma verdadeira provação para o entendimento entre homem e mulher”.

Outro tipo de família mensurado pelo IBGE é a família monoparental, a que Maldonado (2006) denomina de uniparental, composta apenas por um dos cônjuges com os filhos, podendo ser masculina ou feminina. Como já referido anteriormente, no CNS do SMT temos quatro famílias desse tipo, sendo duas por viuvez e duas por divórcio, todas formadas por mães e seus filhos. Conforme dados do IBGE (2010), entre 2000 e 2010, as famílias monoparentais femininas (com ou sem parentes), sofreram alterações para mais, passando de 15,3% para 16,2% e as famílias monoparentais masculinas (com ou sem parentes) mantiveram as mesmas tendências, passando de um patamar de 1,9% para 2,4%. Observa-se, nos ciclos iniciais e intermediários, um percentual bastante significativo de responsáveis solteiros, que provavelmente tenham constituído suas famílias no passado, por meio da união consensual (IBGE, 2010).

O IBGE apresenta como novidade emergente as famílias reconstituídas, mensurando-as pela primeira vez. A principal causa da formação desse tipo de família, além dos casos de viuvez, são os divórcios,⁵⁶ cujo índice cresceu significativamente nos últimos anos, quase dobrando entre 2000 e 2010, passando de 1,7% da população, para 3,1%, podendo chegar até 5% dos brasileiros, se for acrescido o número de desquitados e separados judicialmente (IBGE, 2010). Considerada por Roudinesco (2003, p. 153) como família recomposta, esse tipo de família se deve “a um duplo movimento de dessacralização do casamento e de humanização dos laços de parentesco”, não importando mais a questão da consanguinidade e sim relações afetivas, que se dão pela convivência dos filhos de outros casamentos, que passam a viver juntos sob um mesmo teto e, depois de algum tempo, passam a se amar e a se considerar como sendo realmente uma mesma família.⁵⁷ Os dados do IBGE (2010) mostram que de 27,4 milhões de casais com filhos, esses grupos representam mais de 4,4 milhões de famílias.

Contrariando a modalidade de união natural e sacralizada pela Igreja Católica, que tem por finalidade a procriação, a união consensual, referida por Bauman (2004, p. 54) como o ‘viver juntos’, abre um leque de possibilidades já que a motivação ‘é por causa de, não a fim de’. O autor opina que a afinidade típica da tradicional união conjugal sacramentada seja “uma ponte que conduz ao abrigo seguro do parentesco”. O ‘viver juntos’, além de não representar essa ponte, não se dá nem sequer ao trabalho de construí-la. Assim, constituem laços mais flexíveis do que os de afinidade, com intenções modestas, sem juramentos e declarações solenes, sem fios que prendam nem mãos atadas, sem qualquer obrigação de apresentar-se perante uma congregação nem de testemunhar ante um todo-poderoso para que, lá do alto, consagre a união. Essa modalidade computada pelo IBGE, em que os casais optam pela informalidade em coabitar, sem ter vínculos legais ou religiosos,

⁵⁶ A opção por continuar a viver ou não juntos já não depende dos ditames da religião e, com isso, rompe-se com as obrigações matrimoniais como se estivesse desfazendo-se um contrato qualquer e não como uma obrigação moral. O divórcio, considerado por Goode (1969, p. 118) como “uma válvula de escape para a tensão que, inevitavelmente, surge do fato de duas pessoas terem que viver juntas”, tornou-se símbolo da liberdade para as mulheres, tendo como principal causa de seu aumento, a independência feminina.

⁵⁷ Inclusive com a possibilidade de que os filhos de um cônjuge passem a considerar o outro cônjuge como pai ou mãe. A respeito disso François Héritier (1996, p. 264) acha conveniente admitir que “a verdade biológica e, a *fortiori*, a verdade genética, não são, nem nunca foram, não podem ser os únicos critérios ou mesmo os critérios dominantes para se basear a filiação. É um conceito universal: o social não é redutível ao biológico”. A filiação “é por natureza uma ligação social, em que a sociedade se baseia para marcar a inscrição da criança numa ou várias linhagens, num ou vários grupos” (HÉRITIER, 1996, p. 264).

por razões financeiras ou mesmo por livre opção, teve um considerável crescimento na década, passando de 28,6%, em 2000, para 36,4%, em 2010. Uma constatação do IBGE é que 6,1% das pessoas que vivem esse tipo de união são divorciadas. Em razão disso são impedidas de realizar um novo casamento no religioso, pelo menos na Igreja Católica, que considera o casamento como um sacramento e, em decorrência disso, irrepitível, exceto em caso de viuvez; no CNS do SMT, reporte-se ao caso de E17 (vide terceiro capítulo), que, após divorciar-se do marido, teve que abrir mão de um namorado, para continuar a receber os sacramentos da Igreja.⁵⁸

No que sinaliza a decadência do sistema patriarcal, pela primeira vez, segundo Fabíola Musarra (2011), desde 1872, ano em que começou a fazer levantamentos demográficos, o IBGE utilizou-se de uma pergunta no seu questionário, no censo 2010, que lhe possibilitou contabilizar o número de cônjuges do mesmo sexo. Essa modalidade de ‘família’, que tem por base a homoparentalidade⁵⁹ (fruto de profundas mudanças no âmbito da sexualidade), evidencia uma decadência do sistema de família patriarcal tradicional (CASTELLS, 2010; LASCH, 1991), caracterizado pelo princípio da heterossexualidade, com fins procriativos (conforme se defende no CNS do SMT), mudando-se em essência, mais que outras configurações conjugais, o conceito tradicional de família.

Essa novidade, introduzida pelo IBGE, ecoa com uma demanda do movimento de gays e lésbicas, que, apoiado por órgãos ligados aos direitos humanos (como o Conselho de Direitos Humanos da ONU), lutava por ver reconhecido esse direito. Embora a sociedade brasileira ainda não esteja preparada para que se reconheça esse tipo de união como algo normal, sobretudo pela presença ainda majoritária da Igreja Católica (além de outros segmentos do meio protestante se posicionarem de igual modo), ainda assim, já é bastante expressiva a

⁵⁸ No modelo de família tradicional, em que os laços de família envolviam não só os filhos, mas toda a parentela, o casal que se unia por meio do casamento era tão somente uma parte do sistema familiar. Hoje, com base em Giddens (2010, p. 68), não importa seja casado ou não, o casal está no centro da vida familiar, principalmente devido ao declínio do papel econômico da família, que aconteceu simultaneamente ao fortalecimento do amor e da atração sexual, que passou a fundamentar a formação dos laços matrimoniais. Uma vez constituído, o casal passa a ser sujeito de sua própria história, de forma exclusiva, formando “uma unidade baseada em comunicação ou intimidade emocional”. Embora no passado isso fosse bom para um casamento perfeito, contudo, não constituía o seu fundamento (GIDDENS, 2010, p. 68).

⁵⁹ Segundo Strey e Palma (2011, p. 130), homoparentalidade é um termo criado na França, em 1997, “para designar uma família constituída por duas mães ou dois pais homossexuais, com filhos”. Por considerar que esse termo reflete mais a realidade do homem do que a da mulher, as autoras criaram o termo homomaternidade, para designar “especificamente as famílias constituídas por duas mães e seus filhos e filhas”.

marca de pessoas que declaram ter cônjuges do mesmo sexo. De acordo com o IBGE (2010), são 60.002 (0,03%) pessoas do mesmo sexo vivendo juntas. 53,8% são formados por mulheres. Dentre aqueles que declararam ter cônjuge do mesmo sexo, ironicamente, 47% disseram ser católicos, 20,4% sem religião.

2.4 A FAMÍLIA: UMA SITUAÇÃO DE CRISE OU DE MUDANÇAS NA ATUALIDADE?

Como vimos, torna-se difícil estabelecer um conceito de família na contemporaneidade devido às várias possibilidades de suas configurações, o que legitima o conceito múltiplo de família proposto por Roudinesco (2003, p. 19; 155), que traça seu perfil como se assemelhando “a uma tribo insólita, a uma rede assexuada, fraterna, sem hierarquia nem autoridade, e na qual cada um se sente autônomo ou funcionalizado” e que contrasta com o ideário de família reiterado no CNS do SMT. Já vimos que nossa cultura é caracterizada pelo sistema patriarcal. Esse sistema, que tem como base fundamental a família, na visão de Castells (2010, p. 170), vem sendo duplamente contestado desde o final do século XX, por dois processos inseparáveis, que são: a transformação do trabalho feminino e a conscientização da mulher. Isso nos conduz à seguinte pergunta: estaria a família em situação de crise ou se trata apenas de mudanças condicionadas ao contexto pós-moderno?

No CNS do SMT, alguns cenaculistas dizem que as famílias de hoje estão desunidas, perdidas, desestruturadas, não valorizam mais a vida espiritual, e, se a sociedade está no que está, isso se deve a um total desequilíbrio que tem como causa a inversão de valores familiares. Isso leva E2 a afirmar que “a família de hoje já não é igual a Maria, Jesus e José”. Castells (2010, p. 173) defende, com efeito, a existência de uma crise do núcleo familiar por ele chamada de “crise da família patriarcal”.⁶⁰ Em sua consideração, essa crise a que se assiste nos dias de hoje nada mais é que o enfraquecimento do modelo familiar fundado na “autoridade/dominação contínua exercida pelo homem, como cabeça do casal, sobre toda a família”. Os principais indicadores dessa crise, conforme dados estatísticos

⁶⁰ A crise se torna uma “oportunidade de reavaliar quais valores queremos ‘levar’ para o futuro ou disseminar para as gerações futuras”. É preciso questionar aqueles valores que são importantes apenas na aparência e resgatar valores como “a figura dos pais, os valores dos avós, a cidadania e a civilidade” e a crise é o momento ideal para se fazer outras escolhas (CAMPOS, 2012, p. 80-81).

do IBGE (2010), são bastante perceptíveis: o aumento do índice de divórcios, das uniões consensuais, das famílias reconstituídas, das famílias monoparentais, das unidades unipessoais (pessoas morando sozinhas), do casamento de gays, etc. Outros fatores contribuem para a fragmentação da família: o desemprego, o alcoolismo, drogas, menores abandonados, etc. Poster (1979, p. 158) defende que a família “deixou de proporcionar o contexto de apoio emocional que outrora fornecia”, por isso se fragmenta.

Um fator responsável por essa fragmentação da família se deve à mudança na escala de valores, na era contemporânea. Castoriadis (2006, p. 184) reconhece que na contemporaneidade acontece “uma decomposição do tecido social e dos valores que o mantinham coeso”. Essa crise sem precedentes na escala de valores, a ser melhor vista no terceiro capítulo, de acordo com Libânio (2004, p. 116), “revela uma crise de humanidade, enquanto a dos valores modernos põe em xeque um período da história”. Com efeito, com a perda de credibilidade na tradição,⁶¹ caem “as verdades eternas, os valores absolutos e as ideologias totalitárias”, dando lugar a que o indivíduo moderno, com autonomia em decidir por conta própria seu modo de vida, expresse suas próprias verdades, valores e ideologias. Isso tudo irá refletir-se principalmente sobre a família, um lugar em que a individualidade se conflita com o sentimento de comunidade, como vimos no início deste capítulo, na dificuldade que os pais cenaculistas têm em convencer os filhos a acompanhá-los na fé.

De acordo com Machado (2005, p. 102), a modernidade gestou duplamente ‘famílias individualizadas’ e sujeitos individuais. Porém, esses dois processos geraram e continuam gerando tensões contínuas entre a autonomia do indivíduo e as identidades coletivas ou a presença familiar, como acontece no CNS do SMT, em que os pais, ao mesmo tempo em que se veem obrigados a passar para os seus filhos o ideário de família consagrada a Nossa Senhora, também sentem que devem respeitar sua liberdade, sem forçá-los. Conforme explicita Castells (2010, p. 275), a individualização cada vez mais crescente dos relacionamentos infrafamiliares tende a dar ênfase à “importância das exigências pessoais para além das regras

⁶¹ Essa perda da tradição se deve a um processo de individuação que tem como consequência uma “destraditionalização”, ou seja, a perda da memória, que consiste em “deixar de lado a tradição como elemento essencial de transmissão de pautas, o que não quer dizer que as tradições desapareçam, e sim que muda seu peso no conjunto da sociedade, que elas devem ser escolhidas e são válidas apenas se passam pela decisão e experiência pessoal dos indivíduos” (COSTA, 2006, p. 231).

institucionais”. Com efeito, reconhece Machado (2006, p. 102), há uma tendência entre os cientistas sociais, no sentido de analisar a valorização do indivíduo com capacidade de dominar-se a si mesmo e ter autonomia em “suas próprias decisões como uma decorrência da propagação e da institucionalização do individualismo e/ou uma expressão da dissolução do modelo patriarcal de organização da família”. Isso constitui um problema cotidiano, ou seja, para se conseguir uma harmonia no lar, há que se compatibilizar individualidade e reciprocidade, que, embora soe ambíguo, ensinem as pessoas, num só tempo, “a serem sós e a ‘serem juntas” (SARTI, 1995, p. 44). Consequência disso é que, abrindo espaço para a individualidade, necessariamente concepções outras de relações familiares se insinuarão.

Na verdade, as principais mudanças que aconteceram com a família na atualidade estão relacionadas à perda de sentido da tradição. Dessa forma, elementos fundamentais constitutivos do modelo tradicional de família, como amor, casamento, sexualidade, trabalho, que eram vivenciados a partir de papéis preestabelecidos, são agora concebidos, segundo Sarti (1995, p. 43), “como parte de um projeto em que a individualidade conta decisivamente e adquire cada vez maior importância social”. Antigamente, praticamente todas as fases de nossa vida eram determinadas pelo destino. De acordo com Berger e Luckmann (2004, p. 58-59), as fases pelas quais o indivíduo passava obedeciam a padrões preestabelecidos: “infância, ritos de passagem, profissão, casamento, criação de filhos, velhice, doença e morte”. O self do indivíduo estava igualmente predestinado: “seus sentimentos, sua interpretação do mundo, seus valores e sua identidade pessoal”. Hoje isso tudo mudou, pois a modernização fez com que nossa existência fosse trocada por uma gama de possibilidades de decisão. Assim, os princípios conforme os quais se fundavam a reciprocidade e a hierarquia, com uma distribuição de papéis bem definidos na concepção de família tradicional, sofrem mudanças importantes, como norteadores das relações familiares, quando dessa afirmação da individualidade própria do mundo moderno.⁶²

Frente a essa crise pela qual passa a família conjugal moderna, conforme defende Castells (2010, p. 259-261), “o que está em jogo não é o desaparecimento

⁶² De acordo com Berger e Luckmann (2004, p. 24), “será difícil encontrar, na sociedade atual, pais e filhos cujo relacionamento tenha para ambas as partes o mesmo grau de obrigatoriedade e esteja determinado inquestionavelmente por um sistema bem firme de valores”.

da família, mas sua profunda diversificação e a mudança do seu sistema de poder”. Todas as tendências atuais que alteram a configuração tradicional familiar, resultando no surgimento de várias estruturas domésticas, diluindo, dessa forma, o predomínio do modelo de família nuclear clássica, apontam, segundo o autor, “na direção do desaparecimento da família de núcleo patriarcal” (CASTELLS, 2010, p. 173). De fato, todas as tendências atuais que levam à fragmentação da família conjugal moderna se reforçam mutuamente, colocando em xeque a estrutura e os valores da família embasada no sistema patriarcal. Castells (2010, p. 174) pondera, no entanto, que “não se trata necessariamente do fim da família, uma vez que outras estruturas familiares estão sendo testadas” e isso abre a possibilidade da reconstrução de nossa maneira de convivermos uns com os outros, da forma como procriamos, bem como nos educamos, de formas diversas e, quem sabe, provavelmente melhores. Porém, as tendências mencionadas pelo autor “indicam o fim da família como a conhecemos até agora. Não apenas a família nuclear (um artefato moderno), mas a família baseada no domínio patriarcal, que tem predominado há milênios” (CASTELLS, 2010, p. 174). A confirmarem-se as tendências atuais, que se expandem cada vez mais em todo o mundo, e de fato continuarão, conforme assegura o autor, “as famílias, tal como as conhecemos, tornar-se-ão uma relíquia histórica no futuro não muito distante” (CASTELLS, 2010, p. 191).

Em continuidade ao capítulo anterior, em que apresentamos o nosso universo de pesquisa, situando-o como uma prática do Catolicismo Popular, tendo como fio condutor a devoção mariana, neste capítulo procuramos mostrar a centralidade que a família ocupa no ideário do CNS do SMT. Isso nos levou necessariamente a uma abordagem geral sobre o tema família, mostrando as principais transformações pelas quais passa na atualidade, bem como o controle que a Igreja Católica exerce sobre seus membros, principalmente no que se refere à sexualidade, o qual é reiterado em nosso universo de pesquisa. Esses subsídios, somados aos do primeiro capítulo, servirão de base para a nossa análise do terceiro capítulo, no qual veremos o CNS do SMT como expressão do Catolicismo Oficial, exercendo um importante papel sociológico, seguindo genuinamente seus ensinamentos, ao reiterar todo o ideário sobre a família, construído pela Igreja, ao longo dos séculos, envolvendo temas importantes sobre matrimônio, sexualidade, reprodução, dentre outros.

Pelo que nos foi possível constatar no presente capítulo, mesmo diante de perceptíveis mudanças que se verificam sobre a família na atualidade, prevalece na Igreja Católica sua visão tradicional sobre essa instituição, sobre a qual exerce forte controle, por entender que dessa forma estará garantindo o ordenamento social, tão necessário à preservação da vida social. Isso nos leva à conclusão de que, por mais que o modelo de família nuclear tradicional já não encontre legitimidade como único modelo a ser seguido, no mundo atual, como declara George Simmel (1993, p. 20), por ser sustentáculo da sociedade, apesar de ser uma estrutura bastante simples, mesmo que seja abalada por tantas transformações, a família nuclear tradicional tenderá a permanecer, pois ela é um agrupamento duradouro.

Portanto, todas essas mudanças que ocorrem nos dias de hoje, alterando a dinâmica familiar, não são indicativas de que a família venha a desaparecer. Como diz Maldonado (2006, p. 70), “a família não acaba: ela se transforma”. Lembramos aqui o que disse Castells (2010, p. 259) a esse respeito: Não é seu desaparecimento que está em jogo, “mas sua profunda diversificação e a mudança do seu sistema de poder”, tipicamente patriarcal. Considere-se que, no processo de revalorização familiar a que se assistiu até a década de 1960, segundo Roudinesco (2003, p. 146), “um fosso irreversível parece ter se cavado, pelo menos no Ocidente, entre o desejo de feminilidade e o desejo de maternidade, entre o desejo de gozar e o dever de procriar”. Certamente, pessoas continuarão a se casar, porém não necessariamente motivadas por antigos valores religiosos, centrados na heterossexualidade e com fins reprodutivos. Conforme apontam as tendências atuais, como visto acima, a família nuclear patriarcal está dando lugar para outros tipos de arranjos familiares, que passam a ter sua funcionalidade garantida não mais pela imposição, mas pela negociação de “papéis, regras e responsabilidades” típicos das famílias tradicionais, contrariando, assim, aquilo que a Igreja sempre idealizou para a família, que compõe o ideário de família, no CNS do SMT. Certamente, enquanto houver expressões religiosas como o CNS do SMT, que procura de todas as formas reiterar os valores ligados ao arquétipo de família estabelecido pela Igreja, a família nuclear tradicional se manterá viva no imaginário cristão.

3 CENÁCULO DE NOSSA SENHORA: UM ESPAÇO DE PRESERVAÇÃO DO IDEÁRIO DE FAMÍLIA

Nossa tese tem como eixo central o ideário de família presente no CNS do SMT, socioculturalmente construído, a partir de legitimações arquetípicas de Nossa Senhora, apresentada como esposa fiel, mãe dedicada e perfeita dona de casa, e da Família de Nazaré, como o modelo mais perfeito de família cristã. No primeiro capítulo, situamos nosso universo de pesquisa, bem como as práticas devocionais nele presentes, no contexto do Catolicismo Popular. No segundo capítulo, tratamos sobre o ideário de família presente no CNS do SMT, inserido num contexto de mudanças do sistema familiar, na contemporaneidade. Neste capítulo, apresentamos o Cenáculo como um espaço de preservação do ideário de família, procurando evidenciar as relações estabelecidas pelos sujeitos de nossa pesquisa empírica, entre suas devoções marianas e as principais características delas decorrentes, em relação à família, tendo como pano de fundo os valores reiterados pelo Cenáculo, idealizados a partir dos arquétipos Família de Nazaré e Nossa Senhora.

Partindo do pressuposto de que se aplica ao CNS do SMT o mesmo princípio aplicado ao Catolicismo, de que seja uma religião estruturada e estruturante (BOURDIEU, 2009), considerando as principais transformações da família e da religião, na contemporaneidade, neste capítulo, nossa indagação recai sobre a forma como os cenaculistas interiorizam o ideário de família, presente no Cenáculo e quais os efeitos disso, no cotidiano de suas vidas, no seio de suas famílias. Como vimos insistindo, nossa suspeita recai sobre o fato de que muitos dos valores religiosos interiorizados pelos cenaculistas, tais quais milenarmente reiterados pela Igreja Oficial, são refratários àqueles reivindicados, hoje, principalmente pelas mulheres, que tiram de suas costas o peso da tradição, que as condicionou, por tanto tempo, a uma situação de dominação e submissão.

A partir das falas dos cenaculistas, veremos, a seguir, a importância social que o CNS do SMT tem para suas famílias, como se dá a contribuição deste para a sociedade e como o Cenáculo, na condição de uma expressão de fé católica, ao mesmo tempo alinhada ao Catolicismo Popular e também ao Catolicismo Oficial, se torna, de fato, um espaço reiterador do ideário de família, na contemporaneidade.

3.1 A IMPORTÂNCIA DO CNS DO SMT PARA A FAMÍLIA E PARA A SOCIEDADE

Estamos a analisar o CNS do SMT como uma das várias expressões do Catolicismo Romano. Após o Vaticano II, passamos a viver uma realidade plural dentro da própria Igreja Católica, no que se refere à forma de se praticar a fé. Como visto no primeiro capítulo, o CNS do SMT mantém uma relativa aproximação com o Catolicismo Popular, sem, contudo, contrapor-se ao Catolicismo Oficial. Se com aquele o Cenáculo se aproxima, pela prática devocional, com este a proximidade se dá pela vida sacramental e também por reiterar os mesmos valores por ele socioculturalmente idealizados para a família, tais como: castidade, virgindade, matrimônio, indissolubilidade, fidelidade, harmonia conjugal, maternidade, que, além de outros valores, como as virtudes teologais, fé, esperança e caridade, juntamente com o que se reivindica das famílias consagradas, no livro-guia, constituem o ideário de família, cuja reiteração no CNS do SMT será analisada neste capítulo.

Afirmar a importância que o Cenáculo tem para a família, na perspectiva por nós analisada, corresponde a reconhecer os efeitos sociais que a família provoca na vida das pessoas. Isso nos leva necessariamente a situá-lo no contexto da fenomenologia religiosa da contemporaneidade.

3.1.1 Situando o CNS do SMT no cenário religioso da contemporaneidade

Vivemos numa época de quebra de paradigmas. Falharam aqueles que apostaram na morte de Deus e no fim da religião. A sociologia das religiões foi como que pega de surpresa e se viu remando contra a maré, ao descobrir, na década de 1970, uma inquietante “nebulosa de crenças”, nas palavras de Hervieu-Léger (2005, p. 20), para quem essa nova realidade que se apresenta aos pesquisadores da fenomenologia religiosa, se torna um desafio por constituir questões às quais não estavam preparados para responder. Com isso, o novo foco de interesse dos pesquisadores das Ciências da Religião passa a ser os processos de “decomposição e recomposição das crenças”, que, apesar de não se originarem da verificação e experimentação, no entanto se justificam por darem sentido “à experiência subjectiva dos indivíduos” (HERVIEU-LÉGER, 2005, p. 24).

No Ocidente, por muitos anos, o Cristianismo se consolidou como religião majoritária, em seu papel de ser ‘fundamento da sociedade’. Especificamente nesta

parte do continente, esteve à frente a Igreja Católica. Hoje os tempos são outros, o cenário mudou, tornou-se plural. Com a queda dos monopólios religiosos, a própria Igreja Católica, embora relutante, se vê forçada a atuar como apenas uma voluntária, ao lado de outras instituições religiosas, em concorrência “em um mercado livre, ou relativamente livre”⁶³ (BERGER; ZIJDERVELD, 2012, p. 18). Ao não poder mais contar com a fórmula tradicional que impunha um “não questionamento cultural”, que levava os fiéis a aceitá-la como uma religião natural, agora, ao se constatar como sendo apenas uma a mais, num vastíssimo campo religioso, a Igreja Católica “não tem alternativa a não ser tentar convencer as pessoas a se utilizar dos serviços que oferece” (BERGER; ZIJDERVELD, 2012, p. 18). E nesse sentido, ela tem à disposição do fiel uma pluralidade de opções de ofertas religiosas às quais os fiéis possam acomodar-se, inclusive o CNS do SMT.

Nesse cenário religioso plural, pelo menos dois tipos de religião passam a se destacar, conforme Willaime (2012, p. 189), distinguindo-se pela sua funcionalidade: a religião convencional (ou religiões históricas) e uma religião operatória, entendida como aquela que seguramente passa a exercer funções antes reservadas à primeira: “fornecer à sociedade um conceito final de significação de integração à vida social e de validação das atividades sociais”. Longe, portanto, de significar o fim da religião, como afirmaram os niilistas, o que acontece é que, de acordo com Hervieu-Léger (2005, p. 32), ao mesmo tempo em que as grandes instituições religiosas perdem cada vez mais credibilidade, mostrando-se incapazes de regular a vida de seus fiéis, que passam a reivindicar sua autonomia, no tocante à crença, “assiste-se a uma eflorescência de grupos, redes e comunidades no seio dos quais os indivíduos trocam e validam mutuamente as suas experiências espirituais”, como, de fato, acontece com o CNS do SMT, sobretudo através dos testemunhos. Assim, aos poucos, vão tomando corpo novas expressões religiosas na concretização de várias funções sociais, que passam a ter um caráter mágico, supersticioso, pela via emocional. De acordo com Willaime (2012, p. 190), a religião que volta em cena, na

⁶³ De acordo com Berger (2004, p. 163), frente à situação pluralista, as instituições religiosas passam a ter apenas duas opções: Ou se acomodam à situação, fazendo “o jugo pluralista da livre empresa religiosa” (numa situação de mercado), resolvendo da melhor maneira possível a questão da plausibilidade, alterando seu produto conforme as necessidades do consumidor, a exemplo do que fazem os neopentecostais e até mesmo a RCC, ou se recusam a acomodar-se, entrincheirando-se “atrás de quaisquer estruturas socioreligiosas que possam manter ou construir e continuar a professar as velhas objetividades tanto quanto possível, como se nada tivesse acontecido” (BERGER, 2004, p. 178).

contemporaneidade, assume alguns aspectos que a tornam: emocional, informal, flutuante, intransigente, desregulada, privatizada e individualizada.

A partir de tipos como o do peregrino e o do convertido, Hervieu-Léger (2005, p. 97) descreve o colorido da paisagem religiosa atual, destacando três aspectos: diversificação das crenças, crescente autonomia em relação às instituições e ruptura entre crença e pertença, definindo “o cenário religioso contemporâneo como um cenário em movimento”, com destaque para uma religiosidade peregrina, cujo centro é o próprio indivíduo, cabendo a ele, na construção de sua biografia, “ajustar as suas crenças aos dados de sua própria existência” (HERVIEU-LÉGER, 2005, p. 153). Como a elaboração das crenças se dá pela iniciativa do indivíduo, para Hervieu-Léger (2005, p. 100), essa religiosidade passa a caracterizar-se principalmente “pela fluidez dos conteúdos de crença que elabora e, ao mesmo tempo, pela incerteza das pertenças comunitárias a que pode dar lugar”.

Nesse cenário plural, a religião tem de adaptar-se, ao mesmo tempo, a um indivíduo autônomo, que se evade da coletividade, migrando sua militância para a individualidade, e a uma realidade em que passa a competir com outras instâncias e ideologias, até mesmo não religiosas. E isso muda a forma de a religião exercer sua função social, que de caso a caso, de um lugar para outro, de sociedade para sociedade, se dará de forma diferente (MADURO, 1980). Nessa perspectiva, a Igreja Católica vai se renovando e se recriando de tal modo que se torna “um rico sistema múltiplo de alternativas de congregação de fiéis e de possibilidades esparsas de oferta de bens, de serviços e de sentidos” (BRANDÃO, 2005, p. 46). É nesse contexto, em meio a essa efervescência religiosa, que se insere o CNS do SMT, como uma importante alternativa da Igreja Católica, no sentido de fazer valer seus valores tradicionais, principalmente por meio da família.

3.1.2 A importância do Cenáculo para a família

Antes radicada na vida pública, agora a religião opera na sociedade, de forma periférica. Se o processo de secularização promoveu sua retirada para o privado, subtraindo, no caso do Catolicismo, sua função como “orientadora da ação e legitimadora da sociedade” (PRANDI, 1975, p. 8), por outro lado, propiciou um maior intercambiamento da sociedade com a família. Como esta é a célula *mater* da sociedade, como dizia Rui Barbosa, a religião católica passa a dispensar a ela todo

o seu poder estruturante, dotando-a com seus padrões e normas de comportamento, para a boa conduta de seus membros. Assim, por meio de expressões como o CNS do SMT, continua a exercer sua função social, dando sentido à vida das pessoas, por meio da família. Afinal, como afirma Carolina Teles Lemos (2012, p. 12), “é impossível para o sistema social responder com procedimentos racionais àquilo que, por sua natureza, lhe escapa: os significados fundamentais sobre o sentido da vida”.

Em diversas mensagens do livro-guia, reitera-se a necessidade de se resgatar a família, cada vez mais desagregada, no mundo de hoje (como vimos no segundo capítulo), fazendo com que volte aos seus tradicionais valores. O Cenáculo acaba se tornando uma garantia de uma vida melhor em família, para aqueles que dele participam, pois “já se verificou que as famílias cristãs são ajudadas pelos Cenáculos familiares a viver hoje em dia como verdadeiras comunidades de fé, de oração e de amor” (GOBBI, 2012, p. 33). Uma das mensagens do livro-guia mostra a ‘intenção’ da Mãe em atuar em prol da família: “É por isso que Eu atuo nestes tempos, a fim de que nas famílias cresça a harmonia e a paz, a compreensão e a concórdia, a união e a fidelidade” (GOBBI, 2012, p. 599). Nesse sentido, como afirma E3, o Cenáculo constitui “um momento de união e reconciliação entre os membros da família”.

Na perspectiva dos cenaculistas, as famílias consagradas a Nossa Senhora podem ter a certeza da sua proteção, pois, “quando ela entra por uma porta, as dificuldades e distâncias e maldades saem por outra”, declara E9. As mensagens do livro-guia deixam transparecer uma predileção de Nossa Senhora pela família. Uma delas assim diz: “Velo pela sua vida, preocupo-Me com os seus problemas, interesse-Me não só pelo bem espiritual, mas também pelo bem material de todos os seus elementos” (GOBBI, 2012, p. 680), alcançando, dessa forma, a integralidade do indivíduo, em sua dimensão espiritual e material. Vejamos o que diz E2 sobre isso: “Eu pedi a Nossa Senhora a graça de passar em um concurso público e Ela me ouviu, e hoje já estou trabalhando, graças a Deus”. Para E2, esse é um motivo pelo qual “devemos entregar, nos consagrar, a Nossa Senhora, pois Ela é mãe e sempre estará intercedendo por nós”.

Dessa forma, o Cenáculo valoriza tanto a dimensão espiritual, quanto a dimensão empírica do cenaculista. É em torno desta que, acreditamos, prioriza-se a ação religiosa ali desenvolvida. Ilustramos isso com aquela incisiva frase de Pierucci (2003, p. 82), conforme a qual o crente se preocupa “antes de tudo, [com] este

mundo. No princípio, este mundo. De saída, este mundo”. Como vimos no primeiro capítulo, os cenaculistas reconhecem esse poder intercessor de Nossa Senhora, em prol da família, sobretudo no cotidiano de suas vidas empíricas, e o legitimam através de seus testemunhos, nas reuniões do Cenáculo, no momento da partilha.

Os valores de família vividos no Cenáculo tendem a ser aqueles prescritos pela Igreja Católica. Pelas falas dos cenaculistas fica evidente que uma das preocupações dos pais é garantir um futuro melhor para seus filhos, educando-os na fé católica. Nesse sentido, pelo seu poder estruturante, o Cenáculo se torna um meio eficaz para a família, pelos valores que ali são interiorizados. Uma das cenaculistas, que tem uma filhinha pequena, fala sobre a importância do Cenáculo para o fortalecimento da família, ajudando-a a construir a base de sua vida conjugal e também para a própria filha, que, como afirma, “faz parte do Cenáculo. Ela reconhece a igreja, Jesus Cristo e Nossa Senhora, o que me deixa muito feliz. O Cenáculo já faz parte da vida da minha família” (E15). Ela mostra com euforia o efeito que tem, para, a vida da criança, a participação no Cenáculo: “Ela sabe o que é Papai do Céu, ela conhece o que é Mamãe do Céu. Hoje, com um ano e cinco meses, ela faz o nome do pai, ela pede a bênção pra dormir [...] Então o Cenáculo foi fundamental na base da minha família” (E15).

Assim, a família vai interiorizando os valores objetivados pela Igreja, num processo de socialização, que ocorre dentro do próprio Cenáculo e no seio familiar. O Cenáculo acaba despertando “o desejo de convivência, de confraternizar-se com alguns irmãos, vizinhos de comunidade” (E1). Assim, na convivência com outras famílias, na partilha, no testemunho, as famílias passam a viver valores como amor, solidariedade, fraternidade, crescendo mais na espiritualidade, pois “família que reza unida, permanece unida. E famílias rezando unidas, une a comunidade” (E10). Dessa forma, o Cenáculo desempenha sua função estruturante, tornando-se uma importante “forma de reunir, ajudar mais as famílias, partilharem a palavra [...] a mensagem do livro do Cenáculo e também suas dificuldades [...] e graças recebidas” (E1). O relato de E17 resume bem a importância do CNS do SMT, não só para a família, mas também para a Igreja e para a sociedade como um todo, por tudo aquilo que proporciona aos cenaculistas, no sentido de inculcar-lhes valores tradicionais responsáveis pela manutenção da ordem social.

A importância principal que vejo é da união. Em cada reunião a família inteira se junta, os donos da casa convidam outras famílias, e muitas vezes nos momentos de reflexão que temos dentro do cenáculo sobre a palavra de Deus e sobre as mensagens do Livro do cenáculo, a família acaba falando entre si de temas esquecidos e ou que não havia tido oportunidade antes. Alguns pedem desculpas uns aos outros. Alguns começam a participar mais ativamente dos movimentos da Igreja, como pastorais. Aqui no nosso Cenáculo tivemos casos de pessoas que viviam juntas e se casaram perante Deus na Igreja. Outros que já não confessavam, voltaram a fazê-lo. Outros que não frequentavam a Igreja e voltam a frequentar. E ainda muitos testemunhos de cura, de milagres, enfim. Eu acredito muito que, se cada família tivesse a oportunidade de ter o Cenáculo em suas casas, o mundo com certeza seria um mundo melhor (E17).

O Cenáculo é isto. É um ponto de encontro das famílias que se unem em torno de uma mesma fé e devoção. Uma oportunidade de retorno à religião, de engajamento pastoral, de voltar à vivência dos sacramentos. Ele devolve à pessoa o sentido de família cristã, concebida pela Igreja como o “centro de vida espiritual, como núcleo afetivo inspirado numa intensa vida moral, modelada sobre a ideia da Sagrada Família” (CAMBI, 1999, p. 133-134), que sobrevive frente às profundas transformações de hoje, graças à fidelidade religiosa, à vivência dos sacramentos, à reconciliação, à possibilidade de transformar o mundo, fazendo-o melhor. A tradição está esquecida na contemporaneidade. Seus valores estão em queda. Nesse sentido, o Cenáculo se torna uma oportunidade de unir a família, em torno da oração e, pela fé, estar mais próxima de Nossa Senhora e de Deus. Para E13, o Cenáculo se torna uma oportunidade “para as famílias resgatarem pessoas que não sabem mais o que fazer com a vida. Pessoas desesperadas, endividadas”.

Acreditamos que o CNS do SMT seja fomentador de uma vida comunitária, num espírito de coletividade, em torno de um mesmo ideal. Dessa forma, acaba tornando-se um lugar a partir do qual se constroem estreitos laços de amizade, solidariedade e fraternidade, na partilha, com a troca de experiências, como ajuda mútua em sentido material e espiritual, cristalizando a sociabilidade de seus membros, solidificando conseqüentemente as relações vivenciadas, no seio da própria família, entre famílias e em sentido amplo, na sociedade, tão necessários à sobrevivência do ser humano. Assim, o CNS do SMT desempenha um papel estruturador da vida do cenaculista, de suas ações, de sua conduta ética, moral e espiritual, envolvendo-o como um todo, em suas dimensões material e espiritual. Como veremos, a seguir, os cenaculistas reconhecem a importância que o Cenáculo tem não só para a família, mas também para a sociedade, como um todo.

3.1 3. A importância do Cenáculo para a sociedade

Vimos no segundo capítulo que a família exerce uma função social muito importante ao produzir indivíduos para a sociedade. Isso se realiza por meio do processo de socialização, que se dá pela interiorização de valores objetivados pelo senso comum, frutos do exteriorizar-se humano (BERGER, 2004). É nesse momento que a religião se torna sumamente importante, pois muitos desses valores são por ela objetivados e legitimados. No CNS do SMT, os cenaculistas são constantemente lembrados do dever moral de reportar-se a Deus em todas as suas ações, conformando-as a tais valores. Os próprios cenaculistas reconhecem a importância da religião para a sociedade. E12 nos mostra isso ao afirmar que a sociedade “tem dois grandes pilares, um é a família e o outro é a religião. [...] na religião, a gente tem que ter temor a Deus e, quando a gente tem temor a Deus, a gente tem a vida de cristão mais adequada”. E7, enfermeira, 56 anos, casada, mãe de duas filhas, fala sobre a necessidade do resgate da religião: “A sociedade deve resgatar o temor a Deus, esse respeito ao Criador, que deve lembrar o homem de seus limites” (E7).

Para o CNS do SMT, a religião exerce um importante papel para a sociedade, funcionando como sustentáculo, garantindo-lhe a ordem social, na constante reiteração de valores substantivos, objetivados pela tradição e que ainda hoje são interiorizados pela família cristã, principal meio através do qual continua a exercer seu papel, de tornar a ordem social plena de sentido. Dessa forma, o Cenáculo tem uma participação ativa na sociedade, como uma instituição ao mesmo tempo estruturada e estruturante (BOURDIEU, 2009). Nas falas dos cenaculistas, percebe-se claramente que a religião tem por função lembrar ao ser humano que Deus criou o mundo e, ao mesmo tempo em que Deus o ama, impõe-lhe limites perante não só a seu semelhante, como também a toda a obra criada.

Hoje, vivemos numa sociedade em que parece que o ser humano não tem limites para sua irracionalidade, tamanhos são os atos de violência praticados contra seu próprio semelhante, fazendo com que a sociedade esteja num avançado estado de anomia. Numa perspectiva teológica, o termo “temor a Deus”, referido pelos dois cenaculistas, remete à ideia de que as pessoas devem respeitar e obedecer ao seu criador, procurando moldar suas vidas conforme seus preceitos. Com efeito, o temor de Deus é uma “atitude básica do fiel”, entendido não como medo, mas como capacidade de superação de todos os males que atingem nossa sociedade, como

autossuficiência, soberba, ambição sem limites, concorrência desleal, egoísmo exacerbado, etc. Por fim, temer a Deus “é rejeitar qualquer pretensão de domínio sobre o próximo” (VALLE, 1995, p. 127). Lembramos aqui o que afirma Vandenberghe (2010, p. XVIII) ao introduzir a obra de Simmel *Religião: ensaios*: que a religião “é um fascínio elementar que realiza o que a sociedade (ou a ciência) não consegue: integra a parte ao todo enquanto permite que a parte seja um todo e não mero fragmento”. A religião une de tal forma a parte ao todo que não se torna necessário “passar pelos processos sociais da competição, diferenciação e divisão do trabalho”, diz o autor.

Afirmar, portanto, que a religião é base da sociedade, é reconhecer seu papel legitimador da ordem social, como entende Berger (2004, p. 45), cuja eficácia se dá pelo fato de relacionar a realidade empírica à realidade transcendente. Dessa forma, ao legitimar as instituições, a religião infunde-lhes “um status ontológico de validade suprema”, ao situá-las “num quadro de referência sagrado e cósmico”, mantendo, assim, a realidade social de uma coletividade humana particular. Entendido nesses termos, da mesma forma que atentar contra a ordem da sociedade implica o risco de mergulhar em anomia, igualmente, atentar contra a ordem da sociedade legitimada, religiosamente, como entendido por Berger (2004, p. 53), significa “aliar-se às forças primevas da escuridão”, perdendo-se, assim, o temor a Deus.

Como é natural, as pessoas às vezes se esquecem de que a ordem social legitimada pela religião se torna uma ordem sagrada. O ritual religioso torna-se um instrumento eficaz, no processo de ‘rememoração’, ao fazer presente, por repetidas vezes, aos que dele participam, “as fundamentais definições da realidade e suas apropriadas legitimações” (BERGER, 2004, p. 53-54). Para isso, no caso do CNS do SMT, todo um código de valores substantivos, com base na Bíblia e no livro-guia, é reiterado repetidamente nas suas reuniões, nos momentos de oração e partilha, quando os cenaculistas são motivados a levarem uma vida de amor, de paz e de harmonia, de temor a Deus, agindo de acordo com seus preceitos morais:

É dessa forma que a religião se torna sustentáculo (base) da sociedade, exercendo seu papel de trazer à lembrança de seus fiéis, por exemplo, o temor e a obediência a Deus, sentimentos estes que, conseqüentemente, levam os crentes a agregarem valores da tradição, responsáveis pela manutenção da ordem social. Assim, o CNS do SMT, como expressão da fé católica, dá sua contribuição à sociedade, ao impor, de forma dissimulada, princípios de estruturação do modo de

perceber e imaginar o mundo, particularmente, o mundo social, à “medida em que impõe um sistema de práticas e de representações cuja estrutura objetivamente fundada em um princípio de divisão política apresenta-se como estrutura natural-sobrenatural do cosmos” (BOURDIEU, 2009, p. 34).

É nesse contexto religioso contemporâneo, em que a religião continua a exercer uma função social importante para a família e para a sociedade, que situamos o CNS do SMT como um espaço reiterador do ideário de família, socioculturalmente construído, com fulcro nos arquétipos da Família de Nazaré e de Nossa Senhora. Bebendo de duas fontes ao mesmo tempo, que são o Catolicismo Oficial e o Catolicismo Popular, o CNS do SMT se apresenta como sendo ultraconservador, no que diz respeito aos valores familiares ali reiterados, e bastante flexível, no assimilação de elementos que povoam as expressões religiosas da atualidade. Curiosamente, o movimento que originou o Cenáculo, na modalidade do CNS do SMT, surgiu no momento em que se passa a observar essa efervescência religiosa, que mudou completamente o cenário religioso atual.

Antes de vermos como o CNS do SMT exerce seu poder sobre as famílias e seus membros, na atualidade, veremos, a seguir, por que os cenaculistas procuram essa que é uma das expressões de fé mais importantes para a família católica, por reiterar para ela todo um código axiológico que faz manter viva a tradição, na contemporaneidade. Só que isso se dá de forma ambígua, pois se por um lado exerce uma função social importante para a sociedade, no sentido de reiterar valores nômicos como amor, caridade, fraternidade, solidariedade, justiça, paz, etc., por outro lado, reitera outros valores como castidade, casamento, procriação, fidelidade, harmonia conjugal, indissolubilidade e maternidade, que não se alinham com as principais reivindicações para a família, na atualidade.

3.1.4 O que leva as pessoas a procurarem o CNS do SMT e que efeitos este exerce sobre elas

Quando se discute sobre religião, em ambiente acadêmico, numa perspectiva sociológica, o foco de interesse recai sempre em saber o porquê da procura e que efeitos determinada religião ou movimento religioso, como é o caso do CNS do SMT, exerce sobre as pessoas. Ao introduzir, de forma ímpar, a obra de Christopher Dawson, intitulada *Progresso e Religião*, Mary Douglas (2012, p. 42) afirma que,

conforme pensamento de alguns filósofos do século XVIII (Condorcet, Rousseau, Kant e Hegel), a única maneira de se adquirir conhecimento sobre uma religião seria verificar “como os crentes referem-se a ela em sua vida diária e na celebração de seu ciclo de calendário”. Assim, procuramos, através da observação das reuniões, da aplicação de questionário e também das discussões do grupo focal, conhecer o CNS do SMT, a partir da vida empírica dos cenaculistas, das tessituras de relações por eles engendradas, no âmbito do Cenáculo. Num primeiro momento, preocupamo-nos em detectar por que os cenaculistas procuram o Cenáculo.⁶⁴

As palavras de Roger Bastide (2006, p. 60) evidenciam aquilo que faz do ser humano um *homo religiosus*: “a sede de Divino vive em todos os corações, mesmo no atual momento, mesmo naqueles que parecem só se contentar com alimento terrestre”. Esse desejo veemente somente pode ser saciado pela religião, pois ela se torna uma ponte de ligação entre o homem e o transcendente. Nisso, o Cenáculo exerce uma importante função, ao cumprir o sentido da religião, de religar o ser humano a Deus, pois, como reconhece E6, 38 anos, casada, mãe de uma filha, profissional liberal, ele une a família, alimenta a fé e se torna “um dos meios de manter um estreito relacionamento com Deus”. Ou, dito de outro, modo por E4, “o Cenáculo é o meio pelo qual a família busca e conhece o verdadeiro Deus”. Como reconhece E18, 40 anos, profissional liberal, casado, pai de uma filha, “o Cenáculo transforma sua vida”. Afirma que ele transforma as pessoas para melhor.

De acordo com Berger (2004, p. 158), a religião desempenha uma função moral e terapêutica, indo ao encontro das necessidades das pessoas, tanto espirituais, quanto empíricas, mudando suas vidas para melhor, como se deu com E17, cujo testemunho é bastante lembrado nas reuniões do CNS do SMT.

Quando conheci o cenáculo, minha vida estava doente! Eu estava passando por um problema pessoal muito difícil de enfrentar. Foram dias muito difíceis e tristes. O Cenáculo me curou dessa imensa tristeza [...]. Cada vez que eu ia ao cenáculo, eu voltava para casa mais forte, mais confiante e com a

⁶⁴ De acordo com Agnes Heller (2008, p. 107), dois motivos podem levar alguém a escolher esta ou aquela comunidade da qual passa a participar: “o valor axiológico objetivo da comunidade, seus momentos favoráveis à essência humana; e a intenção de explicitar nela e através dela a própria individualidade”. No CNS do SMT, prevalece a mesma lógica dos novos movimentos religiosos apontada por Hervieu-Léger (2005, p. 170), cuja especificidade reside principalmente no fato de levarem “às últimas consequências a lógica da incorporação da procura espiritual numa modernidade psicológica caracterizada pela preocupação individual com a auto-realização”. De acordo com Branco e Demarchi (2011, p. 171), “inerente ao ser humano há uma necessidade de sentir-se parte de teias de relações interpessoais que satisfaçam seus anseios. E é a partir dessas teias de relações que se estabelecem e formam-se as redes sociais de cada pessoa”.

certeza que dias melhores viriam. [...] O significado foi uma vida nova! Eu me transformei e comecei a ver coisas que nunca tinha visto antes. A vida ficou mais bela! Me senti forte! Tão forte que percebi que eu não precisaria de ajuda, o que eu precisava era de ajudar o próximo. Eu comecei a me sentir tão bem, tão feliz e assim sou hoje e serei sempre. Já não me lembraria de tristezas ou dificuldades e todo tempo estava disposta, e pronta para ir em auxílio de alguém! E, cada vez que estendia a mão para um irmão, a maior beneficiada era eu (E17).

Não poucos são os motivos que levam alguém a procurar uma religião. Mas, geralmente, aqueles que a procuram se encontram em estado lastimável de profunda angústia e depressão, provocada, sobretudo, por problemas de ordem familiar, como é o caso de E17, que se separou do marido. Vemos o Cenáculo como um lugar propício ao diálogo, à partilha, ao estabelecimento de laços de amizade, de afetividade. É dessa forma que, ao deparar com outras pessoas que vivem situações semelhantes, o cenaculista passa a ver seus problemas com outros olhos e, ao se preocupar com as outras pessoas, isso faz com que tais problemas sejam minimizados. Certamente, foi isso o que aconteceu com E17, no decorrer de sua participação no Cenáculo. Daí, a importância dos testemunhos no Cenáculo, pois, como diz o coordenador, “você acaba puxando pra você” (E2) e, em momentos de dificuldade, complementa E10, “ele lembra [...] do testemunho que ele ouviu”.

Isso ilustra bem o pensamento de Georg Simmel (2010, p. 32), para quem a religião acaba restituindo a confiança à pessoa religiosa, que pela fé sempre encontra a bênção que procura. Assim, para as pessoas, como E17, que frequentam o CNS do SMT, há sempre uma adequação religiosa aos seus conflitos, anseios e tensões emocionais, vez que acreditam que Nossa Senhora cuida de seus filhos. O que vemos, no testemunho de E17, é o poder estruturante que o CNS do SMT exerce sobre a vida das pessoas que dele participam, pelos valores substantivos que ele inculca em suas mentes (MIRANDA, 1998, p. 37), fazendo com que ocorra uma metanoia,⁶⁵ uma transformação na visão de mundo, a partir de dentro, antes centrada no individualismo e agora, em nível comunitário, centrada na coletividade, no outro. Quando se vive em comunhão com outras pessoas, a tendência é a ajuda mútua. A solidariedade desperta a pessoa, tirando-a de seu individualismo, lançando-a para a alteridade ou outriedade.

⁶⁵ Metanoia é uma transformação interior, uma “mudança de modelo mental. É um novo olhar sobre a realidade, o qual muda decisões e ações” (TRANJAN, 2008, p. 96).

Simmel (2006, p. 70) é categórico em afirmar que a vida moderna, em que impera o racionalismo, está “saturada de conteúdos, objetivos e exigências práticas”. Uma vez que o indivíduo se desfaz deles, quando passa a frequentar, por exemplo, um círculo sociável como o Cenáculo, caracterizado por cultuar valores extraempíricos (ou substantivos), acredita-se esteja retornando “à existência natural de pessoa”, um estado mais puro de sociabilidade, baseada numa relação interativa homogênea. Daí, aquela sensação de bem-estar, de paz, de felicidade, de volta à nomia, ou seja, de sentido para a vida. Isso leva a pessoa a sair de seu individualismo e a lançar-se a atos de alteridade, em prol do outro, da coletividade, conforme afirma sentir-se E17, em sua disposição de ajudar as pessoas.⁶⁶

Essa sensação de mudança de vida, relatada por E17, que não se deu de uma hora para outra, mostra um possível deslocamento de interesses, provocado pelos valores religiosos, que são interiorizados pelas pessoas, no Cenáculo, por força de seu poder estruturante. A exemplo de E17, temos outro depoimento, igualmente ilustrativo, do que estamos a discutir.

Tudo mudou quando fui no primeiro Cenáculo. Parece que as portas se abriram na minha vida, as dificuldades, os problemas ficaram tão pequenos para ser resolvidos (E16). Criei o hábito de rezar o terço, de poder ajudar as pessoas, comecei a trabalhar na pastoral da igreja, em um ano eu participei de coisa, na Igreja, que nunca tinha feito há 30 anos da minha vida (E16).

Na prática do individualismo, o foco de interesses é meramente subjetivo. Já no altruísmo, esse foco muda em direção ao próximo, de forma objetiva, já que o fim não se encerra no “si” mesmo. O responsável por essa mudança de estágio, para José Nedel (2000, p. 144), é o amor à humanidade, que leva a pessoa “a agir em favor do próximo sem interesse e a sacrificar-se por ele”. Conforme Augusto Cury (2008, p 135), “o Código do Altruísmo nos faz solidarizar com quem falha, condoer-nos com o sofrimento do outro, retirá-los do isolamento, incluí-los, encorajá-los,

⁶⁶ Contudo, vale um alerta: no imaginário devocional mariano está muito presente a ideia de Nossa Senhora como mulher passiva e servil. Geralmente, ao assimilar essa ideia, a mulher pode posicionar-se numa condição de subordinação e dominação. De acordo com Maturana e Verden-Zöller (2004, p. 21), fazer algo por alguém “não constitui subordinação ou servidão”. Não significa aqui fazer o bem aos outros à custa do próprio bem, no sentido de uma autoanulação. Ninguém realmente ganha se você perde. Ao contrário, se numa atitude altruísta “você faz algo para uma pessoa porque tem vontade de fazê-la feliz, e se seus atos brotam de uma atitude amorosa de serviço [como se vê em E17], você sente uma satisfação profunda e a sensação interior de ganho, e não de perda” (COHEN, 2007, p. 59).

estimulá-los”. O altruísmo se traduz “na capacidade de se colocar no lugar do outro para perceber seus sentimentos, desvendar suas necessidades”. Isso se torna um ganho social bastante significativo, pois solidariedade é sinal de nomia (BERGER, 2004).

Esse relato reforça o anterior e mostra que a motivação que leva as pessoas a frequentar o Cenáculo, num primeiro momento, são razões muito subjetivas, voltadas para as próprias necessidades individuais, que se traduzem “no desejo de garantir sua vida no aqui e agora” (LEMOS, 2012, p. 21). Na verdade, as pessoas que procuram o Cenáculo, o fazem na esperança de solucionar não só problemas pessoais, de ordem familiar e/ou espiritual, mas também aqueles ligados a necessidades materiais, próprias da vida cotidiana, como: saúde, estudo, emprego, carro, moradia, etc. E aqui reside a importância fundamental do CNS do SMT: mais que solucionar o impasse dramático sobre a morte, pela promessa escatológica de uma vida além-túmulo, ele “alimenta no ser humano a esperança de conseguir concretizar a satisfação dessas necessidades” (LEMOS, 2012, p. 22), já neste momento e não depois. As motivações podem variar de pessoa a pessoa, mas, em geral, estão ligadas às necessidades empíricas, como se vê na fala do coordenador:

Eu já vi muitos testemunhos de pessoas no cenáculo, de pessoas que realmente sentiram e viveram a presença de Nossa Senhora e que têm muito a agradecer a Nossa Senhora em casos de doença, muitas curas de doenças, e eu assim, eu agradeço muito a nossa Senhora, eu coloquei nas mãos dela assim o meu trabalho, e graças a Deus me abençoou com meu trabalho, agradeço a Nossa Senhora pela minha saúde, todos os dias eu entrego minha saúde a ela (E2).

Essa fala de E2 nos leva à discussão sobre a função social da religião, nos dias de hoje, que caracteriza o cenário religioso da contemporaneidade. Desde os tempos primitivos que as pessoas tem necessidade da religião. Na era pré-moderna, as pessoas a procuravam em busca de salvação da alma, chegando mesmo a desprezar este mundo, com todas as suas mazelas, como se deu com o ascetismo protestante, responsável por alavancar o sistema capitalista (WEBER, 2009). Hoje, no mundo pós-moderno, em que a religião passa a desempenhar uma função mais operatória, mesmo que continue a dar sentido à vida das pessoas, oferecendo-lhes a salvação da alma, esta salvação passa necessariamente pela realidade empírica, em que o anelo dos indivíduos pela divindade se confunde com o desejo, quase que desenfreado, da satisfação de suas necessidades terrenas.

Nesse sentido, Max Weber (2006, p. 41) considera que, em sua forma primitiva, as motivações religiosas que levam os indivíduos a procurarem os recursos da religião, ou da magia, são voltadas para este mundo. Ou seja, “para que passes bem e vivas por muito tempo na Terra”. Afinal, é impossível apartar as práticas e o pensamento religioso ou mágico das ações próprias da vida cotidiana, porque “seus próprios fins são predominantemente de ordem econômica” (WEBER, 2009, p. 42). Dessa forma, o CNS do SMT se torna pertinente e significativo para a vida dos cenaculistas, dando-lhe sentido não só em nível espiritual, mas também numa dimensão material, de ordem empírica.

Pelo que nos foi possível constatar nas falas dos cenaculistas, suas vidas ganham sentido, a partir do momento em que passam a frequentar o CNS do SMT. Numa perspectiva antropológica, como sistema de crenças, é função da religião dar respostas às perguntas ontológicas do ser humano. De acordo com DaMatta (2004, p. 61), mais que a ciência e a filosofia, a religião serve para explicar, de modo satisfatório, por que existe no mundo sofrimento, doenças, calamidades, injustiças e aflições. A religião “pode até mesmo dizer por que certa pessoa está sofrendo o que sofre, o que não deixa de ser enorme consolo para quem vive e acompanha a aflição”. Enfim, pode-se dizer que a religião oferece respostas que, de outro modo, em outras instâncias, não seriam respondidas. Por parte dos cenaculistas, como se percebe em suas falas, há uma tendência natural de encontrarem, no Cenáculo, respostas para tudo, por meio de uma causação transcendente⁶⁷ (GOSWAMI, 2008).

Vimos, no segundo capítulo, que o ideário de família ocupa centralidade no CNS do SMT. Passaremos, a seguir, a analisar o Cenáculo como um espaço propício à preservação do ideário de família, desde as falas dos cenaculistas, cujos valores familiares por eles vivenciados se alinham ao modelo de família idealizado pela tradição, cujos parâmetros estabelecidos pela Igreja Católica são a família de Nazaré e a figura arquetípica de Nossa Senhora.

⁶⁷ Frédéric Vandenberghe (2010, p. IX) nos explica como se dá isso. Dotado de uma religiosidade como atitude espiritual que na busca a Deus unifica o mundo, conectando “as aparências empíricas a algo mais profundo e sublime que as transcende”, o crente genuíno cria sua própria visão de mundo de modo simbólico. Assim, “espontaneamente, dota tudo de significado. Percebe tudo conectado ao cosmo e tudo lê alegoricamente como uma indicação da presença divina no mundo”. Ao interpretar dessa forma “a realidade que o cerca, conseqüentemente, suas ações se darão de forma simbólica”. Essas ações simbólicas, na concepção de Schleiermacher (2000, p. 114), “são essenciais para a verdadeira sociabilidade religiosa”, pois constituem “signos de igualdade de resultado obtido em todos”, que levam ao centro comum da devoção, dando-lhe legitimidade e plausibilidade.

3.2 A VISÃO QUE O CENÁCULO TEM DAS FAMÍLIAS NO MUNDO DE HOJE

Quando se fala em crise da família no CNS do SMT, remete-se aos valores que destoam daqueles idealizados pela Igreja Católica para seu modelo de família. Na discussão do grupo focal, cujo tema era a família no mundo de hoje, a maioria afirmou que a família está em crise. Apenas dois entrevistados disseram que não. E17 emitiu a opinião de que antigamente “a família era bem mais sólida, porém [...] não [...] mais feliz”. Embora a liberdade e a igualdade hoje sejam valores que se traduzem em intolerância, por motivos fúteis capazes de desmanchar e de “acabar com uma família”, hoje, esta é mais feliz, se justifica. E2 diz não concordar com a ideia de que a família esteja em decadência. Ao contrário, acha “que a família está em ascensão”, pois antigamente era muito pior do que hoje. No geral, a maioria foi unânime em reconhecer que estamos vivendo uma época que implica mudanças no seio familiar. Vejamos o que pensam os cenaculistas sobre a família.

3.2.1 Inversão e/ou perda de valores familiares

Por longo tempo, os valores religiosos foram os norteadores do agir humano na sociedade. Hoje, contudo, o que se vê é uma relativização tão grande dos valores, que da primeira para a terceira geração familiar, parece que se está há anos-luz de distância. Isso provoca uma crise sob todos os aspectos, atingindo todas as instituições sociais, cuja causa mais provável tem suas raízes na própria desestruturação da família. Dinesh D’Souza (2008, p. 101) atribui essa crise à perda de poder do cristianismo em relação ao papel por ele exercido sobre a sociedade. O que se alega, quando se ataca o Cristianismo, justificando, assim, sua retirada do público para o privado, é que seus valores estão ultrapassados, devendo ser substituídos. Os valores da cultura ocidental são todos eles fundamentados no Cristianismo. Ora, retire-se a base cristã que dá sustentáculo à cultura e todos os valores a acompanharão. Foi o que aconteceu com o fenômeno da secularização no Ocidente, diz D’Souza (2008, p. 101). Com a retirada de cena da religião, do público para o privado, aquilo que se tem como a maior de suas heranças, que é a família, é posto em xeque, entrando-se numa crise jamais vivida. Assim como outros valores, aqueles ligados à família estão cada vez mais relativizados e a sociedade se ressentida disso.

Conforme opina E7, “vemos hoje a sociedade em total desequilíbrio devido à inversão de valores da família. Valores filiais, paternais, conjugais”. Quando questionados sobre os valores no mundo de hoje, ou mesmo nas entrelinhas das discussões do grupo focal, os cenaculistas foram unânimes em reconhecer essa perda de valores e a necessidade de resgatá-los.

Alguns valores já não são bem vistos, ou seja, são taxados como caretas, retrógrados, ultrapassados: ser honesto, justo, sincero, não ser corrupto e nem corruptor. Respeitar os pais e os mais velhos, não invadir e nem privar os direitos do próximo. Ser caridoso, se importar com os mais humildes, mais necessitados. [...] bom relacionamento com os próprios irmãos [...]. Manutenção e consolidação do casamento [...] vida religiosa e prática dos sacramentos (E1). A lei do mundo moderno destrói a família, os valores com o passar dos tempos foram sendo esquecidos e os valores do mundo e do pecado devastou várias famílias (E15). Os pais já não têm mais autoridade. O filho fala mais alto e não é por aí. Temos que baixar nossa cabeça e escutar o que os mais velhos têm a nos dizer (E12).

O que pode se afirmar, a partir das falas desses entrevistados, é que, efetivamente, está havendo uma relativização dos valores no mundo de hoje, entendida por Berger e Zijderveld (2012, p. 24; 48) como o processo por meio do qual “o status absoluto de alguma coisa é enfraquecido ou, em caso extremo, destruído”. Com a relativização, a verdade objetiva passa a ser considerada algo inexistente. Ou seja, não existem mais fatos verificáveis objetivamente. “Existem, sim, ‘narrativas’ diferentes, todas igualmente válidas”. Na verdade, Sousa Santos (2009, p. 32) afirma estarmos vivendo “numa sociedade dominada por aquilo que São Tomás de Aquino designa por *habitus principorum*, o hábito de proclamar princípios para não ter de viver segundo eles”. Em razão disso, “não admira, pois que a teoria pós-moderna relativize os valores”.

De acordo com Heller (2008, p. 102-103), cabe ao indivíduo moderno, em sua tomada de decisões, se fazer valer não necessariamente de “uma hierarquia de valores já dada a cada ação concreta”, mas escolher preferencialmente outros tipos de valores e assim “construir sua própria hierarquia valorativa no interior de certos limites, mais ou menos amplos”. Weidenfeld (2004, p. 7) argumenta que, se antes os padrões de vida eram dados pela religião e eram fundamentados em princípios definidos, em vista à coletividade, agora, em um contexto plural, ao ter pela frente realidades repletas de opções e de necessidades, na tomada de decisões, as

peças passam a estabelecer seus padrões de vida a partir do individualismo e do pluralismo, não mais obrigatoriamente, a partir da religião.

Com o processo de relativização, promovido pela modernidade, as estruturas de plausibilidade, que nas sociedades pré-modernas eram normalmente robustas e estáveis, se tornam cada vez mais frágeis e temporárias. Com isso, descartam-se preconceitos e superstições antigas, em troca da adoção entusiástica de novas ideias e estilos de vida (BERGER; ZIJDERVELD, 2012, p. 33), que passam a ser inculcados nas pessoas, através da propaganda, de comerciais, de novelas, etc., que invadem a vida cotidiana das pessoas. Maldonado (2006, p. 63) é da opinião de que existe uma “contradição entre os valores de relacionamento que as famílias desejam transmitir e os que são veiculados pelas novelas e seriados”, com destaque principalmente para a infidelidade, os maus-tratos e a banalização do sexo, além de mostrarem bandidos, oportunistas e espertinhos que sempre se dão bem. Isso não escapa ao juízo dos cenaculistas, que procuram de todas as formas se conscientizar sobre o mal que isso traz para os seus lares. E9 opina:

A família está sendo bombardeada, invadida pela mídia e outros tipos de comunicação numa velocidade espantosa e inculcando valores impuros, impróprios e tudo é normal, tanto que, para as pessoas se sensibilizarem com alguma coisa, tem que ser uma brutalidade tamanha (E9).

Mas esse é um risco inevitável, pois inconscientemente ou não as pessoas vão aderindo a esses novos valores (ou antivalores), que são previamente idealizados pela cultura de consumo, com destino certo, tornando-se muito difícil alguém deles escapar. Afinal, faz parte essencial da experiência cotidiana o fato de que a todo instante as pessoas estão deparando com uma profusão de escolhas jamais imagináveis, envolvendo “opções de carreira, relacionamentos íntimos, valores políticos e religiosos e até a definição da própria identidade” (BERGER; ZIJDERVELD, 2012, p. 33), apelos dos quais não conseguem se livrar. Aos poucos, aqueles valores substanciais que dão sentido à vida da pessoa vão sendo minados, ou simplesmente eliminados, dando lugar a outros valores essencialmente materiais, num processo de troca do ser pelo ter. Ao manifestar uma preocupação não só do Cenáculo, mas da própria Igreja, E1 lança seu apelo, dizendo:

É preciso valorizar a honestidade, buscar uma vida religiosa, ensinar bons costumes, advertir sobre os perigos e prejuízos morais que o mundo nos

apresenta e nos seduz. Principalmente que o bem sempre deve prevalecer sobre o mal. Que não é possível vivermos sozinhos e isto: todos, precisamos uns dos outros e temos os deveres e obrigações a serem cumpridos (E1).

Esse entrevistado aponta para a necessidade de se preservarem os antigos valores ensinados pela tradição e interiorizados pela família, os quais necessitam ser resgatados, pois são valores que levam à nomia social. O indiano Amit Goswami (2008, p. 12) reconhece que, mesmo que não gostemos de determinados aspectos de algumas religiões antigas, que até os dias atuais eram as únicas a proporem um conceito sobre Deus, é necessário que se concorde pelo menos a respeito de uma coisa: “todas as religiões nos deram ética e valores” que foram adulterados por uma visão materialista de mundo, com resultados catastróficos para a vida social. Berger e Luckmann (2004, p. 33-34) reconhecem que as instituições religiosas são, por tradição, fontes de sentido, por oferecer “categorias de ordem superior, capazes de comunicar sentido a toda a conduta de vida”. Esses autores acreditam que qualquer sociedade, para existir como tal, deve fundar-se sobre uma “reserva organizada de sentido e valores” a que todos se obriguem, tornando-se praticamente inconcebível que uma sociedade não tenha “valores comuns e interpretações compartilhadas da realidade”, capazes de garantir seu estado de ‘nomia’ (BERGER; LUCKMANN, 2004, p. 35).

Existem, portanto, aqueles valores que encerram uma verdade objetiva, respeitante a todos os indivíduos de uma determinada sociedade, que não dependem da avaliação humana, pois constituem “o conjunto de todas as relações [...] sociais que promovem o desenvolvimento da essência humana no estágio histórico tomado em consideração” (HELLER, 2008, p. 105). Assim entendido, uma vez que esses valores são em grande parte prescritos pela religião, há uma grande preocupação no CNS do SMT no sentido de sua manutenção, devendo ser repassados pela família, de geração a geração, conservando dessa forma seu núcleo principal. “Por muitos anos os valores da família, filiais, paternais, conjugais”, como diz E7, eram passados de uma geração a outra, de pais para filhos. Eram valores que, nas palavras de E8, “a gente nunca esquece”. Valores esses que “nossos pais e avós passaram para nós e devemos passar para nossos filhos. São ter respeito com os mais velhos, mestres educadores e espirituais” (E8).

A transmissão de valores e de crenças, de geração a geração, pela via familiar, é condição de sobrevivência de qualquer sociedade. Contudo, para Hervieu-Léger (2005, p. 65), 'continuidade' não implica 'imutabilidade'. Em qualquer sociedade, a continuidade é assegurada sempre na e pela mudança, opondo as novas gerações às antigas. A autora aponta para a existência de fraturas culturais entre a modernidade e a tradição, atingindo profundamente "as identidades sociais, a relação com o mundo e as capacidades de comunicação dos indivíduos". Para ela, os dados novos responsáveis por essas fraturas equivalem "a um novo arranjo global das referências dos valores que põem em causa os próprios fundamentos do laço social". Em sua opinião, a maior dificuldade enfrentada pela família de hoje, na transmissão dos valores familiares, de uma geração a outra, reside no fato de que existe uma perda da 'memória obrigatória da tradição', nas sociedades modernas, que passam a ser governadas, de modo mais ou menos imperioso, pela lógica do imediatismo (HERVIEU-LÉGER, 2005, p. 65; 71).

Agnes Heller (2008, p. 22-23) afirma que "sempre existirão 'preservadores' dos valores alcançados". Os valores não se perdem de modo absoluto, pois "tem havido, continua a haver e haverá sempre ressurreição". A autora chama isso de "invencibilidade da substância humana, a qual só pode sucumbir com a própria humanidade, com a história". A indignação ou desespero (como, por exemplo, das pessoas que fazem parte do CNS do SMT), perante a desagregação de valores, no mundo de hoje, cuja decadência é considerada irreparável, leva Heller (2008, p. 23) a sustentar que "não é paradoxal afirmar que essa indignação ou desespero, a descoberta das perspectivas de irreparabilidade, podem ser uma das principais fontes de preservação dos valores". Ocorre que, no caso específico do CNS do SMT, dentre os valores que se procura preservar, estão aqueles socioculturalmente construídos pela ordem clerical celibatária, que são altamente prejudiciais à mulher e que, ao serem preservados, reforçam a permanência do sistema patriarcal responsável por perpetuar as condições de discriminação sexual no âmbito familiar.

3.2.2 Desestruturação espiritual: influências da secularização

O lado religioso da família, chamemo-lo de espiritualidade. Esta envolve todos os momentos de oração, seja pessoal ou familiar, ao levantar-se, às refeições, à noite e ao deitar-se, estendendo-se também às orações comunitárias e à vida

sacramental, com a frequência dos ritos religiosos na Igreja, além dos atos devocionais de piedade, como reza do terço e novenas. Obviamente, os hábitos espirituais variam de pessoa a pessoa e de família a família, mas espera-se um mínimo de espiritualidade possível de uma família que se diga católica e consagrada a Nossa Senhora. Assim, o CNS do SMT tudo fará no sentido de exercer sua força estruturante ao inculcar nos cenaculistas o sentimento religioso, que os leva à adoção de todo um conjunto de valores morais e espirituais, conforme o qual passam a pautar-se na vida cotidiana. Mas, esse tipo de espiritualidade familiar é coisa rara nos dias de hoje. O próprio livro-guia mostra que “o erro é difundido sob formas ambíguas e o pecado já não é reparado, numa apostasia progressiva de Jesus e do seu Evangelho” (GOBBI, 2007, p. 154). Em todo o livro-guia, fala-se de uma grande crise de fé que abala as estruturas da Igreja, estendendo-se também sobre a família, e todos os consagrados têm por missão erradicá-la.

De acordo com os entrevistados, com efeito, essa crise de espiritualidade é atribuída à descrença, à falta de fé, principalmente em Deus.

As famílias hoje em dia estão muito desestruturadas espiritualmente, pois com Deus já é difícil, imagina sem Deus! (E8). As famílias de hoje não valorizam a intimidade com Deus. Deixam de trazer para sua casa Fé, harmonia e paz. (E4). Olha, a família hoje em dia se encontra é muito atarefada, sem rumo. O povo esquece às vezes o lado espiritual em não ir à igreja, participar das missas, das pastorais, estão ficando desligadas e olhar para si próprio é muito complicado (E12).

Sem Deus, sem religião, perde-se a fé e a intimidade com Deus. Sem isso a tendência é a família se desestruturar, como afirma E8, perdendo assim sua base de sustentação. Se existe uma instituição que mais sofre com a perda dos valores tradicionais no mundo de hoje, sem dúvida, é a família. São valores que se definem como padrões éticos e morais, que concorrem para a manutenção da harmonia nas relações familiares e, conseqüentemente, na sociedade. Nesse sentido, E15 afirma que “o principal valor a ser resgatado precisa ser os valores religiosos, as leis de Deus. Pois a Bíblia é o primeiro livro a ser ensinado para os filhos, a leitura bíblica deveria ser um hábito mais praticado pelas famílias”. São valores geradores de harmonia e de bem-estar social, de fundamental importância em nossa sociedade, nos dias de hoje, pois concorrem para a perfeita relação do indivíduo consigo mesmo, com o outro, com o mundo e, conforme se acredita no Cenáculo, com o transcendente (com sua gama de expressões, inclusive, Maria).

No CNS do SMT, há uma relação complexa e dinâmica entre família e religião. Essa relação, porém, conforme observa Márcia Thereza Couto (2005, p. 207), está longe de não ser conflituosa, pois entra em choque a afirmação da individualidade com a observância das obrigações e dos padrões peculiares dos liames familiares. A tendência no Cenáculo é a de que nas relações intrafamiliares se adotem os mesmos padrões religiosos estabelecidos para a família, tradicionalmente impostos a seus fiéis pela Igreja Católica. Isso, salvo algumas exceções, teoricamente faz com que o todo familiar tenha precedência sobre as partes (os indivíduos) (COUTO, 2005, p. 207). Com isso, os pais procuram levar os filhos a irem para a Igreja, mesmo que mais tarde estes venham a se evadir dela, afirmando sua individualidade, adotando conseqüentemente outro sistema religioso ou mesmo desistindo de vez da religião. E11 ilustra bem isso ao relatar o que aconteceu com as duas filhas, que hoje não frequentam mais a Igreja.

Minha filha era piolho de igreja, era da banda e tudo e hoje não quer nem saber de igreja. A outra já é mais vagabundinha assim, fica com preguiça até de respirar. Vai pra missa hoje? Ela fala: Tô precisando, né? Eu sinto assim que ela vai pra fazer a minha vontade. Queria que ela sentisse vontade, mas eu já fui jovem. Eu acho que isso é coisa de jovem. Jovem é mais difícil, é mais complicado, é muito difícil um jovem, eu acho (E11).

No Cenáculo, como parte do controle exercido pelos pais sobre os filhos, está a função, entendida como uma obrigação, de introduzi-los na religião. “A questão de levar filho pra igreja, nós todos temos obrigação de batizar, de levar pra catequese, fazer a primeira eucaristia, antes que fique velho, faz fazer a crisma enquanto a gente ainda dá conta, eu fiz tudo isso”, afirma E10. A ideia que veicula no CNS do SMT é a de que os filhos têm que frequentar a Igreja com os pais, embora esta seja uma preocupação mais da mãe do que do pai, que geralmente é menos afeito à religião. Na verdade, a função religiosa no seio familiar se restringe mais à mulher do que ao marido. Porém, raras vezes, os filhos acompanham os pais além dos primeiros anos de vida. Quando atingem a adolescência, a tendência é se rebelarem, deixando de acompanhá-los à Igreja. Hoje, os filhos praticamente não acompanham mais os pais nas orações e muito menos para irem à Igreja.

Esse descrédito dos filhos pela religião, que se traduz numa das causas da desestruturação espiritual da família, implicando necessariamente perda do convívio religioso intrafamiliar, se deve principalmente à perda ou relativização dos valores

religiosos, que se acentua na contemporaneidade. O niilismo, ou traços dele, que atinge todas as instituições na era contemporânea, chega também às famílias. “Depois de certa idade, os filhos não querem mais ir para a Igreja”, lamenta E10. Assim, antes mesmo de chegar à fase adulta, deixam de frequentar a Igreja com os pais, preferindo, certamente, livrar-se do pesado fardo moralista que lhes é imposto pela religião, principalmente no que se refere à sexualidade.

Indo além dessas considerações tecidas pelos cenaculistas, tornou-se comum atribuir como principal causa da desestruturação espiritual familiar a secularização. Esta chega aos lares pelos meios de comunicação,⁶⁸ provocando um processo de descristianização da família, devido, sobretudo, à retirada de cena da vida social dos referenciais religiosos e a consequente adoção de outros valores, conforme os quais, não existe mais espaço para a religião institucionalizada, nem mesmo para uma vivência espiritual em família. Parker (1995, p. 294-295) defende a hipótese de que as crenças religiosas realmente sofreram um impacto secularizante. Porém, pondera o autor, isso não levou a uma eliminação do sentido religioso. Na realidade, defende haver, em vez de secularismo, um processo de racionalização, em termos weberianos. Assim, “acentuam-se aspectos éticos e proféticos e superam-se traços mágicos e míticos, porém, em termos globais, o sentido religioso não desaparece, mas se transforma e inclusive pode voltar a aparecer (como de fato aparece) revitalizado”.

Por mais que as influências da secularização sejam sentidas, principalmente no âmbito familiar, de acordo com Parker (1995, p. 295) “a fé não se privatiza, e o campo simbólico-religioso não é secularizado até chegar à não-crença e ao ateísmo” e tanto o simbolismo, quanto o fervor religioso, continuam sempre atuantes, no imaginário popular dos povos latino-americanos. Por tudo isso, mais do que falar numa desestruturação espiritual da família, como consequência da decadência dos valores religiosos, provocada pela secularização, melhor seria, na opinião de Parker (1995, p. 103), “redefinir o processo de secularização como um processo de transformação da consciência e do sentimento religioso, transformação que se dá em vários níveis e em diversos planos do código simbólico”. Dito de outro modo, pelo próprio autor, o processo de secularização “deve ser entendido muito mais

⁶⁸ Deve-se atentar, contudo, que “o reconhecimento dos aspectos negativos [dos meios de comunicação] não precisa anular os pontos positivos: fonte de informação, de entretenimento, ampliação de horizontes” (MALDONADO, 2006, p. 32).

como um processo de transformação da mentalidade religiosa e não tanto como uma queda irreversível da fé do povo”.

3.2.3 Harmonia conjugal e familiar

Uma das questões mais abordadas pelo CNS do SMT é ligada à harmonia conjugal e familiar. Na perspectiva dos cenaculistas, tudo o que foge aos padrões e normas estabelecidos pela Igreja Católica para a família, se traduz em quebra, em desestruturação, em desarmonia nas relações conjugais e/ou familiares. O bom relacionamento entre pai, mãe e filhos é garantia de harmonia no núcleo familiar. Ao contrário, basta apenas um de seus membros destoar-se dos demais, que essa harmonia é quebrada, surgindo conflitos comprometedores que colocam a família em risco de desestruturação. Se os pais não se relacionam bem, isso se reflete nos filhos. Se os filhos se relacionam mal, isso se reflete nos pais. As falas dos cenaculistas evidenciam bem esta questão da harmonia conjugal e familiar, que a Igreja faz questão de ressaltar como sinal da própria saúde da sociedade, já que a família é um reflexo desta. E3 opina que “as famílias estão perdidas sem encontrar um caminho adequado para a harmonia conjugal e familiar. Não só estão perdidas, mas creio que falta Deus e exemplos dos membros das famílias de hoje”. Isso retrata a discutida crise familiar nos dias de hoje, como vimos no segundo capítulo.

Em não poucas famílias, há muito se perdeu a harmonia conjugal e familiar, devido aos desencontros provenientes de inúmeros problemas que afetam a família, na contemporaneidade. Dentre eles se destacam aqueles ligados às relações entre pais e filhos, no núcleo familiar. Devido às influências do mundo secularizado, que atingem as famílias, destituindo-a daqueles tradicionais valores que a sustentavam, os pais já não se entendem e sem um referencial moral a seguir, os filhos se tornam verdadeiros algozes de seus próprios pais. Como diz E3: “Vejo muitos adolescentes com atitudes cruéis com seus pais e extremamente egoístas. Param de ir à Igreja, deixam de rezar, exigem coisas que muitas vezes são supérfluas. Às vezes querem as coisas sem enxergar que os pais não podem dar”. Em muitos casos, esse comportamento dos filhos se deve à omissão dos pais em educá-los corretamente, impondo limites desde cedo, sendo para eles exemplo de integridade moral, de amor e respeito mútuo. Os pais perderam o controle sobre os filhos e em muito concorreu

para isso, a carga negativa de informações que os filhos e os próprios pais recebem todos os dias através dos meios de comunicação, principalmente a internet.

Sobre isso E12 afirma que a família “mudou muito na questão da convivência familiar. As crianças hoje têm acesso às coisas que a gente não tinha e às vezes a gente não tem ainda porque eles são mais rápidos do que a gente. E aí, pra eles, tudo é mais normal”. A facilidade com que nossos filhos aprendem as coisas hoje faz-nos imaginar que eles já nascem com um ‘*ship*’ a mais na cabeça. “Eles já vêm com o olho aberto, hoje em dia já nascem com o olho aberto, já não precisam ficar rolando na poeira mais, tudo é diferente” (E10). A tecnologia da computação revolucionou o sistema de informação e comunicação e o marginalizado de hoje, longe de ser aquele que não aprendia tabuada (e por isso dava a mão à palmatória), é o que não sabe lidar com um computador (ou seus microsimilares). Nossos filhos pensam, aprendem e respondem mais rápido, em questão de segundos, o que em outras épocas se demorava uma eternidade para aprendermos.

Embora todos os discursos que legitimam a importância dos avanços técnico-científicos de última geração mostrem todos os seus benefícios, de fato, há um desgaste muito grande na estrutura familiar, devido aos tipos de valores ideológicos veiculados, principalmente pela internet, extremamente prejudiciais para as relações desenvolvidas em âmbito familiar. José Carlos de Lucca (2005, p. 166) ressalta os riscos para os filhos: “um simples clicar do botão pode expor a criança ao contato com assuntos que estão fora de sua capacidade de compreensão, gerando distorções preocupantes”, como ter livre acesso a sites pornográficos, ou tornando-se presa fácil dos pedófilos que aliciam crianças e adolescentes por meio de bate-papos pela internet, que geralmente escapam à vigilância de pais desatentos.

A harmonia conjugal é uma prioridade no relacionamento intrafamiliar.⁶⁹ A estabilidade do matrimônio, sustentada no amor mútuo, é de primordial importância para a felicidade dos filhos. É essencial, para um ambiente familiar saudável, que haja um entendimento e um ajustamento entre os cônjuges. Para que se alcance a

⁶⁹ Ao analisar a qualidade dos relacionamentos conjugais como fator de proteção da família, Adriana Wagner (2011, p. 58) afirma que, segundo confirmam pesquisas sobre o assunto, o casal que vivencia “um relacionamento satisfatório apresenta maiores níveis de saúde física e emocional, mais estabilidade econômica e seus filhos também gozam de melhores níveis de saúde mental”. Por outro lado, aqueles casais que apresentam “interações conjugais conflituosas intensas, frequentes e preponderantes”, proporcionam a seus filhos efeitos negativos, comprovando, assim, que “a qualidade do relacionamento conjugal é um fator de proteção do ambiente familiar e da saúde de seus membros”.

harmonia conjugal, é necessário que se coloquem em prática alguns elementos ligados a uma vida sexual saudável: afetividade, amor, ternura, carinho, diálogo, respeito, tolerância, aceitação, compromissos e doação mútuos, bem como a forma de expressar os sentimentos e as emoções, a forma de gratificação recíproca. Por fim, alcança-se a harmonia conjugal, na realização pessoal de um projeto de vida respeitante ao casal, cujo amor se prolongue, de forma generosa, “nos outros e na transmissão responsável da vida” (PAN, 2003, p. 254). Sem isso, lar algum terá condições de tornar-se um espaço adequado à educação dos filhos. Esses elementos são o alicerce de uma família saudável, com pais vivendo em harmonia e formando filhos com personalidades ajustadas (MIELNIK, 1977, p. 53). De fato, de acordo com Goode (1970, p. 117-118), existe um código de conduta estabelecido pelo senso comum, a ser seguido pelos indivíduos numa sociedade: hábitos, usos e costumes regidos por leis, regras, normas de cunho ético e moral. São princípios de comportamento por meio dos quais o indivíduo pautará sua vida em uma sociedade, e que na família são interiorizados (GOODE, 1970, p. 117-118), assegurando, assim, a harmonia conjugal e familiar, com reflexos na vida social.

No CNS do SMT esse código de conduta inclui valores impostos pela Igreja Católica a seus fiéis e que ali são reiterados. São valores como: castidade, indissolubilidade do matrimônio, fidelidade conjugal, abertura à procriação, como uma vocação natural dada por Deus. Hoje esses valores são questionados pelo movimento feminista, que vê neles motivo de dominação masculina e subordinação feminina. Ao reiterá-los como sendo necessários para se conseguir a harmonia conjugal e familiar, o Cenáculo pode reafirmar o sistema patriarcal, em tudo prejudicial à mulher. Vejamos o relato de E10, a seguir, muito esclarecedor sobre isso:

Sobre o meu relacionamento com meu marido, sempre foi muito tumultuado [...] ele é uma pessoa doente [...] é um homem que de uma hora para outra passa de uma personalidade letárgica para uma euforia total. Casamos em fevereiro de 1986 e até este momento foi um relacionamento desgastante e sofrido, mas minha frequência no Cenáculo me ajudou muito a passar estes anos todos. Cada reunião a gente leva, dentro da gente cada episódio de nossas vidas, ou seja, cada dia do ano, ou cada dia de reunião, estamos carregando um acontecimento, um fato novo, uma briga, uma alegria, etc... Mas que com a intercessão de Nossa Senhora junto a Deus Pai, a gente vai suavizando e amenizando nossas uniões, falo nossas, porque não só a minha mas de todos os integrantes do Cenáculo (E10).

Uma coisa há de ser dita. O caminho para a harmonia conjugal não passa pela via da anulação. Ao propor a família de Nazaré como arquétipo para as famílias, a Igreja Católica projeta um tipo de vida para a mulher que implica renúncia de si mesma, porém, de forma negativa, no sentido de ser submissa e subserviente em tudo, como foi Nossa Senhora, que fazia tudo sem nada reclamar (STEIN, 1999). Assim, ao seguirem esse arquétipo, como ideal de felicidade, ou mesmo como forma de preservação do casamento e da harmonia conjugal, a todo custo, de acordo com Fiorenza (2009, p. 33), as mulheres podem ser levadas “a se autoadoarem e se autoanularem”. Mesmo que assim o façam com a finalidade de “se tornarem espiritualmente superiores”, pagam um preço muito alto por essa suposta superioridade, resultando disso, submissão e nulidade de sexo. É dessa forma que “o marianismo promove a autodoação e assim corrói a autoestima de mulheres”, diz a autora. Sobretudo, por força da consagração a Nossa Senhora, o CNS do SMT leva a essa atitude, como E11 mostra na continuidade do seu depoimento:

Hoje com certeza tenho outro relacionamento e outro jeito de pensar e agir, pois com certeza com a ajuda de Nossa Senhora e a bênção de Deus as coisas têm mudado muito. Mas sou sincera em dizer que vida a dois não é fácil pois a gente tem momentos em que, se não fosse a Consagração nossa e de nossa família, em todas as reuniões do cenáculo, o casamento já teria entrado em “barco furado”. Como já fui também coordenadora em uma época no Cenáculo, a gente presencia muita coisa, a gente vê as pessoas se transformarem, aprenderem a se conhecer melhor através de reflexões semanalmente ocorridas em cada reunião, constatamos que estas reuniões se transformam em terapia espiritual que acontece nos grupos (E11).

A fala dessa cenaculista mostra que no Cenáculo as mulheres são levadas a fazer de tudo para salvar o casamento. Ali a força do ideal da indissolubilidade do matrimônio está muito presente, mesmo que, para isso, a mulher tenha que submeter-se à dominação masculina. Embora E10 afirme que as mulheres do Cenáculo “ficam atentas ao modelo que é Maria, mas se adaptam aos nossos tempos, onde a mulher reconhece o seu valor, sabem que a mulher tem que caminhar valorizando-se, sendo submissa só a Deus”, e esse tipo de conscientização possa ser positivo, contudo, na prática, até mesmo mulheres conscientes de sua dignidade de ser humano são levadas a uma vida de anulação como meio para salvar o casamento e isso se dá pela via do perdão:

Graças a nossa caminhada de fé, posso dizer que já cresci muito, mas ainda me vejo com medo de falar e de não ser compreendida...Cada vez mais tomo consciência da minha responsabilidade como mulher, esposa e mãe, neste mundo tão injusto. No relacionamento com meu esposo, mesmo sendo uma relação de amor, predomina a autoridade do homem. À medida que vamos crescendo no conhecimento do amor de Deus por nós, homem e mulher, vamos corrigindo esses erros. Sempre agi passivamente diante de certas grosserias ou acusações, que mesmo com pedidos de desculpas fere a nossa dignidade, mas é preciso perdoar. Faz parte do nosso crescimento espiritual. A nossa cultura machista pode nos oprimir, mas para Deus somos iguais. A autoridade do esposo é para amar, proteger e cuidar da esposa e filhos. E não para destratar ou reprimir. A nossa família é preciosa para nós e para Deus, por isso buscamos na nossa vida diária renunciar às situações mundanas, como Nossa Senhora nos pede no Ato de Consagração de buscarmos nossa conversão interior através da vivência diária e de tudo que ela nos pede (E19).

Vemos nesse depoimento que a mulher cenaculista é consciente de ser merecedora da dignidade própria do ser humano e de que a relação entre marido e mulher não se deve dar pela via da dominação, mas pela via do amor, da proteção e do cuidado. Contudo, ela adquire tal noção por força de todo o ideário de família presente no Cenáculo, que a conscientiza de sua responsabilidade “como mulher, esposa e mãe”, a exemplo de Nossa Senhora, a quem se consagra e que, em função de um sentimento de conversão interior, de crescimento espiritual, a leva a perdoar ao marido. Isso constitui um círculo vicioso entre recair sempre no erro, que se traduz em autoritarismo, grosserias, acusações, reprimendas, opressão, enfim, todo tipo de violência simbólica, seguido de um pedido de desculpas ou de perdão.

Na perspectiva por meio da qual estamos conduzindo nossa análise, parecemos ambíguo que uma religião que ao mesmo tempo liberta as pessoas das mazelas deste mundo, restituindo-lhes sentido para a vida, possa levá-las a uma vida sem sentido, pela via da anulação e submissão. Como se vê, pelas falas de E11 e E19 (as únicas que se sentiram encorajadas a romperem o silêncio), o CNS do SMT exerce um forte poder de controle sobre os cenaculistas, ao reiterar para a família um conjunto de valores que, em razão de algo maior, que é a vida espiritual, anula a mulher em sua vida empírica, fazendo com que se submeta passivamente em sua vida conjugal, por força de um arquétipo mariano que lhe é imposto, que reflete uma imagem ao contrário daquela histórica mulher que foi Maria de Nazaré, a profetiza do *magnificat* que ousou denunciar as injustiças sociais de seu tempo, mostrando ser uma mulher de consciência crítica, engajada num processo de libertação de seu povo, juntamente com seu filho, Jesus, de quem, além de Mãe, foi discípula e que, posteriormente, teve sua história e posição política distorcidas pelo poder clerical

celibatário, com a finalidade de exercer o controle e dominação sobre a mulher, por eles considerada como causa de queda do homem, por ser réplica de Eva.

Acreditamos que uma conduta como a de E11 e E19, além de ser altamente prejudicial a elas mesmas, fatalmente exerce influências negativas sobre os filhos, comprometendo, assim, a harmonia do lar. Ao discutir as relações entre conjugalidade e parentalidade, Adriana Wagner (2011, p. 60) diz que é normal existirem casais com níveis baixos de satisfação conjugal e que muitos mantêm o casamento por causa dos filhos. Pode até ser que no CNS do SMT também haja casais nessa condição, mas a regra também se aplica àqueles que mantêm uma união conjugal para fazer valer a regra da indissolubilidade do matrimônio. Seja qual for a situação, ou mesmo as duas, tal atitude, de acordo com Wagner (2011, p. 61), mostra o “desconhecimento das repercussões entre a qualidade da vida conjugal e a forma como o casal exerce a parentalidade”. Considerando que existe uma relação com influências positivas ou negativas entre a qualidade de vida conjugal e o relacionamento entre pais e filhos, a autora opina que, “se as relações conjugais apresentam características negativas, seus efeitos transbordam, inundando o sistema familiar e influenciando negativamente os filhos”.

A seguir, veremos o que os cenaculistas pensam sobre o papel desempenhado pela mulher na família, partindo do princípio de que em tudo seu olhar deve voltar-se para Nossa Senhora, que, por ser um membro expressivo da família de Nazaré, se torna um modelo a ser imitado pela mulher cristã. Atentamos aqui para o fato de que não escapa a um olhar crítico que a histórica Maria de Nazaré tenha sido transformada em um ser divinizado e, por isso mesmo, um modelo inatingível para as mulheres, ao ser apresentada a elas como alguém que concebeu virgem, sem a participação de um sêmen masculino, coisa que, de tão extraordinária, soa como uma impossibilidade para uma mulher comum.

3.3 O PAPEL DA MULHER NA FAMÍLIA NA CONCEPÇÃO DO CNS DO SMT

O papel da mulher, no ideário do CNS do SMT, seguirá logicamente o arquétipo mariano proposto pela Igreja Católica. É incontestável, pelo menos no Cenáculo, que Maria é o grande modelo de mulher, de mãe e de esposa, a ser seguido. Em se tratando de um movimento dedicado especificamente a Ela, sua presença como arquétipo, no CNS do SMT, se dará com maior intensidade.

Contudo, por ser uma instituição dinâmica, a família está sempre sujeita a transformações (CAPITÃO; ROMARO, 2012, p. 28), como vimos no segundo capítulo. Como não poderia ser diferente, hoje, a família passa por profundas transformações, ensejadas principalmente pelo movimento feminista, que, com suas conquistas, acabou alterando o papel exercido pela mulher, no âmbito familiar.

No contexto atual, em que a família está submersa numa crise ainda longe de terminar, encontra-se a mulher, seja ela religiosa ou não, com seu projeto de emancipação. É certo que o papel da mulher na família, no mundo de hoje, está sujeito a questões de ordem sócioeconômico-financeira, podendo variar muito de uma família para outra. Há de se considerar ainda o fator religioso, pelo qual a religião, mesmo que desacreditada pela racionalidade, ainda continua a exercer forte controle sobre a mulher, no reduto familiar. Isso se constata no CNS do SMT, no que se aplica às respostas ao questionário, sobre “qual o papel que a mulher tem a desempenhar na família”, bem como a partir de depoimentos colhidos no grupo focal. A posição da mulher do CNS do SMT, no que se refere a esse papel, tem como fator determinante o ideal de mulher que para ela foi estabelecido pela Igreja.

Ao propor a Família de Nazaré como a família ideal, conseqüentemente, correspondendo à divisão de papéis, própria de um sistema patriarcal, como vimos anteriormente, a Igreja Católica também propõe Maria como a mulher ideal, estabelecendo para Ela adjetivos como abnegada, dedicada, altruísta, serviçal, apresentando-se, conseqüentemente, como boa mãe, esposa fiel e dona de casa em tempo integral, subordinada ao marido. Por seu lado, as mulheres do Cenáculo, consagradas a Nossa Senhora, procurarão espelhar-se nela em seu papel de mulher, esposa, mãe e dona de casa. Assim, antes de discutirmos as influências que o ideário de família exerce sobre as mulheres que fazem parte do Cenáculo, veremos, a seguir, como elas se posicionam em relação ao arquétipo mariano, como vimos no primeiro capítulo.

3.3.1 Concepção que a mulher do CNS do SMT tem de si mesma comparada a Nossa Senhora como a mulher ideal

No livro dos Provérbios (31,10-31), do Antigo Testamento da Bíblia cristã, encontramos um retrato da mulher ideal. Em contraste com as mulheres promíscuas, que são associadas à senhora Loucura, a mulher ideal da Bíblia é associada à

senhora Sabedoria. Descrita como uma mulher forte, enérgica, nobre, virtuosa, dinâmica, despojada, que participa ativamente na luta cotidiana da vida, a mulher ideal de Provérbios é uma mulher que leva uma vida de alteridade, pois não procura sua própria felicidade, mas a de sua família, em prol da qual se concentram todos os seus esforços, no sentido de que a família progrida. A mulher ideal de Provérbios pode ser descrita como uma mulher piedosa que teme, ama e confia no seu Senhor, fonte de pleno sucesso e realização na vida. Em síntese, é aquela “que dá forma ao seu mundo, que se relaciona com sua família e que ama o seu Deus” (ALLENDER; LONGMAN, 1999, p. 166). Essa ideia de mulher ideal é incorporada ao Cristianismo, na pessoa de Maria, com todos os atributos a ela conferidos pela ideologia patriarcal-celibatária.

Como vimos, no primeiro capítulo, a imagem arquetípica de Maria, como a mulher ideal, foi construída em torno de tabus ligados à virgindade, castidade e fidelidade, profundamente repressores da sexualidade feminina. Por meio de idealizações ligadas à pureza e servidão, o culto à Virgem Maria ensina que ela foi uma mulher casta, sem desejos, sem paixões sexuais, submissa ao marido. Na verdade, essa idealização acabou por prejudicar a mulher, ao colocá-la num mundo ideal, no qual a sexualidade é sublimada, tornando-se, em razão disso, um instrumento usado pela Igreja para controlar o corpo feminino, suas emoções e seus desejos (BARBOSA, 2001, p. 36). Segundo Johnson (2006, p. 73), essa idealização se deve à teologia católica, que, ao compor seu conjunto de estudos sobre Maria, adotou uma perspectiva antropológica dualista, fundada numa visão essencialista de gênero, que atribui aos homens e às mulheres dois tipos de natureza praticamente distintos, dotados de características próprias. Nessa perspectiva, Maria é projetada como “a mulher ideal que personifica o melhor da natureza humana”.

Quando da discussão do grupo focal, ao tratar sobre o tema: o papel da mulher na família, E10 deu a seguinte contribuição, que reflete muito a questão da imitação do arquétipo mariano, como mulher ideal:

Usualmente diz-se que a mulher é o sexo frágil. Eu diria: apenas na força física, pois a mulher concentra muitos predicados: doçura, paciência, sensibilidade, força moral, dedicação na oração, amor materno, etc., atributos estes necessários para que desempenhe o papel primordial na família, que é de educadora [...] para a vida e educadora na fé (E10).

Efetivamente, no CNS do SMT, há um apelo muito forte, principalmente nas mensagens do livro-guia, no sentido da imitação de Nossa Senhora, como modelo de mulher, esposa e mãe. Conforme o livro-guia, é condição, para os consagrados a Nossa Senhora, o dever de sentir, de ver e de pensar como Ela. Assim, a consagração vincula-se à imitação, a um espelhamento em Nossa Senhora, que é apresentada a seus consagrados como modelo de humildade, pequenez, docilidade, mansidão, obediência e silêncio. Todos são exortados pelas mensagens do livro-guia a uma vida ascética, no sentido de viver no mundo, mas sem ser do mundo, de viver somente para Jesus, como Nossa Senhora viveu. O caminho indicado nas mensagens é o caminho da renúncia, obediência, sofrimento e imolação, sendo, em tudo, uma “companheira fiel e amável do seu marido” (E3). De fato, quem quiser segui-la, numa vida de consagrado(a), deve “renunciar-se a si mesmo, a todos os apegos desordenados e às paixões, aos desejos desmedidos, às ambições” (GOBBI, 2012, p. 437), imolando-se “cada dia, no silêncio, no escondimento, na humildade, na docilidade” (GOBBI, 2012, p. 675). Assim, as cenaculistas são duplamente motivadas: pela imagem que se tem de Nossa Senhora, na devoção mariana, e pelas mensagens do livro-guia, que as exorta a viver como Maria.

Pelo que pudemos observar nas entrevistas, a maioria das mulheres afirma que procuram espelhar-se em Nossa Senhora em tudo, nas suas vidas. Ao reconhecer que a Virgem Maria é a mulher ideal a ser imitada, E7 diz que é “claro que ela é modelo de perfeição [pois] foi escolhida para ser a mãe do filho de Deus. Eu, no meu nada, tento segui-la”. Afirmações como esta mostram que, mesmo que as mulheres do Cenáculo se julguem inferiores à Virgem Maria, sentem-se na obrigação de procurar imitá-la, em suas vidas, tendo-a como um “ponto de referência em tudo, como mãe, como ser humano, como cristã” (E9). A maioria das entrevistadas a reconhece como tríplice modelo de mulher, esposa e mãe. Assim comparada, E26, dona de casa, 65 anos, casada, mãe de três filhos, diz que tenta “imitar, aprender, seguir o exemplo, a fé e o silêncio de Maria”. E4 declara que procura seguir sempre seus ensinamentos. “Como mulher, esposa e mãe estou em constante busca pelo caminho da santidade”. Ao sentir-se abençoada e privilegiada por ser mãe, entendendo isso como um dom divino, E25 afirma ter “a graça de ter no céu uma mãe para me orientar como mulher, mãe e esposa”.

Algumas entrevistadas declararam sentirem-se muito pequenas, comparadas a Nossa Senhora e que é muito difícil segui-la. E28 diz que, embora Nossa Senhora

seja seu maior exemplo, contudo, se sente muito aquém. “Faço o que posso para seguir o que ela nos ensina, mas como ser humano, sempre tem alguns deslizes que mostram que sou muito inferior a Nossa Senhora”. Já E11 diz que “às vezes até me esforço para chegar perto de sua bondade, caridade, de sua doçura, enfim, tentar a gente tenta, mas é muito difícil”. E16, professora, 40 anos, casada, mãe de dois filhos, diz que, apesar de que Nossa Senhora seja algo sublime e em razão disso impossível de ser comparada, dela se aproxima “no referente à resignação de fazer minhas obrigações com firmeza e dedicação ao meu lar”. Sinalizando influências de Nossa Senhora, como modelo de esposa e mãe ideal, que desperta sentimentos de abnegação, de desprendimento, de não moldar marido e filhos a si própria, mas em respeitar sua própria personalidade, E5 declara:

Como mulher, travo batalha diária para esvaziar-me de todo e qualquer preconceito para enxergar no meu companheiro, filhos, familiares, [...] como são e não simplesmente como eu gostaria que fossem. Como mãe e educadora estou convicta de que não fabriquei a personalidade dos meus filhos. Apenas influenciei e creio que Nossa Senhora, como eu também, tinha essas preocupações e muito além. Tento seguir o exemplo de todas as suas irrefutáveis qualidades. Pois Maria, sim, ela soube se esvaziar de todos os preconceitos e enxergar o menino Jesus como ele era e não como gostaria que ele fosse (E5).

Esse sentimento de abnegação, vemo-lo também em E16, para quem, apesar de achar que a comparação a nossa Senhora seja algo muito sublime, contudo diz se aproximar dela no que se refere à “resignação de fazer minhas obrigações com firmeza e dedicação ao meu lar” (E16). Embora reconheça haver uma distância entre a mulher ideal e a real, que é a mulher do Cenáculo, E10 diz:

A verdade é que Nossa Senhora é aquela a quem devemos como mulher nos espelhar. Eu diria que falta muito para esta comparação. Mas fico feliz de lutar e conseguir muito do que Ela nos pede. Como mulher fui fiel no casamento. Cuidei com desvelo de meu marido, inclusive na doença, até sua morte. Como mãe, dedico-me integralmente à criação e educação de meus filhos (E10).

A exemplo de E10, que afirma ter sido fiel ao sacramento do matrimônio, desempenhando seu papel de esposa dedicada ao marido e filhos, E3 não se vê como Nossa Senhora. Apesar de ser mãe dedicada e amorosa, não tem a paciência necessária para lidar com suas filhas, como Maria cuidou de Jesus, sendo não só paciente, mas vivendo todas as virtudes necessárias a isso. Ao afirmar que é uma

esposa que decidiu viver o Sacramento do Matrimônio, “em sua plenitude, até que sejamos separados pela morte”, contudo, insinua um desgaste no relacionamento conjugal ao dizer que, “ao passar do tempo, sinto que perdi a meiguice, a paciência e a tolerância que deveria fazer parte da minha vida em relação ao meu esposo” (E3).

Embora não seja a mulher ideal corporificada em Maria, cada uma das cenaculistas tem um desejo ardente de parecer-se com ela. Isso é decisivo para suas vidas, afetando a visão que têm de mulher, esposa, mãe e dona de casa. No esforço de viver como consagradas a Nossa Senhora, em tudo procurarão espelhar-se nela, levando, muitas vezes, uma vida de esvaziamento de si mesmas, em prol de outros. Acreditamos que, mesmo que as mulheres estejam se emancipando, na era atual, as mulheres do CNS do SMT sejam capazes de abrir mão da própria liberdade e autonomia, em relação ao marido e filhos, para viver uma vida de abnegação, de subserviência, de docilidade, na humildade, no silêncio e na anulação de si próprias, de negação da própria sexualidade, como o fez Nossa Senhora, e prova disso são os comportamentos de E11 e E19, vistos anteriormente.

3.3.2 Mulher tipo família tradicional

Vimos, no segundo capítulo, que, no sistema de família, a divisão de papéis entre marido e mulher é bem clara. Ao marido cabe ser o provedor financeiro da família, ocupando-se a representá-la junto à esfera pública. À mulher cabe o cuidado da casa: limpeza, preparo dos alimentos, lavar e passar a roupa, cuidar dos filhos e do marido, inclusive no que se refere ao “*debitum conjugale*” (CHARBONNEAU, 1985). Esse é o tipo de família patriarcal, típico de nossa cultura, e tem no pai o cabeça da família e em tudo, a esposa deve-lhe obediência (STEIN, 1999). O fato de que no CNS do SMT se defenda o papel da mulher, a partir desse modelo de família, já em decadência na atualidade (CASTELLS, 2010), mostra a tendência natural da religião em conservar os valores tradicionais a ela ligados, que por tanto tempo vêm sendo elementos de controle, dominação e de submissão das mulheres.

Ao propor Nossa Senhora como arquétipo a ser seguido pela mulher, no desempenho de seu papel doméstico, o CNS do SMT reforça o sistema patriarcal, silenciando a mulher, transformando-a num objeto de desejo, a ser manipulado pelo marido. A mulher, tipo família tradicional, é aquela que em tudo se empenha para

ser uma boa mãe, esposa e dona de casa, fiel, obediente e subserviente. Assim, obedientes aos ensinamentos da Igreja, os cenaculistas reiteram para a mulher aqueles mesmos papéis socioculturalmente construídos pelo poder clerical celibatário e patriarcalista, ao longo dos tempos.

A mulher tem um papel essencial para a vida e o bem-estar da sua família. A mulher sábia edifica a sua casa, consolida seu casamento, precisa ser uma mãe atenciosa na educação de seus filhos [E15]. Primeiramente tem que ter sabedoria da mulher ou cônjuge de família, saber lidar [...] cuidar dos filhos, do marido, da casa, do trabalho enfim, a mulher é muito importante em sua família (E12). A mulher é a chave de todas as portas que se abrem para cada membro da família. Ela precisa dar o exemplo de mãe compreensiva e educadora, mesmo que os seus filhos não concordem ou se rebelam dizendo que a mãe é 'podadora', rígida, chata e outras palavras mais (E3). O papel de nós, mulheres, é cuidar de nossas casas e nossa família, educar nossos filhos no caminho de Deus em primeiro lugar (E8).

Esses relatos se enquadram no modelo de família patriarcal, ainda vigente na sociedade de hoje, sobretudo sob a tutela da Igreja, que defende sua integridade de todas as formas (BASTIDE, 2006). Os cenaculistas reiteram o lugar que a mulher ocupa na família, numa divisão diferenciada de papéis. De fato, de acordo com Sarti (2011, p. 64), na família patriarcal, cabe ao homem a corporificação da concepção de autoridade mediadora, entre a família e o mundo externo, exercendo um papel de "autoridade moral, responsável pela respeitabilidade familiar". Conforme a autora, à mulher cabe outro sentido de autoridade, que é a manutenção da unidade da família, cuidando de todos e zelando para que tudo esteja em seu lugar. O exercício de sua autoridade feminina está vinculado "à valorização da mãe, num universo simbólico em que a maternidade faz da mulher mulher, tornando-a reconhecida como tal". Esta mentalidade, que reduz a mulher no domínio privado do lar, reporta-se ao judaísmo.

O Judaísmo é repleto de preceitos, de obras, de temor e rigor, além de ter um Deus puramente masculino, que cerceia completamente o espírito de liberdade de seu povo (COMBLIN, 2010, p. 36), sobretudo, a mulher. No Decálogo (Ex 20,17), esta constava apenas como um bem (coisa) de propriedade do marido, no mesmo nível do servo, do boi, do jumento, etc. Da mesma forma como se adquiria um escravo, se adquiria uma esposa, com o único diferencial de que a relação com o escravo se dava pela posse e a da mulher envolvia o coito. À época em que Maria viveu, a mulher palestina devia submissão total ao esposo e absoluta fidelidade conjugal e, caso falhasse neste quesito, era duramente castigada. Assim, na

Palestina, todo o rigorismo da religião judaica tornou-se completamente desfavorável à mulher. De dependente do pai, antes do casamento, a mulher passava a dependente do marido, ao casar-se. Este, por seu lado, passava a ser seu senhor. (FERREIRA, 2009, p. 151-152). Com essa desvalorização, a mulher ficou restrita ao lar e à família. Seu destino, a procriação. Ela não podia ter qualquer contato com homens que não fossem da família, nem sequer um mestre, um rabino. Conforme Prophet (2007, p. 45), Jesus quebrou essa tradição, ao permitir que mulheres com quem falava abertamente o seguissem, em seu ministério, dentre as quais se destacavam Maria, sua mãe, Maria Madalena, Marta, Maria de Betânia, Salomé, Joana e Susana. Mas isso não foi considerado quando o Cristianismo se tornou religião oficial do Império Romano.

Constantino deu ao Cristianismo um status jamais imaginado, de ser a religião oficial, justamente de um império que antes o perseguia. Já na condição de uma religião clericalizada e hierarquizada, recebendo toda a influência do sistema de organização romana, o Cristianismo estabeleceu seu modelo de família, a partir dos modos de organização do sistema patriarcal, tendo como parâmetro a Família de Nazaré. Conquanto esta tenha seus valores essencialmente importantes para a vida humana, como harmonia, paz, amor, etc., contudo, é um modelo de família patriarcal, cuja organização, baseada na divisão entre sexos, a exemplo do que era na Palestina, nos tempos de Jesus, é altamente favorável ao homem e profundamente desfavorável à mulher. Assim, ao longo dos séculos, a Igreja fez valer, para a família, um ideário, por um lado, benéfico e necessário à manutenção da ordem social, mas por outro lado, tornou-se altamente prejudicial à mulher, sobre a qual procurou sempre exercer forte controle, principalmente no que se refere à sexualidade.

Hoje, tudo mudou e, frente aos sinais concretos de que esse sistema de família está em mutação, conforme a seguir, a Religião vê isso como algo negativo para a família, uma ameaça ao núcleo familiar, por ela sacralizado, sobre o qual exerce forte controle. A tendência do CNS do SMT é seguir esse mesmo padrão de família estabelecido pela Igreja e, em razão disso, não se percebe que por trás do ideal de uma mãe boa que educa e orienta seus filhos, esposa compreensiva, sábia, edificadora, fiel e amável, existe a possibilidade de subsistir, de modo camuflado, silencioso, insentido e inevitável, o mais arcaico e abominável sistema hierárquico

de dominação masculina, em que o homem comanda e a mulher, a exemplo de Nossa Senhora, passivamente obedece.

3.3.3 Inversão de papéis: mulher provedora financeira da família

De acordo com Strey (2011, p. 41), desde o final do século XIX até metade do século XX, era consenso que a família seguisse padrões tradicionais a ela impostos, conforme os quais se esperava que os homens provessessem o sustento da família e que as mulheres cuidassem do lar, dos filhos e do marido. Aqueles que fugissem a esses padrões eram estigmatizados. Hoje, a resistência social é menor para quem os infringe. Assim, não é visto como anormal o crescimento do número de mulheres chefiando famílias. Isso mostra que o perfil da mulher vem se alterando de modo significativo nos últimos anos, com um deslocamento de atribuições, em que passa a assumir funções antes exercidas somente por homens. Isso se comprova pelos dados do IBGE, que no Censo 2010 registra um expressivo crescimento de famílias em que o responsável é do sexo feminino. De 22,2%, em 2000, o percentual passou para 37,3%, sinalizando uma tendência, cada vez mais crescente, de mulheres chefes de família. “Hoje na nossa sociedade ela desempenha até o papel de provedora da família”, diz E13, comerciante, 41 anos, casado, pai de duas filhas. Assim, acontece uma inversão dos papéis em que “o papel da mulher ultrapassa o da sua família e se reflete na sociedade”, como declara E15, ao reconhecer que “hoje em dia muitas mulheres mantêm a vida financeira da família”.

A Igreja Católica não vê isso com bons olhos, pois entende ser o lar o reduto ideal para a mulher realizar sua feminilidade, considerando-se uma vocação ser mãe, esposa fiel e serviçal. Mas existe um contraste muito grande, nos dias de hoje, entre o ideal estabelecido pela Igreja para a mulher, no reduto do lar, e sua vida real. Na verdade, acontece uma inversão, na tradicional divisão de papéis, baseada num determinismo biológico, conforme o qual cabe ao homem a esfera pública e à mulher, o reduto doméstico, com todos os afazeres que ele acarreta (BEAUVOIR, 2009; SARTI, 2008, 2011). Com efeito, como afirma E2, hoje “a mulher é a que normalmente sustenta a família, é a que toma conta da casa, dos filhos, do marido e em muitas vezes ainda trabalha fora”. A fala desse entrevistado mostra uma grande preocupação com o papel desempenhado na família pela mulher, que, além dos

cuidados do lar, se torna também provedora financeira, trabalhando fora. E7 dá sua opinião, refletindo aquilo que em geral pensam os cenaculistas:

Quando eu era adolescente, há 40 anos, ouvi uma reportagem de um psicólogo, que dizia: A sociedade vai se desestruturar com essa revolução – da mulher sair para trabalhar fora de casa. Hoje vejo que ele tinha razão. Os filhos deveriam ter mais contato com os pais, principalmente com a mãe. Defendo o modelo antigo, em que o homem deveria prover a casa e a mulher cuidar dos filhos. Tive o privilégio de trabalhar no horário que minhas filhas estavam na escola. (E7).

Essa entrevistada atribui a desestruturação da sociedade como consequência da própria desestruturação da família, visto que, em razão da ausência da mãe, que passa a trabalhar fora, os filhos não são devidamente socializados, alterando, conseqüentemente, as relações por eles mantidas na sociedade. Além disso, essa entrada da mulher no mercado de trabalho, que remonta aos tempos da Revolução Industrial, que se inicia no século XVIII e se acentua no século XIX (GOODE, 1970), significou para ela um peso insustentável sobre os ombros, ao quadruplicar sua jornada diária com o trabalho remunerado, a organização do lar, a criação dos filhos e, além disso, cumprir com a devida atenção ao marido (CASTELLS, 2010, p. 170), pagando seu débito conjugal.

Na opinião de Salem (1980, p. 63), a atividade da mulher fora do lar “é sempre retraduzida para compor com aquela desempenhada dentro do lar: por meio desse mecanismo, o papel da mulher no domínio público é reincorporado a seu papel no domínio privado”. Em segundo lugar, essa inversão de papéis na família é conflitiva, porque ao papel de provedor do homem vincula-se um sentido moral de autoridade e, quando a mulher se torna provedora da família,⁷⁰ “ocorrem modificações importantes no jogo de relações de autoridade e efetivamente a mulher pode assumir o papel masculino de ‘chefe’ (de autoridade) e definir-se como tal” (SARTI, 2011, p. 67). Para Castells (2010, p. 170), isso faz com que a dominação do homem como provedor da família realmente tenha sua legitimidade abalada por essa “incorporação maciça da mulher na força de trabalho remunerado”, aumentando, assim, seu poder de barganha face a esse trabalho.

Por ser um dado cultural, a perda do papel de provedor se traduz em sofrimento, em ‘desmoralização’ para o homem (SARTI, 2011) e nem sequer

⁷⁰ A Igreja Católica considera que “a primeira e principal tarefa da mulher é a de ser o coração da família como esposa e mãe”, sendo contrária à adoção de quaisquer outras tarefas que possam ameaçar a existência da família (STEIN, 1999, p. 169).

depende de que esteja desempregado, bastando que seu salário seja inferior ao da mulher. Segundo Sandra Megrich Segal (1994, p. 36), isso se deve ao fato de que, para o homem, o papel de provedor é evidência de sua masculinidade e em razão disso, encara como atribuições da mulher a dependência, o trabalho doméstico, o cuidado com as crianças. Uma vez incorporadas essas ideias “em sua identidade como homem”, ele fatalmente terá problemas com sua sexualidade, caso haja uma inversão de papéis ou a comprovação de sua dependência em relação à mulher.

Para Castells (2010, p. 210), a entrada das mulheres no mercado de trabalho abriu-lhe as portas para o mundo, ampliando suas redes de relacionamento, bem como sua experiência, frequentemente marcadas pela solidariedade estabelecida com mulheres, contra as dificuldades da vida cotidiana. Assim, aos poucos, as mulheres começaram a questionar e fazer perguntas referentes à dominação sofrida em casa, adubando, dessa forma, o solo para que as sementes das ideias feministas fossem lançadas e germinadas de modo simultâneo, nos campos dos movimentos socioculturais. De fato, de acordo com Castells (2010, p. 171), assiste-se nos últimos tempos a uma forte e global rebelião das mulheres contra sua opressão, embora varie de uma sociedade e de uma cultura a outra. Por outro lado, admitir isso “não significa que os problemas referentes à discriminação, opressão e abuso das mulheres e de seus filhos tenham sido eliminados ou que sua intensidade tenha sido significativamente reduzida”. Mas, pondera o autor, essa rebelião protagonizada pelas mulheres contra a autoridade patriarcal, como uma medida extrema, leva frequentemente à marginalização delas (CASTELLS, 2010, p. 171).

Por fim, o saudosismo de E7, ao trazer à memória que o modelo de família conjugal antigo é o ideal, tem sua razão de ser, pois reflete a própria visão da Igreja, que considera como algo negativo esse deslocamento da mulher para trabalhar fora, subtraindo dos filhos um direito de receber da mãe o devido cuidado. Sempre em vista à preservação do nicho familiar, a Igreja vê com preocupação o trabalho da mulher fora de casa. Embora compreenda que, no caso da mulher pobre, o trabalho feminino se inscreva na lógica das obrigações familiares, sendo por ela motivado, não rompendo essencialmente seus preceitos e não configurando forçosamente “um meio de afirmação individual para a mulher” (SARTI, 2011, p. 99), por outro lado, a Igreja condena veementemente o trabalho da mulher como forma de autoafirmação, por vaidade, deixando de realizar sua vocação natural voltada para o lar, principalmente no desempenho do papel de ser mãe e educadora de seus filhos.

3.3.4 Mulher como provedora espiritual da família

A família, sacralizada e legitimada pela Igreja como “o último reduto de amor e decência” (LASCH, 1991, p. 19), é tradicionalmente concebida por ela, numa visão patriarcalista, típica de nossa cultura ocidental, como um organismo, do qual o pai é a cabeça, considerando igualmente que a mulher seja o coração desse organismo, ficando, assim, evidente, conforme bem ilustra Edith Stein (1999, p. 164; 229), que a ela também cabe “uma missão não menos importante do que a do cabeça na formação dos membros da família”, que consiste na “atuação em prol da salvação das almas só que precipuamente no âmbito familiar”. Por força dessa vocação natural, portanto, a autora entende que a mulher tem uma missão santa a cumprir, que é a de levar o esposo e os filhos “ao desenvolvimento mais puro e perfeito possível”, pressupondo, assim, para ela, “uma atitude de serviço desinteressado de si: ela não pode considerar os outros como propriedade sua como meios para seus fins, e sim, como um bem que lhe foi confiado”. Dessa forma, numa maior medida, deve afirmar isto como uma missão sobrenatural, que lhe é própria, por natureza, a formação para o céu, cabendo-lhe “acender ou avivar no coração do marido e dos filhos a centelha do amor de Deus”. Essa missão poderá ser cumprida pela mulher “na medida em que ela própria se entende e se prepara como instrumento de Deus” (STEIN, 1999, p. 130-131). Este papel da mulher envolvendo uma dimensão espiritual torna-se muito claro nas falas dos cenaculistas, cabendo à mulher

[...] resgatar o que vem sendo perdido, o amor às pessoas, o respeito, a falta de fé, levar os filhos para catequese, a leitura da Bíblia (E16). Não deixar Deus sair de nosso lar, de nossos atos. A de não deixar com que a família aceite o ateísmo que tudo pode, perder as rédeas da união e ser ou pelo menos tentar dar bom exemplos. Na medida do possível dar espaço para Maria passar na frente (E9). Educar, ensinar os caminhos de Deus para seus filhos, ser fiel, dar exemplo de vida (E5). Na minha opinião, tradicionalmente, conduzir os filhos e o marido à Igreja (E6). O papel de nós, mulheres, é cuidar de nossas casas e nossa família, educar nossos filhos no caminho de Deus em primeiro lugar (E8). [A mulher] é a orientadora espiritual incansável dos filhos, irmãos e sobrinhos (E3).

Como se vê, no CNS do SMT há uma preocupação muito grande em preservar a família, no mundo de hoje. Acredita-se que a violência que impera em nossa sociedade, seja fruto de uma desestruturação espiritual da família, que já não é aquela família espelhada em Jesus, Maria e José. Nesse sentido, é mais que

natural que um dos papéis apontados pelos entrevistados, sobre a atuação da mulher na família, seja o de levar o esposo e filhos para a Igreja. Ou seja, fazer com que eles trilhem o caminho de Deus, papel este a que denominamos de 'provedora espiritual da família'. Esta é uma função típica feminina, porque a mulher é muito mais afeita à religião que o homem. Nessa função, a mulher encontra, na figura arquetípica de Maria, um exemplo de espiritualidade feminina, de uma vida de oração, de discipulado e de entrega a Deus. Se, como acredita E10, "Nossa Senhora seja um caminho pra levar a Jesus" ou "um canal que leva a Jesus", logicamente, a mulher mãe e esposa é aquela que também leva a Ele, o esposo e os filhos, por meio de Nossa Senhora. Assim, enquanto ao marido cabe o provimento material tão necessário para a sobrevivência da família, à mulher cabe o papel de provedora espiritual, fazendo com que todos 'sobrevivam espiritualmente'.

De acordo com Maria das Dores C. Machado (2005, p. 98), justamente por ter maior afinidade com a esfera religiosa, cabe à mulher "a responsabilidade de educar as crianças e estimular a espiritualidade nos familiares". Em seu papel de provedora espiritual da família, ela se torna o fiel da balança, no sentido de procurar sempre manter a estabilidade do lar, lançando mão da religião, a fim de manter a harmonia no núcleo familiar. Ela é consciente de que a religião proporciona um modo de vida coerente e solidário, que traz paz, amor e felicidade ao lar. Na religião ela encontra o bálsamo que lhe dará forças para a resignação,⁷¹ nos momentos mais difíceis da vida, fazendo do próprio sofrimento um dom de Deus (PRANDI, 1975), tendo como arquétipo Nossa Senhora, que tudo suportou aos pés da cruz. Com seu exemplo de uma mulher espiritualizada, ela não medirá esforços junto a seus filhos e ao marido para que a acompanhem em sua jornada espiritual.

Para Simone de Beauvoir (2009, p. 253), quanto à mulher espiritualizada, desde o surgimento do cristianismo, "mais profundo do que o mistério carnal há em seu coração uma secreta e pura presença em que se reflete a verdade do mundo. Ela é a alma da casa, da família, do lar". No exercício de sua espiritualidade, as mulheres demonstram, com mais veemência que os homens, sentimentos de amor, ternura e sensibilidade, encarnando mais facilmente a dimensão espiritual. Muito provavelmente, por ser o representante da família no mundo externo, o leque de

⁷¹ Essa ideia de resignação lembra uma prática que existia na Idade Média, em que, à semelhança de Jó, o cristão pensava salvar-se anulando-se perante Deus. A regra era esta: "Eleva-se aos olhos de Deus quanto mais parece diminuir-se" perante Ele (LE GOFF, 2008, p. 177).

opções do homem, no dia a dia, envolvendo não só o trabalho, mas também o encontro com amigos para o lazer, é muito mais amplo do que o da mulher dona de casa, sobrando-lhe pouco tempo para ocupar-se com a religião. A espiritualidade da mulher, mãe e esposa, torna-a um elo de ligação do esposo e dos filhos com a Igreja e conseqüentemente com Deus. Assim, através da oração diária, incentiva a todos a participarem da catequese, dos movimentos da Igreja, dos eventos litúrgicos, dos trabalhos pastorais, dos encontros de casais com Cristo, etc.

Esse papel de provedora espiritual, embora tenha um sentido positivo para a harmonia familiar, contudo pode se tornar ambíguo, por dois motivos: Em primeiro lugar, pode levar a mulher a uma passividade com relação ao marido, a fim de manter a indissolubilidade do matrimônio, canalizando tudo a um sentido de realização espiritual, pela via da anulação de seu corpo, de sua sexualidade, enfim, da própria dignidade. Em segundo lugar, ao ligar-se à inculcação de valores, impostos pela Igreja, referidos à sexualidade, há um risco de que, como educadora do lar, uma potencial formadora da personalidade, venha a se tornar um instrumento de manipulação e alienação, por parte da Igreja, concorrendo, assim, para a perpetuação da negação da sexualidade e da dominação do homem sobre a mulher.

3.3.5 O papel da mulher é ser mãe

O imaginário social de nossa cultura está impregnado do ideário da maternidade. Desde cedo, ainda pequeninas, as meninas são treinadas a ser mães e no âmbito do Catolicismo, a partir de Nossa Senhora, é-lhes ensinado o ideal de uma mãe perfeita, a qual, segundo Falcke (2002, p. 79), é “dotada de atributos como generosidade, bondade, tolerância, doçura, entrega e devoção”. Assim, as meninas crescem, direcionando suas vidas para a maternidade, como uma vocação natural. Seu destino é inevitável e obrigatório: em tudo e por tudo, ser uma boa mãe, uma mãe perfeita, conforme modelo tradicionalmente idealizado por uma sociedade patriarcal para a mulher, legitimado pela religião. No CNS do SMT, o sentimento da maternidade é muito forte. A maternidade é considerada como um dom divino, algo natural, do qual a mulher não pode fugir, por estar vinculada à vontade de Deus para ela. E25 afirma: “Sinto-me abençoada e privilegiada por ser mãe, pois é um dom divino. Tenho a graça de ter no céu uma mãe para me orientar como mulher, mãe e esposa”. Ou seja, para ela o ser mãe está ligado à maternidade de Nossa Senhora.

Ao debater o papel da mulher na família, no grupo focal, bem como através de pergunta direcionada no questionário, foi-nos possível perceber que o papel exercido pela mulher no lar é sempre referente, mesmo que indiretamente, à maternidade. A seguir, E17, uma mãe chefe de família monoparental, fala sobre a importância do papel exercido pela mulher, que é ser mãe.

A mulher é a Mãe! Penso que esse papel é o mais importante que uma mulher pode desempenhar em sua existência. Na família ela é o “doce”, ela é sábia, ela é o porto seguro de todos. [...] É dessa forma que nos diz a sagrada escritura! Então eu penso que o papel da mulher tem a desempenhar na família hoje e sempre é de ser Mãe!!! Para isso ela precisa ter ao seu lado um grande homem que também desempenhe o seu papel de pai (E17).

A palavra ‘mãe’ é algo sagrado no imaginário religioso católico, cujo valor intangível é reiterado no CNS do SMT, como parte do ideário de família ali presente. Em nossas pesquisas, mãe foi o termo mais citado, geralmente referido a Nossa Senhora, considerada a mãe das mães. O modelo de mãe, a partir do qual as cenaculistas procuram se realizar é o de Nossa Senhora, uma mulher passiva, submissa, que tudo fez sem reclamar. Com efeito, a mãe, conforme idealizada no cenáculo, repete ali o modelo tradicional de mãe serviçal que cuida dos filhos, da casa, do marido, administra a economia do lar (em alguns casos é provedora material), desempenha o papel de provedora espiritual e ainda tem que cuidar de si, para que o marido não reclame.⁷² Assim, se estabelece que a mãe é imprescindível numa família, cuja falta pode significar o pior, conforme reconhece E11: “Na maioria das vezes a mulher é o pilar de uma família, percebe-se visivelmente, quando numa família a mulher morre, todos dispersam, não existe mais aquele convívio junto com a mãe”.

Na concepção do Cenáculo, ser mãe é ser uma imitadora de Nossa Senhora em tudo. Quem afirma isso é E21, professora, 63 anos, casada, mãe de três filhos, para quem o papel principal da mulher é “ser mãe, mãe e mãe. Imitar Maria, sabedoria divina”. Mas aqui se apresenta um problema muito sério, pois ter Nossa

⁷² Parece haver uma propensão natural da mulher à dependência em relação aos outros, sob o olhar dos quais ela se vê obrigada “a experimentar constantemente a distância entre o corpo real, a que estão presas, e o corpo ideal, do qual procuram infatigavelmente se aproximar”. Espera-se das mulheres “que sejam ‘femininas’, isto é, sorridentes, simpáticas, atenciosas, submissas, discretas, contidas ou até mesmo apagadas”. Na maioria das vezes, a hipotética ‘feminilidade’ nada mais é do que uma maneira “de aquiescência em relação às expectativas masculinas, reais ou supostas, principalmente em termos de engrandecimento do ego” (BOURDIEU, 2010, p. 82-83).

Senhora como arquétipo significou, por longos séculos, um estado de submissão, de dominação e de exploração por parte do marido. Essa visão tradicional, que sempre a apresentou simultaneamente como modelo de mãe e de mulher, fortemente questionada pelo movimento feminista, na forma com que constantemente é reivindicada no CNS do SMT, fortaleceu “o estereótipo de mulher dominada em relação ao homem”, mentalidade esta na qual a mulher só se realiza ou pela via da maternidade, cujo destino é padecer no paraíso do lar, como uma mulher obediente, caseira e silenciada, ou pela via da Vida Religiosa, como uma virgem consagrada (MURAD, 2012, p. 15).⁷³

Assim, o modelo de maternidade reiterado no CNS do SMT, a partir da própria maternidade de Maria, está bem distante da realidade da mulher de hoje. Murad (1997, p. 44) opina que, da forma como é tradicionalmente colocada, a experiência materna de Maria não encontra eco na contemporaneidade, sendo geralmente ou ignorada ou abertamente rejeitada, principalmente porque o estilo de vida de Maria, em sua época, bem como o ambiente cultural no qual viveu, em diversas partes do planeta, eram bem diferentes dos de hoje e encontram-se superados. A teologia feminista de hoje aponta para outros rumos; em vez de reconhecer que as mulheres se valem de Maria como um arquétipo socioculturalmente construído pelo poder clerical celibatário patriarcalista, que a apresenta como uma mulher silenciosa, submissa e subserviente, mãe exemplar, por destino e vocação natural, radicada na vida caseira de Nazaré, propõe que seja, isto sim, um exemplo de uma mulher histórica que assumiu um “compromisso radical com o Reino de Deus e a pessoa de Jesus” (MURAD, 1997, p. 44).

De acordo com Badinter (2011, p. 22-23), motivadas que são pela religião, muitas mulheres, como as do CNS do SMT, são levadas a defenderem a maternidade, apenas por sentimentos de amor e de felicidade. Assim, ao optar por ter filhos, ignoram ou veem como um mal necessário, motivo de crescimento espiritual, o outro lado da maternidade, que implica esgotamento, frustração, solidão e inclusive alienação, agravando-se, ainda mais, pelo sentimento de culpa por não serem boas mães. Afinal, “optar por ser mãe não garante, como inicialmente se acreditou, uma melhor maternidade”, diz a autora. O ideal da maternidade radical,

⁷³ De acordo com Edith Stein (1999, p. 121), desde pequena a mulher é formada no seio da Igreja cristã, com um duplo objetivo: torná-la “capaz de cumprir seus deveres em sentido natural e sobrenatural como esposa e mãe, ou de dedicar todas as suas forças ao reino de Deus na virgindade consagrada a Deus”.

em que apenas a criança seja essencial, acaba silenciando duas coisas essenciais na vida conjugal: a fragilidade do casal e a importância da sexualidade. Esse ideal naturalista de vida familiar, em que se prioriza a criança, em detrimento do casal, acaba contrastando com as expectativas libertárias de nossa época, contrastando igualmente com o esforço que as mulheres tiveram para dessacralizarem a maternidade, dando vida a seus desejos, retirando “a culpa de todas aquelas, silenciosas, que não se incluíam entre elas” (BADINTER, 2011, p. 132-133).

Nem todos os ideais defendidos pela religião podem persistir para sempre, com caráter de imutabilidade. Esse é o caso da maternidade, por exemplo, tradicionalmente defendida pelo Catolicismo, que, na forma como foi idealizada, não se traduz em algo positivo para as mulheres. Segundo Badinter (2011, p. 144), ao defenderem a permanência das mães no lar, sacralizando a maternidade como algo intrínseco à natureza feminina, a tradição coloca a mulher numa situação triplamente contraditória. A primeira delas é de ordem social: de um lado, a mulher que é mãe e trabalha é desaprovada pelos tradicionais defensores da família, enquanto a empresa a censura pela repetição dos partos. O que ainda é pior, o ato de considerar a maternidade como algo essencial para a realização da mulher, não faz dela alguém valorizada socialmente. A segunda é de ordem conjugal. A relação do casal pode ser esmorecida pela presença de uma criança, que geralmente se traduz em cansaço, insônia, constrangimentos e sacrifícios, que podem levar inclusive à separação. A terceira e a mais dolorosa diz respeito ao íntimo de cada mulher, que, por não se confundir com a mãe, se sente dividida entre a dedicação amorosa exclusiva ao filho e seus próprios desejos, tão necessários à manutenção de sua relação conjugal. Tais contradições não são levadas em consideração pelos defensores da maternidade ou da ideologia naturalista, que, além de não oferecerem resposta alguma, ainda por cima, torna essas contradições “cada dia mais insuportáveis, ao exigir das mães sempre mais” (BADINTER, 2011, p. 144-145).

Para Badinter (2011, p. 206), ao invés de defender a ideologia naturalista da maternidade como algo intrínseco da feminilidade, a Igreja Católica deveria atender aos sinais dos tempos e respeitar a liberdade da mulher, frente à maternidade, sem onerá-las com sentimentos de culpa, pela opção contrária ao que pensa aquela instituição. Em sua opinião, “quanto mais se alivia o peso das responsabilidades maternas, mais se respeita a escolha da mãe e da mulher, e mais esta se dispõe a tentar a experiência, ou mesmo a renová-la”. Ao contrário, diz a autora, “ao exigir da

mãe que ela sacrifique a mulher que existe nela, só pode retardar ainda mais a hora da primeira maternidade e até mesmo desencorajá-la”. Ora, se a Igreja prega a paz, harmonia, solidariedade e igualdade entre os cristãos, o fato de defender “a força do naturalismo, revalorizando o conceito gasto de instinto materno e louvando o masoquismo e o sacrifício femininos, constitui o maior perigo para a emancipação das mulheres e para a igualdade dos sexos” (BADINTER, 2011, p. 207).

A família idealizada pela Igreja Católica, sacralizada que foi como um dado natural, está alicerçada sobre dois pilares principais, que são: a procriação, que leva à abertura à maternidade, e o matrimônio, tornado sacramento pela Igreja e, por isso mesmo, tido por ela como algo sagrado. A seguir, veremos como se reivindica isto no CNS do SMT.

3.4 A SACRALIDADE DO MATRIMÔNIO NO CNS DO SMT

Elevado à condição de sacramento pela Igreja Católica, que o reconhece como ‘sagrado’, de acordo com Jesus Hortal (1979, p. 29), o matrimônio tem duas propriedades essenciais, configuradas no Código de Direito Canônico, que são: a unidade e a indissolubilidade. A primeira, entendida como “a impossibilidade de uma pessoa ficar ligada simultaneamente por dois vínculos conjugais”, e a segunda é considerada como “a impossibilidade da dissolução do vínculo conjugal a não ser por morte de um dos cônjuges”, tendo como um seu contrário o divórcio. A indissolubilidade do matrimônio pode ser maculada pela infidelidade conjugal, quebrando, assim, o acordo entre os cônjuges, de exclusividade sexual. Porém, isto não é suficiente para argumentar-se a favor da dissolução do vínculo matrimonial. Embora, de acordo com Luís Baigorri (1992, p. 30), a Igreja não tenha uma moral dupla, referente à infidelidade conjugal, e o que vale para o homem vale também para a mulher, fato é que, historicamente, numa cultura patriarcalista, a cobrança sempre recai mais sobre a mulher, devido à tendência ‘natural’, sobre ela dita pela Igreja, de ceder aos desejos da carne, por ser considerada réplica de Eva.⁷⁴

⁷⁴ Roudinesco (2003, p. 22) explica que “a eventual infidelidade do marido não tem efeito na descendência, uma vez que seus ‘bastardos’ são concebidos fora do casamento e, portanto, fora da família. Em contrapartida, a infidelidade da mulher é literalmente impensável, uma vez que atingiria o próprio princípio da filiação pela introdução secreta, na descendência dos esposos, de um sêmen estranho ao seu – e, portanto ao ‘sangue’ da família”.

A seguir, veremos como esses dois temas são entendidos no CNS do SMT, idealizados a partir do arquétipo de Maria, cujo discurso tende a repetir aquele da Igreja Oficial, que, ao sacralizar o matrimônio, deu-lhe um caráter de perenidade, até mesmo em casos de quebra desse vínculo sagrado, por meio da infidelidade (ou adultério), entendida pelos cenaculistas numa dupla dimensão: uma social, que implica a quebra do vínculo entre os próprios cônjuges e outra, espiritual,⁷⁵ significando a ruptura da união com Deus.

3.4.1 A indissolubilidade do matrimônio: um instrumento de anulação da mulher

Aquela tradicional frase dita pelos noivos “até que a morte nos separe”, parece não encontrar mais sentido nos dias de hoje. Segundo Michel Bozon (2004, p. 121), na atualidade, há uma probabilidade bem menor de se permanecer casado, a vida inteira, com a mesma pessoa. Um exemplo claro disso é o aumento da mobilidade conjugal, cuja maior prova é a proliferação cada vez mais acentuada das famílias monoparentais e recasadas, conforme dados estatísticos do IBGE (2010), como vimos no segundo capítulo. Hoje, isso se deve a uma tendência apontada por Bauman (2004, p. 41) de que os relacionamentos sejam flutuantes, frágeis e flexíveis, fazendo com que os compromissos duradouros, ensinados pela tradição (principalmente pela religião), sejam considerados como ultrapassados.⁷⁶

Os compromissos conjugais de hoje tornam-se uma questão de cálculo e decisão, em que, numa metáfora econômica, para um dos parceiros, o outro é uma “ação a ser vendida ou o prejuízo a ser eliminado – e ninguém consulta as ações antes de devolvê-las ao mercado, nem os prejuízos antes de cortá-los” (BAUMAN, 2004, p. 30). O problema é que, quando essa ação é a mulher, seu poder de revenda no mercado sofre as consequências da discriminação masculina, que sobre ela recai, sendo mais difícil reconstruir sua vida, nesse mercado em que o fiel da

⁷⁵ A dimensão religiosa envolve “de modo activo ou latente, explícito ou implícito, toda a espessura da realidade social, cultural e psicológica”. Essa dimensão se cristaliza progressivamente, no decorrer da história, “em ‘instituições religiosas’ específicas, diferenciadas, claramente separadas de outras instituições políticas, familiares, sociais, culturais ou outras” (HERVIEU-LÉGER, 2005, p. 26).

⁷⁶ De acordo com Roudinesco (2003, p. 152-153), “considerado um sacramento pelo direito canônico, depois como necessário à legitimação dos cônjuges e de seus filhos no direito laico, o casamento perdeu efetivamente sua força simbólica à medida que aumentava o número dos divórcios. Como podia ele continuar a encarnar o poder do vínculo familiar se este já não era mais indissolúvel? De fato, foi cada vez mais assimilado a um rito festivo que acontecia não mais como ato fundador de uma célula familiar única e definitiva, mas como um contrato mais ou menos duradouro entre duas pessoas”.

balança sempre pende em favor do homem. Nesse tipo de relação conjugal, sem compromissos duradouros, o que mais conta é a conveniência e, quanto menor o investimento, menores serão as decepções.

Como defende Berger (2004, p. 144), ainda que a presença da religião na esfera pública não passe de “um caso de retórica ideológica, o mesmo não se aplica à esfera privada”. Na família, bem como nas “relações sociais estreitamente ligadas a ela, a religião continua a ter um potencial de ‘realidade’ considerável”, ou seja, “continua a ser relevante em termos de motivos e autointerpretações das pessoas nessa esfera da atividade social cotidiana”, afirma o autor. Isso se vê no CNS do SMT, quando de seu controle sobre os fiéis, impondo-lhes valores tradicionais como a indissolubilidade do matrimônio, como um mandado de Deus a ser mantido, mesmo que, para isso, a pessoa tenha de anular-se. Este parece ser o caso de E17, que, após separar-se do marido, para não deixar de receber a eucaristia, não pode manter qualquer outro relacionamento sexual, passando a viver num drama que envolve sofrimento, renúncia e entrega incondicional a Nossa Senhora.

A E17 ia com o namorado [para o Cenáculo] [...] E eu olhava pra ela assim, não porque eu tava recriminando. Não era isso, de jeito nenhum, mas eu olhava era porque ela tava naquele caso, né. Aí ela tinha raiva de mim, eu percebi e depois ela declarou que tinha raiva de mim (E11).

Essa fala de E11 deixa claro que, no CNS do SMT, a questão da indissolubilidade do matrimônio é muito forte. Mesmo que a pessoa se separe do cônjuge, não pode abrir-se à possibilidade de uma nova união, devendo permanecer separada, como se casada fosse. Ao levar o namorado ao Cenáculo, E17 gerou um grande mal-estar, porque na concepção do Cenáculo, quando o casal se separa, para que continue a receber a comunhão, nenhum dos cônjuges pode enamorar-se de outra pessoa. Como a centralidade da Eucaristia ali é muito forte, E17 namorando significou o seu impedimento de recebê-la. Tal relacionamento é considerado um absurdo no Cenáculo e, em razão disso, pela pressão dos cenaculistas, E17 viu-se obrigada a desistir do namoro. Em algo que mostra o poder estruturante do CNS do SMT sobre a consciência dos cenaculistas, E17 conta como era não poder receber a Comunhão: “era uma dor profunda [,,]. E aí a E10 vinha me dar o corpo de Cristo e eu fazia só assim né [acenava negativamente] e eu saía arrasada de lá”. Conforme relata no grupo focal, ela procurou um sacerdote com

quem se confessou e, terminado o namoro, voltou a comungar. Quanto ao seu casamento, ela declara que jamais se arrependeu de ter se separado:

Meu ex-marido tinha uma mulher em cada esquina. Era muito difícil viver assim. Eu me casei, quando eu comecei a namorar com ele eu tinha dezesseis anos, fiquei onze anos casada com ele e eu era uma mulher casada com ninguém, né, porque eu vivia sozinha. Ele me colocava na situação de que eu era incapaz de dirigir, que eu era incapaz de trabalhar, que eu era incapaz de ser alguém, ou seja, eu sempre era incapaz de qualquer coisa. [...] ele só não me puxava mais pra baixo porque não tinha espaço pra ele, né. E aí eu me separei, foi muito difícil, foi um dos piores momentos da minha vida, mas eu não me arrependi e hoje eu me vejo um ser humano melhor, capaz, e descobri que eu não sou nada daquilo que ele falava que eu era [...] E aí, assim, e eu lembro que, quando eu conversei com o padre X [...], eu falei pra ele assim: padre, é, eu sei que eu já fui casada, eu entrei numa igreja pra eu casar, mas vou dizer uma coisa pro senhor. Em mim, no meu coração, assim, eu nunca me casei. Assim, o casamento, pra mim representou algo, tão insignificante, que eu sou capaz de dizer que nunca me casei. Eu nunca tive um marido. Não sinto isso, não sinto isso no meu coração, eu nunca me casei. Quando eu me separei, tive a sensação de que eu tava presa dentro de uma cela. Então eu nunca casei. Pra mim eu nunca casei (E17).

Vemos aqui, claramente, o reflexo da ideia que se tem de uma família patriarcal, em que o único reduto no qual a mulher se torna especialista é o cuidado dos filhos, do marido e da casa. O comportamento do marido em relação a E17, nas palavras de Cynthia Sarti (2011, p. 60; 63), “reitera a hierarquia entre o homem e a mulher”, reafirmando as fronteiras existentes entre ambos. Na definição de papéis, na família patriarcal, o homem tem precedência sobre a mulher e, enquanto é o chefe da família, representa-a no mundo externo, cabendo à mulher chefiar a casa. Em seu papel de autoridade exercida sobre E17, seu marido deixa claro para ela que nada que escape ao lar lhe diz respeito e, ao considerar-se superior a ela, desvaloriza-a.

A sensação de E17, de que nunca foi casada, mostra o sentimento que tem uma mulher que é anulada pelo marido. Não há reciprocidade no trato um com o outro; o respeito mútuo, tão necessário numa relação conjugal, simplesmente não existe. Há, isto sim, um sentido de propriedade, que lembra a família tradicional, em que, se antes a mulher devia obediência ao pai, ao casar-se passava a dever obediência ao marido⁷⁷ (SAYÃO, 2006, p. 35). Esse sentimento de posse faz da

⁷⁷ Por séculos, a mulher foi considerada propriedade do marido, a quem devia obediência e subordinação. Foram tempos em que o adultério era punido, em que se justificavam crimes contra a honra, em que a virgindade era uma exigência social e a mulher tinha que manter o casamento a todo custo. Isso tudo passou a ser questionado, sobretudo pelo movimento feminista, que a cada

mulher um simples objeto, a ser manipulado pelo marido. Numa época em que a mulher se conscientiza cada vez mais sobre a importância do seu papel na sociedade e também das conquistas do universo feminino, no mundo antes somente dos homens, esse tipo de comportamento não se sustenta mais. Mais cedo ou mais tarde, a mulher acaba se rebelando contra esse tipo de violência simbólica, no ‘lar-doce-lar’. Hoje, E17 é uma empresária muito bem sucedida no ramo de móveis para escritório, em Brasília. Viaja a negócios constantemente para o exterior e vive muito bem com seus dois filhos, como uma das muitas famílias monoparentais existentes no Brasil.

E17 diz ter buscado forças para superar a separação (tanto do marido quanto do namorado que arranhou depois do rompimento) aos pés de Nossa Senhora: “Não foi nem uma, nem duas vezes não, que eu dormia ajoelhada aos pés de nossa Senhora, não porque eu queria casar ou deixar de casar, mas eu queria que Deus colocasse a paz no meu coração e hoje eu tenho essa paz” (E17). Hoje ela diz que não se importa mais se casa ou se não casa, “porque Nossa Senhora tá cuidando de mim da hora que o sol nasce até a hora que o sol se põe. [...] Se Deus achar que tenho que casar de novo, se Nossa Senhora achar, com certeza eu vou casar” (E17). A seguir, relata sua experiência no Cenáculo, de mulher separada do marido.

O cenáculo [...] me ensinou também a olhar exatamente sobre a família, né. É, às vezes as pessoas falam assim: é, se você não tivesse se separado, você não ia se separar mais. Provavelmente, não, provavelmente, porque a gente aprende, né, a tolerar e a poder contornar as situações, né, apesar de que a minha situação foi muito difícil, mas de repente eu tivesse tido a sabedoria de Nossa Senhora pra contornar (E17).

Fica evidente, nesse depoimento de E17, que o CNS do SMT leva as pessoas a uma conscientização de que têm que salvar o casamento a todo custo, mesmo sob pena de anular-se como pessoa, numa mortificação não só do corpo e de seus desejos, mas do próprio sentimento de pessoa, do ego, da dignidade. Isso tudo por assumir-se como uma mulher de fé, conforme o modelo de Nossa Senhora, ali imposto, uma distorção arquetípica, uma ideologização falsa da Maria da História, que funciona em desfavor da mulher, a qual associa o sofrimento, os reveses da vida cotidiana àquele sofrimento que a Virgem suportou aos pés da Cruz. Isso é

legitimado pela mensagem do livro-guia, que assim declara: “Quantas vezes vos convidei a caminhar pela estrada da mortificação dos sentidos, do domínio das paixões, da modéstia, do bom exemplo, da pureza e da santidade” (GOBBI, 2007, p. 738). Conforme essa mensagem, o poder deste mundo quis, ao contrário, exaltar as transgressões dos valores cristãos, propondo-as “como a conquista de um valor humano e como um modo novo de exercer a própria liberdade pessoal”, chegando a ponto de legitimar os pecados de impureza como sendo bons.

Assim, embora tenha se livrado das garras do marido que a anulava, contudo, E17 não se livrou do imperceptível poder controlador e alienante do Cenáculo e, dessa forma, mesmo tão jovem ainda, com menos de quarenta anos de idade, se viu obrigada a abrir mão de sua sexualidade e de refazer sua própria vida, para viver a realidade do céu, por antecipação, já aqui na terra, ato este considerado pelos cenaculistas um valor maior, pelo qual vale a pena calar-se aos apelos deste mundo.

3.4.2 A infidelidade: quebra da aliança entre cônjuges e com Deus

Em nossa sociedade patriarcalista, tradicionalmente, o adultério é tido como algo normal para o marido, mas pode se tornar um escândalo quando praticado por uma mulher. Num sentido religioso, o adultério é um pecado grave, que afasta quem o comete de uma convivência harmoniosa com Deus.⁷⁸ Tertuliano o considerava como “um pecado imperdoável” (COMBY, 2001, p. 57), uma violação contra um preceito divino, inscrito nos dez mandamentos. Na Lei judaica, o adultério poderia levar alguém à morte por apedrejamento, em praça pública.⁷⁹ Hoje, não existe punição legal na esfera civil para quem o comete. No Brasil, o Código Penal, em seu artigo 240, previa uma pena leve (de 15 dias até seis meses de prisão) para quem

⁷⁸ De acordo com Michel Bozon (2004, p. 129), hoje em dia, a infidelidade é “menos avaliada como uma falta ou um pecado (o termo adultério traduzia uma transgressão moral e um desvio social) do que como um comportamento criticável por ter consequências sobre o contrato conjugal”.

⁷⁹ A questão do adultério sempre pesou em desfavor da mulher. Esta, conforme o sínodo espanhol de Elvira e o de Arles (ambos do século IV), caso após separar-se tornasse a se casar, era excomungada para o resto da vida. O homem, ao contrário, não era excomungado, apenas era aconselhado a não se casar mais, sendo, portanto, admitido na comunhão. Grandes padres da Igreja, como Orígenes, Epifânio e Basílio, admitiam exceções, permitindo um segundo casamento a divorciados. Porém, dependendo das circunstâncias, somente os homens poderiam se casar. Além de muitos outros, o próprio Agostinho considerava que não deveria se igualar um homem que se casa após rejeitar a mulher pega em adultério, com outro homem que, ao rejeitar a mulher por motivos fúteis, se casa novamente. A indissolubilidade do casamento só viria a tomar a forma como temos hoje, no Concílio de Trento, que “proclamou de forma inequívoca que o novo casamento de pessoas divorciadas por qualquer motivo estava proibido” (RANKE-HEINEMANN, 1996, p. 49).

fosse comprovadamente pego em adultério. Porém, desde 2005, em razão de alterações nele introduzidas, pela Lei nº 11.106/05, o adultério não é mais considerado um crime (ZEGGER, 2007, p. 35). No CNS do SMT, como veremos a seguir, nas falas de E1 e E12, por força do poder coercitivo moralista e controlador exercido pela Igreja Católica sobre seus fiéis, o adultério extravasa a dimensão social, tornando-se simbolicamente, a própria infidelidade religiosa para com Deus.

Quando você fala em traição⁸⁰ ou adultério, se você tiver engajado mesmo, se tiver em situação de traição, aí você vai estar quebrando a aliança que Deus fez contigo (E1). Aí você tá quebrando tudo, mas a fidelidade não é só isso, a fidelidade que eu vejo, [...] Então assim, a fidelidade não é só na questão da palavra chifre, aí, você rasgou, aí você jogou a coisa no chão e quebrou tudo. Tá, não é só conjugal, a fidelidade é o respeito ao outro. Esse, a palavra, a definição de fidelidade pra mim é essa [...]. É, e sem essa fidelidade, tá, aí não há respeito. Não há respeito na família (E12).

Temos, aqui, dois depoimentos que expressam bem a visão que se tem sobre o adultério no Cenáculo, entendido como um dos males que assolam a família nos dias de hoje, como se vê em uma mensagem do livro-guia, o Cenáculo é um poderoso meio que “o meu Coração Imaculado vos dá para defender a família cristã dos perigos que a ameaçam, como a infidelidade, as divisões, as separações, o recurso aos meios para impedir a vida, e esses malditos abortos”, que, embora sejam permitidos por leis civis, contudo clamam vingança diante de Deus (GOBBI, 2012, p. 1033). O adultério ou infidelidade, na visão do Cenáculo, com efeito, extrapola a dimensão conjugal, constituindo uma ameaça ao relacionamento entre o casal, atingindo também a dimensão espiritual, tornando-se uma ameaça à própria salvação, vez que significa um rompimento relacional com a divindade. Assim, a palavra adultério, para E1, que viveu ativamente na pele essa situação, implica não só a quebra da fidelidade conjugal, mas também uma ruptura relacional com Deus. Fica subentendido que, no Cenáculo, a aliança matrimonial tem uma dupla dimensão: a social, visibilizada pela cerimônia do casamento, oficializando a união conjugal, cujo símbolo unitivo é a aliança que se coloca no dedo dos noivos, e a espiritual, subentendendo também uma aliança que se faz com Deus, cuja quebra leva ao sentimento de culpa, externado pelo indivíduo, no processo de conversão (que corresponde ao estar engajado), como se vê a seguir, no relato de E1:

⁸⁰ Salem (2004, p. 29) pontua que “a quase vocação masculina para a ‘traição’ é justificada ora com base na ‘vontade’ sexual incontrolável, ora no descompasso, também naturalmente fundado, entre suas ‘necessidades’ sexuais e as da parceira fixa”.

Eu preciso me policiar, preciso de me vigiar, porque estou num processo de conversão [...] já fiz as piores coisas que um pecador pode fazer, me envergonho demais e pela misericórdia de Cristo ele vê e nota meu esforço pra não reincorrer novamente nos pecados que cometi e me fortalece pra que continue tomando conta da minha família, tomando conta dos meus filhos, convivendo com minha esposa e tentando passar pra vocês, pra sociedade, pros meus irmãos, pra minha mãe, pro meu pai, de que eu tô me esforçando pra criar uma família e dar exemplo, né [...] Agora, eu acho que eu mudei, eu estou num processo de conversão, eu mudei, eu vou me esforçar, vou dar tudo de mim pra continuar buscando essa mudança, essa transformação, e conciliar com o movimento do Cenáculo (E1).⁸¹

Tão logo as pessoas começam a frequentar o Cenáculo, são levadas a fazer uma releitura de suas vidas, à luz dos padrões moralistas, prescritos pela Igreja Católica, como potenciais instrumentos de controle, principalmente, sobre a sexualidade. De acordo com Bloomfield (2004, p. 237), a religião tem dois objetivos em sua função de dar sentido à vida das pessoas, que marca a experiência religiosa dos cenaculistas: em primeiro lugar, a pessoa é levada a interiorizar os valores tradicionais, socioculturalmente construídos pelo poder clerical patriarcalista, ligados à família e à sexualidade, que são tornados inteligíveis, pelo processo de tradução, responsável não só por dar-lhe segurança, mas também por orientá-la, no sentido de conformar-se e guiar-se por esses valores. Em segundo lugar, pelo processo transformacional, a religião incute na pessoa o desejo de fundir-se com Deus, levando-a à conversão de vida.⁸² Ao contrário da primeira situação, de segurança e conforto, esse processo transformacional provoca uma verdadeira revolução na pessoa, levando-a a uma transformação interior, passando por uma metamorfose radical, que implica morrer para si mesmo e renascer para Deus. Isso aplicado ao CNS do SMT, implica dizer que esse processo leva o cenaculista a sujeitar-se, simbolicamente, à morte para o pecado, a fim de renascer para uma vida nova em Cristo (OLIVEIRA, 2002, p. 128).

⁸¹ Essa atitude de E1 lembra o que disse Weber (2004, p. 128), em *A ética protestante e o espírito do capitalismo*, sobre o esforço dos calvinistas em provar a si mesmos que ser um dos predestinados: “ao verdadeiro convertido cumpre provar para si mesmo e para os outros ao menos isto, que o pecado ‘não mais tem poder sobre ele’”.

⁸² Conforme opina Hervieu-Léger (2005, p. 128), “o ato de conversão cristaliza o valor reconhecido ao empenho pessoal do indivíduo”. Ao mesmo tempo esse ato implica “uma reorganização global da vida” do indivíduo, que passa a se adaptar a novas normas, sendo decisivo para isso “sua incorporação numa comunidade”. A convivência com outras pessoas, como no Cenáculo, por exemplo, leva o indivíduo a uma reorientação de vida espiritual e qualquer recaída implica derrota para o inimigo (o diabo ou demônio).

Dessa forma, torna-se bastante claro que participar do Cenáculo implica romper com a vida 'mundana' de traição, de infidelidade, como algo pecaminoso e contrário à vontade de Deus. O Cenáculo resulta numa carga muito grande de responsabilidade moral perante as outras pessoas, ao se valorizar o bom exemplo a ser dado por seus participantes, o que reforça a ideia de que as mensagens atribuídas a Nossa Senhora, contidas no livro-guia, exercem um poderoso controle sobre o comportamento dos cenaculistas, principalmente ao supervalorizar a questão da culpa, do pecado, em contraste com a pureza, a santidade de vida, tão exaltadas naquelas mensagens. Assim, logo que as pessoas se engajam no Cenáculo, passam a pautar suas vidas conforme aquilo que se apresenta no livro-guia, como sendo realmente a vontade da Virgem Imaculada, provocando uma mudança radical de vida, perante a família conjugal, os familiares a elas afetos e à sociedade. Todos se esforçam nesse sentido, como afirma E1:

Nós, que representamos o movimento, que participamos, precisamos nos esforçar pra não sermos um mau exemplo, motivo de vergonha pra igreja, né. A responsabilidade é muito grande e tem outro detalhe, tem o lado pessoal e o lado espiritual também. Nós não podemos estar aqui, depois sair pra balada, pegar um broto e passar a noite [...]. Existe esse cuidado, e além de saber que você vai ser castigado, que você está pecando, que você está traindo não a sua esposa, mas Jesus, que fez uma aliança com você, né, a aliança que foi feita, que passou o sangue, que aspergiu o sangue [...] você está traindo tudo isso, você está traindo seu irmão também (E1).

No Cenáculo, a palavra adultério tem um significado muito forte para o exercício da sexualidade, não se restringindo somente à vida conjugal, mas, num sentido mais amplo, à vida das pessoas viúvas, mais uma vez considerando-se a dimensão espiritual, que prevê uma vida de castidade, em todos os sentidos, como se expressa E10:

Eu sou viúva, se eu arrumo alguém, eu não tô traindo meu marido, pois sou viúva. Quem é que vou trair, gente? A Deus, e à minha espiritualidade. Então, eu, que sou livre, sou viúva, mas não sou livre perante Deus, por causa da minha espiritualidade, então, se eu for dormir com um cara aí, eu tô traindo a minha espiritualidade (E10).

Como vimos, nem mesmo a condição de viuvez libera a mulher para ter um relacionamento sexual sem que seja considerado pecaminoso. Ou seja, no entendimento do Cenáculo, uma relação sexual está estritamente ligada ao Matrimônio. Fora disso, comete-se 'adultério' em relação a Deus.

A sexualidade, na forma idealizada pela Igreja Católica para seus fiéis, leva muitos a desistirem de vez de frequentar a Igreja ou mesmo de acreditar em Deus. A moralidade cristã tradicional faz com que se inviabilize a religião para muita gente, tornando-se uma ilusão. Ao referir-se sobre o ateísmo no mundo contemporâneo, Dinesh D'Souza (2008, p. 302) afirma ser “bem possível que, não fosse aquele único mandamento contra o adultério, o homem ocidental ainda fosse cristão!”. Relembrando Agostinho, que orava a Deus para torná-lo casto, ‘mas não ainda’, o autor afirma que, para esse ‘Padre da Igreja’, “não seria incompreensível nem misterioso que toda uma geração de jovens, hoje, se rebelasse contra o Cristianismo por causa de seus ensinamentos sobre o sexo antes do casamento, contracepção, aborto, homossexualidade e divórcio”. Ao ser-lhes ensinado, por exemplo, que a masturbação é um pecado, os adolescentes, que estão com os hormônios à flor da pele, por não conseguirem se adequar ao jugo moralista imposto pela Igreja, são levados a desistirem da religião, mesmo que mais tarde voltem a ela.

Assim, ao reafirmar a sexualidade legitimada como um “mandamento divino” (BERGER, 2004), essencialmente canalizada para a vida conjugal, sem qualquer direito de exercê-la fora do matrimônio, condenando todas as outras formas possíveis de sua manifestação, o CNS do SMT rema contra a correnteza, pois, nos dias de hoje, a sexualidade se desvincula da reprodução, tornando-se, pela primeira vez, conforme Giddens (2010, p. 66), “algo a ser descoberto, moldado, alterado”, ou ainda, numa perspectiva do amor confluyente (ou relacionamento puro), passa a ser entendida não como algo exclusivo, nem necessariamente monogâmico, mas de uma plasticidade vinculada essencialmente ao eu, à atração, não importando o sexo. Vista sob esse ângulo, a sexualidade passa a ser “um fator que tem de ser negociado como parte de um relacionamento” (GIDDENS, 1993, p. 74), abrindo, inclusive, a possibilidade de um relacionamento homossexual.⁸³

Neste capítulo, procuramos fazer um intercambiamento entre as práticas devocionais dos cenaculistas e o ideário de família presente no CNS do SMT, revisitando alguns temas importantes sobre a religião em transformação na contemporaneidade, assim também a forma como a religião atua na vida dos

⁸³ Segundo Castells (2010, p. 172), sob o impacto de movimentos sociais, e de modo particular o feminismo, as relações sexuais entre sexos impulsionam “uma poderosa onda de choque” sobre a heterossexualidade, questionando-a como norma. Para os movimentos de mulheres, gays e lésbicas, a liberação sexual sem qualquer vínculo institucional “tornou-se a nova fronteira da auto-expressão”, desferindo um golpe devastador sobre o patriarcalismo.

cenaculistas, cujos reflexos se tornaram visíveis, na visão que alegam ter sobre a família e os papéis nela vividos. Assim, demos continuidade à discussão iniciada no primeiro capítulo, quando então apresentamos nosso universo de pesquisa, enquadrando-o como expressão intermediária entre o Catolicismo Oficial e o popular, bem como no segundo capítulo, quando procuramos evidenciar a centralidade da família no CNS do SMT, contextualizando-a com as principais mudanças ocorridas no mundo de hoje, com suas várias possibilidades de configurações.

Assim, ao concluirmos este capítulo, constatamos que o ideário de família presente no CNS do SMT reflete em muito o modelo de família tradicionalmente idealizado pela Igreja Católica e que, a todo custo, procura preservar contra as investidas do mundo moderno, que os cenaculistas acreditam serem altamente prejudiciais a esse nicho 'nuclear' sagrado. Por força da consagração a Nossa Senhora, percebe-se, pelas falas dos cenaculistas, que há uma estreita vinculação dos papéis por eles desempenhados no lar, sobretudo pela mulher, com aqueles valores idealizados pela Igreja, para a família. Mesmo que os cenaculistas não se considerem dignos de se comparar a Nossa Senhora e que suas famílias não se equivalham à Família de Nazaré, contudo eles veem como um ideal de vida a ser alcançado conformar-se ao máximo a esses dois modelos, tendo como ponto forte para isso a vivência do ideário de família que se reitera no CNS do SMT, reforçados pelas mensagens de Nossa Senhora, presentes no livro-guia. Dessa forma, ao veicular um ideário valorativo contrário às expectativas igualitárias entre sexos, entre o homem e a mulher, no âmbito familiar e até mesmo além dele, o CNS do SMT acaba contribuindo para a manutenção do patriarcalismo em nossa sociedade, inviabilizando, assim, os anelos por uma maior igualdade entre o homem e a mulher.

CONCLUSÃO

Esta tese teve como foco central o conjunto de valores tradicionais que compõem o ideário de família presente no CNS do SMT, socioculturalmente elaborado pela Igreja Católica, no decorrer da história. Para uma melhor compreensão de como se dá a reiteração desse ideário de família no CNS do SMT, a partir de dados coletados por uma pesquisa bibliográfica e qualitativa de campo, propusemos um itinerário composto por três capítulos, considerando a devoção mariana presente no imaginário católico, visibilizada em nosso objeto de pesquisa; a centralidade do tema família, no CNS do SMT, contextualizada numa era em transformação; e, por fim, a reiteração do ideário de família ali presente.

A pesquisa de campo nos possibilitou conhecer o CNS do SMT, situando-o no contexto pós-conciliar do Vaticano II, como célula basilar do MSM, constituindo um espaço propício ao encontro entre famílias, em torno da devoção mariana. Pelas características ali apresentadas, com centralidade na devoção a Nossa Senhora, tal como imaginávamos, o CNS do SMT se posiciona entre o Catolicismo Oficial e o Catolicismo Popular, bebendo de ambas as fontes, sem conflitar com nenhuma delas. É um espaço criador de sociabilidades, onde se estabelece uma rede de relacionamentos socioafetivos, em torno de um mesmo ideal, que é a crença na Virgem Maria, não existindo ali a ideia de oposição, mas de complementaridade, no crescimento da fé e da autoestima. Autônomo em seu funcionamento, o ponto alto do Cenáculo são os testemunhos. Estes são responsáveis pela validação e legitimação das crenças veiculadas naquele espaço religioso. Ao proporcionar um ganho social muito importante, na solução dos problemas próprios da vida cotidiana, o testemunho estabelece a ligação entre a vida empírica do cenaculista e o mundo abstrato que se apresenta, de forma miraculosa, na pessoa da Virgem Maria.

A espiritualidade do CNS do SMT tem como eixo principal a consagração a Nossa Senhora, entendida como uma condição para se participar do Cenáculo e um sinal de pertença ao MSM. Em razão disso, há uma constante orientação no sentido da conversão, que se dá pela consagração a Nossa Senhora, cujo ritual se repete em todos os encontros. Essa consagração é considerada o ato mais nobre de alguém que quer se entregar nos braços de Maria, pois exige da pessoa um esforço por santificação constante, no que se refere à pureza de coração, à fidelidade conjugal, à dedicação amorosa aos filhos, ao esforço pela castidade, etc. No ideário

de família do Cenáculo, caso uma mulher venha a separar-se do marido, ela não pode mais se unir a outro homem, porque casamento é um só. Para que ela continue a receber a Eucaristia, tem que manter-se casta. Isso vale também para os homens, só que no Cenáculo existem apenas mulheres nessa situação.

No Cenáculo, reitera-se tudo o que historicamente a Virgem significou para a piedade popular. Ali, a devoção mariana não escapa à lógica do sistema patriarcal, reafirmando-se a crença numa figura arquetípica de Maria, que se apresenta como modelo tripartite, na combinação tradicional de mulher passiva, esposa serviçal, mãe dedicada, submissa em tudo. Desse modo, o processamento das crenças e das práticas religiosas presentes no Cenáculo se dá de forma mágica e supersticiosa, girando em torno das necessidades dos cenaculistas e da disposição de Nossa Senhora em atendê-los. Assim, o devoto sempre encontra uma solução mágica para seus problemas empíricos. Tal como na piedade popular, também no Cenáculo, Maria funciona como uma válvula de escape, uma alternativa a um Deus que ama, mas que pune, sendo sempre acionada nos momentos de perigo ou de forte tensão emocional. Dessa forma, Maria acaba prestando uma função social importante, ao amenizar o sofrimento das pessoas que vão ao seu encontro.

Na prática da devoção no CNS do SMT, os cenaculistas têm como referenciais de vida a Família de Nazaré e Nossa Senhora. Com efeito, a atuação da mulher no Cenáculo tem como fator decisivo, principalmente, o arquétipo de mulher ideal, que é Nossa Senhora, modelo de mulher, esposa e mãe. Em meio a frustrações e insatisfações, as cenaculistas tudo farão para se parecer com ela, vivendo uma vida de consagradas, tendo como itinerário para isso as mensagens do livro-guia, que implica incorporarem em suas vidas todo aquele conjunto de valores idealizados pela Igreja como ideário de família. Elas são motivadas pelas mensagens do livro-guia a viverem os sacramentos, a resistirem ao divórcio, a se preservarem do aborto, a não utilizarem os métodos contraceptivos. O livro-guia indica-lhes como caminho, para se viver a consagração, uma vida de fidelidade, docilidade, silêncio, humildade, pureza, santidade, disposição à maternidade e espírito de renúncia ao mundo, numa escravidão de amor.

Assim, de forma sutil, silenciosa, inconsciente, não perceptível, as mulheres são encorajadas a abrir mão de sua liberdade e autonomia, em relação ao esposo e filhos, para viverem a consagração, pautando-se pela abnegação, subserviência e anulação, negando sua própria sexualidade, em prejuízo de sua autoestima. Pelas

características apresentadas pelos cenaculistas, nota-se que, por considerarem os valores religiosos desde uma visão emotiva e sentimental, tornam-se facilmente manipuláveis, sucumbindo, assim, de forma inconsciente, ao poder alienante da religião.

Ainda que a família venha perdendo seu caráter tradicional, na contemporaneidade, constatamos a existência, no CNS do SMT, de um ideário de família naturalizada e sacralizada, a partir dos arquétipos Família de Nazaré e Nossa Senhora, com seus valores intangíveis, como: casamento, procriação, castidade, fidelidade, harmonia conjugal, indissolubilidade e maternidade. Esses valores são repassados no Cenáculo, de forma praticamente intacta, tal como milenarmente ensinados pela Igreja Católica, fazendo com que o ideário de família presente no CNS do SMT exerça um efeito acomodatório sobre os cenaculistas, modificando suas vidas, a partir do momento em que passam a frequentar o Cenáculo. Aos poucos, vai acontecendo uma suspensão da vida que levavam e passam a viver uma nova vida, em conformidade com esses valores.

Por meio desse ideário de família, de fato, o CNS do SMT acaba exercendo uma forte influência nas pessoas que dele participam, por meio da interiorização de todo esse conjunto de valores, idealizados a partir do sistema patriarcal, que contrastam com aqueles mais igualitários da família pós-moderna. Isso acaba se tornando ambíguo, pois, juntamente com os valores que provocam mudanças positivas nas pessoas, estão aqueles valores que, por espelharem-se em Nossa Senhora, levam as mulheres a uma situação de dominação e de submissão. Pelas falas dos cenaculistas, deduz-se haver um forte vínculo entre suas vidas e os valores idealizados pela Igreja, que certificam a consagração a Nossa Senhora. Assim, mesmo que se sintam indignos de qualquer comparação, procurarão, sob todas as formas, conformar-se a esses modelos, como ideal de vida consagrada a se alcançar, pela vivência desse ideal de família.

Em contraste com esse ideário de família, na literatura pesquisada deparamos com uma pluralidade de conceitos sobre a família, na era atual, tornando-se mais coerente hoje falar de famílias no plural e não no singular. De fato, várias são as possibilidades de configuração da instituição familiar, muitas das quais são indicativas de que o sistema patriarcal, de acordo com o qual a família nuclear tradicional se encontra organizada, está em decadência. O modelo de família por tanto tempo defendido pela Igreja Católica já não encontra plausibilidade frente à

variedade de arranjos e rearranjos do nicho familiar, nos dias de hoje. Com efeito, pelos dados do IBGE, no censo 2010, nota-se que a família se fragmenta na contemporaneidade. Além da família nuclear tradicional, no cenário familiar contemporâneo, aparecem outros tipos de família: recomposta, reconstituída, monoparental, homoparental, unipessoal. O Cenáculo se ressentiu disso. Como consequências dessa pluralização, temas ali abordados, como: aborto, divórcio, controle da natalidade, são considerados práticas mundanas, entendidas como obras de Satanás, as quais devem ser refutadas, por contrariar a visão da Igreja Católica sobre a família.

Contrastando com as mudanças que vêm ocorrendo na instituição familiar, na contemporaneidade, o CNS do SMT faz prevalecer a visão tradicional da Igreja, reiterando ali seu ideário de família, como forma de ordenamento e preservação da vida social. Disso decorre que, por mais que a família nuclear tradicional, na forma idealizada pela Igreja, perca sua legitimidade na atualidade, como único modelo a ser seguido, a tendência é que permaneça viva na sociedade, pela contribuição dada por expressões religiosas como o CNS do SMT, que, ao fazer valer ali esse modelo de família e o código de valores a ela conexos, faz com que esse tipo de instituição permaneça vivo no imaginário católico. Os dados coletados comprovam que o CNS do SMT procura exercer forte influência sobre os cenaculistas, estruturando suas consciências. Isso se verifica na reiteração dos valores familiares tradicionais, que são por eles interiorizados como necessários à vivência da consagração a Nossa Senhora e que compõem o ideário de família, ali presente.

Assim, a partir da fala dos cenaculistas, foi-nos possível confirmar que, verdadeiramente, o CNS do SMT é um espaço de reiteração do ideário de família que contrasta com as tendências atuais de pluralização dessa instituição. No que conduz à constatação de nossa hipótese, observa-se no processamento da crença, naquele Cenáculo, um grande paradoxo: O CNS do SMT presta um grande serviço à sociedade, no desempenho de um papel de ser ponte, conectando o humano ao divino, dando sentido à vida das pessoas, fomentando sentimentos indispensáveis à ordem social, como paz, justiça, união, amor, amizade, solidariedade, fraternidade. Contudo, ao reiterar valores tradicionais que fazem parte do Catolicismo Oficial, dogmático e doutrinário, como: castidade, matrimônio, indissolubilidade, fidelidade, harmonia conjugal, maternidade, na forma com que foram idealizados pela ordem clerical celibatária masculina, considerando ainda a forma acrítica a que os

cenaculistas são conduzidos à prática desses valores, o CNS do SMT acaba se tornando uma grande aliado da ideologia de um sistema patriarcal de dominação masculina, por meio de um discurso conservador e fundamentalista, que, ao longo da história do cristianismo, foi motivo de exclusão das mulheres.

Por tudo o que temos afirmado até agora, sobre religião, família e de modo especial sobre a mulher, fica comprovada a seguinte hipótese, por nós defendida na introdução: O CNS do SMT, enquanto mantém uma proximidade relativa tanto com o Catolicismo Popular quanto com o Catolicismo Oficial, com suas concepções, ritos e práticas, no que tange à família, segue os moldes tradicionais. Embora se situe em um contexto de mudanças na contemporaneidade, com relação à família, com suas novas características (famílias incompletas, núcleo desagregado, mulheres como chefes de família), bem como com a religião, com as principais mudanças (crenças subjetivistas, de forma fluída e dispersa e práticas, linguagens, gestos, automatismos espontâneos), que se observam na era atual, o Cenáculo de Nossa Senhora permanece refratário a tais mudanças. Sendo assim, ao reiterar valores tradicionais como maternidade, indissolubilidade do matrimônio, castidade, fidelidade conjugal, o Cenáculo de Nossa Senhora contribui para a manutenção do ideário de família tradicional, composta por pai, mãe e filhos, perpetuando, assim, a dominação masculina.

Embora tenhamos procurado nos ancorar em autores que se debruçaram a analisar em profundidade os temas por nós abordados nesta tese, considerando que nos esforçamos ao máximo em aplicar corretamente a metodologia adotada, procurando ser sempre fiéis à perspectiva por nós assumida, própria das Ciências da Religião, sabemos, contudo, que a análise de dados de uma pesquisa de campo é algo muito subjetivo, podendo os resultados variar de pessoa a pessoa. Portanto, é possível que haja erros, lacunas, questões incompletas, que mereçam um melhor aprofundamento. Ainda assim, com toda fragilidade que esta tese possa apresentar, esperamos ter dado nossa contribuição ao meio acadêmico, no sentido de provocar futuras reflexões sobre esta questão tão importante que é a família na atualidade, sobretudo, no que se refere à superação da condição de dominação que nela a mulher, tradicionalmente, vem sendo submetida.

REFERÊNCIAS

- ALLENDER, Dan B.; LONGMAN, Tremper. *Aliados íntimos*. Tradução de Elizabeth C. Gomes. São Paulo: Mundo Cristão, 1999.
- ALFARO, Juan Ignacio. *O Apocalipse em perguntas e respostas*. 2ª. ed. Tradução de Maria Stela Gonçalves; Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Loyola, 2002.
- ALMEIDA, João Carlos. *Livres para amar: o conceito de salvação em G. Gutiérrez*. São Paulo: Loyola, 1999.
- AMALADOSS, Michel. *O conflito criador: meditações teológicas*. Tradução de Luís Carlos Borges. São Paulo: Loyola, 2001.
- AQUINO, Tomás. *Suma Teológica II. Questão 92: a produção da mulher*. 2 ed. Tradução de Aldo Vannucchi et al. São Paulo: Loyola, 2005.
- ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. Tradução de Dora Flaksman. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.
- ARTONI, Camila; NOGUEIRA, Pablo. *A face feminina de Deus: O culto a Maira muda o perfil da espiritualidade cristã e reforça o misticismo no novo milênio*. In: Revista Galileu. Editora Globo. Dezembro, 2003. Nº 149.
- AUGRAS, Monique. *Todos os santos são bem vindos*. Rio de Janeiro: Pallas, 2006.
- ÁVILA, Fernando Bastos de. *Pequena Enciclopédia de Doutrina Social da Igreja*. São Paulo: Loyola, 1993.
- AZEVEDO, Dermi. *Desafios estratégicos da Igreja Católica*. In: Revista de cultura e política Lua Nova. 2003, nº 60. p. 57-80.
- AZZI, Riolando. *Elementos para a História do Catolicismo Popular*. In: Revista Eclesiástica Brasileira, vol. 36, fasc. 141, Março de 1976. p. 95-130.
- _____. *O Episcopado do Brasil frente ao Catolicismo Popular*. Petrópolis: Vozes, 1977.
- _____. *A teologia católica na formação da sociedade colonial brasileira*. Petrópolis: Vozes, 2004.
- _____. *A Igreja Católica na Formação da Sociedade Brasileira*. Aparecida: Editora Santuário, 2008.
- BADINTER, Elisabeth. *O conflito: a mulher e a mãe*. Tradução de Vera Lúcia dos Reis. Rio de Janeiro: Record, 2011.
- BAIGORRI, Luis. *O Matrimônio*. Tradução de Yolanda Steidel de Toledo. São Paulo: Loyola, 1992.

BAPTISTA, Makilim Nunes; CARDOSO, Hugo Ferrari; GOMES, Juliana Oliveira. Intergeracionalidade familiar. In: BAPTISTA, Makilim Nunes; TEODORO, Maycoln L. M. (Orgs.). *Psicologia de família: teoria, avaliação e intervenção*. São Paulo: Artmed, 2012. p. 16-26.

BARBOSA, Maria José Somerlate. Clarice Lispector: desafiando as teias da paixão. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

BARRETO, Francisco Murilo de Sá. Padre Cícero. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2003.

BARROS, Maria de Nazaré Alvim de. *As Deusas, as Bruxas e a Igreja: séculos de perseguição*. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos tempos, 2001.

BASTIDE, Roger. *O sagrado selvagem e outros ensaios*. Tradução de Dorothée de Bruchard. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Tradução de Plínio Dentzien. Zahar, 2001.

_____. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo Sexo*. Tradução de Sérgio Milliet. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BERGER, Peter L. *O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. Tradução de José Carlos Barcellos. 5. ed. São Paulo: Paulus, 2004.

BERGER, Peter; ZIJDERVELD, Anton. *Em favor da dúvida: como ter convicções sem se tornar um fanático*. Tradução de Cristina Yamagami. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. *Modernidade, pluralismo e crise de sentido: a orientação do homem moderno*. Tradução de Edgar Orth. Petrópolis: Vozes, 2004.

BINGEMER, Maria Clara Lucchetti. *Experiência de Deus em corpo de mulher*. São Paulo: Loyola, 2002.

BLOOMFIELD, Harold H. *Fazendo as pazes com Deus: um guia prático*. Tradução de Newton Roberval Eichenberg. São Paulo: Pensamento, 2004.

BOFF, Leonardo. *O rosto materno de Deus: Ensaio interdisciplinar sobre o feminino e suas formas religiosas*. 3ª. ed. Petrópolis: Vozes, 1983.

BONATTI, Mário. *Maria mãe dos cristãos: A devoção à mãe de Jesus explicada a católicos e evangélicos com base na Bíblia*. São Paulo: Loyola, 2006.

BORRIELLO, L; CANUANA, E.; GENIO, M. R. Del; SUFTL, N. (Orgs.). *Dicionário de mística*. Tradução de Benôni Lemos et al. São Paulo: Paulus; Loyola, 2003.

BOURDIEU, P. *Razões práticas: sobre as teorias da ação*. Tradução de Mariza Corrêa. Campinas: Papyrus, 1996.

_____. *A economia das trocas simbólicas*. Vários tradutores. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2009.

_____. *A Dominação Masculina*. Tradução de Maria Helena Kühner. 9. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

BOZON, Michel. A nova normatividade das condutas sexuais ou a dificuldade de dar coerência às experiências íntimas. In: HEILBORN, Maria Luiza (Org.). *Família e sexualidade*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. p. 119-153.

BRANCHER, Mercedes. Em Maria de Nazaré, Deus se manifesta. . In: DOMEZI, Maria Cecília; BRANCHER, Mercedes (Orgs.). *Maria entre as mulheres: perspectivas de uma Mariologia feminista libertadora*. São Leopoldo: CEBI, 2009. p. 55-74.

BRANCO, Bianca; DEMARCHI, Karina. O adolescente em conflito com a lei: reflexões sobre o contexto e a rede de apoio social. In: WAGNER, Adriana (Org.). *Desafios psicossociais da família contemporânea: pesquisas e reflexões*. Porto Alegre: Artmed, 2011. p. 167-180.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Os Deuses do povo*. São Paulo: Brasiliense, 1980.

_____. *Os rostos do Deus do outro*. Mapas, fronteiras, identidades e olhares sobre a religião no Brasil. São Paulo: Loyola, 2005.

BRÜGGER, Sílvia Maria Jardim. *Minas patriarcal: família e sociedade* (São João Del Rei – Séculos XVIII e XIX). São Paulo: Anablume, 2007.

CAMARGO, Pedro. *Neuromarketing: Descodificando a mente do consumidor*. Porto: Edições IPAM, 2009.

CAMBI, Franco. *História da Pedagogia*. Tradução de Álvaro Lorencini. São Paulo: UNESP (FEU), 1999.

CAMPOS, Dinael Corrêa. Saudade da família no futuro ou o futuro sem família? In: BAPTISTA, Maklim Nunes; TEODORO, Maycoln L. M. (Orgs.). *Psicologia de família: teoria, avaliação e intervenção*. São Paulo: Artmed, 2012. p. 74-86).

CAPELATTO, Ivan. *Diálogos sobre a afetividade*. 3. ed. São Paulo: Papyrus Editora, 2007.

CAPITÃO, Claudio Garcia; ROMARO, Rita Aparecida. Concepção psicanalítica da família. In: BAPTISTA, Maklim Nunes; TEODORO, Maycoln L. M. (Orgs.). *Psicologia de família: teoria, avaliação e intervenção*. São Paulo: Artmed, 2012. p. 27-37.

CARVALHO FILHO, Benedito José de. *Marcas de família, travessias no tempo*. São

Paulo: Anablume; Fortaleza: Secretaria da Cultura e Desporto do Governo do Estado do Ceará, 2000.

CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*. Volume II. Tradução de Klauss Brandini Gerherdt. São Paulo: Editora Paz e Terra Ltda, 2010.

CASTORIÁDIS, Cornelius. *Uma Sociedade à Deriva*. Tradução de Cláudia Berliner. Aparecida-SP, Idéias & Letras, 2006.

CASTRO, Clovis Pinto de. *Por uma fé cidadã: a dimensão pública da Igreja*. Fundamentos para uma pastoral da cidadania. São Paulo: Loyola, 2000.

CATALAN, Josep Otón. *Guia da vida interior*. Tradução de Thiago Gambi. São Paulo: Loyola, 2008.

CHARBONNEAU, Paul-Eugene. *Sentido Cristão do Casamento*. Tradução de José Carlos Ataliba Nogueira Jr. São Paulo: Loyola, 1985.

COHEN, Alan. *Ouse ser você mesmo*. 5. ed. São Paulo: Editora Pensamento-Cultrix Ltda, 2007.

COMBLIN, José. *Jesus de Nazaré*. São Paulo: Paulus, 2010.

COMBY, Jean. *Para ler a História da Igreja I*. Das origens ao Século XV. Tradução de Maria Stela Gonçalves; Adail V. Sobral. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2001.

COSTA, Nestor da. Transformações no campo religioso e desafios para a Igreja Católica. In: SOTER e AMERÍNDIA (Orgs.). *Caminhos da Igreja na América Latina e no Caribe: novos desafios*. São Paulo: Paulinas, 2006.

COUTO, Márcia Thereza. Gênero e comportamento reprodutivo no contexto de famílias em pluralismo religioso. In: HEILBORN, Maria Luiza et al (Orgs.). *Sexualidade, família e ethos religioso*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005. p. 207-246.

COYLE, Kathleen. *Maria na tradição cristã: a partir de uma perspectiva contemporânea*. Tradução de Bárbara Theoto Lambert. São Paulo: Paulus, 1999.

CUNHA, FRANKLIN. *A Lei Primordial*. Porto Alegre: AGE, 2002.

CURY, Augusto. *O código da inteligência: a formação de mentes brilhantes e a busca pela excelência emocional e profissional*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2008.

DAMATTA, Roberto. *O que é o Brasil?* Rio de Janeiro: Rocco, 2004.

DAWSON, Christopher. *Progresso e Religião: uma investigação histórica*. Tradução de Fabio Faria. São Paulo: Realizações Editora, 2012.

DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS. Rio de Janeiro: UNIC, 2000. Disponível em: unicrio.org.br/img/DeclU_D_HumanosVersoInternet.pdf.

Acesso em: 14.07.2013.

DELUMEAU, Jean. *De religiões e de homens*. Tradução de Nadyr de Salles Penteadó. São Paulo: Loyola, 2000.

DIEHL, Artur. O homem e a nova mulher: Novos padrões sexuais de conjugalidade. In: WAGNER, Adriana (Coord.). *Família em cena: tramas, dramas e transformações*. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 137-152.

DOUGLAS, Mary. *Como pensam as instituições*. Tradução de Mónica Pinto. Lisboa: Instituto Piaget, 1986.

_____. Introdução. In: DAWSON, Christopher. *Progresso e Religião: uma investigação histórica*. Tradução de Fabio Faria. São Paulo: Realizações Editora, 2012. p. 39-44.

D'SOUZA, Dinesh. *A verdade sobre o Cristinismo: por que a religião criada por Jesus é moderna, fascinante e inquestionável*. Tradução de Valéria Lamim Delgado Fernandes. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2008.

DUARTE, Luiz Fernando Dias. Horizontes do indivíduo e da ética no crepúsculo da família. In: RIBEIRO, Ivete; RIBEIRO, Ana Clara T. (Orgs.). *Família em processos contemporâneos: inovações culturais na sociedade brasileira*. São Paulo: Loyola, 1995. p. 27-42.

_____. Ethos privado e justificação religiosa, negociações da reprodução na sociedade brasileira. In: HEILBORN, Maria Luiza et al (Orgs.). *Sexualidade, família e ethos religioso*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005. p. 137-176.

DUARTE, Luiz Fernando Dias et al. Família, reprodução e ethos religioso: subjetivismo e naturalismo como valores estruturantes. In: DUARTE, Luiz Fernando Dias et al (Orgs.). *Família e religião*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2006. p. 7-14.

DUQUESNE, Jacques. *Maria, a Mãe de Jesus*. Tradução de Karina Jannini. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

DURKHEIM, Émile. *As formas elementares de vida religiosa*. Tradução de Joaquim Pereira Neto. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2008.

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador I*. Tradução de Ruy Jungman. 2. Ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

ESTÉS, Clarissa Pinkola. *Libertem a Mulher Forte: o amor da Mãe Abençoada pela Alma Selvagem*. Tradução de Waldéa Barcellos. Rio de Janeiro: Rocco, 2012.

EVANS, Abigail Rian. *O ministério terapêutico da Igreja: Programas práticos para Ministérios de Saúde*. Tradução de Raimundo César Barreto Jr. São Paulo: Loyola, 2002.

FALCKE, Denise. Mães e madrastas: Quem são essas personagens? In: WAGNER, Adriana (Coord.). *Família em cena: tramas, dramas e transformações*. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 77-92.

FALCKE, Denise; ROSA, Larissa Wolff da. A violência como instrumento educativo: Uma história sem fim? In: WAGNER, Adriana (Org.). *Desafios psicossociais da família contemporânea: pesquisas e reflexões*. Porto Alegre: Artmed, 2011. p. 150-163.

FÉRES-CARNEIRO, Terezinha. *Terapia familiar: das divergências às possibilidades de articulação dos diferentes enfoques*. In: Revista Psicologia Ciencia e Profissão Vol.16 no. 1 Brasília, 1996.

FÉRES-CARNEIRO, Terezinha. Prefácio. In: WAGNER, Adriana (Coord.). *Família em cena: tramas, dramas e transformações*. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 9-11.

FERREIRA, Joel Antônio. *Paulo, Jesus e os marginalizados*. Leitura conflitual do Novo Testamento. Goiânia: Ed. da UCG; Ed. América, 2009.

FIORENZA, E. Schüssler. Quebrando o silêncio: a mulher se torna visível. Tradução de Gentil Avelino Tilton. In: FIORENZA, E. Schüssler et al. (Orgs.). *A mulher invisível na teologia e na Igreja*. Concilium/202 – 1985/6: Teologia Feminista. Petrópolis: Vozes, 1985.

_____. Mariologia, ideologia de gênero e o discipulado de iguais. Tradução de Marie Krahn. In: DOMEZI, Maria Cecília; BRANCHER, Mercedes (Orgs.). *Maria entre as mulheres: perspectivas de uma Mariologia feminista libertadora*. São Leopoldo: CEBl, 2009. p. 27-54.

FONSECA, Cláudia. Amor e família: vacas sagradas da nossa época. In: RIBEIRO, Ivete & RIBEIRO, Ana Clara Torres (org.). *Família em processos contemporâneos: inovações culturais na sociedade brasileira*. São Paulo: Loyola, 1995. p. 69-90.

FONSECA, Abiud. A graça e a cruz. In: BATISTA, Israel (Org.). *Graça, cruz e esperança na América Latina*. São Leopoldo: Sinodal; Quito: CLAI, 2005. p. 40-51.

FREITAS, Fernanda. *Sem medo, Maria!*. Alfragide: Editora Caderno C, 2008.

GALILEA, Segundo. *Religiosidade popular e pastoral*. Tradução de Benôni Lemos. São Paulo: Paulinas, 1978.

GANGE, Françoise. *Jesus e as mulheres*. Tradução de Lúcia M. Endlich Orth. Petrópolis, Vozes, 2007.

GASPAR, Eneida Duarte.(Org.). *Guia de religiões populares do Brasil: rezas, símbolos, santos, ancestrais, deuses afro-brasileiros, ciganos, histórias*. Rio de Janeiro: Pallas Editora, 2002.

GEBARA, Ivone. *As incômodas filhas de Eva na Igreja da América Latina*. São Paulo: Paulinas, 1989.

_____. Uma leitura feminista da Virgem Maria. In: DOMEZI, Maria Cecília; BRANCHER, Mercedes (Orgs.). *Maria entre as mulheres: perspectivas de uma Mariologia feminista libertadora*. São Leopoldo: CEBI, 2009. p. 9-26.

GIDDENS, Anthony. *A transformação da intimidade: Sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora Unesp, 1993.

_____. A vida em uma sociedade pós-tradicional. In: BECK, Ulrich, GIDDENS, Antony; LASH, Scott. *Modernização reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna*. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: UNESP, 1997. p. 73-134.

_____. *Mundo em descontrole: o que a globalização está fazendo de nós*. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. 7. ed. Rio de Janeiro: Record, 2010b.

_____. *Sociologia*. Tradução de Alexandra Figueiredo et al. 8. ed. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian. 2010.

GIRAUDO, Cesare. *Num só corpo: Tratado mistagógico sobre a eucaristia*. Tradução de Francisco Taborda. São Paulo: Loyola, 2003.

GOBBI, Stéfano. *Aos sacerdotes, filhos prediletos de Nossa Senhora*. 24 ed. São Paulo: Loyola, 2007.

_____. *Aos sacerdotes, filhos prediletos de Nossa Senhora*. 25 ed. São Paulo: Loyola, 2012.

GOODE, William J. *A família*. Tradução de Antônio Augusto Arantes Neto. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1970.

_____. *Revolução mundial e padrões de família*. Tradução de Leônidas Gontijo de Carvalho. São Paulo: Editora Nacional e Editora da SUPS, 1969.

GOSWAMI, Amit. *Deus não está morto: Evidências científicas da existência divina*. Tradução de Marcello Borges. São Paulo: Aleph, 2008.

GRAMSCI, Antônio. *Cadernos do cárcere*. Volume 1. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

GRINGS, Dom Dadeus. *A Igreja de Cristo para o terceiro milênio*. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.

HARRIS, Chris. Parentesco, família e casamento. In: SCOTT, John (Org.). *Sociologia: conceitos-chave*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2010. p. 152-154.

HEILBORN, Maria Luiza et al. Apresentação. In: HEILBORN, Maria Luiza et al (Orgs.). *Sexualidade, família e ethos religioso*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005. p. 9-18.

HELL, Victor. *A idéia de cultura*. Tradução de Halumi Tateyama Takahashi. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

HELLER, Agnes. *O cotidiano e a história*. Tradução de Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

HELLER, Agnes; FEHER, Ferenc. *A Condição Política Pós-moderna*. Tradução de Marcos Santarrita. São Paulo: Civilização Brasileira, 1998.

HÉRITIER, Françoise. *Masculino feminino: O Pensamento da Diferença*. Tradução de Cristina Furtado Coelho. Lisboa: Instituto Piaget, 1996.

HERVIEU-LÉGER, Danièle. *O peregrino e o convertido: a religião em movimento*. Tradução de Catarina Silva Nunes. Lisboa: GRADIVA, 2005.

HINES, Mary E. *O que aconteceu com Maria?* Tradução de Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Loyola, 2005.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 26. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

HONERVOGT, Tanmaya. Reiki: *Cura e Harmonia Através das Mãos*. Tradução de Euclides Luiz Calloni; Cleusa M. Wosgrau. 4. ed. São Paulo: Pensamento, 2005.

HORTAL, Jesús. *O que Deus uniu: Lições de direito matrimonial canônico*. São Paulo: Loyola, 1979.

IBGE. Censo Demográfico 2010. *Família e Domicílio*. Rio de Janeiro, p. 1-203m 2010. Disponível em: ftp://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo_Demografico_2010/Familias_e_Domicilios/censo_fam_dom.pdf. Acesso em: 01.11.2012.

JOHNSON, Elizabeth A. *Nossa verdadeira irmã: Teologia de Maria na comunhão dos santos*. Tradução de Bárbara Theoto Lambert. São Paulo: Loyola, 2006.

JUNG, Carl Gustav. *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. Tradução de Maria Luíza Appy, Dora Mariana R. Ferreira da Silva. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

KONINGS, Johan. *Como ler a Bíblia*. In: Revista Mensageiro do Coração de Jesus. Vol. 103, nº 1.155, novembro de 1997. São Paulo: Loyola, 1997. p. 16-18.

LASCH, Christopher. *Refúgio num mundo sem coração. A família: santuário ou instituição sitiada?* Tradução de João Tronca e Lúcia Szmrecsanyi. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

LAURENTIN, René. *Prolongamento das aparições de Medjugorje: Misericórdia por um mundo em perigo?* Tradução de Napoleão Lopes Filho. São Paulo: Loyola, 1986.

LE GOFF, Jacques. *Em busca da Idade Média*. Tradução de Marcos de Castro. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

_____. *O Deus da Idade Média: conversas com Jean-Luc Pouthier*. Tradução de Marcos de Castro. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

_____. *As raízes medievais da Europa*. Tradução de Jaime A. Clasen. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2010b.

LEMOS, Carolina Teles. *Religião e tecitura da vida cotidiana*. Goiânia: Ed. da PUC Goiás, 2012.

LENZ, Matias Martinho. Festas religiosas, CEBs e mudanças. In: SANCHIS, Pierre. *Catolicismo: unidade religiosa e pluralismo cultural*. Vol. 3 de Coleção Catolicismo no Brasil atual. São Paulo: Loyola, 1992. p. 121-166.

LÉO, Pe. *Experenciarmilagres*. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2007.

LEVY, Pierre. Entrevista. In: MARKUN, Paulo (Org.). *O Melhor do Roda Viva: o mais antigo e respeitado programa de entrevista da TV: internacional*. São Paulo: Editora Conex, 2005. p. 190-201.

LIBÂNIO, João B. *Igreja contemporânea: Encontro com a modernidade*. São Paulo: Loyola, 2000.

_____. *Eu creio, nós cremos: tratado da fé*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2004.

LUCCA, José Carlos de. *Com os olhos do coração*. São Paulo: Petit, 2005.

LUNA, Naara. Religiosidade no contexto das novas tecnologias reprodutivas. In: DUARTE, Luiz Fernando Dias et al (Orgs.). *Família e religião*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2006. p. 113-150.

LYOTARD, Jean-François. *A Condição Pós-Moderna*. Tradução de Ricardo Corrêa Barbosa. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.

MACHADO, Maria das Dores Campos. Religião, família e individualismo. In: HEILBORN, Maria Luiza et al (Orgs.). *Sexualidade, família e ethos religioso*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005. p. 89-122.

_____. Religião, família e individualismo. In: DUARTE, Luiz Fernando Dias et al (Orgs.). *Família e religião*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2006. p. 89-112.

MADURO, Otto. *Religião e luta de classes*. Tradução de Clarêncio Neotti e Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1980.

MALDONADO, Maria Tereza. *Cá entre nós> Na intimidade das famílias*. São Paulo: Integrate Editora, 2006.

MARIANO, Ricardo. *Pentecostais em Ação: A Demonização dos Cultos Afro-*

brasileiros. In: SILVA, Vagner Gonçalves da. *Intolerância Religiosa: Impactos do Neopentecostalismo no Campo Religioso Afro-brasileiro*. São Paulo: EDUSP, 2007. p. 119-148.

MATURANA, Humberto; VERDEN-ZOLLER, Gerda. *Amar e Brincar: Fundamentos esquecidos do humano do patriarcado à democracia*. Tradução de Humberto Mariotti e Lia Diskin. São Paulo: Palas, 2004.

MELLO, Luiz. *Novas famílias: conjugalidade homossexual no Brasil contemporâneo*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

MEYER, Jean. *Metodologia para uma História da Igreja na América Latina*. In : CEHILA. *O debate metodológico*. Petrópolis: Vozes, 1986.

MIELNIK, Isaac. *Nosso mundo mental: guia prático de orientação psicológica*. São Paulo: IBRASA, 1977.

MIRANDA, Mário de França. *O Cristianismo em face das religiões*. São Paulo: Loyola, 1998.

MIRANDA, Mário de França. *Inculturação da fé: uma abordagem teológica*. São Paulo: Loyola, 2001.

MONTORO, Gilda Castanho Franco. A história do CEAF. In: VALENTE, Célia (Org.). *Um olhar sobre a família: trajetória e desafios de uma ONG*. São Paulo: Editora Agora, 2003. p. 19-62.

MORAES, Ana Alcídia de Araújo. Formar-se leitor(a) na área da saúde: construindo possibilidades com as histórias de leitura. In: SOUZA, Elizeu Clementino (Org.). *Autobiografias, histórias de vida e formação*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006. p. 319-332.

MÜLLER, Bruno. Glossário. In: KUCHENBECKER, Valter (Coord.). *O homem e o sagrado: A religiosidade através dos tempos*. 8. ed. revista e ampliada. Canoas: ULBRA, 2004. p. 235-347.

MURAD, Afonso. *O que Maria tem a dizer às mães de hoje*. São Paulo: Paulus, 1997.

_____. *Maria Toda de Deus e tão humana*. Compêndio de Mariologia. São Paulo: Paulinas; Santuário, 2012.

MUSARRA, Fabíola. *A Nova Família*. Revista Planeta. Edição 468 – Setembro/2011.

NEDEL, José. *A teoria ético-política de John Rawls: uma tentativa de integração de liberdade e igualdade*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

NEUENFELDT, Elaine. Abrindo as janelas: olhares da teologia feminista, gênero e religião sobre epistemologia, violência e sexualidade. In: NEUENFELDT, Elaine et

all (Orgs.). *Epistemologia, violência e sexualidade*: Olhares do II Congresso Latino-americano de Gênero e Religião. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2008. p. 7 a 12.

OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro de. O catolicismo do povo. In: *A religião do povo*. Cadernos Studium Theologicum, n. 5. São Paulo: Editora Ave Maria, 1976.

_____. *Religião e Dominação de Classe*. Petrópolis: Vozes, 1985.

_____. *A construção social da masculinidade*. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2004.

OLIVEIRA, Irene Dias de. *Identidade negada e o rosto desfigurado do povo africano: os Tsongas*. São Paulo: Annablume, 2002.

ORTEGA, Francisco. *Genealogias da amizade*. São Paulo: Editora Iluminuras Ltda, 2002.

OTTEN, Alexandre. *“Só Deus é Grande”*. São Paulo: Loyola, 1990.

PACE, Enzo. A Igreja Católica na Itália como ator ético no espaço público europeu diante da bioética. In: ORO, Ari Pedro et al (Orgs.). *A religião no espaço público: atores e objetos*. São Paulo: Terceiro Nome, 2012. p. 29-44.

PAN, José Ramón Amor. *Afetividade e sexualidade na pessoa portadora de deficiência mental*. Tradução de Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Loyola, 2003.

PARKER, Cristián. *Religião Popular e Modernização Capitalista: Outra Lógica na América Latina*. Tradução de Atílio Brunetta. Petrópolis: 1995.

PAULO II, João. *Carta às famílias*. São Paulo: Loyola, 1994.

_____. *Exortação Apostólica Familiaris Consortio*. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2004.

PEDREIRA, Eduardo Rosa Pedreira. In: GIUMBELLI, Emerson (Org.). *Religião e sexualidade: convicções e responsabilidades*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

PEREIRA, Paula. *A nova família*. Revista Época, Edição nº 293, 23 de dezembro de 2003.

PIERUCCI, Antônio Flávio. *O desencantamento do mundo: todos os passos do conceito em Max Weber*. São Paulo: 2003.

PITALUGGA, Marisa. A análise científica contemporânea da relação pais-filhos-sociedade. In: CERRONI, Umberto et al (Orgs.). *A crise da família e o futuro das relações entre os sexos*. Tradução de Giseh Vianna Konder. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1971. p. 83-106.

POSTER, Mark. *Teoria crítica da família*. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

PRANDI, Reginaldo. *Catolicismo e família: transformação de uma ideologia*. Caderno 21. São Paulo, CEBRAP e Brasiliense., 1975.

PROPHET, Elizabeth Clare. *Maria Madalena: O lado feminino da Divindade*. Tradução de Renato Motta. Rio de Janeiro: Nova Era, 2007.

RANKE-HEINEMANN, Uta. *Eunucos pelo reino de Deus: mulheres, sexualidade e a Igreja Católica*. Tradução de Paulo Fróes. Rio de Janeiro: Record, 1996.

REICHERT, Claudete Bonatto. Educar para a autonomia: desafios e perspectivas. In: WAGNER, Adriana (Org.). *Desafios psicossociais da família contemporânea: pesquisas e reflexões*. Porto Alegre: Artmed, 2011. p. 89-98.

REIMER, Ivoni Richter. *Trabalhos acadêmicos: modelos, normas e conteúdos*. São Leopoldo: Oikos, 2012.

REIS, Margareth de Mello Ferreira dos. *Mulher: produto com data de validade*. São Paulo: O Nome da Rosa, 2002.

REY, Fernando González. *Personalidade, Saúde e Modo de Vida*. Tradução de Flor Maria Vidaurre Lenz da Silva. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004.

RICOEUR, Paul. *Percurso do reconhecimento*. Tradução de Nicolás Nyimi Campanário. São Paulo: Loyola, 2006.

ROHDEN, Fabiola. Religião e iniciação sexual em jovens de camadas populares. In: HEILBORN, Maria Luiza et al (Orgs.). *Sexualidade, família e ethos religioso*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005. p. 177-205.

ROLIM, Francisco Cartaxo. *Católicos e o Catolicismo*. In: Revista Eclesiástica Brasileira, vol. 30, fasc. 118, junho de 1970, p. 326-348.

ROUDINESCO, Elisabeth. *A Família em Desordem*. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Do contrato social. Discurso sobre a economia política*. Tradução de Márcio Puglesi e Norberto de Paula Lima. 7. ed. Curitiba: Hemus, 1990.

SALEM, Tânia. *O velho e o novo: um estudo de papéis e conflitos familiares*. Petrópolis: Vozes, 1980.

_____. "Homem... já viu, né?": representações sobre sexualidade e gênero entre homens de classe popular. In: HEILBORN, Maria Luiza (Org.). *Família e sexualidade*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. p. 15-61.

SALES, Lílian. *Redes e peregrinações: a circulação nas manifestações marianas*. Revista Ciências Sociais e Religião. Porto Alegre, ano 11, n. 11, p. 59-91, setembro de 2009.

SANCHIS, Pierre. Introdução. In: SANCHIS, Pierre (org.). *Catolicismo: Modernidade e Tradição*. São Paulo, Loyola, 1992. P. 9-39.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Para um novo senso comum: a ciência, o direito e a política na transição paradigmática*. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

SARTI, Cynthia A. Família e individualidade: um problema moderno. In: CARVALHO, Maria do Carmos Brant de (Org.). *A família contemporânea em debate*. São Paulo: Editora da PUC-SP, 1995. p. 39-49.

_____. Famílias enredadas. In: ACOSTA, Ana Rojas; VITALE, Maria Amalia Faller. *Família: Redes, laço e políticas públicas*. 4. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2008. p. 21-38.

_____. *A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres*. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

SAYÃO, Rosely. In: AQUINO, Julio Groppa; SAYÃO, Rosely. *Família: Modos de usar*. Campinas: Papirus, 2006.

SCHLEIERMACHER, F. D. E. *Sobre a Religião*. Tradução de Daniel Costa. São Paulo: Novo Século, 2000.

SCHÜLER, Arnaldo. *Dicionário enciclopédico de teologia*. Canoas: Ed. ULBRA, 2002.

SEGAL, Sandra Megrich. *Desfazendo mitos: sexualidade e câncer*. São Paulo: Ágora, 1994.

SEIXAS, Ana Maria Ramos. *Sexualidade feminina*. História, cultura, família – personalidade & psicodrama. São Paulo: 1998.

SESBOUÉ, Bernard. *A história dos dogmas: Os sinais da salvação*. Tradução de Margarida Oliva. São Paulo: Loyola, 2005.

SILVA JÚNIOR, João Fernandes da. *Espaço, Espírito: Espiritismo e física quântica*. Paraty: Clube de Autores, 2010.

SILVA, Antônio Aparecido da. Evangelização e Inculturação a partir da realidade afro-brasileira. In: FABRI, Márcio et all (Orgs.). *Inculturação: desafios de hoje*. Petrópolis: Vozes; Rio de Janeiro: Sociedade de Teologia e Ciências da Religião, 1994. P. 95-120.

SIMMEL, Georg. *Filosofia do amor*. Tradução de Luiz Eduardo de Lima Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

_____. *Questões fundamentais da sociologia*. Tradução de Pedro Caldas. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

_____. *Religião: ensaios – volume 1/2*. Tradução de Antônio Carlos Santos e

Cláudia Dornbusch. São Paulo: Olho d'Água, 2010.

SIMONTON, Stephanie Matthews. *O Método Simonton Para Famílias que Enfrentam uma Doença*. Tradução de Heloisa Costa. 2. ed. São Paulo: Summus, 1990

SOBRINO, Jon. *Espiritualidade da libertação: estrutura e conteúdos*. Tradução de Atílio Cancian. São Paulo: Loyola, 1992.

STEIL, Carlos Alberto. Catolicismo e cultura. In: VALLA, Victor Vincent (Org.). *Religião e cultura popular*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. p. 9-40.

_____. Aparições marianas contemporâneas e carismatismo católico. In: SANCHIS, Pierre (Org.). *Fiéis & Cidadãos: Percurso de Sincretismo no Brasil*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001b. p. 117-146.

STEIN, Edith. *A mulher: Sua missão segundo a natureza e a graça*. Tradução de Alfred J. Keller. São Paulo: EDUSC, 1999.

STREY, et al. Sobre as motivações para a conjugalidade. In: WAGNER, Adriana (Org.). *Desafios psicossociais da família contemporânea: pesquisas e reflexões*. Porto Alegre: Artmed, 2011. p. 39-57.

STREY, Marlene Neves. Gênero, Família e Sociedade. In: STREY, Marlene Neves, et al (Orgs.). *Família e gênero*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007. p. 17-38.

STREY, Marlene Neves; PALMA, Yáskara Arrial. A família homomaternal: mulheres que amam mulheres e amam seus (suas) filhas. In: STREY, Marlene Neves; PIASON, Aline da Silva; SANTOS, Ana Luiza dos. *Vida de mulher: gênero, sexualidade e etnia*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2011. p. 129-150.

TEIXEIRA, Faustino. Faces do catolicismo brasileiro contemporâneo. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (Orgs.). *Catolicismo Plural: Dinâmicas contemporâneas*. Petrópolis: Vozes, 2009. p. 17-30.

THUM, Carmo; EGGERT, Edla. Pomeranos e pomeranas no sul do sul brasileiro: o silêncio na história local na Serra dos Tapes. In: STREY, Marlene Neves; PIASON, Aline da Silva; JULIO, Ana Luiza dos Santos. *Vida de mulher: gênero, sexualidade e etnia*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2011. p. 287-300.

TILLICH, Paul. *Teologia sistemática*. Tradução de Getúlio Bertelli e Geraldo Korndörfer. São Leopoldo: Sinodal, 2005.

TRANJAN, Roberto Adami. *Rico de verdade*. São Paulo: Editora Gente, 2008.

TRUJILIO, Alfonso Cardeal López. Apresentação. In: Pontifício Conselho Para a Família. *Família e Direitos Humanos*. São Paulo: Loyola, 2003.

TURNER, Victor. *O processo ritual: Estrutura e antiestrutura*. Tradução de Nacy Campi de Castro e Ricardo A. Rosenbusch. e. Ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

URIARTE, Dom Juan Maria. *A espiritualidade do ministro presbiterial*. Tradução de Nicolás Nyimi Campanário. São Paulo: Loyola, 2000.

VALLE, Edênio. *Sabedoria e poesia do povo de Deus*. 4ª. ed. São Paulo: CRB/Loyola, 1995.

VANDENBERGHE, Frédéric. Prefácio: Misticismo sem Deus. In: SIMMEL, Georg. *Religião: ensaios – volume 1/2*. Tradução de Antônio Carlos Santos e Cláudia Dornbusch. São Paulo: Olho d'Água, 2010.

VAZ, Dom José Carlos de Lima. *O louvor a Maria: Comentários sobre as invocações da Ladainha de Nossa Senhora*. São Paulo: Loyola, 2005.

VELHO, Gilberto. *Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2003.

VENDRAME, Calisto. *A cura dos doentes na Bíblia*. São Paulo: Loyola, 2001.

VENTURA, Michael. In: HILMAN, James, VENTURA, Michael. *Cem anos de psicoterapia... e o mundo está cada vez pior*. Tradução de Norma Telles. São Paulo: Summus, 1995.

VERDEN-ZÖLLER, Gerda. O brincar na relação materno-infantil. In: MATURANA, Humberto; VERDEN-ZOLLER, Gerda. *Amar e Brincar: Fundamentos esquecidos do humano do patriarcado à democracia*. Tradução de Humberto Mariotti e Lia Diskin. São Paulo: Palas, 2004. p. 117-216.

WAGNER, Adriana. Possibilidades e potencialidades da família: A construção de novos arranjos a partir do recasamento. In: WAGNER, Adriana (Coord.). *Família em cena: tramas, dramas e transformações*. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 23-38.

WAGNER, Adriana e STAUDT, Ana Cristina Pontello. A vivência da paternidade em tempos de diversidade. In: WAGNER, Adriana (Org.). *Desafios psicossociais da família contemporânea: pesquisas e reflexões*. Porto Alegre: Artmed, 2011. p. 112-122.

WAGNER, Adriana et al. Introdução. In: WAGNER, Adriana (Org.). *Desafios psicossociais da família contemporânea: pesquisas e reflexões*. Porto Alegre: Artmed, 2011. p. 19-38.

WALBY, Sylvia. Patriarcado. In: SCOTT, John (Org.). *Sociologia: conceitos-chave*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2010. p. 155-157.

WEBER, Max. *Sociologia das Religiões e Consideração Intermediária*. Tradução de Paulo Osório de Castro. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2006.

_____. *Economia e sociedade: Fundamentos da sociologia compreensiva*. Vol. 1. 4 ed. Tradução: de Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa. Brasília: UnB, 2009.

_____. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. Trad. José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2004.

WEIDENFELD, Werner. Prefácio. In: BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. *Modernidade, pluralismo e crise de sentido: a orientação do homem moderno*. Tradução de Edgar Orth. Petrópolis: Vozes, 2004.

WERBA, Graziela C. Quero ficar no teu corpo feito tatuagem: reflexões sobre a violência contra o corpo da mulher. In: STREY, Marlene Neves; CABEDA, Sonia T. Lisboa (Orgs.). *Corpos e subjetividades em exercício interdisciplinar*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p. 161-178.

WILLAIME, Jean-Paul. *Sociologia das Religiões*. Tradução de Lineimar Pereira Martins. São Paulo: UNESP, 2012.

ZEGER, Ivone. *Como a lei resolve questões de família*. São Paulo: Mescla, 2007.

ZILLES, Urbano. Apresentação. In: WAGNER, Adriana (Coord.). *Família em cena: tramas, dramas e transformações*. Petrópolis: Vozes, 2002. P. 9-11.

_____. *Significação dos símbolos cristãos*. 6. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

ANEXO A – Folheto de consagração a Nossa Senhora



MOVIMENTO SACERDOTAL MARIANO

COMO SE FAZ O CENÁCULO



3- COMO FAZER O CENÁCULO

NOSSA SENHORA pede que façamos os Cenáculos, pois, através do Ato de Consagração, feito no final, entramos dentro do seu Coração Imaculado, para lá nos prepararmos, em oração, para recebermos o Espírito de Amor, o Espírito Santo.

1) Por isso, iniciar o Cenáculo sempre com a oração que NOSSA SENHORA nos ensinou em sua mensagem de 7-6-81, na Festa de Pentecostes: "VINDE, ESPÍRITO SANTO, VINDE POR MEIO DA PODEROSA INTERCESSÃO DO IMACULADO CORAÇÃO DE MARIA, VOSSA AMADÍSSIMA ESPOSA". (3X)

2) Reza do terço, meditando os mistérios, diante de uma imagem de NOSSA SENHORA. No final rezar pelo Papa e suas intenções – um Pai-nosso, uma Ave-Maria e um Glória-a-Pai e uma Ave-Maria pelo Pe. Gobbi. Os cânticos são livres e podem ser intercalados durante o Cenáculo. Ex.: A 13 de Maio, Maria de Nazaré etc.

3) Leitura de uma mensagem do Livro Aos Sacerdotes, filhos prediletos de Nossa Senhora. Segue-se um breve comentário. Mas "não faz parte do espírito dos nossos encontros passar o tempo a ouvir sábias conferências; haveria o perigo de transformar o Cenáculo em Academia e a Fraternidade em polémica" (Pe. Stefano Gobbi, Circular 19).

4) Fraternidade: troca de experiências para que nos conheçamos, nos ajudemos mutuamente e vamos adiante e nos amemos sempre mais.

5) Ato de Consagração ao Coração Imaculado de Maria (usar sempre a consagração deste folheto). É o ato mais importante do Cenáculo, através do qual nós entramos dentro do Coração Imaculado de Maria para ali encontrar conforto, amor, luz, graça, paz, fé e a segurança do refúgio seguro que nos protege e defende de todos os perigos. Se na conclusão do Cenáculo houver celebração da Santa Missa, o Ato de Consagração deve ser feito antes do ofertório.

3-

COMO OBTER OS LIVROS PARA O CENÁCULO

O livro *Aos Sacerdotes, Filhos prediletos de Nossa Senhora* pode ser obtido escrevendo para os responsáveis regionais ou para:

– MOVIMENTO SACERDOTAL MARIANO (AVC EXPAND)
Olávio Piva de Albuquerque
Caixa Postal 803
CEP 06709-870 – São Paulo/SP
Tel.: (0xx11) 3847-4708 e 3847-4703 – Fax: 3847-4700

INFORMAÇÕES SOBRE O MSM (MUITO IMPORTANTE)

Ler a "Introdução" lida pelo Pe. Stefano Gobbi, no livro *Aos Sacerdotes, Filhos prediletos de Nossa Senhora*, que explica a origem, a difusão e a espiritualidade do MSM; como deve ser lido o livro, com conselhos muito úteis e muito importantes.

Responsável do MSM no Brasil

Dom JOÃO EVANGELISTA MARTINS TERRA, SJ
Bispo Auxiliar Emérito de Brasília
Caixa Postal 0561 – 70358-870 – Brasília/DF

Ato de Consagração ao Imaculado Coração de Maria

para os Sacerdotes
que aderiram ao Movimento Sacerdotal Mariano

Virgem do Fátima, Mãe de misericórdia, Rainha do Céu e da Terra, Refúgio dos penitentes, nós, do Movimento Sacerdotal Mariano, chamados a formar a Legião dos vossos Sacerdotes, consagramos-vos hoje, de modo especialíssimo, ao vosso Coração Imaculado.

Com este ato de consagração pretendemos viver, convosco e por meio de Vós, todos os compromissos assumidos com a nossa consagração batismal e sacerdotal.

4-

Comprometemo-nos, também, a realizar, em nós, a conversão interior que nos liberte de todos os espelhos humanos, a nós próprios, à honra, às comodidades e aos compromissos fáceis com o mundo, para estarmos, como Vós, inteiramente disponíveis para fazer sempre a vontade do Senhor.

E enquanto pretendemos confiar a Vós, Mãe dulcíssima e misericordiosa, o nosso sacerdócio, a fim de dispordeis dele para os vossos desígnios de salvação, nesta hora decisiva que pesa sobre o mundo, comprometemo-nos a vivê-lo segundo os vossos desejos, em particular em um renovado espírito de oração e penitência, na celebração fervorosa da Sagrada Eucaristia, na Liturgia das Horas, na reza diária do santo terço, na oferta a Vós da Santa Missa no primeiro sábado de cada mês e num religioso e austero modo de vida, que a todos dê bom exemplo.

Prometemo-Vos ainda a máxima fidelidade ao Evangelho, do qual seremos sempre anunciadores íntegros e corajosos, se necessário até o derramamento de sangue e prometemos fidelidade à Santa Igreja, para cujo serviço fomos consagrados.

Queremos, sobretudo, estar unidos ao Santo Padre e à Hierarquia, com a firme adesão às suas diretrizes de modo a opormos uma barreira à onda de contestação do Magistério, que ameaça a Igreja até os fundamentos.

Sob o vosso maternal amparo, queremos tornar-nos apóstolos da necessidade tão atual de oração e amor ao Papa, para quem suplicamos a vossa especial proteção.

Prometemo-Vos, por último, conduzir os fiéis confiados ao nosso cuidado, a uma renovada devoção para convosco.

Conscientes de que o ateísmo, laicismo e agnosticismo têm grande número de fiéis, de que a dessacralização entrou no templo santo de Deus, não poupando nem sequer bom número de nossos irmãos Sacerdotes, e de que o mal e o pecado inundam cada vez mais o mundo, ousamos levantar confiantes os nossos olhos para Vós, Mãe de Jesus e Mãe nossa, misericordiosa e poderosa, e ainda hoje, invocar e esperar, de Vós, a salvação para todos os vossos filhos, ó demente, ó piedosa, ó doce sempre Virgem Maria.

(com aprovação eclesial)

5-

**Ato de Consagração
ao Imaculado Coração de Maria**

para os *Religiosos e Filhos* que aderiram ao
Movimento Sacerdotal Mariano

Virgem de Fátima, Mãe de Misericórdia, Rainha do Céu e da Terra, Refúgio dos pecadores, nós, aderindo ao Movimento Mariano, consagramo-nos de modo especialíssimo ao vosso Coração Imaculado.

Com este ato de consagração pretendemos viver, convosco e por meio de Vós, todos os compromissos assumidos na nossa consagração batismal. Comprometemo-nos, igualmente, a realizar em nós a conversão interior tão pedida no Evangelho, a qual nos liberta de todo apego a nós mesmos e dos compromissos fáceis com o mundo, para estarmos, como Vós, sempre e unicamente dispostos a fazer a vontade do Pai.

É enquanto pretendemos confiar-Vos a Vós, Mãe dulcíssima e misericordiosa, a nossa vida e vocação cristã para que tudo disponhais para os vossos desígnios de salvação, nesta hora decisiva que pesa sobre o mundo, comprometemo-nos a vivê-la segundo os vossos desejos, em particular em um renovado espírito de oração e de perseverança, na participação fervorosa na celebração da Eucaristia, no apostolado, na reza diária do santo terço e num modo austero de vida, conforme o Evangelho, que a todos dá bom exemplo de observância da Lei de Deus e do exercício das virtudes cristãs, especialmente da pureza.

Prometemo-Vos, ainda, mantermo-nos unidos ao Santo Padre, à Hierarquia e aos nossos Sacerdotes, de modo a opormos uma barreira à onda de contestação do Magistério que ameaça a Igreja até os fundamentos. Debaixo do vosso amparo queremos tornar-nos apóstolos desta hoje tão necessária união de oração e de amor ao Santo Padre, para quem suplicamos a vossa especial proteção.

Prometemo-Vos, por último, levar, quanto nos for possível, as pessoas com as quais entrarmos em contato a renovar a sua devoção para convosco.

5-

Conscientes de que o ateísmo fez naufragar na fé grande número de fiéis, de que a dessacralização entrou no templo santo de Deus, de que o mal e o pecado inundam cada vez mais o mundo, ousamos levantar confiantes os nossos olhos para Vós, Mãe de Jesus e Mãe nossa, misericordiosa e poderosa, e ainda hoje invocar, e esperar de Vós, a salvação para todos os vossos filhos, ô clemente, ô piedosa, ô doce sempre Virgem Maria.

(com aprovação eclesial)

AS QUATRO PROMESSAS

• Nossa Senhora fez quatro promessas às famílias que fizerem o Censúlo:

- 1) Abençoará o casal e cimentará o seu amor mútuo, defendendo-os contra as chagas do divórcio, da separação e da infidelidade;
- 2) Salvação das almas dos filhos, defendendo-os de todos os perigos de se perderem;
- 3) Cuidará de todas as suas necessidades materiais e espirituais, pois Nossa Senhora é nossa Mãe, pensa em tudo;
- 4) Durante o período de castigo promete proteger a família com o Seu manto, contra todos os males.

Imaculado Coração de Maria

(Canto oficial do M.S.M.)

Imaculado Coração de Maria (bis) És luz e guia (tris) Dos teus filhos aqui.

Os sacerdotes a ti consagrados (bis) Dá-nos com amor, aperta ao coração/ Faze-os semelhantes/ Ao teu filho Jesus (bis).

Os fiéis a ti consagrados (bis) Refúgio em teu exército/ Preparado pra batalha/ Para que triunfe logo/ O Imaculado Coração (bis).

Ao chegar nossa última hora (bis) Vem sem demora (tris) A levar-nos para o céu.

ANEXO B – Questionário

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA DE CAMPO	
Finalidade: Coleta de dados a serem utilizados para elaboração de Tese de Doutorado em Ciências da Religião na Pontifícia Universidade Católica de Goiás - PUCG/GO.	
Aluno: ANTONIO LOPES RIBEIRO	Orientadora: Profª Dra. CAROLINA TELES LEMOS
Local: _____ / _____	Data: ___/___/2012 Questionário n° _____

DADOS PESSOAIS
Nome completo: _____
Sexo: Masc. (<input type="checkbox"/>) Fem. (<input type="checkbox"/>) Idade: ___/___/___ Estado civil: Solteiro/a (<input type="checkbox"/>) Casado/a (<input type="checkbox"/>)
Outros: _____
Tem filhos: Sim (<input type="checkbox"/>) ou Não (<input type="checkbox"/>)? Quantos? _____ Masc. (<input type="checkbox"/>) Fem. (<input type="checkbox"/>)
Profissão: _____
Função/cargo que exerce: _____
Credo religioso: Católico (<input type="checkbox"/>) Protestante (<input type="checkbox"/>) Outros: _____

CONTATOS
Endereço p/ contato: _____ N°: _____
Bairro: _____ Cidade/estado: _____ CEP: _____
Telefone fixo: (<input type="checkbox"/>) _____ Telefone celular: (<input type="checkbox"/>) _____
E-mail: _____

PERGUNTAS
1. Como você ficou conhecendo o Cenáculo de Nossa Senhora?
2. O que a motivou a participar do Cenáculo?
3. Que significado tem Nossa Senhora em sua vida?
4. Que importância tem para você as mensagens contidas no livro “Aos sacerdotes, filhos prediletos de Nossa Senhora”?
5. Que experiência marcante você teve em sua participação no Cenáculo?
6. Qual o significado desse acontecimento para a sua vida?
7. Qual sua opinião sobre a família no mundo de hoje?
8. Qual o papel que a mulher tem a desempenhar na família?
9. Quais os valores devem ser resgatados para a família no mundo de hoje?

10. Que importância tem o cenáculo para a família?

NOTA: Peço-lhe a gentileza de responder a essas perguntas, lembrando-se de enumerá-las. Sua contribuição será de grande valor para nosso trabalho de pesquisa. Após preencher, favor assinar e devolver na Secretaria da Paróquia São Pedro.

Muito obrigado.

RESPOSTAS

Assinatura _____ Data: ____/____/2012.

ANEXO C – Questionário para as mulheres

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA DE CAMPO	
Finalidade: Coleta de dados a serem utilizados para elaboração de Tese de Doutorado em Ciências da Religião na Pontifícia Universidade Católica de Goiás - PUCG/GO.	
Aluno: ANTONIO LOPES RIBEIRO	Orientadora: Profª Dra. CAROLINA TELES LEMOS
Local: _____ / _____	Data: ___/___/2013 Questionário n° _____

DADOS PESSOAIS
Nome completo: _____ Sexo: Masc. (<input type="checkbox"/>) Fem. (<input type="checkbox"/>) Idade: ___/___/___ Estado civil: Solteiro/a (<input type="checkbox"/>) Casado/a (<input type="checkbox"/>) Outros: _____ Tem filhos: Sim (<input type="checkbox"/>) ou Não (<input type="checkbox"/>)? Quantos? _____ Masc. (<input type="checkbox"/>) Fem. (<input type="checkbox"/>) Profissão: _____ Função/cargo que exerce: _____ Credo religioso: Católico (<input type="checkbox"/>) Protestante (<input type="checkbox"/>) Outros: _____

CONTATOS
Endereço p/ contato: _____ N°: _____ Bairro: _____ Cidade/estado: _____ CEP: _____ Telefone fixo: (<input type="checkbox"/>) _____ Telefone celular: (<input type="checkbox"/>) _____ E-mail: _____

PERGUNTAS
1. A sua família se parece com a família de Nazaré? Sim ou não? Porquê? 2. Como você se sente como mulher, esposa e mãe, comparada a Nossa Senhora? 3. Na sua família, como se dá a relação entre pais e filhos perante o mundo individualista e consumista de hoje?
<p><i>NOTA: Peço-lhe a gentileza de responder a essas perguntas, lembrando-se de enumerá-las. Sua contribuição será de grande valor para nosso trabalho de pesquisa. Após preencher, favor assinar e devolver na Secretaria da Paróquia São Pedro.</i></p> <p style="text-align: center;">Muito obrigado.</p>

ANEXO D – Questionário para os homens

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA DE CAMPO	
Finalidade: Coleta de dados a serem utilizados para elaboração de Tese de Doutorado em Ciências da Religião na Pontifícia Universidade Católica de Goiás - PUCG/GO.	
Aluno: ANTONIO LOPES RIBEIRO	Orientadora: Profª Dra. CAROLINA TELES LEMOS
Local: _____ / _____	Data: ___/___/2013 Questionário n° _____

DADOS PESSOAIS
Nome completo: _____ Sexo: Masc. () Fem. () Idade: ___/___/___ Estado civil: Solteiro/a () Casado/a () Outros: _____ Tem filhos: Sim () ou Não ()? Quantos? _____ Masc. () Fem. () Profissão: _____ Função/cargo que exerce: _____ Credo religioso: Católico () Protestante () Outros: _____

CONTATOS
Endereço p/ contato: _____ N°: _____ Bairro: _____ Cidade/estado: _____ CEP: _____ Telefone fixo: () _____ Telefone celular: () _____ E-mail: _____

PERGUNTAS
<p>1 - A sua família se parece com a família de Nazaré? Sim ou não? Porquê?</p> <p>2 - Na sua família, como se dá a relação entre pais e filhos perante o mundo individualista e consumista de hoje?</p>
<p><i>NOTA: Peça-lhe a gentileza de responder a essas perguntas, lembrando-se de enumerá-las. Sua contribuição será de grande valor para nosso trabalho de pesquisa. Após preencher, favor assinar e devolver na Secretaria da Paróquia São Pedro.</i></p> <p style="text-align: right;">Muito obrigado.</p>

ANEXO E – Mapeamento dos entrevistados

MAPEAMENTO DOS ENTREVISTADOS - QUESTIONÁRIO E GRUPO FOCAL									
ENTREVISTADO	G. FOCAL	SEXO	IDADE	ESTADO CIVIL	FILHOS	ESCOLAR.	RESID.	PROFISSÃO	
E1	SIM	M	58 anos	Casado	02 M	MEDIO	S.CHAC.	Comerciário - Vendedor	
E2	SIM	M	25 anos	Solteiro	-	MEDIO	S.CHAC.	Servidor público – Técnico Judiciário	
E3	-	F	58 anos	Casada	02F	SUPERIOR	SMT	Administradora Escolar – Gestor Escolar	
E4	-	F	53 anos	Casada	03M	MEDIO	SMT	Do lar	
E5	-	F	37 anos	Solteira	-	MEDIO	S.CHAC.	Confeiteira	
E6	-	F	38 anos	Casada	01 M	MEDIO	S.CHAC.	Autônoma	
E7	-	F	56 anos	Casada	02 F	SUPERIOR	SMT	Enfermeira aposentada	
E8	SIM	F	46 anos	Casada	01M e 01F	MEDIO	SMT	Comerciária – Gerente	
E9	-	F	50 anos	Casada	02F	MEDIO	SMT	Ajudante de mando	
E10	SIM	F	68 anos	Viúva	03M	SUPERIOR	SMT	Professora aposentada	
E11	SIM	F	55 anos	Casada	02F	SUPERIOR	SMT	Engenheira civil	
E12	SIM	M	55 anos	Casado	03M e 01F	SUPERIOR	SMT	Representante comercial	
E13	-	M	41 anos	Casado	02F	PRIMARIO	S.CHAC.	Comerciante	
E14	SIM	F	53 anos	Casada	03M e 01F	SUPERIOR	SMT	Professora	
E15	SIM	F	27 anos	Casada	01F	SUP.INC.	SMT	Estudante	
E16	-	F	40 anos	Casada	02M	SUPERIOR	SMT.	Professora	
E17	SIM	F	42 anos	Divorciada	01M e 01F	SUP. INC.	SMT	Comerciante	
E18	SIM	M	40 anos	Casado	01F	MEDIO	S.CHAC.	Autônomo	
E19	SIM	F	53 anos	Casada	02M	SUPERIOR	SMT	Professora aposentada	
E20	SIM	M	55 anos	Casado	01M e 01F	PRIMARIO	S.CHAC.	Empresário	
E21	-	F	63 anos	Casada	2M e 01F	SUPERIOR	SMT	Aposentada (professora)	
E22	-	M	74	CASADO	03M	SUPERIOR	SMT	Servidor Público aposentado	
E23	-	F	60	DIVORCIADA	1M e 2F	SUPERIOR	SMT	Arquiteta	
E24	-	F	75	VIUVA	5M e 1F	PRIMARIO	SMT	Dona de casa	
E25	-	F	50	CASADA	1M e 1F	SUPERIOR	SMT	Professora	
E26	-	F	65	CASADA	3M	MEDIO	SMT	Dona de casa	
E27	-	M	39	CASADO	1M e 1F	MEDIO	SMT	Consultor de vendas	
E28	-	F	60	CASADA	1M e 2F	SUPERIOR	SMT	Professora aposentada	
E29	-	F	67	SOLTEIRA	1M e 2F	SUPERIOR	S.CHAC.	Dona de casa	

ANEXO F – Parecer Consubstanciado do CEP – PUC/Goiás

Plataforma Brasil - Ministério da Saúde

Pontifícia Universidade Católica de Goiás - PUC/Goiás

PROJETO DE PESQUISA

Título: Movimento Sacerdotal Mariano: concepções de família no cenáculo de Nossa Senhora

Área Temática:

Pesquisador: Antônio Lopes Ribeiro

Versão: 2

Instituição: Pontifícia Universidade Católica de Goiás -
PUC/Goiás

CAAE: 02077912.9.0000.0037

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

Número do Parecer: 35562

Data da Relatoria: 06/06/2012

Apresentação do Projeto:

Tese=Apresentado dentro das normas

Objetivo da Pesquisa:

Estão claros

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Dentro da resolução 196

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O tema apresentado é interessante e dentro da proposta pode se tornar relevante

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Adequado aos objetivos

Recomendações:

Nenhuma

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

As pendências foram resolvidas.

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

Após avaliação da resposta de pendência por este Comitê de Ética em Pesquisa, o mesmo decide considerar o projeto APROVADO, considerando a Resolução 196/96 CNS.

GOIANIA, 12 de Junho de 2012

Assinado por
Dwain Phillip Santee